



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES**

**CADERNO DE INSTRUÇÃO
PELOTÃO DE FUZILEIROS**

**1ª Edição
2025**



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES**

**CADERNO DE INSTRUÇÃO
PELOTÃO DE FUZILEIROS**

**1ª Edição
2025**

PORTARIA COTER/C Ex Nº 619, DE 11 DE NOVEMBRO DE 2025

EB: 64322.024207/2025-86

Aprova o Caderno de Instrução CI 3.7-130 - Pelotão de Fuzileiros, 1ª edição, 2025.

O **CHEFE DO PREPARO DA FORÇA TERRESTRE**, no uso da atribuição que lhe confere o inciso VII do art. 6 do Regulamento do Comando de Operações Terrestres (EB10-R-06.001), aprovado pela Portaria do Comandante do Exército nº 914, de 24 de junho de 2019, e de acordo com o que estabelecem os artigos 5º, 12 e 44 das Instruções Gerais para as Publicações Padronizadas do Exército (EB10-IG-01.002), aprovadas pela Portaria do Comandante do Exército nº 770, de 7 de dezembro de 2011, e alteradas pela Portaria do Comandante do Exército nº 1.266, de 11 de dezembro de 2013, resolve:

Art. 1º Fica aprovado o Caderno de Instrução CI 3.7-130 - Pelotão de Fuzileiros, 1ª edição, 2025, que com esta baixa.

Art. 2º Fica revogado o Caderno de Instrução C 7-10/1 O Pelotão de Fuzileiros, 1ª Edição, 2009, aprovado pela Portaria Nº 002 - COTER, de 28 de abril de 2009.

Art. 3º Esta portaria entrará em vigor a partir de sua publicação.

Gen Bda ALEXANDRE PFAENDER JUNIOR
Chefe do Preparo da Força Terrestre

(Publicada no Boletim do Exército nº 47, de 18 de novembro de 2025)

FOLHA REGISTRO DE MODIFICAÇÕES (FRM)

NÚMERO DE ORDEM	ATO DE APROVAÇÃO	PÁGINAS AFETADAS	DATA

ÍNDICE DOS ASSUNTOS

	Pag
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	
1.1 Finalidade	1-1
1.2 Considerações iniciais	1-1
1.3 O pelotão de fuzileiros	1-1
 CAPÍTULO II - FUNÇÕES DE COMBATE	
2.1 Comando e controle	2-1
2.2 Movimento e manobra	2-6
2.3 Fogos	2-18
2.4 Proteção	2-35
2.5 Logística	2-44
2.6 Inteligência	2-48
 CAPÍTULO III – OPERAÇÕES OFENSIVAS	
3.1 Considerações iniciais	3-1
3.2 Marcha para o combate	3-3
3.3 Ataque	3-15
3.4 Reconhecimento em força	3-40
3.5 Aproveitamento do êxito	3-41
3.6 Perseguição	3-42
3.7 Outras ações ofensivas	3-43
 CAPÍTULO IV – OPERAÇÕES DEFENSIVAS	
4.1 Considerações iniciais	4-1
4.2 Defesa de área	4-3
4.3 Táticas e técnicas especiais de defesa	4-29
4.4 Defesa Móvel	4-29
4.5 Retraimento	4-30
4.6 Ação retardadora	4-36
4.7 Retirada	4-40
 CAPÍTULO V – ESTABILIZAÇÃO	
5.1 Considerações iniciais	5-1

5.2 Características	5-2
5.3 Tipos de operações	5-4

CAPÍTULO VI – OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

6.1 Considerações iniciais	6-1
6.2 Reconhecimento	6-1
6.3 Operações de segurança	6-1
6.4 Substituição de unidades em combate	6-2
6.5 Movimento de tropas	6-2
6.6 Operações com características especiais	6-3
6.7 Dissimulação	6-6
6.8 Operações de informação	6-7
6.9 Junção	6-7

CAPÍTULO VII – AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES TERRESTRES

7.1 Considerações iniciais	7-1
7.2 Controle de danos	7-1
7.3 Inteligência, reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos (irva)	7-2
7.4 Proteção de civis	7-4
7.5 Busca, resgate e salvamento	7-5

ANEXO A - CASOS ESQUEMÁTICOS	A-1
ANEXO B - ORDEM DE OPERAÇÕES	B-1
ANEXO C - DOCUMENTOS DO PELOTÃO	C-1
ANEXO D - DADOS MÉDIOS DE PLANEJAMENTO.....	D-1

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 FINALIDADE

1.1.1 Este caderno de instrução tem por finalidade o apresentar uma orientação doutrinária para o emprego dos Pelotões de Fuzileiros (Pel Fuz) existentes nas Companhias de Fuzileiros (Cia Fuz) dos Batalhões de Infantaria do Exército Brasileiro (EB), considerando os preceitos doutrinários constantes dos manuais de campanha MC 3.0 OPERAÇÕES (6ª Edição, 2025), EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023) e EB20-MC-10.203 MOVIMENTO E MANOBRA (1ª Edição, 2015), bem como do Caderno de Instrução CI 3.7-101 Companhia de Fuzileiros (1ª Edição, 2025).

1.1.2 Fornecer elementos para padronizar a instrução militar na Força Terrestre (F Ter).

1.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.2.1 A doutrina que será apresentada destina-se, de forma geral, aos Pel Fuz dos Batalhões de Infantaria Motorizado (BI Mtz), Batalhões de Infantaria de Montanha (BI Mth), Batalhões de Infantaria Paraquedista (BI Pqdt), Batalhões de Infantaria Aeromóvel (BI Amv), Batalhões de Caçadores (BC) e Batalhões de Fronteira (B Fron).

- Também se destina aos Pel Fuz das Companhias de Infantaria isoladas, respeitando-se as peculiaridades dessas OM.

1.2.2 A doutrina referente ao emprego peculiar dos Pel Fuz dos Batalhões de Infantaria de Selva (BIS), Batalhões de Infantaria Mecanizados (BI Mec) e Batalhões de Infantaria de Blindados (BIB) será abordada em produtos doutrinários específicos.

1.2.3 Este Caderno de Instrução (CI) deve ser utilizado em conjunto com outros produtos doutrinários, especialmente aqueles específicos dos diversos escalões da arma e os que regulam os conceitos de operações de moldagem, operações básicas, operações complementares, ações comuns às operações terrestres e emprego em ambientes especiais.

1.3 O PELOTÃO DE FUZILEIROS

1.3.1 DEFINIÇÃO DOUTRINÁRIA

- O Pelotão de Fuzileiros é a fração de manobra da Companhia de Fuzileiros apta a realizar o combate aproximado, utilizando meios de transporte terrestres, aéreos ou aquáticos para seu deslocamento, com capacidade de operar em qualquer terreno e sob condições meteorológicas adversas.

1.3.2 MISSÕES BÁSICAS

1.3.2.1 Basicamente, o Pel Fuz integra três elementos para cumprir missões de combate:

- a) Fogo
 - Uso coordenado de armamentos para neutralizar ou suprimir o inimigo;
- b) Movimento
 - Deslocamento das peças de manobra para ocupar posições vantajosas em relação à ameaça; e
- c) Combate Aproximado
 - Engajamento com o inimigo utilizando armas de tiro tenso, armas brancas ou o combate corpo a corpo.

1.3.2.2 Missão nas Operações Ofensivas

1.3.2.2.1 Nas Operações Ofensivas (Op Ofs), o Pel Fuz tem como missão cerrar sobre o inimigo para destruí-lo ou capturá-lo, utilizando fogo, movimento e combate aproximado.

- Pelo fogo, procura neutralizar o inimigo, permitindo o movimento de seus Grupos de Combate (GC).

1.3.2.2.2 Pela combinação de fogo e movimento, o Pel Fuz coloca-se nas melhores condições possíveis em relação às posições inimigas.

1.3.2.2.3 Por meio do combate aproximado, o Pel Fuz concretiza o cumprimento da missão, lançando-se violentamente sobre o inimigo pelo assalto, a fim de finalizar sua destruição ou captura.

1.3.2.3 Missão nas Operações Defensivas

- Nas Operações Defensivas (Op Def), o Pel Fuz tem a missão de manter o terreno, impedindo, resistindo, detendo ou repelindo o ataque inimigo por meio do fogo e do combate aproximado. Também pode receber a missão de expulsar ou destruir o inimigo pelo contra-ataque.

1.3.2.4 Missão nas Operações de Estabilização

- Nas Operações de Estabilização, o Pel Fuz tem a missão de contribuir para a defesa dos interesses nacionais, realizando ações cooperativas e/ou coercitivas, a fim de manter ou restabelecer o controle e a segurança de uma determinada área, provendo serviços essenciais e prestando a ajuda humanitária necessária.

1.3.3 CARACTERÍSTICAS DE EMPREGO

1.3.3.1 O Pel Fuz opera, normalmente, enquadrado em uma Cia Fuz, que proverá apoio de fogo e logístico.

- Excepcionalmente, poderá combater isoladamente em missões de curta duração, como

patrulhas. Para isso, receberá elementos de apoio de fogo, apoio logístico e apoio ao combate.

1.3.3.2 O emprego do Pel Fuz segue a base doutrinária do Btl Inf do qual é orgânica, conforme previsto no manual de campanha EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª edição, 2023) e no caderno de instrução CI 3.7-100 Companhia de Fuzileiros (1ª edição, 2025).

1.3.4 ORGANIZAÇÃO

1.3.4.1 A Cia Fuz é constituída por:

- a) uma turma de comando (Tu Cmdo);
- b) um grupo de apoio (Gp Ap); e
- c) três grupos de combate (GC).

1.3.4.2 É comandado por um 1º ou 2º Tenente.

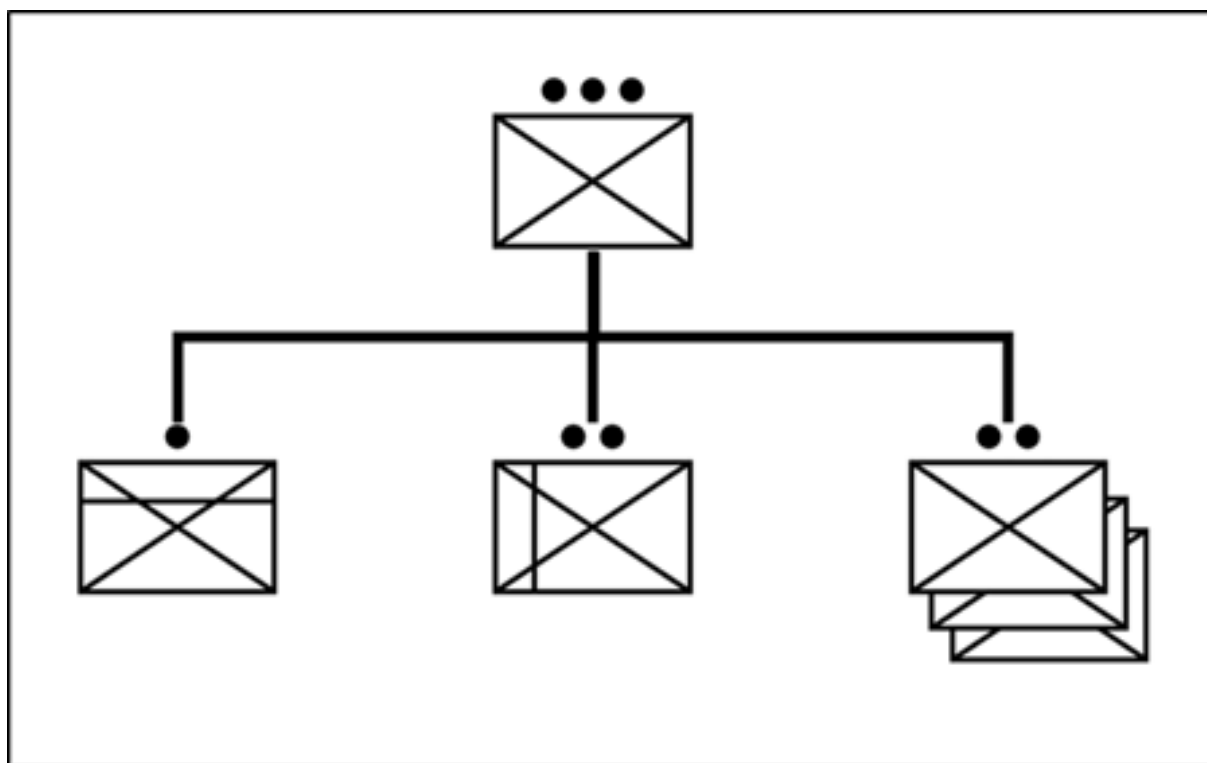


Fig 1-1 - Estrutura Organizacional do Pel Fuz

1.3.4.3 Cada GC é constituído por 2 (duas) esquadras.

1.3.4.4 O Gp Ap é constituído por uma Seção de Metralhadoras Média (Seç Mtr Me) e uma peça de Morteiro Leve (Mrt L).

1.3.4.5 É importante salientar que os detalhes da organização, da dotação de material e dos cargos de pessoal do Pel Fuz podem variar, dependendo do Quadro de Organização (QO) do Btl Inf do qual é orgânico.

COMPOSIÇÃO		
1º Ten - Comandante		
Tu Cmdo	2º Sgt - Adjunto	
	Sd - Radioperador	
Gp Ap	3º Sgt - Cmt Gp Ap	
	1ª Pç Mtr Me	Cb Ch/Atdr 1ª Pç Mtr
		Sd Aux Atdr 1ª Pç Mtr
	2ª Pç Mtr Me	Cb Ch/Atdr 1ª Pç Mtr
		Sd Aux Atdr 1ª Pç Mtr
	Pç Mrt L	Cb Ch/Atdr Pç Mrt L
		Sd Aux Atdr Pç Mrt L
	3º Sgt - Cmt GC	
1º GC	1ª Esq	Cb - Cmt 1ª Esquadra
		Sd - 1º Esclarecedor (At Lç Rj)
		Sd - 2º Esclarecedor
		Sd Atirador 1ª Esquadra
	2ª Esq	Cb Cmt 2ª Esquadra
		Sd 3º Esclarecedor (Granadeiro)
		Sd 4º Esclarecedor (At Lç Rj)
		Sd Atirador 2ª Esquadra
2º GC	Idem	
3º GC	Idem	

Tab 1-1 - Composição do Pelotão de Fuzileiros.

CAPÍTULO II

FUNÇÕES DE COMBATE

2.1 COMANDO E CONTROLE

2.1.1 Comando e Controle (C²) é um processo pelo qual as atividades do Pel Fuz são planejadas, coordenadas, sincronizadas e conduzidas para cumprir a missão. Abrange pessoal, equipamento, comunicações, instalações e procedimentos necessários para obtenção e análise de informações para o planejamento, expedição de ordens, fiscalização e condução das operações.

2.1.2 RESPONSABILIDADES FUNCIONAIS

2.1.2.1 Comandante do Pelotão de Fuzileiros (Cmt Pel Fuz)

2.1.2.1.1 O Cmt Pel Fuz é responsável por tudo o que a fração faz ou deixa de fazer. Desempenha suas atribuições realizando planejamentos, tomando decisões oportunas, emitindo ordens eficientes e exercendo a supervisão e o comando. Seus deveres exigem que tenha um completo conhecimento sobre o emprego tático da fração, a técnica do material orgânico e as possibilidades e limitações das frações subordinadas.

2.1.2.1.2 São responsabilidades do Cmt Pel Fuz:

- a) A disciplina e bem-estar da tropa;
- b) A condução da instrução, o comando e controle, o emprego tático e a manutenção do material de dotação distribuído ao pelotão;
- c) Realizar as tarefas por meio de um adequado trabalho de comando;
- d) Ponderar sempre as necessidades dos homens com o melhor cumprimento da missão;
- e) Comandar e liderar a fração, com assessoramento do Adj Pel e dos demais comandantes subordinados;
- f) Ter contínua consciência da situação tática em que está envolvido o Pel Fuz;
- g) Estar presente em local de onde possa intervir no combate;
- h) Manter informado o comando que lhe atribuiu à missão, prestando conta da situação do Pel e dos dados obtidos;
- i) Impulsionar os GC na ofensiva;
- j) Designar as posições dos GC e do armamento coletivo na defensiva;
- k) Designar alvos para os fuzileiros, morteiro leve e metralhadoras médias;
- l) Distribuir setores de tiro e observação para os GC;
- m) Solicitar e conduzir o tiro de artilharia e morteiros na faixa do terreno em que atua, quando for necessário;
- n) Agir com iniciativa quando não houver ordens precisas, considerado sempre a intenção do comandante e o conceito da operação nos dois escalões acima (SU e Btl);
- e
- o) Incentivar os integrantes do pelotão a atuar como sensor de inteligência em todas as oportunidades e fases da operação.

2.1.2.1.3 O Adj Pel é o substituto eventual do Cmt Pel, cabendo-lhe, também:

- a) Assessorar o Cmt Pel em todas as situações;
- b) Coordenar todos os trabalhos logísticos do Pel Fuz, mantendo contato cerrado com o SCmt Cia Fuz, Enc Mat e furriel;
- c) Ter contínua consciência da situação tática em que está envolvido o Pel Fuz;
- d) Manter o Cmt informado sobre os níveis de suprimento do Pel;
- e) Agir com iniciativa quando não houver ordens precisas, considerado sempre a intenção do comandante e o conceito da operação nos dois escalões acima (Pel e SU); e
- f) Fiscalizar as tarefas do radioperador, especialmente o estabelecimento das ligações e atendimento às prescrições constantes das IECOMELT.

2.1.2.1.4 O Cmt Gp Ap coordena e controla o emprego e a logística das seções e ou peças sob sua responsabilidade, cabendo-lhe, também:

- a) Assessorar o planejamento de fogos do Cmt Pel Fuz;
- b) Estar em condições de solicitar e conduzir o tiro de artilharia e morteiros na faixa do terreno em que o Pel Fuz atua, quando for necessário; e
- c) Confeccionar os roteiros de tiro e demais documentação relativa às Mtr Me e Mrt L.

2.1.2.1.5 Os Cmt GC coordenam e controlam o emprego e a logística do GC, cabendo-lhes, também:

- a) Manter a disciplina e bem-estar da tropa;
- b) Conduzir a instrução do GC;
- c) Realizar as tarefas por meio de um adequado trabalho de comando;
- d) Ponderar sempre as necessidades dos homens com o melhor cumprimento da missão;
- e) Ter contínua consciência da situação tática em que está envolvido o GC;
- f) Manter informado o Cmt Pel, prestando conta da situação do GC e dos dados obtidos;
- g) Agir com iniciativa quando não houver ordens precisas, considerado sempre a intenção do comandante e o conceito da operação nos dois escalões acima (Pel e SU);
- h) Incentivar os integrantes do GC a atuar como sensor de inteligência em todas as oportunidades e fases da operação;
- i) Comandar o GC, conduzindo o tiro, a manobra e emitindo os comandos que o conduzam ao cumprimento da missão;
- j) Impulsionar as esquadras na ofensiva;
- k) Designar a posição de cada abrigo na defensiva;
- l) Estar em condições de solicitar e conduzir o tiro de artilharia e morteiros na faixa do terreno em que o GC atua, quando for necessário;
- m) Designar alvos e objetivos para os fuzileiros, lança-rojão e metralhadoras leves;
- n) Distribuir setores de tiro e observação para as esquadras;
- o) Confeccionar a documentação referente ao GC;
- p) Manter o Adj Pel informado sobre os níveis de suprimento do GC;
- q) Controlar o regime de segurança do armamento; o regime de tiro; a abertura, o transporte ou a interrupção dos fogos; e o atendimento às regras de engajamento; e
- r) coordenar as atividades de manutenção do GC, mantendo-o em condições de emprego.

2.1.2.1.6 São responsabilidades do radioperador:

- a) Operar os equipamentos de comunicações distribuídos ao Pel, mantendo contínua ligação com a Cia Fuz;
- b) Manter contato cerrado com o Aux Com da SU;
- c) Atuar como mensageiro eventual; e
- d) Acompanhar o Cmt Pel durante as operações.

2.1.3 PLANEJAMENTO E CONDUÇÃO DAS OPERAÇÕES**2.1.3.1 Metodologias/métodos para o planejamento**

- O Manual de Campanha EB70MC-10.211 Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (PPCOT), 2ª edição, 2020, define que nas Op Ter, há três metodologias/métodos para o Plj a serem utilizadas:

- a) Metodologia para o componente conceitual do planejamento (MCOE), que pode ser utilizada por todos os escalões que possuem EM no comando;
- b) Exame de situação, que deve ser utilizado por todos os escalões que possuem Estado-Maior (EM) no comando; e
- c) Trabalho de Comando, utilizado por subunidades e escalões inferiores.

2.1.3.2 Trabalho de Comando:

2.1.3.2.1 É o ciclo de atividades realizadas pelos Cmt SU e escalões inferiores, que tem início com o recebimento da missão. Compreende a preparação da tropa, o planejamento, a execução e a avaliação da operação.

2.1.3.2.2 No Pel Fuz, todo o encargo de planejamento e execução é do Cmt Pel.

2.1.3.2.3 O Trabalho de Comando não é uma série de regras inflexíveis. Na verdade, constitui-se em um guia que o Cmt Pel Fuz deve aplicar de acordo com a situação vivida, sua experiência e a de seus comandantes subordinados.

2.1.3.2.4 Essas normas constituem um lembrete e contribuem para que o Cmt Pel Fuz tire o máximo proveito do tempo disponível, coordenando suas ações com as de seus subordinados.

2.1.3.2.5 O Cmt Pel Fuz pode realizar o trabalho de comando sozinho ou pode haver um pequeno grupo para auxiliá-lo na solução de problemas táticos. Por exemplo, o Adj Pel e Cmt Gp Ap podem assessorá-lo durante o processo.

2.1.3.2.6 O trabalho de comando não se encerra com a emissão da Ordem de Operações. Deve ser continuamente revisto e atualizado por meio de avaliação contínua, o que pode levar à adoção de novas condutas.

2.1.3.2.7 A aplicação do Trabalho de Comando está detalhada em documento específico do tema (Caderno de Instrução).

2.1.4 COMUNICAÇÕES

2.1.4.1 O sistema de Comando e Controle (C²) depende da eficácia das comunicações (Com), que devem ser flexíveis, confiáveis e exploradas com segurança. O Pel Fuz participa dos sistemas de C² estabelecidos pela Cia Fuz e estabelece os seus sistemas próprios.

2.1.4.2 A Cia Fuz é responsável pelo estabelecimento e pela continuidade das suas comunicações com o Pel Fuz. O Pel Fuz é o responsável pelo estabelecimento e pela continuidade das comunicações com seus grupos orgânicos.

2.1.4.3 As Com com as tropas vizinhas são estabelecidas e mantidas conforme determinado pelo comando superior a que ambas estiverem subordinadas. Na ausência de instruções específicas, o Pel Fuz é responsável pelo estabelecimento e pela continuidade das Com com seu vizinho da direita, considerando o observador posicionado com a frente voltada para o inimigo.

2.1.4.4 Todos os detalhes sobre a instalação, a exploração e a manutenção das comunicações são estabelecidos pelo Cmt Cia Fuz e materializados nas Instruções para Exploração das Comunicações e Eletrônica (IEComElt).

2.1.4.6 Sistema rádio

2.1.4.6.1 O sistema rádio proporciona flexibilidade e rapidez de instalação, porém é extremamente vulnerável à guerra eletrônica. O rádio é considerado o menos seguro dos meios de comunicações. Normalmente é empregado em situações de movimento.

2.1.4.6.2 É composto pelas redes externas e internas necessárias para o exercício da ação de comando, controle e coordenação, por meio de meios rádio.

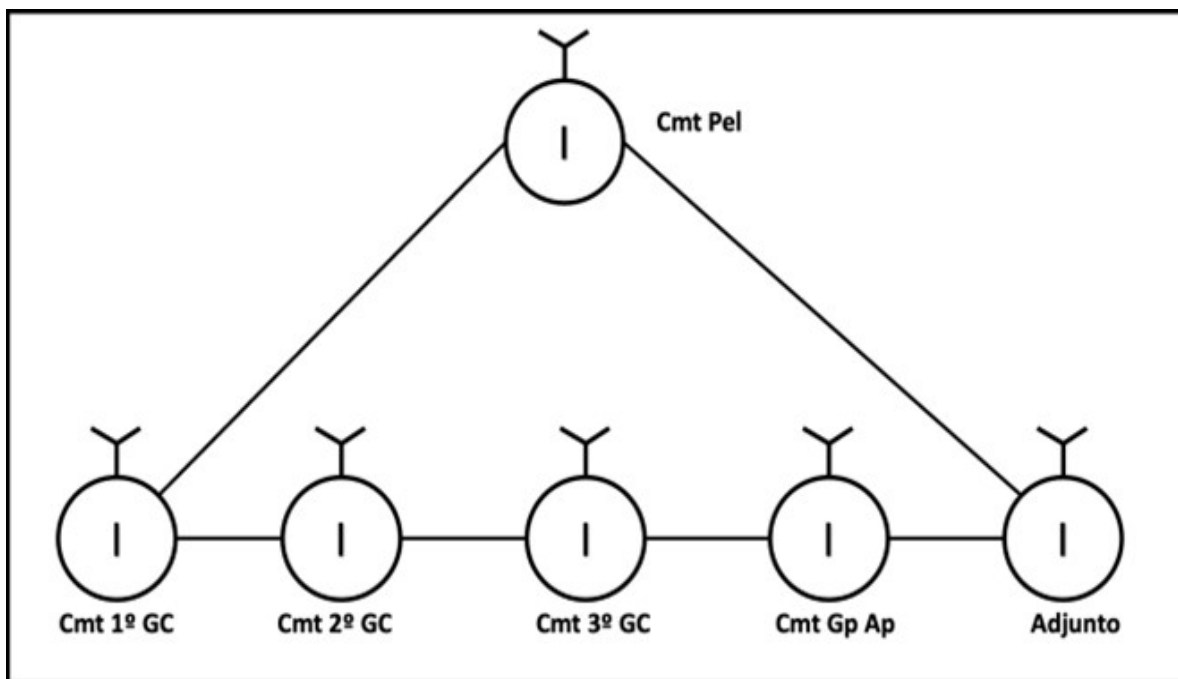


Fig 2-1 - Exemplo de Diagrama da Rede Rádio do Pel Fuz.

2.1.4.6.3 Normalmente, o Cmt Cia Fuz participa das seguintes redes da Cia Fuz:

- a) Rede do Cmt Cia Fuz - Ligação direta do Cmt Cia Fuz com o SCmt Cia, Enc Mat, Cmt Pel Fuz e Cmt Pel Ap; e
- b) Rede de Apoio de Fogo - Usada para ligação entre o OA Art, OA Mrt/Btl, Cmt Pel Fuz e Cmt Pel Ap.

2.1.4.6.4 Internamente, o Pel Fuz estabelece uma rede rádio, promovendo a ligação com o adjunto e seus comandantes de grupo.

2.1.4.7 Sistema físico

2.1.4.7.1 O sistema físico deve ser utilizado sempre que a situação permitir, por ser mais seguro que o sistema rádio em face de interferências inimigas. Normalmente, é empregado em situações estáticas.

2.1.4.7.2 O Pel Fuz mantém ligação com a Cia Fuz por meio de um circuito físicos de fios duplos telefônicos, cabos coaxiais, fibra ótica ou outros tipos de cabos de rede.

2.1.4.7.3 Esses circuitos fazem o enlace entre terminais, como telefones de campanha, centrais telefônicas, terminais de comando e controle, computadores ou outros meios.

2.1.4.7.4 A exploração do sistema físico também requer a adoção de medidas de segurança. As linhas devem ser constantemente patrulhadas e os operadores do sistema devem fazer uso da criptografia e da autenticação de mensagens.

2.1.4.8 Sistema de mensageiros

2.1.4.8.1 O mensageiro é o mais seguro meio de comunicações. Proporciona boa flexibilidade e grande confiabilidade, sendo imune à guerra eletrônica. Porém, a transmissão das mensagens é demorada e o mensageiro pode ser alvo de emboscadas ou fogos inimigos.

2.1.4.8.2 Todos os militares combatentes recebem instrução de mensageiro e podem ser empregados como tal.

2.1.4.8.3 No âmbito do Pel Fuz, é mais comum o emprego de mensageiros especiais, de acordo com a demanda da situação tática.

2.1.4.9 Os meios acústicos, visuais e outros são utilizados conforme previsto em ordens e instruções.

- Incluem bandeiras, pirotécnicos, fumígenos, sinalizadores infravermelhos, entre outros. Pode ser utilizado para identificação de tropa amiga, suspensão ou transporte de fogo, desencadeamento de fogos, marcação de objetivos e alvos, auxílio à navegação, comunicação com aeronaves, identificação mútua em operações de junção, entre outros fins.

2.2 MOVIMENTO E MANOBRA

2.2.1 FORMAÇÕES TÁTICAS DO PELOTÃO DE FUZILEIROS

2.2.1.1 Distâncias e os intervalos

2.2.1.1.1 As distâncias e os intervalos entre os grupos serão definidos em função dos fatores da decisão. As formações táticas apresentadas não são rígidas e podem ser adaptadas conforme as necessidades do combate.

2.2.1.1.2 O aproveitamento do terreno é mais importante que a posição exata que cada soldado ou fração deve ocupar no dispositivo.

2.2.1.1.3 O Cmt Pel não tem posição definida. Deve posicionar-se onde melhor possa controlar o Pel Fuz. A posição à retaguarda do GC que lidera a formação, normalmente, atende essa exigência.

2.2.1.1.4 O Adj Pel se posiciona onde possa melhor auxiliar o Cmt Pel no controle da fração, normalmente junto ao GC da retaguarda.

2.2.1.1.5 O radioperador se desloca junto ao Cmt Pel.

2.2.1.2 Frente do pelotão

2.2.1.2.1 Normalmente, a frente do pelotão varia de 150 a 300 metros; e sua profundidade não deve exceder a 300 metros.

2.2.1.2.2 Consideram-se normais as distâncias e os intervalos de 20 a 50 metros entre as frações subordinadas.

2.2.1.3 As peças do grupo de apoio devem estar localizadas onde possam apoiar adequadamente a manobra do pelotão.

- Para isso, devem ser consideradas as características técnicas do armamento, as Distâncias Estimadas de Risco (DER), os Diagrama de Risco de Superfície (DRS), as demais Medidas de Coordenação do Apoio de Fogo (MCAF) estabelecidas e os fatores da decisão.

- Mais detalhes sobre DER, DRS e MCAF estão disponíveis no caderno de instrução CI 3.7-100 - Companhia de Fuzileiros (1ª edição, 2025).

2.2.1.4 Formação em coluna por um

2.2.1.4.1 Adotada para o movimento em terrenos restritivos (vegetação densa, região montanhosa, entre outros) ou em situações de visibilidade reduzida (escuridão, nevoeiro, entre outros).

2.2.1.4.2 É comum o emprego dessa formação no ataque noturno, desde a posição de ataque até o ponto de liberação dos GC, bem como durante os deslocamentos nas faixas de infiltração.

2.2.1.4.3 Apresenta, como vantagens, fácil controle, rapidez de progressão, segurança nos flancos e facilidade para mudanças de formação.

2.2.1.4.4 Como desvantagens, proporciona pouca dispersão, mínimo poder de fogo à frente, concentração de pessoal, suscetível a receber ataques aéreos e de armas coletivas que batem área.

2.2.1.4.5 Os grupos devem adotar, obrigatoriamente, a formação em coluna por um, com 5 passos entre os homens e 5 metros entre os grupos.

2.2.1.4.6 As distâncias podem ser reduzidas em função da visibilidade.

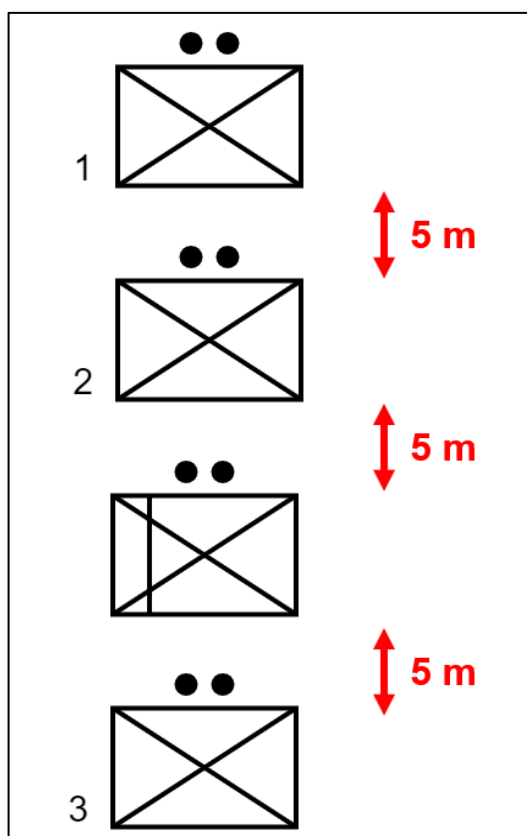


Fig 2-2 - Pel Fuz em coluna por um.

2.2.1.5 Formação em coluna por dois

2.2.1.5.1 É adotada para o movimento em estradas, inclusive na marcha para o combate a pé.

2.2.1.5.2 Apresenta as mesmas características da coluna por um, porém é mais flexível, pois facilita o emprego do fogo em ambos os flancos e permite rápida mudança para outras formações.

2.2.1.5.3 Todos os grupos se deslocam em coluna por dois, aproveitando ambas as margens da estrada.

2.2.1.5.4 Os GC marcham com uma esquadra ao lado da outra.

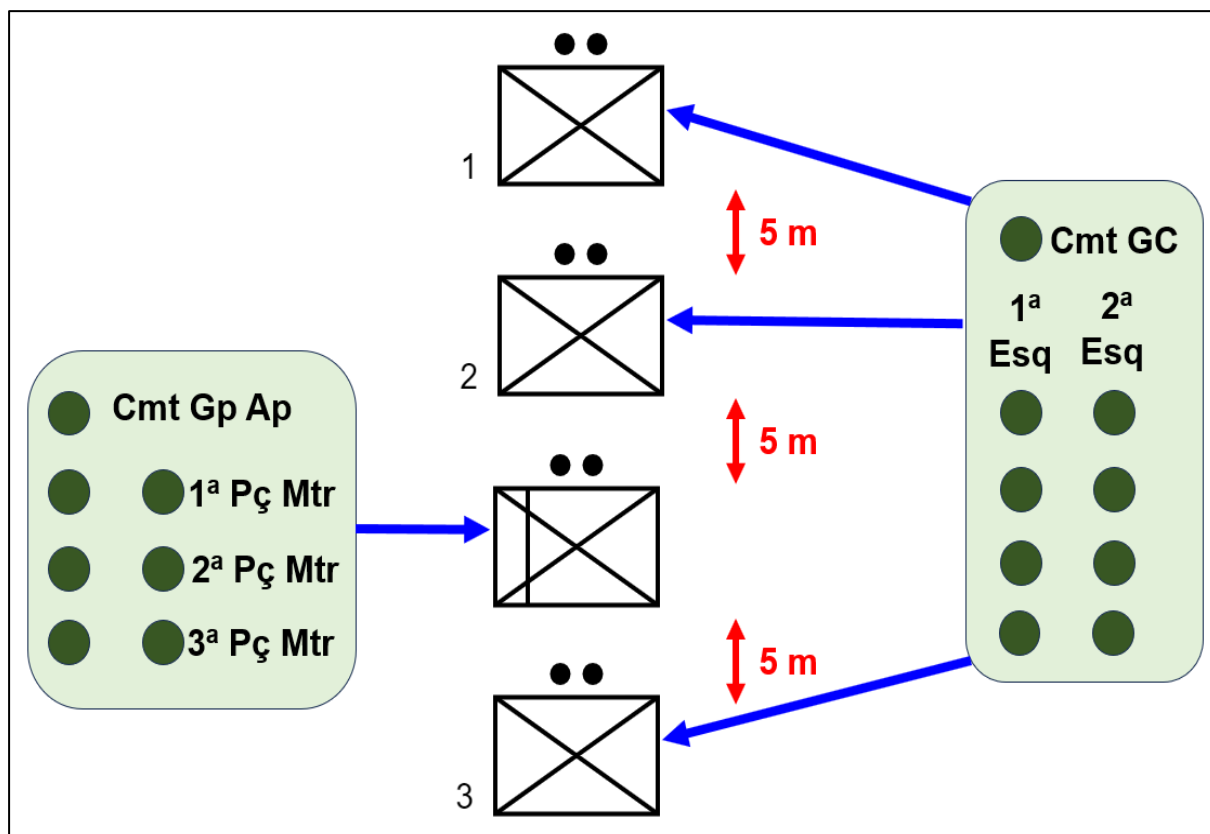


Fig 2-3 - Pel Fuz em coluna por dois.

2.2.1.6 Formação em linha

2.2.1.6.1 Essa formação é adotada para a limpeza de áreas, transposição de cristas e estradas. É comum o seu emprego no assalto a posições inimigas.

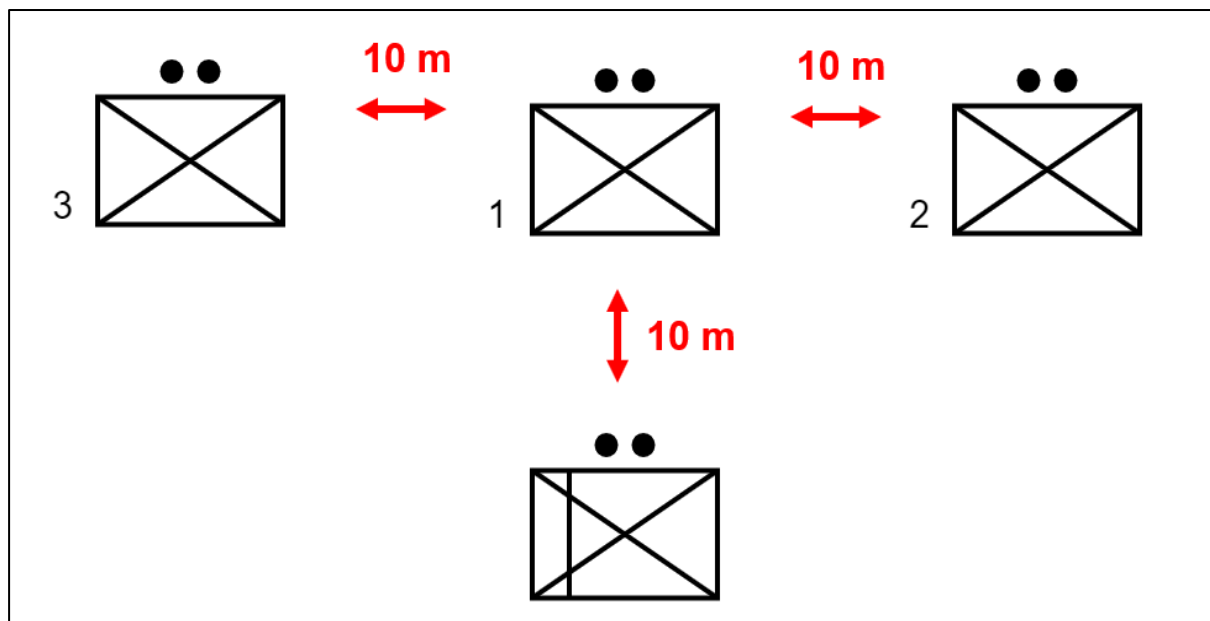


Fig 2-4 - Pel Fuz em linha.

2.2.1.6.2 Apresenta como vantagem o máximo volume de fogo à frente e a dispersão.

2.2.1.6.3 São desvantagens a pouca dispersão, o difícil controle e o pouco poder de fogo nos flancos.

2.2.1.6.4 Atenção: os GC justapostos devem adotar, **obrigatoriamente**, a formação em linha com, no mínimo, 10 metros de intervalo entre si.

2.2.1.7 Formação por grupos sucessivos

2.2.1.7.1 Essa formação é adotada em corredores de mobilidade que restringem o desdobramento do pelotão.

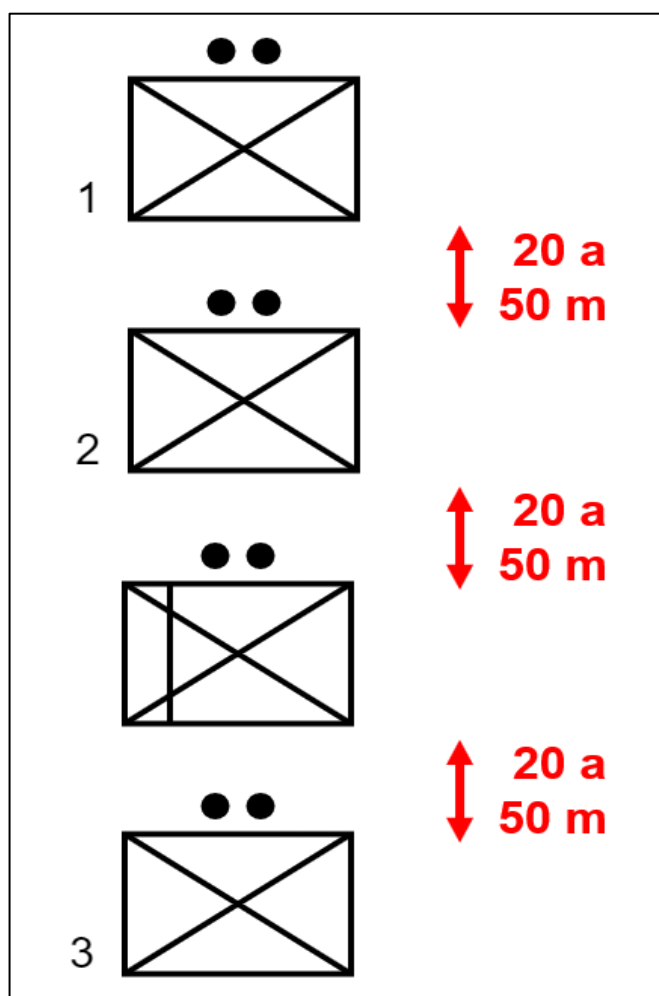


Fig 2-5 - Pel Fuz por grupos sucessivos.

2.2.1.7.2 Apresenta como vantagens a facilidade para o controle, a boa dispersão e a boa potência de fogo nos flancos.

2.2.1.7.3 Como desvantagem, proporciona limitado volume de fogo à frente.

2.2.1.7.4 Os GC podem adotar qualquer formação tática, exceto em coluna, com distâncias entre 20 e 50 metros entre si.

2.2.1.8 Formação por grupos justapostos

2.2.1.8.1 Essa formação é adotada nos corredores de mobilidade mais amplos. É comum o seu emprego quando o pelotão recebe a missão de fixar o inimigo.

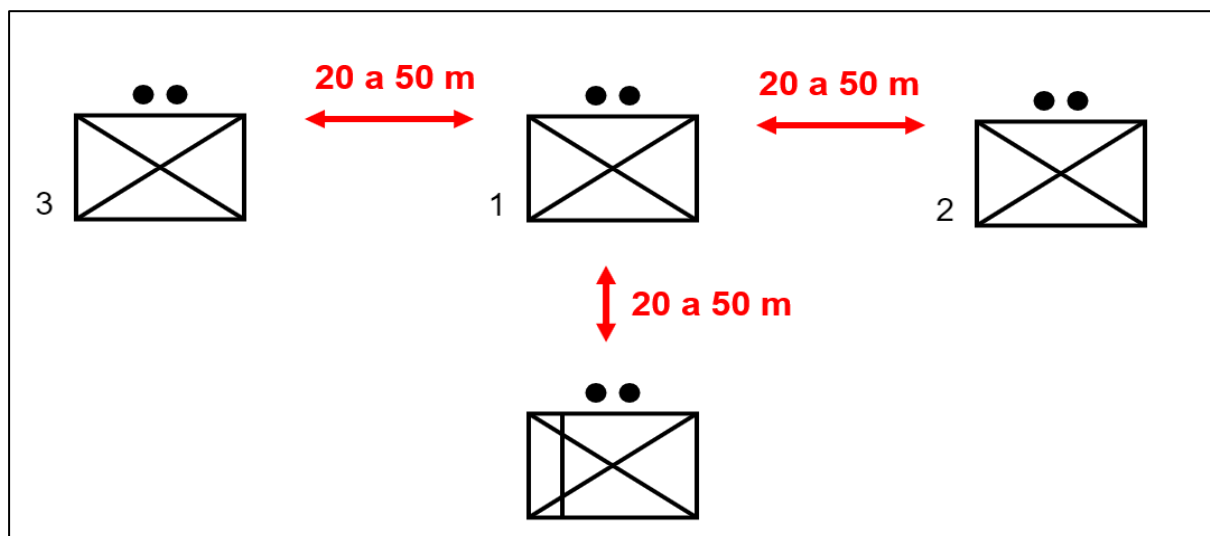


Fig 2-6 - Pel Fuz por grupos justapostos.

2.2.1.8.2 Apresenta como vantagens a boa dispersão e bom volume de fogo à frente.

2.2.1.8.3 Como desvantagens, dificulta o controle e proporciona limitada potência de fogo nos flancos. Os GC podem adotar qualquer formação tática, exceto em linha, com intervalos de 20 a 50 metros.

2.2.1.9 Formação em cunha

2.2.1.9.1 Formação adotada quando o pelotão realiza um movimento contra posições inimigas identificadas.

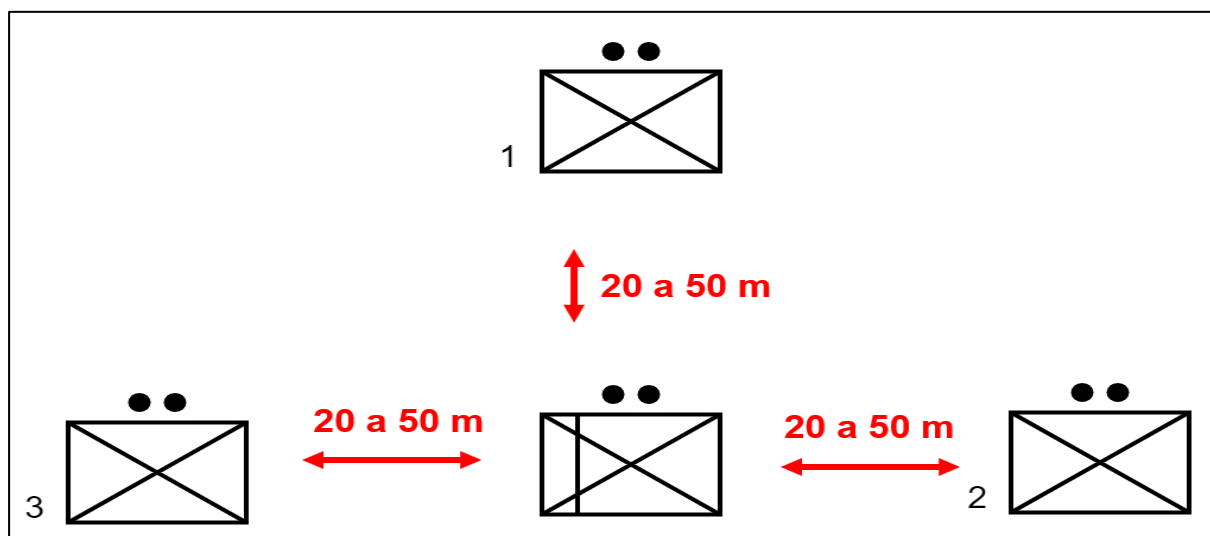


Fig 2-7 - Pel Fuz em cunha.

2.2.1.9.2 Apresenta como vantagens a facilidade de controle, a boa dispersão e o bom volume de fogo à frente e nos flancos, bem como a rápida transição para outras formações.

2.2.1.9.3 Os GC podem adotar qualquer formação tática, com distâncias e intervalos de 20 a 50 metros entre si.

2.2.1.10 Formação em cunha invertida

2.2.1.10.1 Formação adotada quando ambos os flancos do pelotão estão expostos ou quando o pelotão progride sem conhecer a localização do inimigo.

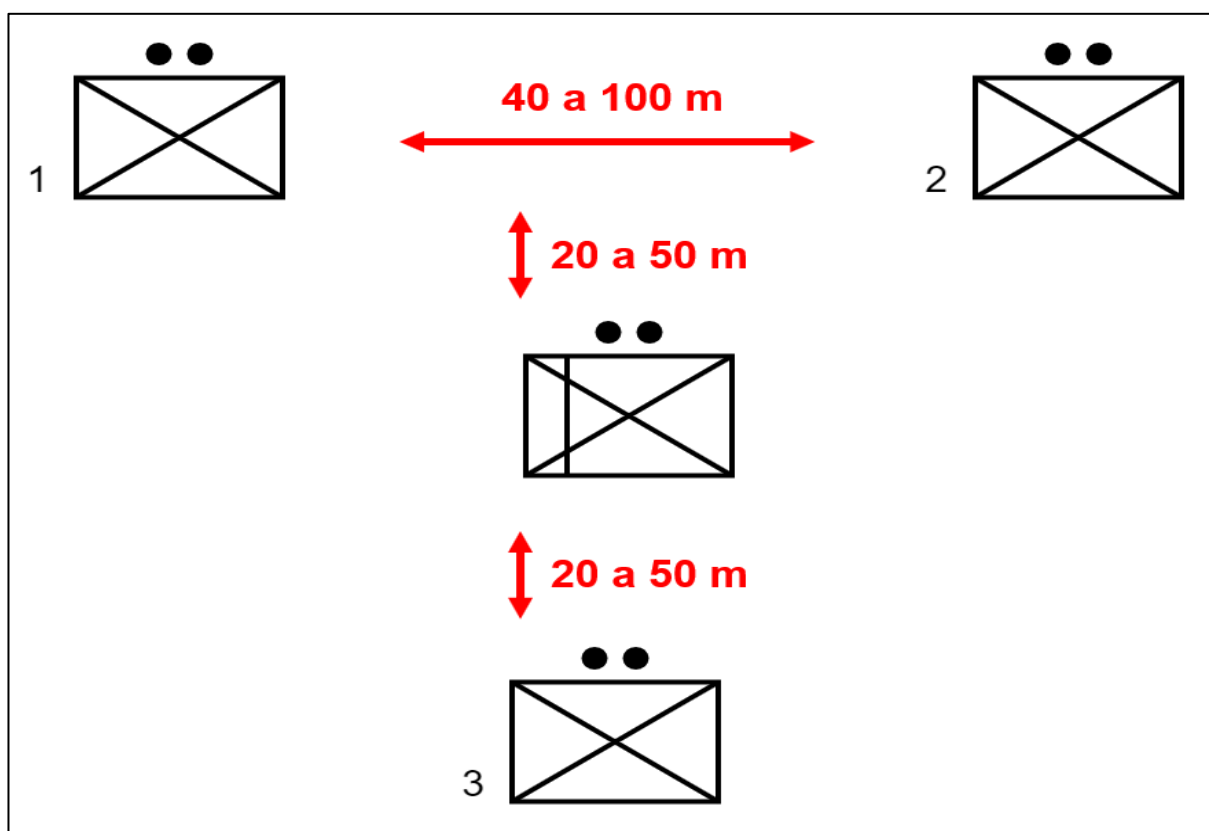


Fig 2-8 - Pel Fuz em cunha invertida.

2.2.1.10.2 Apresenta como vantagens a facilidade de controle, a boa dispersão e o bom volume de fogo à frente, bem como a rápida transição para outras formações.

2.2.1.10.3 Os GC podem adotar qualquer formação tática, com distâncias e intervalos de 20 a 50 metros entre si.

2.2.1.11 Formação em escalão

2.2.1.11.1 Formação adotada quando o pelotão apresenta apenas um flanco exposto. O pelotão pode estar em escalão à direita ou à esquerda.

2.2.1.11.2 Apresenta como vantagens a boa dispersão e a potência de fogo à frente e no flanco exposto.

2.2.1.11.3 Como desvantagem, dificulta o controle e mantém vulnerável o flanco oposto.

2.2.1.11.4 Os GC podem adotar qualquer formação tática, com distâncias e intervalos de 20 a 50 m entre si.

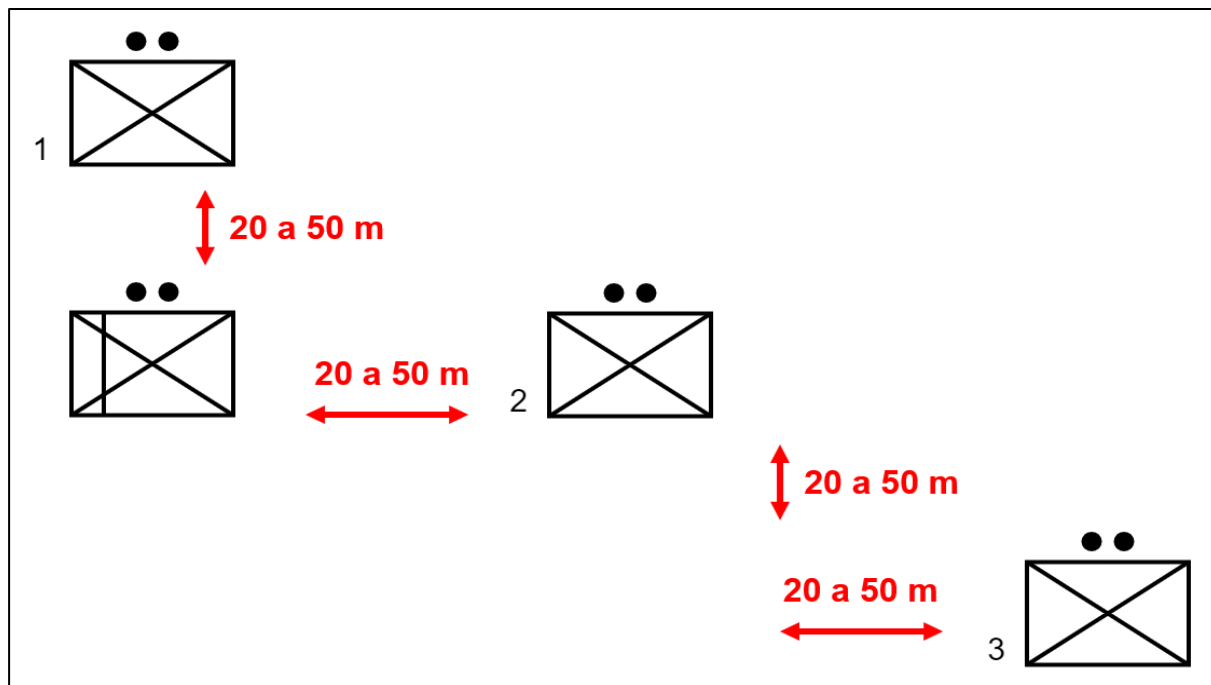


Fig 2-9 - Pel Fuz em escalão à direita.

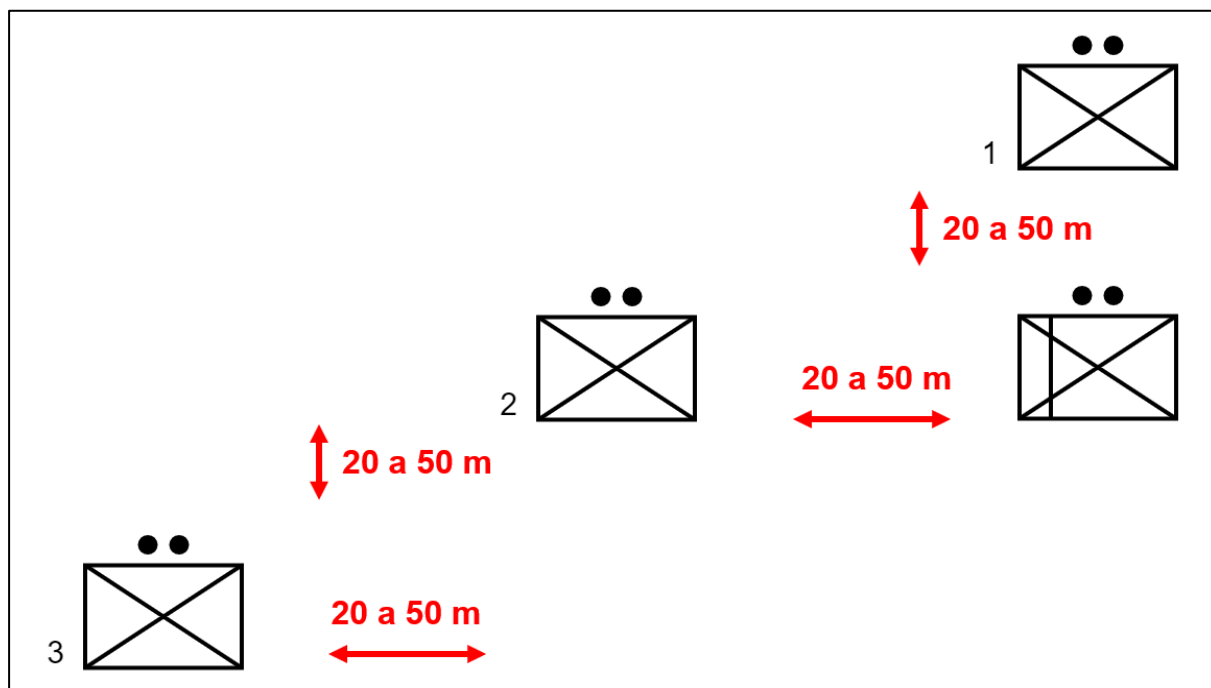


Fig 2-10 - Pel Fuz em escalão à esquerda.

2.2.2 TÉCNICAS DE PROGRESSÃO

2.2.2.1 A técnica de progressão selecionada depende, basicamente, da possibilidade de atuação do inimigo (segurança) e da velocidade necessária ao movimento (rapidez).

2.2.2.2 Em função desses fatores, o Pel Fuz pode adotar uma das seguintes técnicas de progressão:

- a) Progressão Contínua;
- b) Progressão Protegida; ou
- c) Progressão por Lanços.

TÉCNICAS DE PROGRESSÃO	CONTÍNUA	PROTEGIDA	POR LANÇOS
Fator preponderante	Rapidez	Segurança	Segurança
Contato com inimigo	Não	Não	Sim
Formação Tática	Coluna ou grupos sucessivos	Coluna, grupos sucessivos, cunha invertida ou escalão	Cunha ou grupos justapostos

Tab 2-1 - Quadro comparativo das técnicas de progressão.

2.2.2.3 Progressão contínua

2.2.2.3.1 Adotada quando a rapidez do movimento for o fator preponderante. Normalmente, é utilizada antes do contato com o inimigo, em operações de movimento.

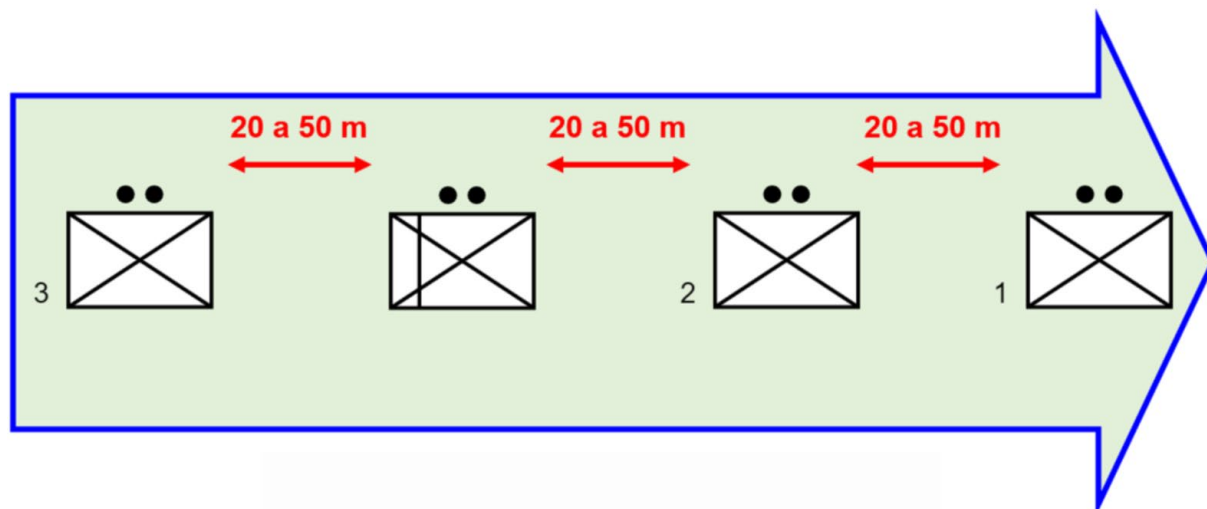


Fig 2-11 - Pelotão em progressão contínua.

2.2.2.3.2 As formações táticas empregadas são em coluna ou por grupos sucessivos. O Gp Ap se desloca integrado aos GC.

2.2.2.3.3 O Pel Fuz se desloca em marcha normal, mantendo a velocidade prescrita pelo Cmt Cia Fuz.

2.2.2.4 Progressão protegida

2.2.2.4.1 Adotada quando a necessidade de segurança for o fator preponderante, porém o contato com o inimigo ainda não foi estabelecido.

2.2.2.4.2 Normalmente, ocorre no reconhecimento de regiões favoráveis à ação inimiga e durante a conquista de objetivos em operações de marcha para o combate, aproveitamento do êxito ou assalto aeromóvel/aeroterrestre, quando a presença inimiga não foi identificada.

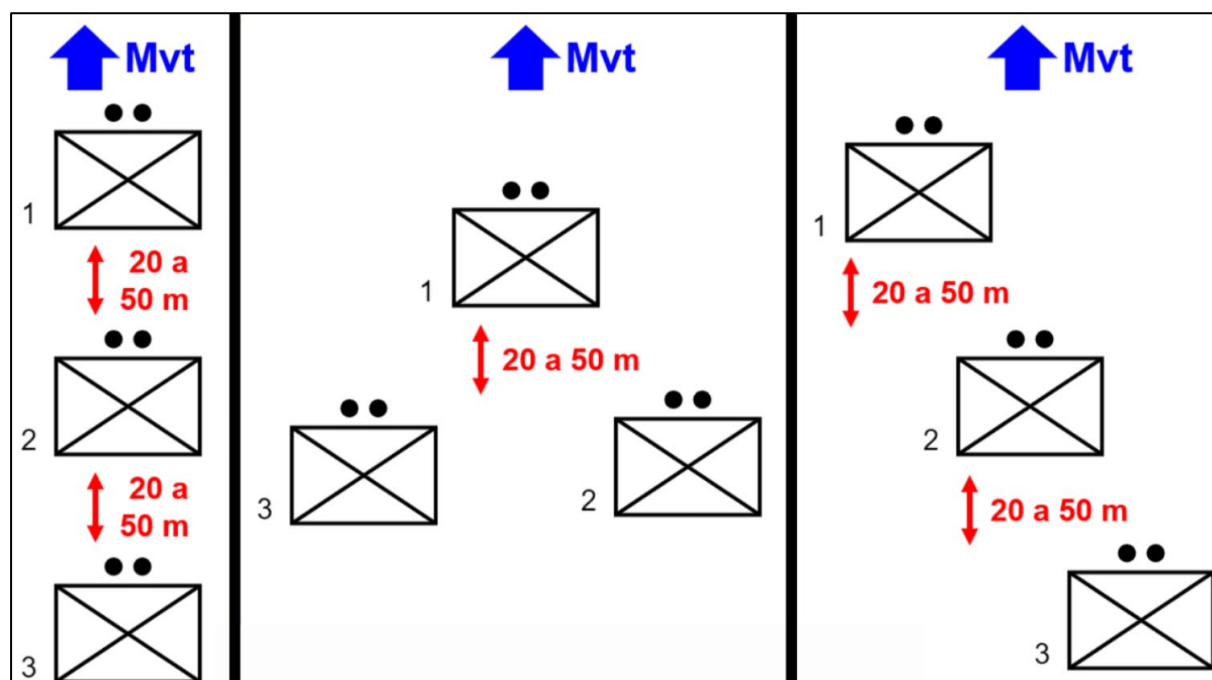


Fig 2-12 - Pelotão em progressão protegida.

2.2.2.4.3 As formações táticas empregadas devem priorizar a dispersão e a segurança em todas as direções. Podem ser utilizadas as formações por grupos sucessivos, em cunha ou em escalão.

2.2.2.4.4 Normalmente, o Gp Ap ocupa posições sucessivas que lhe permitam estabelecer base de fogos para apoiar o movimento do Pel Fuz.

2.2.2.4.5 Os homens se deslocam em marcha normal, enquanto não houver contato com o inimigo.

2.2.2.5 Progressão por Lanços

2.2.2.5.1 Adotada quando o movimento for realizado em contato (vistas e/ou fogos) com o inimigo.

2.2.2.5.2 Cabe ressaltar que, mesmo fora do alcance do armamento orgânico da tropa inimiga, essa tem condições de conduzir fogos indiretos de artilharia e morteiros, ou guiar aeronaves inimigas contra a nossa tropa em progressão.

2.2.2.5.3 Normalmente, é empregada durante o ataque contra posições inimigas conhecidas.

2.2.2.5.4 Os lanços do pelotão devem ser realizados por GC. Um GC permanece em apoio de fogo, enquanto outro executa o lançamento. Cada GC pode executar o seu lançamento como um todo ou por esquadras.

2.2.2.5.5 A formação tática empregada pelo GC deve ser por esquadras justapostas ou em escalão.

2.2.2.5.6 Após o contato com o inimigo, o Cmt Pel Fuz selecionará a formação tática adequada para garantir o maior volume de fogo na direção da ameaça. Normalmente, adota-se a formação em cunha ou em escalão.

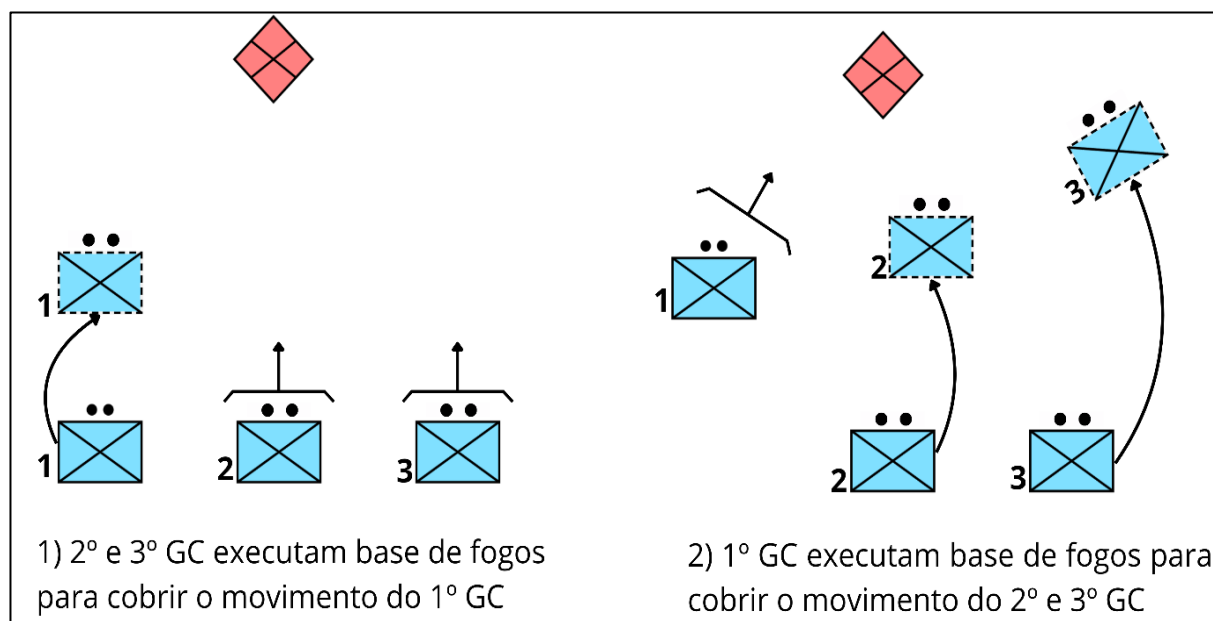


Fig 2-13 - Pelotão em progressão por lanços.

2.2.2.5.7 Normalmente, o Gp Ap ocupa posições sucessivas que lhe permitam estabelecer base de fogos para apoiar o movimento do Pel Fuz.

2.2.2.5.8 Sob vistas e fogos do inimigo, os GC se deslocam em marcha acelerada, buscando itinerários desafiados que evitem a exposição desnecessária à ameaça.

2.2.3 DESLOCAMENTOS MOTORIZADOS

2.2.3.1 Ao realizar deslocamentos motorizados, o Cmt Pel Fuz deve planejar a distribuição do pessoal e material entre as viaturas (Vtr), buscando, sempre que possível, manter a integridade tática dos seus grupos e a segurança do comboio.

2.2.3.2 Para isso, devem ser considerados os seguintes fatores:

- a) Quantidade de viaturas disponíveis;
- b) Capacidade de carga total das viaturas; e
- c) Capacidade de transporte de passageiros das viaturas.

2.2.3.3 Após o planejamento da distribuição do pessoal e material, deve ser realizada a preparação das viaturas que consiste das seguintes atividades:

- a) Levantar a haste de romper cordéis de degola;
- b) Rebater o para-brisas e revesti-lo com tecido, eliminando o seu brilho (caso não sejam blindados);
- c) Revestir o piso, as laterais e as outras partes sensíveis da Vtr com sacos de areia (caso não sejam blindados), sem atrapalhar o funcionamento do motor; e
- d) Instalar a metralhadoras na frente e retaguarda da Vtr, preferencialmente nos reparos da Vtr, caso existam.

2.2.3.4 O pessoal e o material devem ser distribuídos nas Vtr de forma que:

- a) A destruição de uma delas (em uma emboscada inimiga, por exemplo) não comprometa o cumprimento da missão;
- b) Os militares embarcados possam realizar a observação e o fogo em todas as direções; e
- c) Pelo menos um dos militares embarcados possa realizar a vigilância aérea.

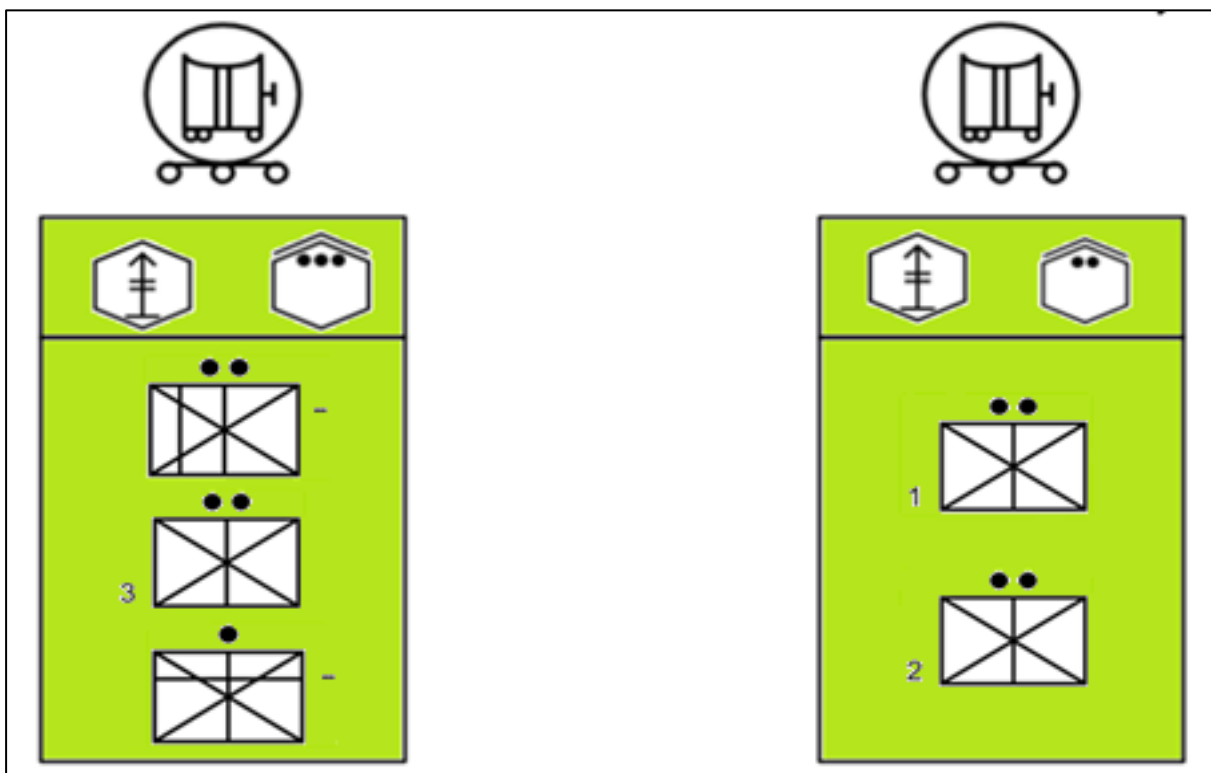


Fig 2-14 - Exemplo de distribuição do Pel Fuz para deslocamento Mtz em duas Vtr.

2.2.3.5 O Cmt Pel Fuz deve realizar a inspeção das Vtr, assegurando-se de suas condições de funcionamento e manutenção. Deve, também, fiscalizar se os motoristas são habilitados para o tipo de Vtr e estão cientes do itinerário, velocidade (máxima e mínima) e distâncias entre as Vtr.

2.2.3.6 Devem ser realizados ensaios das condutas em caso de contato com o inimigo (terrestre e/ou aéreo).

2.2.3.7 Processos de deslocamento motorizado

2.2.3.7.1 O Pel Fuz pode se deslocar por um dos seguintes processos ou pela combinação deles:

- a) deslocamento contínuo;
- b) lanços sucessivos; e
- c) lanços alternados.

2.2.3.7.2 Durante o deslocamento, deve ser mantido o contato visual entre as viaturas.

2.2.3.7.3 Quando a Vtr que lidera o movimento atinge pontos críticos (pontes, cruzamentos e outros) ou obstáculos, o mais antigo ordena que o motorista abandone o leito da estrada, ocupando uma posição coberta, informando de imediato ao Cmt Pel.

2.2.3.7.4 Os fuzileiros desembarcam a fim de realizar a segurança aproximada do local (360°), enquanto é realizado o reconhecimento do ponto crítico.

2.2.3.7.5 Estabelecida a segurança do ponto crítico, as viaturas realizam sua transposição e, em seguida, os fuzileiros reembarcam.

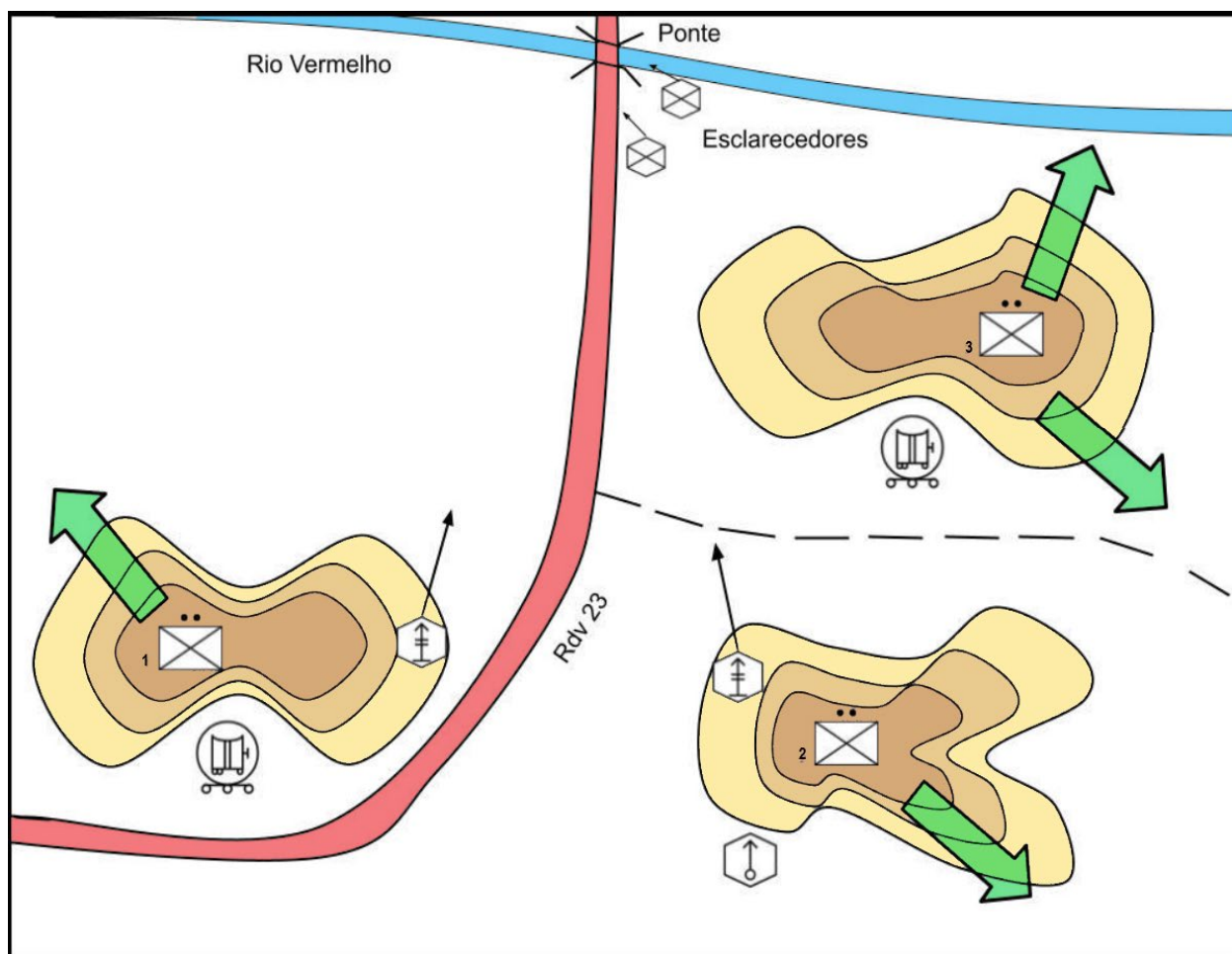


Fig 2-15 - Reconhecimento de ponto crítico.

2.3 FOGOS

2.3.1 O FOGO É UM DOS PRINCIPAIS MEIOS À DISPOSIÇÃO DO COMANDANTE DO PEL FUZ PARA INTERVIR NO COMBATE

- Os fogos desencadeados por armas ou unidades em apoio, para auxiliar ou proteger uma unidade em combate, são denominados apoio de fogo.

2.3.2 NA OFENSIVA

- Na ofensiva, o fogo permite o movimento das peças de manobra, que são colocadas em posições vantajosas em relação ao inimigo de forma a gerar, em conjunto, o maior poder de combate onde e quando seja necessário.

2.3.3 NA DEFENSIVA

2.3.3.1 Na defensiva, o fogo é empregado para deter o ataque inimigo.

2.3.3.2 Em caso de penetração do inimigo em posições amigas, o fogo é utilizado para limitar sua progressão, isolá-la, desgastá-lo e apoiar nossos contra-ataques visando à sua destruição.

2.3.4 DEFINIÇÕES

2.3.4.1 Fogos

2.3.4.1.1 Aplicação de artefatos cinéticos ou emprego de atuadores cinéticos e não cinéticos sobre alvos designados.

2.3.4.1.2 Têm por objetivos causar:

- a) danos materiais;
- b) baixas em pessoal;
- c) avarias nos sistemas eletrônicos; e
- d) impacto no moral das forças inimigas, em seu esforço de combate ou em sua estrutura de defesa.

2.3.4.2 Alvo

2.3.4.2.1 Designação genérica que se dá a qualquer elemento físico, ponto, linha ou área que se deseja detectar, acompanhar, reconhecer, neutralizar, destruir, iluminar, bloquear, interditar, suprimir ou inquietar.

2.3.4.2.2 Entidade (pessoa, lugar ou coisa) considerada para possível engajamento ou ação para alterar ou neutralizar a função que ela desempenha para o adversário.

2.3.4.3 Alvos de Alto Valor (AAV)

2.3.4.3.1 Meios inimigos, entendidos como alvos, que compõem ou sustentam o poder de combate do inimigo e são identificados a partir de uma avaliação do banco de dados, do calco doutrinário, de sua narrativa de sustentação e do uso do julgamento tático.

2.3.4.3.2 São levantados pelo Cmt Cia Fuz durante a análise detalhada do inimigo.

2.3.4.4 Alvos Altamente Compensadores (AAC)

- São alvos cuja perda pelo inimigo contribui de forma significativa para o sucesso da operação.
- Precisam ser identificados, buscados e engajados com êxito para o sucesso da missão.
- São selecionados pelo Cmt Cia Fuz, entre os AAV, durante o confronto entre sua(s) linha(s) de ação e a linha de ação mais provável do inimigo.
- A prioridade de engajamento dos AAC também é estabelecida pelo Cmt Cia Fuz.

2.3.4.5 Fogos de Apoio

- São aqueles desencadeados em proveito das U e SU em contato cerrado com o inimigo e contra alvos pouco profundos que ameacem os elementos em 1º escalão.
- Normalmente, esses fogos são realizados pelo Grupos de Artilharia de Campanha (GAC) orgânico da Brigada.
- Nos escalões U e SU, são realizados pelos meios orgânicos.
- São exemplos de alvos pouco profundos: elementos inimigos em 1º escalão, armas automáticas, armas anticarro, radares, postos de observação e passagens obrigatórias.

2.3.4.6 Preparação

- Intenso fogo previsto, desencadeado de acordo com um horário estipulado, em apoio a um ataque, a fim de interromper as comunicações do inimigo, desorganizar as suas defesas e neutralizar seus meios de apoio de fogo.
- Os fogos de preparação podem ser iniciados antes ou depois da hora do ataque até cumprir o horário previsto ou serem suspensos a pedido da força apoiada.

2.3.4.7 Contrapreparação

- Intenso fogo previsto, desencadeado na iminência de um ataque inimigo, destinado a romper as suas formações, desorganizar seu sistema de comando, comunicações e observação, diminuir a eficiência de sua preparação de artilharia e enfraquecer o seu espírito ofensivo.

2.3.4.8 Intensificação de fogos

- Fogos planejados e realizados, normalmente no escalão brigada ou batalhão, com a finalidade de aumentar o volume de fogos em proveito de uma força, durante determinadas fases de uma operação ou quando o tempo, os meios disponíveis e a insuficiência de alvos não permitem a montagem de uma preparação ou contrapreparação.

2.3.4.9 Concentração

- É o volume de fogos sobre um determinado alvo, a qual deve ser numerada para referência no planejamento e coordenação dos fogos.
- É a forma mais usual de emprego dos fogos terrestres.

2.3.4.10 Barragem

- É um sistema de tiros previsto de forma linear, destinado a proteger as tropas e as instalações amigas, impedindo a progressão do inimigo para ou através das linhas ou áreas defensivas.

2.3.4.11 Plano de Fogos (PF)

- É um documento baseado no conceito da operação do comandante e contém informações e instruções específicas para o emprego dos fogos, que devem ser difundidas a todos os elementos subordinados (Pel Fuz e Pel Ap), por meio do CCAF/SU.

2.3.4.12 Plano de Fogos Específicos

- São apêndices ao PF, específicos de determinados meios de apoio de fogo.
- No âmbito da Cia Fuz, podem ser produzidos os PFE de metralhadoras e defesa anticarro, por exemplo.

2.3.4.13 Distância Estimada de Risco (DER)

- É a distância de segurança estimada que deve ser mantida para proteger a tropa contra os efeitos dos estilhaços provenientes de munições de tiro indireto, como morteiros e artilharia.

2.3.4.14 Alvos sensíveis

- Alvos cuja falha no engajamento pode interferir no efeito final desejado; gerar potenciais repercussões negativas nas dimensões informal ou humana; ou, ainda, causar danos ambientais de longo prazo.

2.3.4.15 Alvos restritos

2.3.4.15.1 Alvos que possuem critérios que restringem seu engajamento para redução de efeito colateral.

2.3.4.15.2 Como exemplo de restrições temos:

- a) a impossibilidade de ataque durante determinado período do dia;
- b) o emprego exclusivo de munições e armas mais precisas para ataque; e
- c) a necessidade de meio de busca de alvos, visualizando o alvo para seu engajamento.

2.3.4.16 Alvos proibidos

2.3.4.16.1 Alvos localizados em locais de alto valor histórico e cultural protegidos dos efeitos das operações, devido a normas ou leis internacionais, como o DICA, regras de engajamento ou outras considerações do Comando.

2.3.4.16.2 Esses alvos só poderão ser engajados se a solicitação de fogos for proveniente do Comando da Força que o estabeleceu, ou com a autorização deste Comando para que outro escalão efetue os fogos.

2.3.4 CLASSIFICAÇÃO DOS FOGOS

2.3.4.1 Os fogos de apoio são classificados de acordo com:

- a) o efeito procurado;
- b) a forma;
- c) a observação; e
- d) o grau de previsão entre outras classificações.

2.3.4.2 Quanto ao efeito procurado

- Temos os de regulação, neutralização, destruição, interdição, inquietação e outros efeitos (realizados com munição especial).

2.3.4.3 Quanto à forma:

- a) concentrações,
- b) barragens e
- c) tiros por peça.

2.3.4.4 Quanto à observação:

- a) observados ou
- b) não observados.

2.3.4.5 Quanto ao grau de previsão

- a) previstos; ou
- b) inopinados.

2.3.5 MEIOS DE APOIO DE FOGO ORGÂNICOS

2.3.5.1 O Pel Fuz dispõe dos seguintes meios de apoio de fogo orgânicos:

- a) metralhadoras leves,
- b) metralhadoras médias,
- c) morteiro leves,
- d) lançadores de granada e
- e) lança rojões.

2.3.5.2 A distribuição desse armamento no Pel Fuz é determinada pelo QO do respectivo Btl Inf.

2.3.5.3 Os morteiros têm a capacidade de realizar disparos a partir de posições desafiadas, protegidas das vistas e dos fogos diretos do inimigo. Os alvos apropriados para morteiros são:

- a) Armas coletivas e fuzileiros inimigos, particularmente os que ocupam posições desafiadas;
- b) Alvos-zona, utilizando o tiro com ceifa em profundidade;

- c) Alvos desenhados que, pela DER, não podem ser batidos pela artilharia; e
- d) Postos de observação e seteiras de casamatas (granadas fumígenas).

2.3.5.4 Os fogos de morteiro leve são empregados complementar os fogos dos morteiros da Cia Fuz e do Btl ou quando não houver possibilidade ou disponibilidade de Ap F de artilharia.

2.3.5.5 Os morteiros também podem realizar fogos iluminativos e fumígenos. A principal vantagem do morteiro leve do Pel Fuz em relação aos meios do Esc Sp é a maior rapidez no desencadeamento dos seus fogos.

2.3.5.6 Os lança-rojões têm como alvos prioritários as viaturas blindadas inimigas. Entretanto, poderão ser empregados contra armas coletivas e abrigos, desde que não haja comprometimento de sua missão principal.

2.3.5.7 As metralhadoras constituem um importante meio de Ap F.

- Elas realizam, principalmente, o tiro direto para dar volume de fogo aos Pel Fuz, permitindo sua progressão na direção dos objetivos, ou mesmo o seu retraimento.

2.3.5.8 Os lançadores de granada são empregados contra pequenos grupos de soldados desabrigados ou para atingir o interior de edificações ocupadas pelo inimigo.

2.3.6 MEIOS DE APOIO DE FOGO DO ESCALÃO SUPERIOR

2.3.6.1 O Pel Fuz é apoiado pelas seguintes frações da Cia Fuz:

- a) Seção de Morteiros (Seç Mrt), dotado de morteiros médios; e
- b) Seção de Canhão Sem Recuo (Seç CSR), dotado de CSR 84mm.

2.3.6.2 Também é apoiado pelas seguintes frações do Btl Inf:

- a) Pelotão de Morteiros (Pel Mrt), dotado de morteiros médios ou pesados; e
- b) Pelotão Anticarro (Pel AC), dotado de mísseis anticarro.

2.3.6.3 Ainda pode ser apoiado pelas seguintes unidades e subunidades da Brigada:

- a) Grupo de Artilharia de Campanha, dotado de obuseiros 105mm ou 155mm;
- b) Companhia Anticarro, dotada de mísseis anticarro; e
- c) Esquadrão ou Regimento de Cavalaria, dotados de Viaturas Blindadas de Combate.

2.3.6.4 O Pel Fuz também poderá ser apoiado por outros meios, como fogo naval, apoio aéreo da Aviação do Exército e da Força Aérea.

2.3.6.5 A artilharia de campanha, normalmente, proporciona o grosso do Ap F ao elemento de manobra. É o mais flexível e destrutivo apoio que o Pel Fuz pode dispor.

2.3.6.6 A artilharia de campanha pode realizar fogos com granadas alto-explosivas, com espoleta tempo, iluminativas e fumígenas.

2.3.7 FORMAS DE EMPREGO

2.3.7.1 As formas de emprego mais comuns no âmbito da Cia Fuz são:

- a) ação de conjunto;
- b) apoio direto; e
- c) reforço.

2.3.7.2 As definições das formas de emprego encontram-se no manual C 7-15 COMPANHIA DE COMANDO E APOIO (3ª Edição, 2002).

2.3.8 COORDENAÇÃO DO APOIO DE FOGO

2.3.8.1 Finalidade e responsabilidades

2.3.8.1.1 A coordenação do apoio de fogo é uma atividade que visa obter o melhor rendimento possível dos meios de apoio de fogo, integrado com a execução da manobra do escalão considerado.

2.3.8.1.2 Os fogos e a manobra devem ser sincronizados, cabendo a responsabilidade dessa interação ao comandante de cada escalão.

2.3.8.1.3 O Cmt Cia Fuz é o Coordenador do Apoio de Fogo (CAF) da SU, cabendo-lhe a integração entre os fogos e a manobra.

2.3.8.2 Os princípios de coordenação do apoio de fogo são:

- a) perfeita compreensão da intenção do comandante;
- b) diretrizes de fogos coerentes e precisas;
- c) estabelecimento de medidas de segurança para tropas, aeronaves, embarcações e instalações amigas, preservação de localidades e de não combatentes;
- d) utilização de um sistema comum de designação de alvos;
- e) seleção do meio mais eficaz;
- f) opção pelo meio do menor escalão capaz de executar o apoio de fogo;
- g) avaliação de emprego de todos os meios disponíveis para se definir aquele que engajará o alvo;
- h) seleção do apoio de fogo adequado ao que foi solicitado;
- i) coordenação ágil;
- j) consideração do efeito colateral das munições; e
- k) oportunidade de ataque ao alvo.

2.3.8.3 As definições dos princípios encontram-se no manual MC-5.60 PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DE FOGOS (4ª Edição, 2025).

2.3.8.4 As Medidas de Coordenação do Apoio de Fogo (MCAF) são, normalmente, estabelecidas pelo Cmt Cia Fuz, considerando o planejamento dos Esc Sp.

- As MCAF baseadas no terreno mais comuns no âmbito do Pel Fuz são:

- a) Pontos de Referência de Alvos (PRA);

- b) Linhas de acionamento/suspensão/transporte de fogos;
- c) Linhas de Engajamento Máximo (LEM);
- d) Diagrama de Risco de Superfície (DRS); e
- e) Setores de tiro.

2.3.8.4.1 Ponto de Referência de Alvo (PRA)

- a) É um local facilmente identificado no terreno, utilizado como referência inicial para distribuir e controlar os fogos.
- b) São designados ao longo de prováveis VA, sobre pontos preexistentes no terreno (entroncamentos, pontes, regiões matosas, construções específicas, colina etc) ou lançados pela tropa (painéis, sinalizadores, viaturas destruídas, fumaça gerada por fogos indiretos, etc).
- c) O ideal é que os PRA sejam visíveis em três modos de observação (sem auxílio da luz, com intensificadores de luz e com visão termal) para que os diferentes sistemas de armas possam identificá-los.

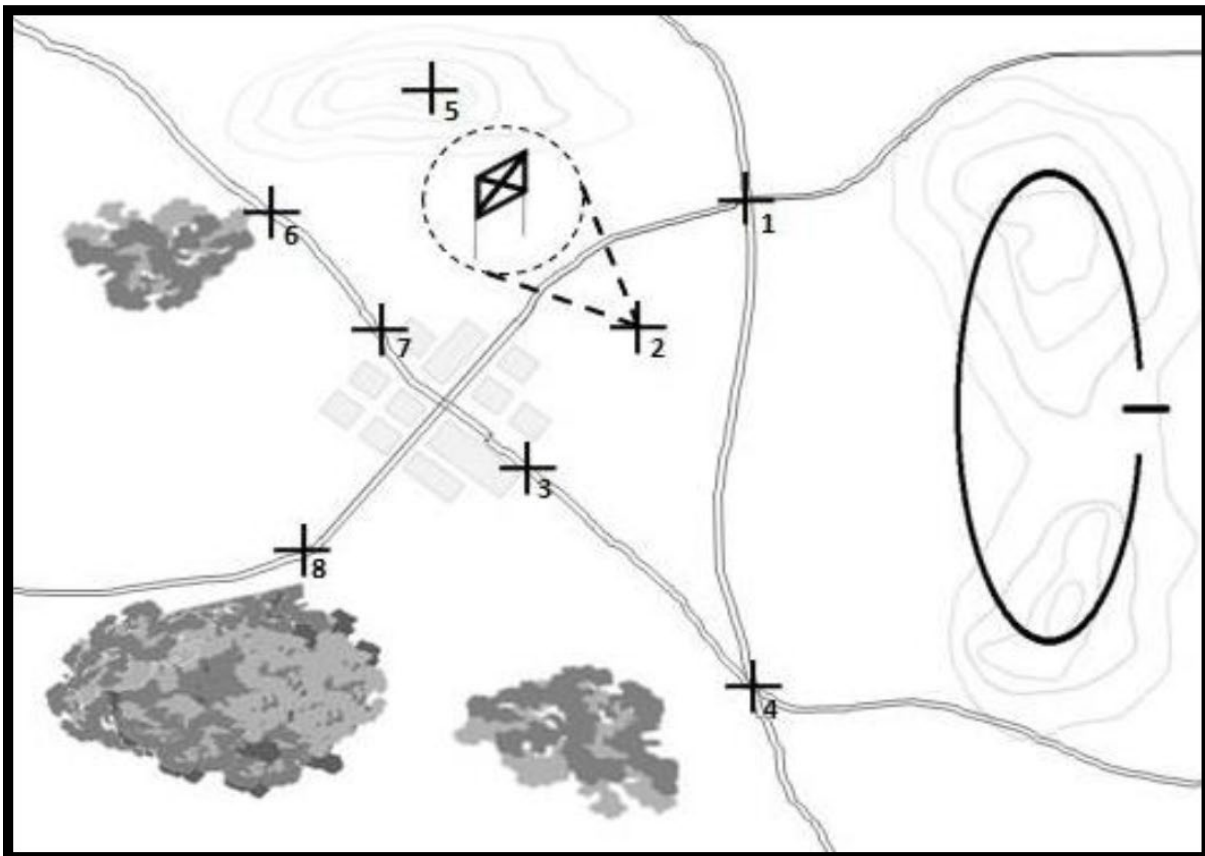


Fig 2-16 - Exemplos de PRA.

2.3.8.4.2 Linhas de acionamento/suspensão/transporte de fogos

- a) São estabelecidas para indicar o momento de iniciar, interromper ou deslocar os fogos quando tropas (amigas ou inimigas) as atingem.
- b) Devem corresponder a acidentes do terreno facilmente identificáveis sob quaisquer condições de visibilidade.

2.3.8.4.3 Linha de Engajamento Máximo (LEM)



Fig 2-17 - Exemplo de LEM.

- a) É a representação linear da máxima distância que uma arma ou fração pode executar um tiro eficaz.
- b) É determinada pelo alcance útil e pelas limitações decorrentes do terreno.
- c) Possui diferentes propósitos, por exemplo:
 - 1) para evitar que frações engajem alvos além do seu alcance útil;
 - 2) para estabelecer gatilhos para o engajamento de alvos; ou, até mesmo,
 - 3) para auxiliar na determinação da extensão de uma Z Aç.

2.3.8.4.4 Diagrama de risco de superfície

- a) É a área determinada para cada calibre e armamento de tiro direto por meio do traçado da direção de tiro com o alcance máximo a ser utilizado, considerando as variações laterais correspondentes aos ângulos e às áreas de dispersão e de ricochete (formando o cone de tiro).
- b) São referências úteis aos comandantes na determinação dos setores e direções de tiro, bem como do momento para o redirecionamento dos fogos em função da manobra de elementos amigos.
- c) Em situação de combate, pode-se tomar as seguintes referências para o tiro com metralhadora:
 - 1) Metralhadora sobre reparo terrestre - a área de dispersão é de aproximadamente 15°, tomando-se como referência o alvo.
 - 2) Metralhadora sobre bipé - a área de dispersão é de aproximadamente 30°, tomando-se como referência o alvo.

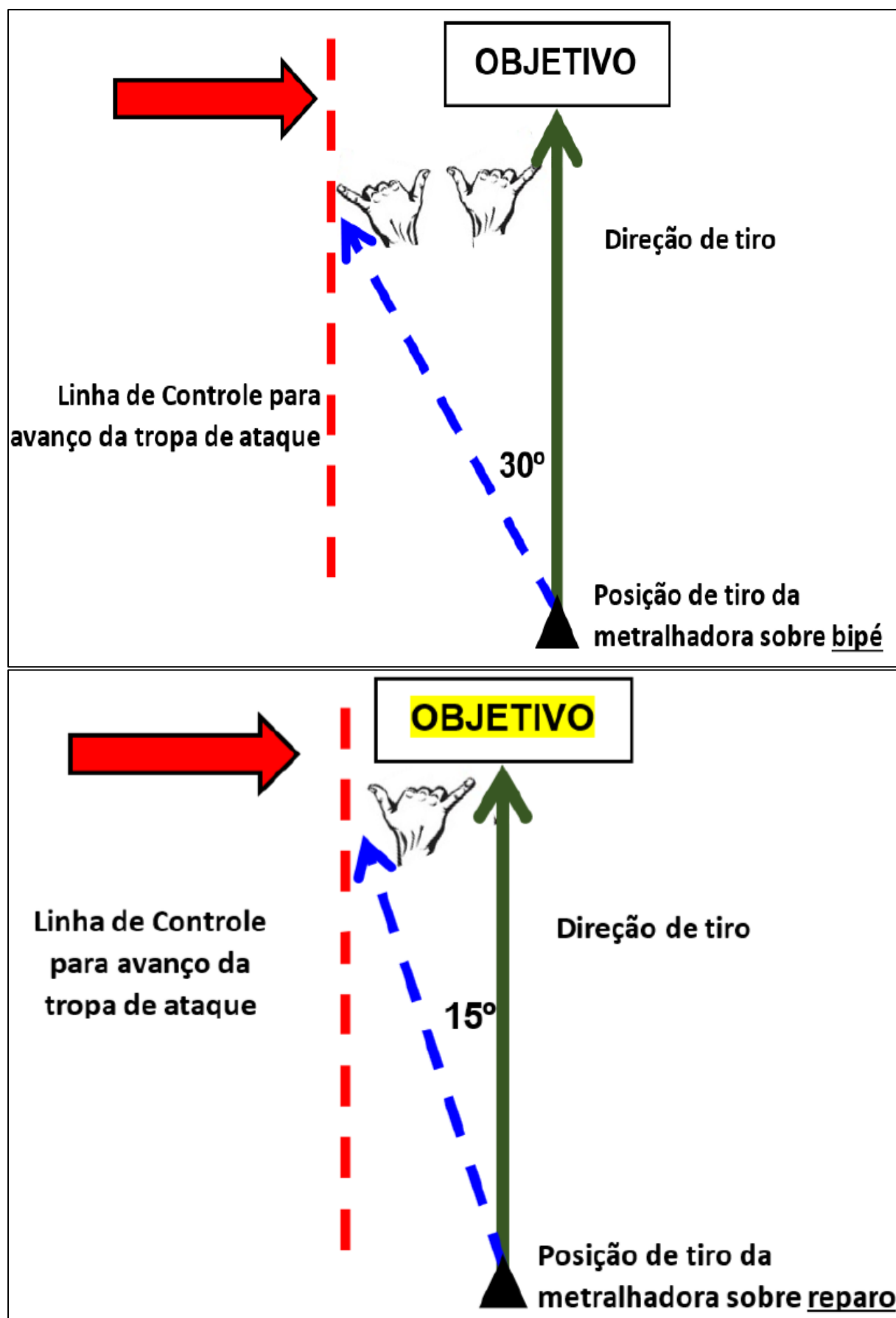


Fig 2-18 - Cálculo expedito da área de dispersão da metralhadora.

2.3.8.4.5 Setor de tiro

- a) É a área atribuída a um Pel Fuz, GC ou guarnição de armamento coletivo, dentro da qual deve engajar os alvos à medida que for estabelecido o contato, de acordo com as prioridades de engajamento estabelecidas.
- b) Cada Cmt atribui setores de tiro a fim de dividir as áreas de responsabilidade das frações, empregando os meios disponíveis de maneira mais efetiva, evitando o fratricídio e diminuindo a redundância ao mínimo necessário.
- c) Deve-se analisar as possibilidades e as limitações de cada armamento para determinar a amplitude e a extensão de um setor de tiro.
- d) Nesse viés, é importante ressaltar que:
 - 1) a observação sem auxílio de equipamentos óticos proporciona amplo campo de visão, porém limitada capacidade de detecção e identificação de alvos à média e longa distância;
 - 2) os dispositivos óticos de observação e pontaria são capazes de detectar e identificar alvos a longas distâncias, porém com campo de visão restrito; e
 - 3) podem ser utilizados diversos métodos para designar setores de tiro (PRA, direção do relógio, quadrantes baseados no terreno e quadrantes baseados no dispositivo da tropa).

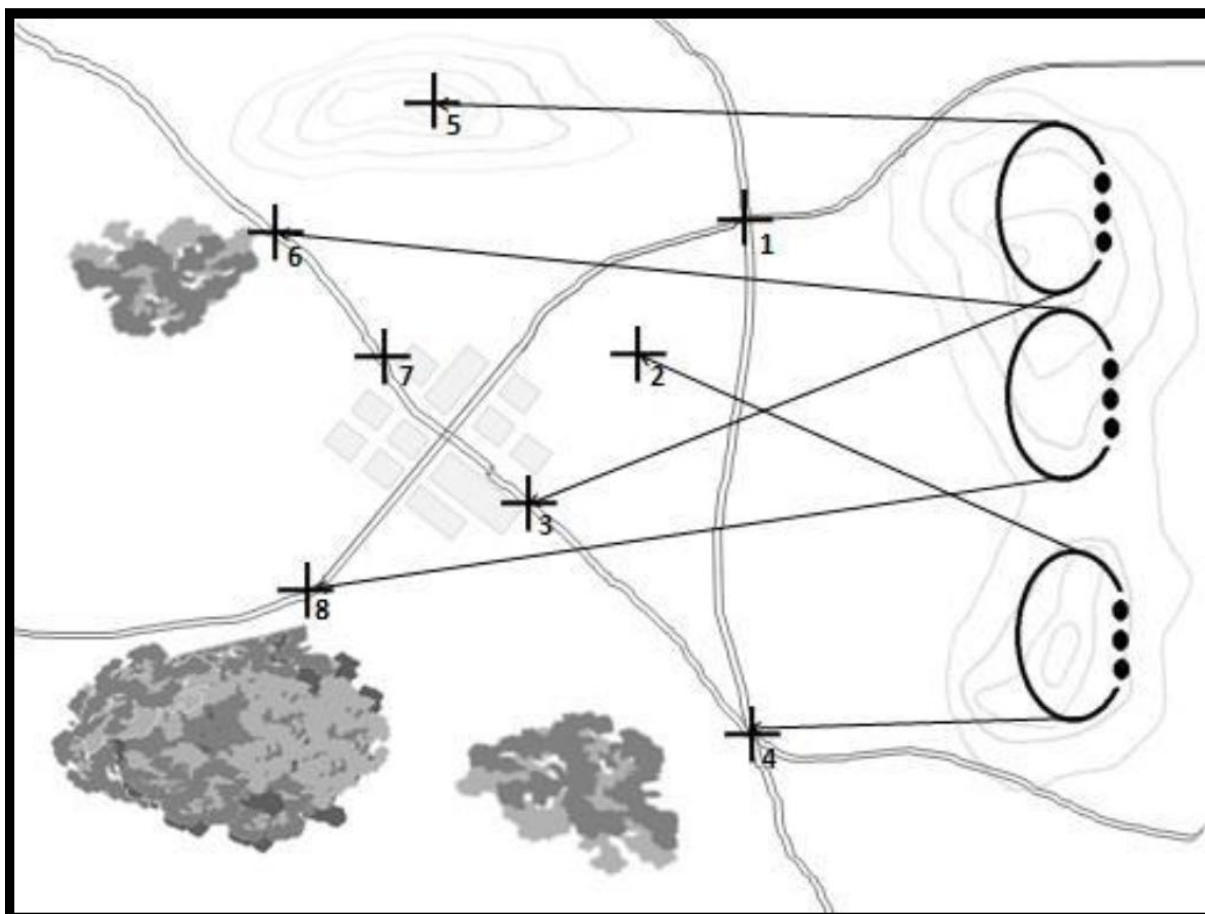


Fig 2-19 - Exemplo de setores de tiro balizados por PRA.

2.3.8.5 As MCAF baseadas na ameaça mais comuns no âmbito do Pel Fuz são:

- a) regras de engajamento;
- b) situação de base;
- c) regime de segurança do armamento;
- d) prescrição para abertura do fogo;
- e) prioridade de engajamento;
- f) técnica de engajamento (execução do fogo);
- g) gatilhos;
- h) direção dos fogos; e
- i) natureza ou dispositivo do inimigo.

2.3.8.5.1 Regras de engajamento

- a) Abordam as circunstâncias e as limitações para emprego da força, determinando o tratamento que deve ser despendido a elementos combatentes e não-combatentes.
- b) Os seguintes fatores influenciam na sua definição:
 - 1) as ordens dos Esc Sp;
 - 2) a missão;
 - 3) a intenção do comandante;
 - 4) o ambiente operacional; e
 - 5) o Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA).

2.3.8.5.2 Situação de base

- a) É uma medida de coordenação de fogos empregada pela Cia Fuz que determina a munição e a distância de engajamento para cada armamento orgânico.
- b) É um meio pelo qual o Cmt Cia Fuz, após o trabalho de comando, especifica a munição e a distância mais provável em que cada armamento engajará o inimigo a fim de antecipar a sua preparação.
- c) A seleção da munição depende do tipo de alvo, dos efeitos desejados e das características técnicas da munição.
- d) A determinação da distância de engajamento é influenciada pelas características técnicas do armamento e da munição, do terreno, do clima e das condições meteorológicas.
- e) A situação de base determina os tipos e as quantidades de munição dos carregadores individuais, cofres de munição, fitas de metralhadoras, munição AC e granadas de bocal e morteiro que estarão de posse dos fuzileiros, bem como a preparação da munição para o remuniamento (a cargo do furriel).

2.3.8.5.3 O regime de segurança do armamento

- a) Permite ao Cmt Pel Fuz e GC controlarem a segurança das armas com precisão.
- b) A fiscalização no âmbito da tropa minimiza o risco de disparo acidental e fratricídio.
- c) Normalmente são estabelecidos pelo Cmt Cia Fuz.
- d) Os regimes são:
 - 1) armamento carregado;
 - 2) armamento travado;
 - 3) armamento preparado; e
 - 4) armamento limpo.

SITUAÇÃO	REGIME	ARMAMENTO
Tropa estacionada fora da zona de combate	Limpo	- Fz sem carregador. - Mtr descarregadas. - Carregadores, cofres e fitas desmuniadas. - Lç Gr descarregados. - Toda a munição armazenada nos cunhetes adequados.
Contato remoto com o inimigo	Preparado	- Fz sem carregador. - Carregadores no fardo aberto. - Mtr descarregadas. - Cofres e fitas muniadas, armazenadas nas bolsas de transporte. - Lç Gr descarregados. - Granadas de bocal, morteiro e CSR nos cunhetes adequados.
Contato pouco provável	Travado	- Fz alimentados (com o carregador muniado, porém sem a munição na câmara). - Mtr alimentadas com o conjunto à frente (arma fechada). - Lç Gr descarregados. - Granadas de bocal, morteiro e CSR nos fardos de combate (fácil acesso), com grampos e pinos de segurança.
Contato iminente com o inimigo	Carregado	- Fuzis carregados e travados. - Mtr alimentadas com conjunto à retaguarda (arma aberta) e o registro de segurança na posição "S". - Lançador de Gr carregado e travado. - Granadas de bocal, morteiro e CSR nos fardos de combate (fácil acesso), com grampos e pinos de segurança.

Tab 2-2 - Exemplo de regime de segurança do armamento.

2.3.8.5.4 Prescrição para abertura do fogo

- São os níveis de disciplina que descrevem as condições, com base em critérios de identificação de alvos, sob as quais o Pel Fuz engaja os alvos.
- O Cmt Cia Fuz define e ajusta a prescrição do fogo com base nos fatores da decisão.
- De modo geral, quanto maior a probabilidade de fratricídio, mais restritiva é a prescrição.
- Os três níveis, em ordem decrescente de restrição, são:
 - fogo proibido - engajar apenas com ordem do escalão que impôs a restrição;
 - fogo restrito - engajar somente após ter realizado a identificação positiva de alvos e ter obtido autorização do escalão que impôs a restrição; e
 - fogo livre - engajar somente após realizar a identificação positiva de alvos.

2.3.8.5.5 O Cmt Cia Fuz deve estabelecer uma prioridade de engajamento, a qual pode ser detalhada no Pel Fuz, e pode seguir uma ou mais das funções:

- priorizar AAC
 - De acordo com o conceito da operação, o Cmt Cia Fuz determina quais tipos de alvo são mais prioritários. Para isso, devem ser levadas em conta a importância e a

urgência de cada alvo.

2) A importância refere-se ao grau de interferência que um alvo tem capacidade de provocar nas operações.

3) A urgência diz respeito ao grau de rapidez com que determinado alvo deve ser engajado antes que possa interferir nas operações. Por exemplo, ele pode priorizar e destruir uma fração de engenheiros inimigos, pois é a melhor maneira de impedir que o inimigo ultrapasse obstáculos.

b) empregar a destinação correta do armamento para cada alvo

1) Ao estabelecer prioridades de engajamento, aumenta-se a eficácia com a qual as frações empregam suas armas.

2) Como exemplo, a prioridade de engajamento da Seç AC/Pel Ap são os CC inimigos, enquanto dos lança-rojão são as VBTP.

3) Isso diminui a chance de os fuzileiros engajarem os CC com lança-rojões, menos eficazes que os CSR.

c) distribuir os fogos da Cia Fuz

1) Estabelecer prioridades de engajamento para cada fração da Cia Fuz evita o desperdício de meios para neutralizar um alvo.

2) Por exemplo, o Cmt Cia Fuz pode designar as metralhadoras inimigas como prioridade inicial para o 1º Pel Fuz, enquanto atribui os lança-rojões e CSR como prioridade para o 2º Pel Fuz.

3) Isso evita que ambos os pelotões concentrem fogo apenas nas posições de metralhadoras, ignorando a ameaça dos lança rojões e CSR que podem bater posições abrigadas e fuzileiros.

2.3.8.5.6 Gatilhos

a) São condições predeterminadas que autorizam automaticamente o início, a suspensão ou o transporte dos fogos, sem necessidade de ordem adicional no momento da execução.

b) Também denominados critérios de engajamento, especificam as circunstâncias precisas nas quais os Pel Fuz devem engajar, cessar ou deslocar seus fogos sobre determinado alvo.

c) Os gatilhos podem ser estabelecidos com base em:

1) Ações inimigas: movimento, concentração ou atividade específica do oponente;

2) Ações amigas: progressão, sinalização ou manobra de elementos amigos; e

3) Fatores temporais: horários ou intervalos predefinidos.

2.3.8.5.7 Técnicas de engajamento (execução do fogo)

a) São medidas de distribuição de fogos orientadas a cada circunstância.

b) As técnicas de engajamento mais comuns nas operações do Pel Fuz são:

1) Tiro convergente

(a) Concentrar os efeitos do fogo de uma fração contra alvo específico e identificado, como blindado, metralhadora em uma casamata ou posição de armas AC.

(b) Quando os Cmt designam um ponto específico, todas as armas engajam o alvo, disparando até que este seja destruído ou o tempo necessário de supressão tenha expirado.

(c) Empregar fogos convergentes de posições afastadas tornam os fogos mais eficazes, pois o alvo é engajado por várias direções.

(d) A fração deve iniciar o engajamento contra a ameaça mais perigosa e depois reverter para fogo de zona contra outros alvos menos perigosos.

2) Tiro de zona

(a) Envolve a distribuição dos fogos de uma fração sobre área na qual as Pos Ini são numerosas.

(b) Se a área for grande, os comandantes atribuem setores de tiros aos elementos subordinados usando método de distribuição baseado no terreno, como a técnica de quadrante.

(c) Normalmente, o objetivo principal no tiro de zona é o volume de fogos.

(d) No entanto, sustentar essa técnica requer criterioso controle do consumo de munição.

3) Tiro simultâneo

(a) As tropas empregam fogo simultâneo para obter rapidamente os efeitos de seus fogos ou para obter superioridade de fogos.

(b) O fogo simultâneo é empregado para suprimir a baixa probabilidade de acerto e destruição das armas AC.

(c) Como exemplo, um Pel Fuz deve empregar fogo simultâneo com seus sistemas de armas para garantir a destruição rápida de uma tropa inimiga que está ocupando um acidente capital.

4) Tiro alternado

(a) Pares de elementos engajam, um de cada vez, continuamente, o mesmo ponto ou área. Por exemplo, uma Cia Fuz pode alternar fogos de dois Pel Fuz.

(b) O tiro alternado permite um volume de fogos mais longo e força o inimigo a se engajar em diversos pontos.

5) Reconhecimento pelo fogo

(a) É uma técnica na qual uma fração dispara em uma provável posição do inimigo com finalidade de revelá-lo, pela sua movimentação no terreno ou sua reação pelo fogo.

(b) Essa resposta permite que a Cia Fuz faça a aquisição dos alvos e atire contra o inimigo.

(c) Normalmente, o comandante determina um elemento subordinado para conduzir o reconhecimento pelo fogo, enquanto outro realiza a observação e o engajamento dos alvos.

2.3.8.6 Mais detalhes sobre medidas de coordenação de fogos encontram-se nos seguintes Manuais de Campanha de Cadernos de Instrução MC-5.60 PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DE FOGOS (4ª edição, 2025), EB70-MC-10.376 FORÇAS-TAREFAS SUBUNIDADES BLINDADAS (1ª edição, 2021) e Caderno de Instrução CI 3.7-100 - Companhia de Fuzileiros (1ª edição, 2025).

2.3.9 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DOS FOGOS INDIRETOS

2.3.9.1 Plano de fogos da Cia Fuz

- O Cmt Pel Fuz deve interpretar o plano de fogos da Cia Fuz durante o Trabalho de Comando. Deve considerar especialmente a prioridade de fogos e as MCAF estabelecidas, concluindo sobre os impactos para a manobra do pelotão.

2.3.9.2 Caso seja demandado, o Cmt Pel Fuz pode auxiliar o trabalho de levantamento de alvos do Centro de Coordenação do Apoio de Fogo (CCAF) da SU.

2.3.9.3 O Cmt Pel Fuz verifica quais são as concentrações e as barragens (morteiro e artilharia) localizadas na porção do terreno sob sua responsabilidade, ficando em condições de solicitar seu desencadeamento durante o combate.

2.3.9.4 Pedidos de apoio de fogo de artilharia e morteiros

- Normalmente os Pel Fuz realizam os pedidos de apoio de fogo de artilharia e morteiros diretamente ao CCAF/SU em que, assessorado pelo OA Art, o Cmt Cia Fuz decidirá pela melhor linha de ação para atendimento do pedido.

2.3.9.5 Nas operações estáticas

- Quando existem MCAF permissivas que autorizem o livre desencadeamento de fogos em determinada zona, sem a necessidade de coordenação, o Cmt Pel Fuz pode empregar sua peça Mrt L para bater os alvos existentes desde que não vá de encontro às Dtz de fogos estabelecida pelo Cmt Cia Fuz.

Exemplo:

- O 1º Pel Fuz encontra-se em um núcleo defensivo de 1º escalão e existe uma MCAF permissiva que autoriza tiro à frente do LAADA sem coordenação.
- O Cmt 1º GC identifica uma metralhadora inimiga dentro do alcance do Mrt L e solicita fogo.
- O Cmt Pel Fuz autoriza o fogo imediato, sem necessidade de autorização ou coordenação com a Cia Fuz.

2.3.9.6 Nas operações dinâmicas

2.3.9.6.1 É mais comum que o Mrt L seja empregado somente quando os outros meios de apoio de fogo indiretos estejam indisponíveis e o tiro seja autorizado pelo Cmt Cia Fuz.

2.3.9.6.2 Essa prescrição é importante para garantir a coordenação dos fogos e mitigar o risco de fratricídio.

Exemplo:

- O 2º Pel Fuz transpôs a LP e está em movimento na direção do objetivo.
- O Cmt Pel identifica uma casamata de metralhadora inimiga realizando fogo sobre os fuzileiros e solicita apoio ao CCAF/SU.
- O Cmt Cia Fuz responde que as frações de apoio de fogo estão indisponíveis no momento e autoriza a imediata realização do tiro pelo Mrt L do Pel Fuz.

2.3.9.7 Lista de alvos

2.3.9.7.1 Assim, é interessante que a Pç Mrt L adicione em sua lista de alvos todas as concentrações presentes nos planos de fogos de morteiro do escalão superior (verificadas as condições técnicas do material).

2.3.9.7.1 O Cmt Pel Fuz deve planejar as posições de desdobramento da Pç Mrt L, em todas as fases da missão, com assessoramento do Cmt Gp Ap.

2.3.9.8 Os tipos de posições ocupadas pela Pç Mrt L são:

- a) posição principal de tiro
 - Posição da qual a Pç Mrt L cumpre em melhores condições sua missão principal.
- b) posição de muda
 - Posição da qual a Pç Mrt L também pode executar sua missão principal, caso a posição principal seja comprometida, ou se deseje obter maior segurança; e
- c) posição suplementar
 - Posição da qual a Pç Mrt L pode executar missões de tiro que não podem ser cumpridas das posições principais ou de muda.

2.3.9.9 As posições devem buscar atender aos seguintes requisitos:

- a) assegurar o desenfiamento e a ocultação, evitando a observação aérea e os tiros diretos do inimigo;
- b) permitir o estabelecimento de enlaces de comunicação entre o Ch Pç, o Cmt Gp Ap e o Cmt Pel Fuz;
- c) possuir solo firme para suportar a placa-base;
- d) estar próximo a bons itinerários, trilhas ou estradas que facilitem as mudanças de posição e a manutenção do fluxo logístico, inclusive com viaturas;
- e) aproveitar a segurança fornecida por outras tropas;
- f) não interferir na manobra;
- g) estar próximo a locais que ofereçam postos de observação;
- h) permitir o máximo aproveitamento do alcance do morteiro nos seus limites máximo e mínimo; e
- i) não ser referenciada por pontos notáveis.

2.3.9.10 As posições de tiro devem distar, no mínimo, 200 metros uma da outra.

2.3.9.11 O planejamento dos fogos indiretos será materializado pela seguinte documentação:

- a) Lista de alvos, contendo o número da concentração, coordenadas, natureza do alvo, dimensão do alvo, efeito e hora do desencadeamento;
- b) Calco de alvos; e
- c) Diretrizes de fogos (incluída na ordem de operações), contendo a prioridade de fogos, os fogos previstos, as listas de AAC e as Listas de Alvos Sensíveis, Restritos e Proibidos (LASRP) e as posições da Pç Mrt L em todas as fases da manobra.

2.3.10 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DOS FOGOS DIRETOS

2.3.10.1 A destruição ou a neutralização do inimigo por meio do emprego dos fogos diretos é fundamental no combate aproximado.

- Esses fogos devem ser planejados, coordenados e controlados, de modo que resultem em eficaz distribuição e/ou concentração de seus efeitos, de acordo com a situação.

2.3.10.2 O processo de planejamento, coordenação e controle dos fogos diretos é composto pelas seguintes etapas que visam à aquisição eficaz de alvos e à concentração dos fogos:

- a) identificar as prováveis posições ou VA do inimigo;
- b) determinar o local e a maneira de explorar o efeito dos fogos, por meio de MCAF;
- c) orientar as forças envolvidas quanto ao planejamento estabelecido; e
- d) reorientar e redistribuir o efeito dos fogos.

2.3.10.3 A essência do processo de planejamento, coordenação e controle dos fogos diretos reside em duas ações críticas:

- a) a aquisição rápida e a precisa de alvos; e
- b) a concentração dos fogos para obtenção dos efeitos desejados.

2.3.10.4 O planejamento, a coordenação e o controle dos fogos diretos deve considerar os seguintes princípios:

- a) concentrar os efeitos dos fogos;
- b) priorizar na sequência a ameaça mais letal, a mais fugaz e a mais próxima;
- c) evitar múltiplo engajamento sobre o mesmo alvo;
- d) empregar cada arma em sua melhor destinação;
- e) expor apenas o necessário;
- f) prevenir o fratricídio e os danos colaterais;
- g) planejar para situações de visibilidade reduzida; e
- h) planejar para situações de emprego dos sistemas de armas em modo degradado.

2.3.10.5 Metralhadora média

2.3.10.5.1 O Cmt Pel Fuz deve planejar as posições de tiro das metralhadoras em todas as fases da missão considerando, inicialmente, se as empregará isoladamente ou como seção.

2.3.10.5.2 Normalmente, o emprego em seção é preferível, pois assegura maior coordenação e controle do Cmt Gp Ap sobre as metralhadoras, bem como continuidade dos fogos sobre os alvos.

2.3.10.5.3 Assim como para a Pç Mrt L, devem ser planejadas as posições principal, de muda e suplementar.

2.3.10.5.4 As posições de metralhadora devem buscar atender aos seguintes requisitos:

- a) permitir o fogo em todo ou na maior parte do setor de tiro designado pelo Cmt Cia Fuz;
- b) não interferir na manobra, considerando, para isso, o DRS;
- c) permitir o máximo aproveitamento da rasância e flanqueamento;
- d) permitir o aproveitamento do alcance máximo da metralhadora;
- e) estar próximo a itinerários desenhados que facilitem as mudanças de posição; e
- f) não ser referenciada por pontos notáveis.

2.3.10.6 Metralhadora leve

2.3.10.6.1 Normalmente o emprego das metralhadoras leves é atribuição do Cmt GC.

2.3.10.6.2 Os atiradores de metralhadora leve se posicionam junto a suas esquadras, assegurando o apoio de fogo mais cerrado ao GC.

2.3.10.6.3 Nas Op Def, o fogo é planejado dentro do setor de tiro do GC.

2.3.10.7 Lança-rojão

2.3.10.7.1 Normalmente o emprego dos lança-rojões leves é atribuição do Cmt GC.

2.3.10.7.2 Os fuzileiros encarregados de conduzir lança-rojão se posicionam junto a suas esquadras, assegurando a proteção AC mais cerrada ao GC.

2.3.10.7.3 As posições de tiro de lança-rojão devem buscar atender aos seguintes requisitos:

- a) assegurar a execução do tiro direto sobre os alvos ou setor de tiro designados;
- b) permitir tiro de flanco nas VA para blindados.
- c) permitir o máximo aproveitamento do alcance dos CSR;
- d) não ser referenciada por pontos notáveis; e
- e) permitir a execução técnica do tiro (inexistência de obstáculos ou tropa amiga à retaguarda).

2.3.10.8 O planejamento dos fogos diretos será materializado pela seguinte documentação:

- a) Cartão de alcance das metralhadoras e lança-rojões;
- b) Roteiros dos GC; e
- c) Roteiro do Pel (MODELOS ANEXOS).

2.4 PROTEÇÃO

2.4.1 AUTODEFESA ANTIAÉREA

2.4.1.1 As características do campo de batalha atual aumentaram a necessidade de potencializar a resiliência das frações de fuzileiros contra ameaças aéreas, seja elas aeronaves tripuladas ou remotamente tripuladas.

2.4.1.2 As aeronaves inimigas podem realizar ataque direto contra o Pel Fuz ou atuar como meio de vigilância e reconhecimento. Em ambas situações, colocam em risco a integridade do Pel Fuz e o cumprimento da missão.

2.4.1.3 Cabe ao Cmt Pel Fuz, alinhado ao planejamento dos Esc Sp, estabelecer e fiscalizar as medidas passivas e ativas de autodefesa antiaérea da fração, em quaisquer tipos de operação.

2.4.1.4 As medidas de autodefesa antiaérea, individuais e coletivas, aplicam-se a

qualquer situação tática na qual há informação fornecida pelo Esc Sp quanto à presença e operação de aeronaves inimigas, uma vez que nem sempre a fração considerada estará coberta por Defesa Antiaérea ou por quaisquer outros meios de defesa ativa Anti-SARP.

2.4.1.5 Não existe uma solução única, exclusiva e final para combater as aeronaves inimigas, especialmente os SARP.

2.4.1.6 É recomendável o treinamento de todos os integrantes do Pel Fuz para a identificação de ameaças aéreas.

2.4.1.7 Medidas passivas

2.4.1.7.1 Nem todas as ações inimigas requerem o fogo para derrotar a ameaça aérea. Existem diversas medidas passivas que permitem diminuir os riscos e/ou mitigar os danos de uma ação aérea do inimigo.

2.4.1.7.2 Devem ser escalados vigias do ar, na dosagem mínima de 1 (um) por GC, a fim de manter a vigilância contínua durante deslocamentos e estacionamentos. Esses militares devem estar atentos aos ruídos e objetos que se movem no céu.

2.4.1.7.3 A dispersão torna a tropa um alvo mais difícil. A adoção do correto distanciamento entre os soldados nas formações, deslocamentos ou estacionamentos pode confundir as tripulações inimigas, que serão forçados a tomar decisões como ter de escolher quais viaturas, indivíduos ou posições observar ou engajar, ou sobre quais coordenadas irá solicitar fogos indiretos.

2.4.1.7.4 A correta camuflagem, principalmente de viaturas e instalações, dificulta sobremaneira sua identificação. Quanto menos retilínea for a silhueta de um meio de emprego militar que esteja camuflado no terreno, menor a probabilidade de ser detectado. Instalações inteiras, Vtr e meios diversos como antenas e equipamentos devem contar com elementos de camuflagem que quebrem seu contorno e sua forma.

2.4.1.7.5 A camuflagem inclui a diminuição da assinatura térmica, a qual pode ser alcançada das seguintes formas:

- a) Os combatentes devem cobrir o máximo possível a pele, inclusive as mãos, o pescoço e a cabeça;
- b) Máxima redução do tempo de funcionamento dos motores das viaturas, inclusive nos altos durante os deslocamentos; e
- c) Utilização de redes de camuflagem sintéticas multiespectrais, que além de mascarar a assinatura radar dos meios que camufla, também é capaz de reduzir sua assinatura térmica.

2.4.1.7.6 Antes de abandonar cobertas e/ou abrigos, é crucial que a tropa faça uma pausa de no mínimo 2 (dois) minutos para observação aérea, o que caberá ao vigia do ar ou a qualquer outro militar em condições de fazê-lo.

- Nesse momento, deverão ser cessados todos os ruídos, a fim de facilitar a detecção das ameaças. Essa medida visa amenizar os riscos de um possível contato fortuito com SARP inimigo no processo de desocupação de posições abrigadas.

2.4.1.7.7 O Pel Fuz deve evitar operar próximo a pontos nítidos no terreno, como edificações, antenas, entroncamentos de estradas ou objetos naturais proeminentes, uma vez que podem servir como referências para um operador de SARP ou Guia Aéreo Avançado Ini direcionar fogos na posição onde encontra-se a tropa. Quando possível, os itinerários de progressão devem desbordar pontos nítidos.

2.4.1.7.8 É de extrema importância que os militares no terreno obedeçam à disciplina de luzes. O mesmo se aplica para a redução da emissão de brilhos no período diurno. Para isso, devem ser tomadas medidas que reduzam o brilho no armamento, equipamento e viaturas, tais como:

- a) Uso de coifas nos capacetes;
- b) Uso de cobertura nos óculos de proteção, relógios e lanternas; e
- c) Uso de proteção nos vidros, retrovisores, lanternas e faróis das viaturas.

2.4.1.7.9 O pessoal treinado nas técnicas de observação aérea pode ser capaz de deduzir a localização de uma tropa por meio da identificação de marcas de pneus ou lagartas no solo. Como medida passiva, a tropa poderá mascará-las ou criar marcas alternativas, visando confundir o inimigo. Uma outra técnica simples consiste na amarração de múltiplos galhos densos de árvores na parte traseira das viaturas, de forma que os mesmos mascarem os rastros deixados por pneus ou lagartas conforme a viatura se movimenta.

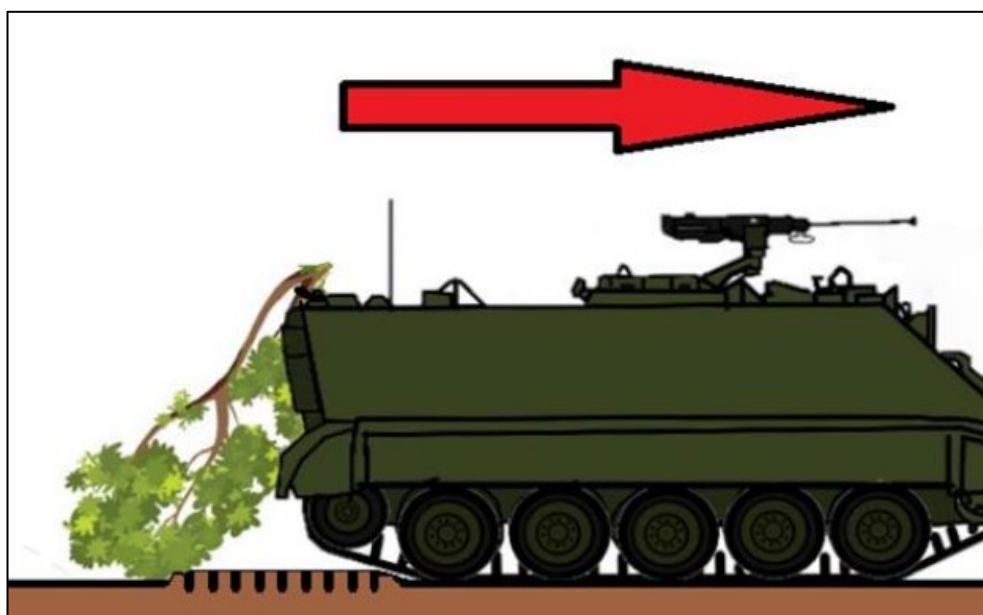


Fig 2-20 - Exemplo de uso de vegetação para mascarar rastro de viatura.

2.4.1.7.10 O Pel Fuz deve buscar ao máximo operar coberto das vistas aéreas, seja com o uso de redes de camuflagem sintéticas multiespectrais, cobertura vegetal ou, em caso de tratar-se de ambiente urbano, algum local coberto por teto, telhados ou à retaguarda de edifícios no sentido contrário à direção do Ini.

2.4.1.7.11 Abrigos individuais, casamatas e posições fortificadas devem ser cobertos com vegetação similar à de suas adjacências, de modo a dificultar sua detecção quando vistas do alto. Seus acessos devem ser protegidos com telas ou redes, uma vez que os

SARP Catg 0 e 1 são extremamente manobráveis, a ponto de conseguirem descobrir brechas nessas estruturas para nelas adentrar e explodirem-se em seu interior.

2.4.1.7.12 As Anv podem ser equipadas com sensores para captar emissões eletromagnéticas, logo medidas de controle de emissão eletromagnéticas devem ser tomadas. Outra fonte de emissão de sinal são os telefones celulares, *smartwatches* e fones sem fio.

- As medidas de proteção eletrônica, o uso de sistemas de comunicação físicos e a disciplina de uso de equipamentos eletrônicos devem ser adotados como medidas, também, de autodefesa antiaérea.

2.4.1.7.13 A instalação de grades ou telas, mesmo que improvisadas, sobre as viaturas pode aumentar a capacidade de interceptar fisicamente quaisquer SARP inimigos antes da detonação de sua carga em seu interior (ou mesmo de sua auto explosão, no caso de sistemas de munições remotamente pilotadas, ou SMRP, conhecidos como *drones* kamikazes). Quando em posição estática, pode-se envolver as viaturas com malhas similares a redes de pesca.



Fig 2-21 - Grades e telas improvisadas instaladas como barreiras Anti-SARP em viaturas blindadas.

2.4.1.7.14 Se forem avistadas aeronaves inimigas ou não identificadas, o primeiro soldado a avistá-las dará o alerta da seguinte forma:

“ALERTA, AVIÃO!”,

“ALERTA, HELICÓPTERO!”,

“ALERTA, SARP!”...

2.4.1.7.15 Diante do alerta, os Cmt fração emitem ordem a todos os elementos para que sigam individualmente em direções diferentes, na busca de cobertura contra a ameaça aérea. Caso não haja cobertura, os militares devem se deitar e congelar. Qualquer fonte de iluminação deve ser desativada de imediato.

2.4.1.7.16 No caso de o pelotão estar em marcha por estrada, os fuzileiros e as viaturas devem abandonar seu leito, buscando abrigo ou coberta, ou deitando-se nas margens e permanecendo imóveis.

2.4.1.7.17 Imediatamente, o Cmt Pel Fuz deve informar ao Esc Sp a presença de Anv inimiga, relatando os seguintes dados:

- a) Quem observou;
- b) Grupo data-hora;
- c) Método de detecção (visão, audição, optrônicos...);
- d) Localização do observador;
- e) Tipo e quantidade de aeronaves;
- f) Atividade da(s) aeronave(s);
- g) Características da(s) aeronave(s) (carga externa, cor, tamanho...);
- h) Altitude da aeronave;
- i) Direção de deslocamento;
- j) Outras informações consideradas úteis; e
- k) Ações realizadas pela tropa.

2.4.1.7.18 Deve ser buscada, junto ao Esc Sp, a confirmação se a Anv avistada é amiga ou inimiga. A Anv não deve ser engajada pelo fogo, exceto quando houver ameaça à vida da tropa ou ordens do Cmt Cia Fuz para fazê-lo.

2.4.1.7.19 O Cmt Pel Fuz deve esclarecer a situação e continuar o monitoramento, utilizando os vigias do ar. Caso necessário, a fração pode mover-se para uma área com cobertura densa ou fora da área engajada.

2.4.1.7.20 Após analisar os fatores da decisão, e mediante autorização do Cmt Cia, o Pel Fuz prossegue na missão.

2.4.1.7.21 Mais detalhes sobre as medidas passivas contra SARP estão disponíveis no Manual Técnico EB70-MT-11.458 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE DEFESA ANTI-SARP (Edição experimental, 2025).

2.4.1.8 Medidas ativas

2.4.1.8.1 A autodefesa ativa é realizada empregando o máximo volume de fogo de todo o armamento leve do Pel Fuz.

2.4.1.8.2 Normalmente, constituem alvo aéreo para o Pel Fuz os helicópteros, os aviões movidos à hélice e os SARP, sempre que estiverem voando à baixa altura, dentro do alcance do armamento orgânico.

2.4.1.8.3 O volume de fogo é fator fundamental para uma eficaz autodefesa antiaérea, pois possibilitará lançar uma grande quantidade de projéteis no trajeto da aeronave hostil, danificando-a ou obrigando o piloto a mudar sua rota.

- Para isso, todos os fuzileiros devem atirar tão rápido quanto possível, sobre o mesmo ponto.

2.4.1.8.4 Mais detalhes sobre a técnica de pontaria e outros aspectos relacionados ao tiro de armamento leve contra aeronaves estão disponíveis no Manual de Campanha C 21-74 INSTRUÇÃO INDIVIDUAL PARA O COMBATE (2ª edição, 1986).

2.4.1.8.5 O fogo de fuzis e metralhadoras contra SARP de pequeno tamanho tem sua eficiência bastante reduzida, dado o pequeno tamanho do alvo, o alcance limitado dos tiros e a probabilidade de vários disparos serem necessários para um acerto decisivo. O tiro de espingardas calibre 12 com *Mun birdshot* ou *buckshot* é mais eficaz.

2.4.1.8.6 Mais detalhes sobre as medidas ativas contra SARP estão disponíveis no Manual Técnico EB70-MT-11.458 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE DEFESA ANTI-SARP (edição experimental, 2025).

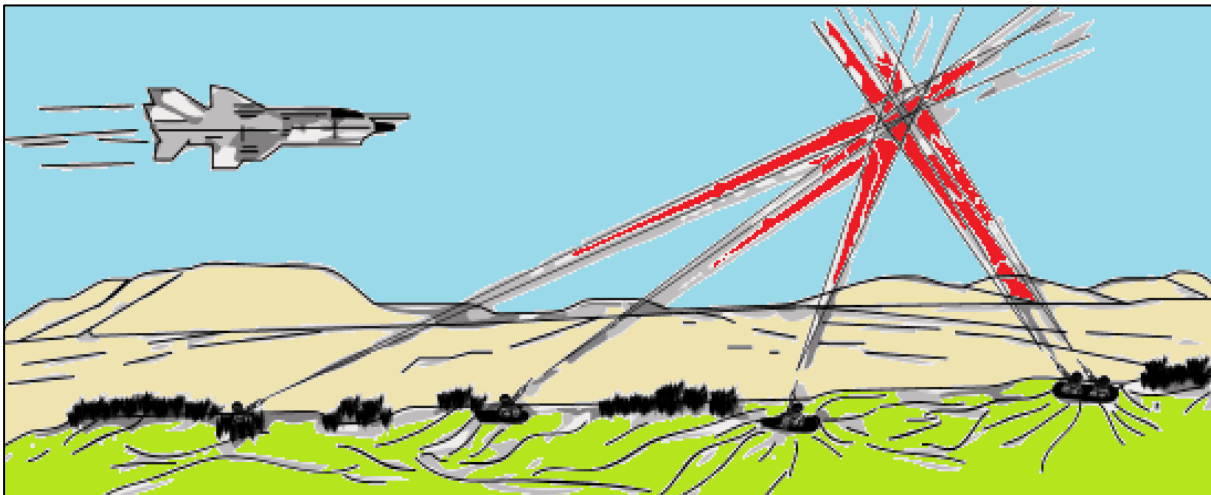


Fig 2-22 - Autodefesa antiaérea.

2.4.1.9 Conduas com SARP abatido

2.4.1.9.1 Ao localizar SARP inimigo abatido, a tropa deverá abster-se de ir recolhê-lo impulsivamente. É necessário pressupor, por segurança, que o *drone* carrega consigo algum tipo de artefato explosivo que poderá ameaçar a vida do comandante e sua tropa.

2.4.1.9.2 Dessa forma, o local de pouso ou queda do SARP deverá ser evadido e isolado.

2.4.1.9.3 O mesmo procedimento relativo ao contato com artefatos explosivos improvisados deve ser adotado, com foco nos informes ao Esc Sp e controle da área.

2.4.2 AUTODEFESA ANTICARRO

2.4.2.1 A mobilidade, proteção blindada e potência de fogo dos Carros de Combate (CC) e demais Veículos Blindados de Combate (VBC) os torna uma grande ameaça ao Pel Fuz. O treinamento e o conhecimento das medidas de autodefesa anticarro aumentam a capacidade de proteção da fração contra essa ameaça.

2.4.2.2 Medidas passivas

2.4.2.2.1 Todas as medidas de dispersão e camuflagem empregadas contra aeronaves são igualmente aplicáveis na autodefesa anticarro, devendo-se adaptar as técnicas à perspectiva de observação terrestre característica dos carros de combate, considerando os diferentes ângulos de visada, alcances de engajamento e assinaturas detectáveis no ambiente de combate terrestre.

2.4.2.2.2 Quando o Pel Fuz ocupa uma posição estática, o Cmt deve realizar estudo detalhado do terreno adjacente, identificando os corredores de mobilidade favoráveis ao deslocamento de blindados que convergem para sua posição. Nesses locais deve ser empregado o máximo de obstáculos disponíveis para bloquear, dissociar, fixar ou canalizar o movimento dos blindados inimigos, priorizando os pontos de estrangulamento natural do terreno.

2.4.2.2.3 Os lança-rojões do Pel Fuz devem ocupar posições previamente selecionadas que permitam executar tiros junto aos obstáculos, explorando a vulnerabilidade momentânea dos blindados durante a redução de velocidade, paradas para reconhecimento e manobras evasivas impostas pelos obstáculos.

2.4.2.2.4 Em uma situação dinâmica, o Cmt Pel Fuz deve distribuir os lança-rojões no dispositivo da fração de forma a garantir uma defesa AC adequada ao terreno e às capacidades do inimigo.

2.4.2.3 Medidas ativas

2.4.2.3.1 Ao identificar a aproximação de blindados inimigos, o primeiro militar a avistá-los deve dar o alerta da seguinte forma:

“ALERTA, CARRO!”.



Fig 2-23 - Fuzileiro furtando-se ao esmagamento.

2.4.2.3.2 Diante do alerta, os Cmt fração emitem ordem a todos os elementos para que fujam à observação inimiga e se abriguem em locais inacessíveis aos carros, como as tocas ou outros abrigos estreitos e profundos, como valas e trincheiras.

2.4.2.3.3 No caso de o pelotão estar em marcha por estrada, os fuzileiros e as viaturas devem abandonar seu leito, buscando abrigo ou coberta.

2.4.2.3.4 Imediatamente, o Cmt Pel Fuz deve informar ao Esc Sp a presença de blindados inimigos, relatando os seguintes dados:

- a) Quem observou;
- b) Grupo data-hora;
- c) Método de detecção (visão, audição, optrônicos ...);
- d) Localização do observador;
- e) Tipo e quantidade de blindados;
- f) Atividade do(s) blindado(s);
- g) Características do(s) blindado(s) (sobre rodas ou lagartas, armamento, cor...);
- h) Direção de deslocamento;
- i) Outras informações consideradas úteis; e
- j) Ações realizadas pela tropa.

2.4.2.3.5 Mediante coordenação do Cmt Pel Fuz, os blindados inimigos devem ser submetidos a fogos escalonados, sobrepostos e constantes, até a sua neutralização.

2.4.2.3.6 Inicialmente, são realizados fogos indiretos de artilharia e morteiros, os quais são solicitados e regulados pelo Cmt Pel, Cmt GC ou pelos OA Art e Mrt da SU. Esses fogos são realizados até que a Distância Estimada de Risco (DER) das concentrações se aproxime da posição do Pel Fuz.

2.4.2.3.7 Quando os blindados inimigos atingem o Limite de Engajamento Máximo (LEM) das metralhadoras, lança-rojões e fuzis, esses devem abrir fogo.

2.4.2.3.8 Se os blindados inimigos se dirigirem contra os fuzileiros, estes devem furtar-se ao esmagamento, buscando abrigo nas tocas, valas e trincheiras. Assim que o carro tenha ultrapassado suas posições, os fuzileiros devem continuar a submeter o inimigo ao fogo, inclusive com granadas de mão e de bocal.

2.4.2.3.9 É importante salientar que, no âmbito da Cia Fuz, é responsabilidade do Cmt SU realizar o planejamento da defesa anticarro, o qual será executado pelo Pel Fuz.

2.4.2.3.10 Mais detalhes sobre o escalonamento de fogos e planejamento da defesa anticarro estão disponíveis no Caderno de Instrução CI 3.7-100 - Companhia de Fuzileiros (1ª edição, 2025).

2.4.2.3.11 Mais detalhes sobre a técnica de tiro contra blindados estão disponíveis no Manual de Campanha C 21-74 INSTRUÇÃO INDIVIDUAL PARA O COMBATE (2ª Edição, 1986).

2.4.3 PROTEÇÃO CONTRA ATAQUES QUÍMICOS, BIOLÓGICOS, RADIOLÓGICOS E NUCLEARES

2.4.3.1 O primeiro militar a tomar contato com qualquer substância QBRN deve dar o alerta da seguinte forma:

“ALERTA, AGENTE QBRN!”.

2.4.3.2 Os integrantes do Pel Fuz devem adotar a postura de proteção adequada, de acordo com a tabela a seguir:

SITUAÇÃO	MUNIÇÕES DE ARREBENTAMENTO	ESPARGIMENTO
A pé	- jogar-se no solo; e - colocar a máscara contra gases.	- prender a respiração; - colocar a máscara contra gases; e - colocar a cobertura protetora.
Vtr não Bld	- colocar a máscara contra gases; e - evadir-se do local.	- baixar os toldos; - prender a respiração; - colocar a máscara contra gases; - colocar a roupa protetora; e - evadir-se do local.
Vtr Bld	- fechar todas as aberturas; - ligar o sistema de pressurização e filtragem do ar; - colocar a máscara contra gases; e - colocar a roupa protetora.	

Tab 2-3 - Reações individuais imediatas.

2.4.3.3 Tão logo esteja protegido, o Cmt Pel Fuz deve informar ao Esc Sp a presença de agente QBRN, relatando os seguintes dados:

- Quem observou;
- Grupo data-hora;
- Local de identificação do agente QBRN;
- Condições do local;
- Por quanto tempo o agente permaneceu no local;
- Quantidade de agente QBRN;
- Tipo de agente QBRN;
- Outras informações consideradas úteis; e
- Ações realizadas pela tropa.

2.4.3.4 A proteção contra ataques Químicos, Biológicos, Radiológicos e Nucleares (QBRN) é fundamental para o Pel Fuz, pois permite que a fração mantenha sua efetividade operacional mesmo em ambientes contaminados.

2.4.3.5 O conhecimento dos procedimentos de proteção garante que o Pel Fuz possa cumprir suas missões sem comprometer a saúde da tropa, mantendo a eficiência em combate.

2.4.3.6 Mais informações sobre proteção contra ataques QBRN estão disponíveis no Manual de Campanha C 21-74 INSTRUÇÃO INDIVIDUAL PARA O COMBATE (2ª edição, 1986) e no Caderno de Instrução EB70-CI-11.409 DEFESA QUÍMICA, BIOLÓGICA RADIOLÓGICA E NUCLEAR (1ª edição, 2017).

2.5 LOGÍSTICA

2.5.1 A subunidade é o menor escalão com funções logísticas. As suas atividades abrangem o controle e a manutenção do pessoal e do material sob sua responsabilidade, especialmente em relação à manutenção do armamento, das viaturas, dos materiais de comunicações e dos suprimentos de classes I e III, por meio da escrituração, mantida em ordem e em dia, e da fiscalização realizada por seu Cmt SU.

2.5.2 O Pel Fuz participa das atividades logísticas desenvolvidas pela Cia Fuz em cinco funções logísticas, com suas respectivas tarefas, a saber: suprimento, transporte, saúde, manutenção e recursos humanos.

2.5.3 O Cmt Pel Fuz é o responsável pela logística da fração. Para isso, tem como principal auxiliar o Adj Pel, que deverá antecipar-se às necessidades de apoio logístico, encaminhar os pedidos de apoio ao Enc Mat da SU com oportunidade e executar a distribuição de suprimentos e todo o apoio que é prestado ao pelotão.

2.5.4 O Pel Fuz não desdobra instalação logística. Suas necessidades são atendidas na Área de Trens da Subunidade (ATSU), que fornece apoio logístico contínuo e cerrado aos pelotões, particularmente no que se refere à manutenção orgânica, suprimento, evacuação de feridos, transporte, evacuação do material danificado, capturado e salvado e registro e evacuação de mortos. A ATSU instala-se, normalmente, dentro da Z Aç da Cia Fuz.

2.5.5 No nível SU, sempre que possível, o apoio logístico é planejado e executado de modo que todas as funções desenvolvidas pela companhia sejam deslocadas em direção aos Pel Fuz, de modo a liberar os comandantes de pelotão para as atividades de combate, sobrecarregando-os o mínimo possível com preocupações logísticas e evitando que os Pel se desloquem para a ATSU em busca de Ap Log.

2.5.6 FUNÇÃO LOGÍSTICA SUPRIMENTO

2.5.6.1 Suprimento é a função logística que trata da previsão e da provisão do material necessário às organizações e forças militares.

- O termo suprimento pode também ser empregado com o sentido geral de item, artigo ou material necessário para equipar, manter e operar uma organização militar.

2.5.6.2 Fluxo de suprimento é o processo cíclico que se inicia com o pedido de determinado artigo de suprimento e termina com sua distribuição ao usuário.

2.5.6.3 Classe de Suprimento

2.5.6.3.1 É o conjunto de artigos afins, grupados para facilitar o planejamento, a administração e o controle da atividade de suprimento.

2.5.6.3.2 A Força Terrestre adota 10 (dez) classes de suprimentos:

- a) Classe I - subsistência, incluindo ração animal e água;
- b) Classe II - material de intendência, englobando fardamento, equipamento, móveis, utensílios, material de acampamento, material de expediente, material de escritório e

publicações. Inclui vestuário específico para defesa química, biológica, radiológica e nuclear (QBRN);

c) Classe III - combustíveis, óleos e lubrificantes (sólidos e a granel);

d) Classe IV - construção, incluindo equipamentos e materiais de fortificação;

e) Classe V - armamento e munição (inclusive DQBRN), incluindo foguetes, mísseis, explosivos, artifícios pirotécnicos e outros produtos relacionados;

f) Classe VI - material de engenharia e cartografia;

g) Classe VII - tecnologia da informação, comunicações, eletrônica e informática, incluindo equipamentos de imageamento e de transmissão de dados e voz;

h) Classe VIII - saúde (humana e veterinária), inclusive sangue;

i) Classe IX - motomecanização, aviação e naval. Inclui material para DQBRN; e

j) Classe X - materiais não incluídos nas demais classes, itens para o bem-estar do pessoal, artigos reembolsáveis e equipamentos (detecção e descontaminação) DQBRN.

2.5.6.4 No caso do Sup CI V, quando se fizer necessária a distinção do tipo de artigo a que se refere, utilizar-se-ão as abreviaturas:

- Sup CI V (Armt) para o armamento; e
- Sup CI V (Mun) para a munição.

2.5.6.5 Mais detalhes sobre o planejamento e a execução das tarefas da função logística suprimento estão disponíveis no Manual de Campanha EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª edição, 2023) e no Caderno de Instrução CI 3.7-100 - Companhia de Fuzileiros (1ª edição, 2025).

2.5.7 FUNÇÃO LOGÍSTICA SAÚDE

2.5.7.1 O atendimento médico adequado é responsabilidade do comando em todos os escalões. Ele visa à conservação dos efetivos e à preservação da eficiência e do moral da tropa.

2.5.7.2 O Pel Fuz participa do tratamento médico de emergência e, quando necessário, a evacuação de feridos, doentes e acidentados, o qual é planejado, coordenado e controlado pelo S-1 Btl, auxiliado pelo Cmt Pel Sau.

2.5.7.3 A Cia Fuz estabelece um Ponto de Concentração de Feridos (PCF) instalação muito sumária, situada em local abrigado, para o qual o Pel Fuz conduz os militares feridos.

2.5.7.4 O primeiro cuidado com o militar ferido deve ser realizado por ele próprio (autoatendimento), desde que possível. Caso contrário, o primeiro atendimento deve ser prestado pelo seu companheiro mais próximo.

2.5.7.5 Em seguida, o ferido deve ser encaminhado até o PCF, locomovendo-se isoladamente ou apoiado por elementos do Pel Fuz.

2.5.7.6 No PCF, o ferido deve ser atendido pela turma de evacuação, que realizará a avaliação inicial, o suporte básico e, se necessária, a evacuação até o Posto de Socorro do Btl.

2.5.7.7 Para maiores esclarecimentos sobre o tratamento e a evacuação de feridos, consulte os manuais de campanha EB70-MC-10.343 ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR (APH) BÁSICO (1ª Edição, 2020) e EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª edição, 2023), bem como o Caderno de Instrução CI 3.7-100 - Companhia de Fuzileiros (1ª edição, 2025).

2.5.8 FUNÇÃO LOGÍSTICA MANUTENÇÃO

2.5.8.1 A manutenção é uma responsabilidade de comando. O Cmt Pel Fuz é responsável pela manutenção adequada de todo o seu equipamento.

2.5.8.2 Essa responsabilidade inclui as providências para a pronta recuperação do material danificado ou em pane, visando ao seu retorno ao serviço o mais rapidamente possível.

2.5.8.3 Em princípio, a manutenção deve ser executada tão à frente quanto o permitirem a situação tática e a disponibilidade de tempo e recursos.

- Muitas vezes, é preferível a ida do pessoal de manutenção ao encontro do material a proceder em sentido inverso, reduzindo a necessidade de evacuação.

2.5.8.4 Todas as viaturas que retornarem da atividade de suprimento poderão evacuar o material que necessitar de manutenção do escalão ou da instalação logística superiores.

2.5.8.5 O usuário do material é responsável pela manutenção de 1º escalão, isso inclui armamento, material de comunicações, viaturas e instrumentos ópticos.

2.5.8.6 O material salvado, que abrange itens abandonados na área de operações e passíveis de reutilização (direta, após recuperação ou como sucata), representa uma importante fonte de suprimento para nossas forças ou aliados. O Pel Fuz deverá informar à SU sobre a existência de material salvado, de forma a ser realizada sua evacuação.

2.5.8.7 Com o material capturado do inimigo, procede-se da mesma forma que para o material salvado.

2.5.8.6 Mais detalhes sobre o planejamento e a execução das tarefas da função logística manutenção estão disponíveis no Manual de Campanha EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª edição, 2023) e no Caderno de Instrução CI 3.7-100 - Companhia de Fuzileiros (1ª edição, 2025).

2.5.9 FUNÇÃO LOGÍSTICA TRANSPORTE

2.5.9.1 As atividades de transporte no âmbito do Pel são de pequena monta. Normalmente, resumem-se a executar as atividades planejadas pela Cia Fuz.

2.5.9.2 Mais detalhes sobre o planejamento e execução das tarefas da função logística transporte estão disponíveis no Manual de Campanha EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª edição, 2023) e no Caderno de Instrução CI 3.7-100 - Companhia de Fuzileiros (1ª edição, 2025).

2.5.10 FUNÇÃO LOGÍSTICA RECURSOS HUMANOS

2.5.10.1 Definição

- Recursos Humanos é a função logística que tem a seu cargo planejar, integrar e controlar as tarefas de controle de efetivos, reacompletamento, repouso, recuperação, recreação, mão-de-obra, sepultamento, suprimento reembolsável, serviço postal, banho, lavanderia. Tem por finalidade prever, prover e apoiar o pessoal, contribuindo para manter elevado o moral das forças terrestres em operações.

2.5.10.2 Controle do efetivo

- O Cmt Pel Fuz, auxiliado pelo Adj Pel, deve manter rigoroso controle de seu efetivo, transmitindo de forma padronizada em NGA da SU, as alterações ocorridas, no exato momento da ação.

2.5.10.3 Sepultamento

2.5.10.3.1 As atividades de sepultamento em um cenário de guerra têm duas finalidades principais: preservar as condições sanitárias no campo de batalha e manter elevado o moral das tropas e da população civil.

2.5.10.3.2 A remoção imediata dos cadáveres, seja de soldados amigos ou inimigos, atende à primeira finalidade, evitando riscos à saúde. Já o tratamento cuidadoso e respeitoso dado aos mortos fortalece o moral, tanto dos combatentes no teatro de operações quanto da população na retaguarda. Embora inimigos recebam o mesmo tratamento digno, é vedada a mistura de corpos de lados opostos.

2.5.10.3.3 Na Cia Fuz, o sepultamento envolve etapas bem definidas: identificação, coleta dos corpos, registro e evacuação. Todas as etapas são coordenadas pelo Sgte.

2.5.10.3.4 A identificação inicial é feita pelo comandante de grupo, adjunto de pelotão ou comandante de pelotão, registrando nome, função e identidade do militar morto (informações da placa de identificação).

2.5.10.3.5 Após essa identificação sumária, o cadáver é coletado por elementos da SU e conduzido até o Ponto de Reunião dos Mortos (P Reu Mor), localizado na ATSU.

- Para facilitar o transporte e reduzir o impacto psicológico, os corpos são cobertos com mantas ou ponchos, e o P Reu Mor deve ser posicionado em local discreto, próximo ao P Remn e fora da vista de quem circula na área.

- Essa etapa é de responsabilidade do furriel.

2.5.10.3.6 Caso o pelotão não consiga identificar um morto, o comando da subunidade assume a responsabilidade de fazê-lo.

2.5.10.4 Prisioneiros de Guerra (PG)

2.5.10.4.1 O mais cedo possível, após a captura, os prisioneiros devem ser desarmados, agrupados e separados para evacuação: oficiais, graduados, desertores, civis e mulheres.

2.5.10.4.2 A situação ideal é que a Cia Fuz providencia a coleta dos PG junto ao Pel Fuz.

2.5.10.4.3 O tratamento a ser dispensado aos prisioneiros é regulado pela Convenção de Genebra de 1949 e seus protocolos adicionais. As principais prescrições, no que interessa à Cia Fuz, são:

- a) não são permitidos atos de violência nem medidas de represália;
- b) a pessoa e a honra dos prisioneiros devem ser respeitadas;
- c) a evacuação deve ser imediata para não expor os prisioneiros a perigos desnecessários;
- d) nos interrogatórios, os prisioneiros são obrigados apenas a declarar nome, posto ou graduação, número de identidade e idade;
- e) a discriminação permitida baseia-se no posto ou graduação, condições físicas e mentais, qualificações profissionais e sexo;
- f) o posto e a antiguidade dos oficiais devem ser respeitados devidamente;
- g) a alimentação dos prisioneiros deve ser igual à das tropas amigas em valor nutritivo; e
- h) os prisioneiros não podem ser empregados em trabalhos diretamente ligados às operações de guerra, particularmente no manuseio e transporte de material para unidades combatentes.

2.5.10.5 Mais detalhes sobre o planejamento e a execução das tarefas da função logística recursos humanos estão disponíveis no Manual de Campanha EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª edição, 2023) e no Caderno de Instrução CI 3.7-100 - Companhia de Fuzileiros (1ª edição, 2025).

2.6 INTELIGÊNCIA

2.6.1 O emprego da F Ter ocorre em um ambiente operacional complexo, caracterizado por ameaças descaracterizadas, misturadas à população, operações em áreas urbanas densas, necessidade de apoio popular e exigência de letalidade seletiva.

- Nesse contexto, a inteligência é essencial para ações precisas, com mínima exposição dos militares, redução de danos colaterais e conformidade com restrições legais, contribuindo para o cumprimento das missões.

2.6.2 A função de combate inteligência compreende o conjunto de atividades, tarefas e sistemas inter-relacionados empregados para assegurar compreensão sobre o ambiente operacional, as ameaças (atuais e potenciais), os oponentes, o terreno e as considerações civis.

2.6.3 No momento do planejamento das Operações Militares, a maior parte dos conhecimentos de inteligência tem um fluxo do escalão superior para os escalões subordinados, pois nesse momento os escalões superiores detêm a maioria das informações sobre o inimigo, o terreno, as condições meteorológicas e as considerações civis.

2.6.4 Contudo, no momento da execução das operações militares, quem detém a maioria das informações é a tropa. O Comandante somente poderá decidir com mais efetividade

se o soldado tiver a consciência de que é um sensor de inteligência importante para Função de Combate Inteligência e o fluxo de dados fluir dos escalões inferiores para o escalão superior.

2.6.5 A utilização da tropa como um sensor de inteligência permite a obtenção de dados que amplia a consciência situacional do comandante. Portanto, ao realizar diversas tarefas e após receber treinamento para ser um eficiente sensor na zona de ação em que está sendo empregado, o soldado coletará o máximo de dados possíveis.

2.6.6 Durante quaisquer operações, o Pel Fuz deve estar pronto para coletar e difundir dados de inteligência, sabendo o que coletar e como fazê-lo, pois, imprevistos podem comprometer a qualidade do dado a ser obtido, além de poder ferir os princípios da oportunidade e segurança.

2.6.7 O soldado atuará em um cenário complexo, em evolução e envolvido por restrições legais. Portanto, este militar precisa não só agregar e desenvolver novas capacidades para superar este ambiente, mas também compreender que é peça fundamental para o êxito da missão da sua Unidade na Função de Combate Inteligência.

2.6.8 Mais detalhes sobre o planejamento e a execução das tarefas de inteligência estão disponíveis nos Cadernos de Instrução EB70-CI-11.487 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE RECONHECIMENTO E VIGILÂNCIA DE INTELIGÊNCIA MILITAR (1ª edição, 2024) e EB70-CI-11.465 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DA TROPA COMO SENSOR DE INTELIGÊNCIA (1ª edição, 2021).

2.6.9 INTERAÇÃO COM A POPULAÇÃO LOCAL

2.6.9.1 A proximidade com a população e a inevitável interação, quer seja durante uma abordagem a um suspeito ou por uma simples postura de cordialidade, exige descrição do militar, pois comentários inoportunos ou conversas sobre assuntos sensíveis poderão comprometer a segurança da operação.

2.6.9.2 Todos os militares devem entender como a coleta de observações diárias alimentam o ciclo de produção do conhecimento e ajudam a criar um ambiente mais favorável para o sucesso das operações.

2.6.9.3 A interação com a população local permite que os militares obtenham dados de valor imediato por meio de conversas e ajuda a construir um relacionamento mais próximo e a desenvolver a confiança mútua, aumentando a compreensão do ambiente operacional.

2.6.10 EXPLORAÇÃO TÁTICA DE ÁREA

2.6.10.1 A exploração tática de área é uma ação adotada para garantir que os documentos e os materiais sejam identificados, coletados, protegidos e avaliados, com objetivo de facilitar as ações subsequentes.

2.6.10.2 A exploração tática de área visa identificar, coletar, proteger e avaliar documentos e materiais em locais específicos, como apartamentos, edifícios, estruturas ou campos para subsidiar ações subsequentes.

- Após garantir a segurança do local, os soldados buscam sistematicamente equipamentos e documentos de interesse para a inteligência.

2.6.11 QUESTIONAMENTO TÁTICO E PROCEDIMENTOS COM PRISIONEIRO

2.6.11.1 O Questionamento Tático é o questionamento feito diretamente a uma pessoa capturada ou detida, realizado no local ou próximo ao ponto de captura ou detenção, executado em conformidade com as leis vigentes, com objetivo de obter um dado com oportunidade.

2.6.11.2 Pessoal capturado ou detido refere-se a qualquer pessoa mantida sob o controle do pessoal da F Ter.

2.6.12 CONTATO COM LIDERANÇAS

2.6.12.1 É totalmente apropriado e essencial para os comandantes militares, em uma determinada A Op, estabelecer contato com lideranças e elementos importantes da população local.

2.6.12.2 Os comandantes em todos os níveis devem realizar esta atividade.

2.6.12.3 O contato com lideranças consiste em encontros entre elementos da força militar com outras agências ou líderes-chave em uma A Op, no desempenho normal de suas funções, para garantir a compreensão mútua e unidade de propósito e ação.

2.6.13 BRIEFING, DEBRIEFING E RELATÓRIO

2.6.13.1 Briefing de inteligência

2.6.13.1.1 No momento da emissão da Ordem de Operações para o Pel Fuz, é essencial incluir o *briefing* de inteligência, o qual tem como finalidade apresentar a avaliação de inteligência focada na missão que será executada.

2.6.13.1.2 Esse *briefing* deve incluir:

- a) Avaliação dos dados sobre o inimigo, terreno, condições meteorológicas e considerações civis;
- b) Necessidades de inteligência a serem respondidas, de acordo com o Plano de Obtenção do Conhecimento (POC) da Cia Fuz; e
- c) Instrução sobre como proceder com pessoal e material capturado.

2.6.13.1.3 Independente do tipo de missão que será executada, é extremamente importante que o soldado, ao percorrer um determinado itinerário em sua zona de ação:

- a) tenha a capacidade de coletar e descrever para o seu comandante os dados coletados pela sua capacidade de observação e memorização; e
- b) devendo ter o cuidado de não contaminar o dado com opiniões e observações equivocadas.

2.6.13.2 Debriefing de inteligência

2.6.13.2.1 *Debriefing* é o processo de questionar os militares que retornam das missões para obter dados que possam ampliar a consciência situacional da A Op.

2.6.13.2.2 O *debriefing* deve começar logo que a fração retorne do cumprimento de uma missão. Os militares devem relatar todos os dados coletados, seja em contato com a população, seja em reunião com lideranças ou na observação individual do soldado.

2.6.13.2.3 Todos os envolvidos na missão devem participar do *debriefing*. Um método prático para realizar o *debriefing* é fazer uma revisão cronológica de todas as ações. Os comandantes não devem considerar que a missão concluída antes da realização do *debriefing* e confecção do relatório final da missão.

2.6.13.3 Relatório de inteligência

2.6.13.3.1 Relatório é o documento no qual os dados obtidos serão inseridos para que sejam consultados pelos escalões superiores.

2.6.13.3.2 O Cmt Pel Fuz não deve considerar sua missão cumprida até a entrega do relatório ao Cmt Cia Fuz.

CAPÍTULO III

OPERAÇÕES OFENSIVAS

3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

3.1.1 DEFINIÇÃO

- As Operações Ofensivas compreendem ações terrestres agressivas, nas quais predominam o movimento, a manobra e a iniciativa para cerrar sobre o inimigo e concentrar poder de combate superior, no local e no momento decisivo, e aplicá-lo para destruir ou neutralizar suas forças por meio do fogo, do movimento e do combate aproximado.

3.1.2 Somente a ação ofensiva conduz a resultados decisivos na guerra. É através dela que uma força:

- mantém sua liberdade de ação;
- exercita a iniciativa de que é dotada e impõe a sua vontade ao inimigo;
- explora as deficiências desse inimigo e as rápidas mudanças de situação;
- seleciona o local conveniente e o momento oportuno para o combate e
- enfrenta ocorrências imprevistas.

3.1.3 A missão do Pel Fuz na ofensiva é cerrar sobre o inimigo para destruí-lo ou capturá-lo, empregando o fogo, o movimento e o combate aproximado.

3.1.4 As operações ofensivas são realizadas para destruir forças inimigas, conquistar acidentes capitais do terreno ou obter informações sobre o inimigo.

3.1.5 Normalmente, o Pel Fuz recebe a missão da Cia Fuz que deve ser simples e precisa em termos de ações a serem realizadas.

3.1.6 O sucesso de uma ação ofensiva exige a concentração de um superior poder de combate no local e momento decisivos e a rápida aplicação desse poder para destruir o inimigo.

3.1.7 AS OPERAÇÕES OFENSIVAS TÊM AS SEGUINTE FINALIDADES:

- a) destruir forças inimigas;
- b) conquistar áreas ou pontos importantes do terreno, que permitam obter vantagens para futuras operações;
- c) obter informações sobre o inimigo, particularmente, sobre a situação e o poder de combate, bem como adquirir ou comprovar dados referentes ao terreno e às condições meteorológicas;
- d) confundir e distrair a atenção do inimigo sobre o esforço principal, desviando-a para outras áreas;
- e) antecipar-se ao inimigo para obter a iniciativa, aproveitando qualquer oportunidade que se apresente, por fugaz que seja, negando-lhe qualquer tipo de vantagem;

- f) fixar o inimigo, restringindo-lhe a liberdade de movimento e manobra, mediante diferentes esforços e apoios com o objetivo de permitir concentrar o máximo poder de combate sobre ele no ponto selecionado;
- g) privar o inimigo de recursos essenciais que sustentam suas ações, realizando atividades e operações em profundidade e sincronizadas, que lhe neguem a liberdade de ação e interrompam a coerência e o ritmo de suas operações; e
- h) desorganizar o inimigo mediante ataques sobre meios ou funções que sejam essenciais para gerar e empregar coerentemente seu poder de combate.

3.1.8 Os fundamentos da ofensiva constituem a plena aplicação dos princípios de guerra às situações do combate ofensivo e servem como um guia geral para o emprego do Pel Fuz em operações dessa natureza.

3.1.9 AS OPERAÇÕES OFENSIVAS TÊM OS SEGUINTE FUNDAMENTOS:

- a) manutenção do contato;
- b) esclarecimento da situação;
- c) exploração das vulnerabilidades do inimigo;
- d) controle dos acidentes capitais do terreno;
- e) iniciativa;
- f) neutralização da capacidade de reação do inimigo;
- g) fogo e movimento;
- h) impulsão;
- i) concentração do poder de combate;
- j) aproveitamento do sucesso obtido; e
- k) segurança.

3.1.10 TIPOS DE OPERAÇÕES OFENSIVAS

3.1.10.1 Marcha para o combate

- Movimento tático realizado na direção do inimigo, com a finalidade de estabelecer o contato ou restabelecê-lo, quando perdido, e/ou assegurar vantagens para operações futuras.

3.1.10.2 Reconhecimento em força

- Operação de objetivo limitado, executada com a finalidade de esclarecer a situação.

3.1.10.3 Ataque

- Principal tipo de operação ofensiva da infantaria, caracterizado pelo emprego coordenado do fogo e do movimento para a conquista de objetivos.

3.1.10.4 Aproveitamento do êxito

- Operação subsequente a um ataque bem-sucedido, com a finalidade de destruir a capacidade do inimigo de se reorganizar ou realizar um movimento retrógrado organizado.

3.1.10.5 Perseguição

- Operação destinada a cercar e a destruir uma força inimiga em retirada.

OPERAÇÃO BÁSICA	TIPO
OFENSIVA	MARCHA PARA O COMBATE
	RECONHECIMENTO EM FORÇA
	ATAQUE
	APROVEITAMENTO DO ÊXITO
	PERSEGUIÇÃO

Tab 3-1 - Tipos de operações ofensivas.

3.1.11 Para maior detalhamento sobre os fundamentos das Op Ofs, consultar o manual de campanha EB70-MC-10.202 OPERAÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS (1ª edição, 2017).

3.2 MARCHA PARA O COMBATE

3.2.1 GENERALIDADES

3.2.1.1 A marcha para o combate é o movimento tático realizado na direção do inimigo com a finalidade de estabelecer o contato ou restabelecê-lo, quando perdido, e/ou assegurar vantagens, que facilitem as operações futuras.

3.2.1.2 A marcha para o combate consiste no deslocamento de uma força de uma região para outra, sob condições de combate, preservando continuamente sua liberdade de ação, a fim de que possa concentrar seus esforços no momento oportuno e na região mais favorável.

- Não compreende o movimento de tropa por ar ou mar, em razão da segurança ficar a cargo das forças aéreas ou navais.

3.2.1.3 A M Cmb geralmente ocorre em colunas múltiplas, composta por forças de segurança (cobertura e proteção) e pelo grosso, o que dificulta mudanças de direção e manobras, mas acelera o deslocamento, facilita o desdobramento e amplia o poder de fogo à frente.

3.2.1.4 A marcha para o combate termina quando essa força estabelece o contato com uma resistência inimiga de tal ordem que obrigue o desdobramento da força, a concentração das ações e a realização de um ataque; ou atinge os objetivos de marcha.

3.2.2 CLASSIFICAÇÃO

3.2.2.1 Quanto à segurança

3.2.2.1.1 Coberta

- A marcha coberta é realizada quando existe uma tropa amiga interposta entre o inimigo e a tropa que a realiza, proporcionando segurança ao deslocamento.

3.2.2.1.2 Descoberta

- A marcha descoberta é realizada quando não há uma tropa interposta, ou quando a segurança por ela proporcionada não for suficiente.

3.2.2.2 Quanto ao dispositivo

3.2.2.2.1 Coluna

- Facilita o controle e proporciona flexibilidade, impulsão e segurança ao deslocamento.
- O dispositivo em escalão é admissível, o que favorece o desenvolvimento para os flancos.

3.2.2.2.2 Linha

- O dispositivo em linha dificulta as mudanças de direção e restringe a capacidade de manobra, mas aumenta a rapidez do deslocamento e permite atribuir à força um poderio de fogo à frente.

3.2.2.3 Quanto aos tipos de contato

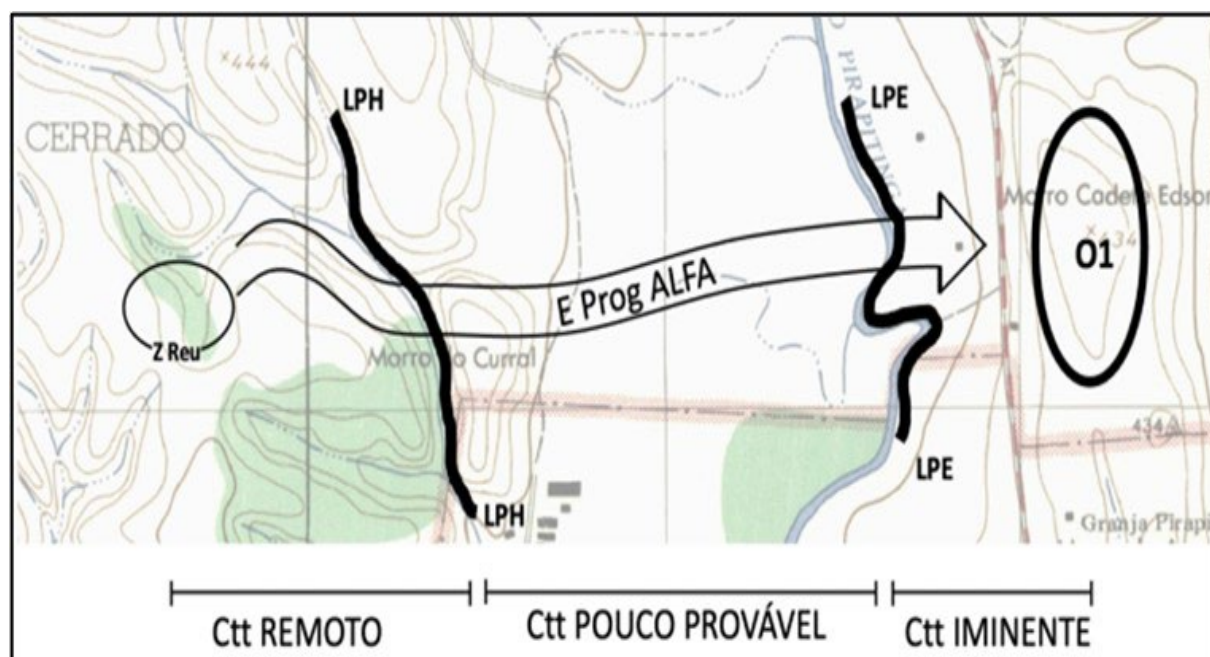


Fig 3-1 – Tipos de contato e fases.

3.2.2.3.1 Primeira Fase (Contato Remoto)

- Situação até a Linha da Pior Hipótese (LPH), que é uma linha de controle ou região estabelecida pelo Esc Sp aquém da qual o inimigo terrestre não tem possibilidade física de atuar.

3.2.2.3.2 Segunda Fase (Contato Pouco Provável)

- Situação entre a LPH e a Linha de Provável Encontro (LPE), que é a linha do terreno também estabelecida pelo Esc Sp onde admite-se o encontro com os primeiros elementos inimigos, mesmo os de reconhecimento.

3.2.2.3.3 Terceira Fase (Contato Iminente)

- Situação em que se pode, a qualquer momento, sofrer a ação terrestre do inimigo.

3.2.2.4 Quanto às formações

3.2.2.4.1 Coluna de Marcha

- Formação adotada durante a fase de contato remoto.
- As medidas administrativas devem prevalecer desde que visem facilitar e acelerar o movimento, conservando o poder combativo da força.
- O movimento é realizado, preferencialmente, apoiado sobre estradas ou rodovias; e os grupamentos e unidades de marcha podem receber itinerários distintos para os seus deslocamentos.
- A tropa de infantaria utiliza-se das viaturas disponíveis para seu deslocamento.
- Devem ser previstas medidas que proporcionem segurança, mesmo quando não se espera contato com forças inimigas.

3.2.2.4.2 Coluna Tática

- Formação adotada durante a fase do contato pouco provável.
- Considerações táticas e administrativas ocorrem paralelamente.
- O Pel Fuz é grupado taticamente.
- Devem ser tomadas medidas que proporcionem o máximo de segurança e facilitem a pronta adoção das formações de combate ou a ocupação de uma Z Reu e P Atq.

3.2.2.4.3 Marcha de Aproximação

- Formação adotada durante a fase do contato iminente.
- As considerações táticas prevalecem e o Pel Fuz, além de grupado taticamente, será desdobrado, adotando um dispositivo de combate em largura e profundidade adequado ao terreno e à situação.
- A marcha de aproximação termina quando o contato com o inimigo é estabelecido ou é ocupada uma posição de ataque.

3.2.3 FORÇAS DE SEGURANÇA

3.2.3.1 A segurança de uma força que realiza a marcha para o combate é proporcionada pelo correto escalonamento das forças que realizam a segurança do grosso:

- a) Força de Cobertura
 - Lançada pelo escalão Bda ou superior, normalmente tropas de cavalaria mecanizada; e
- b) Forças de Proteção
 - Vanguarda, flancoguarda e retaguarda.

3.2.3.2 O Btl Inf realizando a marcha de aproximação pode integrar o grosso ou constituir uma das forças de proteção.

- Quando integrar o grosso de uma Bda, pode receber a missão de destacar uma Cia Fuz ou Pel Fuz para cumprir a missão de flancoguarda ou retaguarda.
- O batalhão marchando isolado destaca uma Cia Fuz como Vgd.

3.2.4 ESCALONAMENTO DAS FORÇAS

3.2.4.1 O Batalhão Vanguarda (Btl Vgd) escalona suas forças da frente para a retaguarda da seguinte forma:

- a) Destacamento de Segurança e Reconhecimento (DSR)
 - O Cmt Btl pode decidir lançar um DRS após seu exame de situação, caso não haja elementos de segurança à frente ou estes não sejam capazes de fornecer o alerta e proteção desejados.
 - É constituído por um Pel Fuz Ref por Elm Rec Btl e/ou por Elm Rec Bda.
- b) Ponta
 - Constituída por um GC, lançado pelo Pel Fuz base do Escalão de Reconhecimento (Esc Rec).
- c) Escalão de Reconhecimento
 - Constituído por um Pel Fuz reforçado, lançado pela Cia Fuz base do Escalão de Combate (Esc Cmb).
- d) Escalão de Combate
 - 1 (uma) Cia Fuz Ref, sempre que possível, por elementos de cavalaria, engenharia e Ap F.
- e) Grosso
 - Constituído pelo restante do Btl Inf.

3.2.4.2 Em função da situação, o Btl Vgd pode determinar que as Cia Fuz do grosso constituam flancoguardas valor Pel Fuz.

3.2.4.3 Nas marchas motorizadas não é lançado o GC ponta. O Pel Fuz que compõe o escalão de reconhecimento motorizado marcha como um todo.

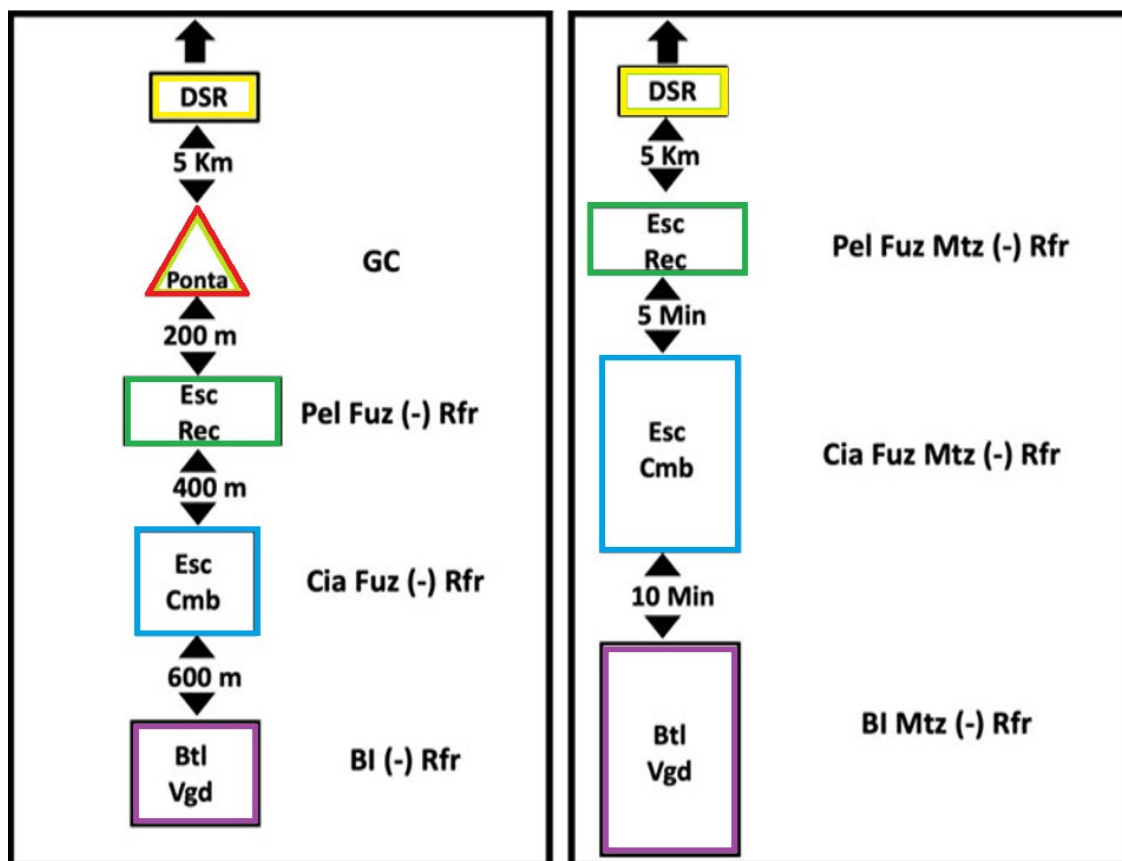


Fig 3-2 - Dispositivo de marcha a pé (esquerda) e motorizada (direita) do batalhão vanguarda.

3.2.5 MEDIDAS DE COORDENAÇÃO E CONTROLE

3.2.5.1 O controle do Pel Fuz na marcha para o combate depende principalmente do emprego correto das comunicações e da adoção adequada de medidas de coordenação e controle.

3.2.5.2 O Pel Fuz poderá receber do batalhão e da companhia as seguintes medidas de coordenação e controle:

- Ponto inicial;
- Hora de início do movimento;
- Eixo de progressão;
- Itinerário de marcha - quando o Cmt Btl deseja que determinada estrada ou trilha seja usada no movimento a fim de liberá-la;
- Região de Destino - região para a qual é dirigido o movimento do segundo escalão e da qual só partirá mediante ordem;
- Objetivo de Marcha - acidente do terreno para o qual é dirigida a marcha de um elemento de primeiro escalão;
- Linha de Controle - linha aproximadamente perpendicular à direção de marcha, facilmente identificável no terreno e que facilita o controle. Ao atingir a linha de controle, o elemento participa ao Esc Sp que a atingiu e prossegue sem deter seu movimento;
- Ponto de Controle - bifurcações, entroncamentos, cursos d'água e outros acidentes característicos onde adota-se o procedimento similar à linha de controle; e
- Zona de Reunião.

3.2.5.3 Os objetivos de marcha são marcados pelo Btl. A Cia Fuz deve conquistá-los e adotar as medidas defensivas. Podem ser marcados:

- a) Em regiões que estejam, ou possam estar, em poder do inimigo e cuja posse seja necessária para o cumprimento da missão;
- b) Em regiões favoráveis à adoção de uma atitude defensiva definitiva ou momentânea, visando aguardar contato com o inimigo para em seguida atacá-lo; ou
- c) Quando o percurso da marcha for longo e não puder ser concluído em uma única etapa. Nesse caso, devem ser marcados objetivos em regiões dominantes, onde devem ser estabelecidas medidas defensivas de segurança necessárias, possibilitando o descanso da tropa.

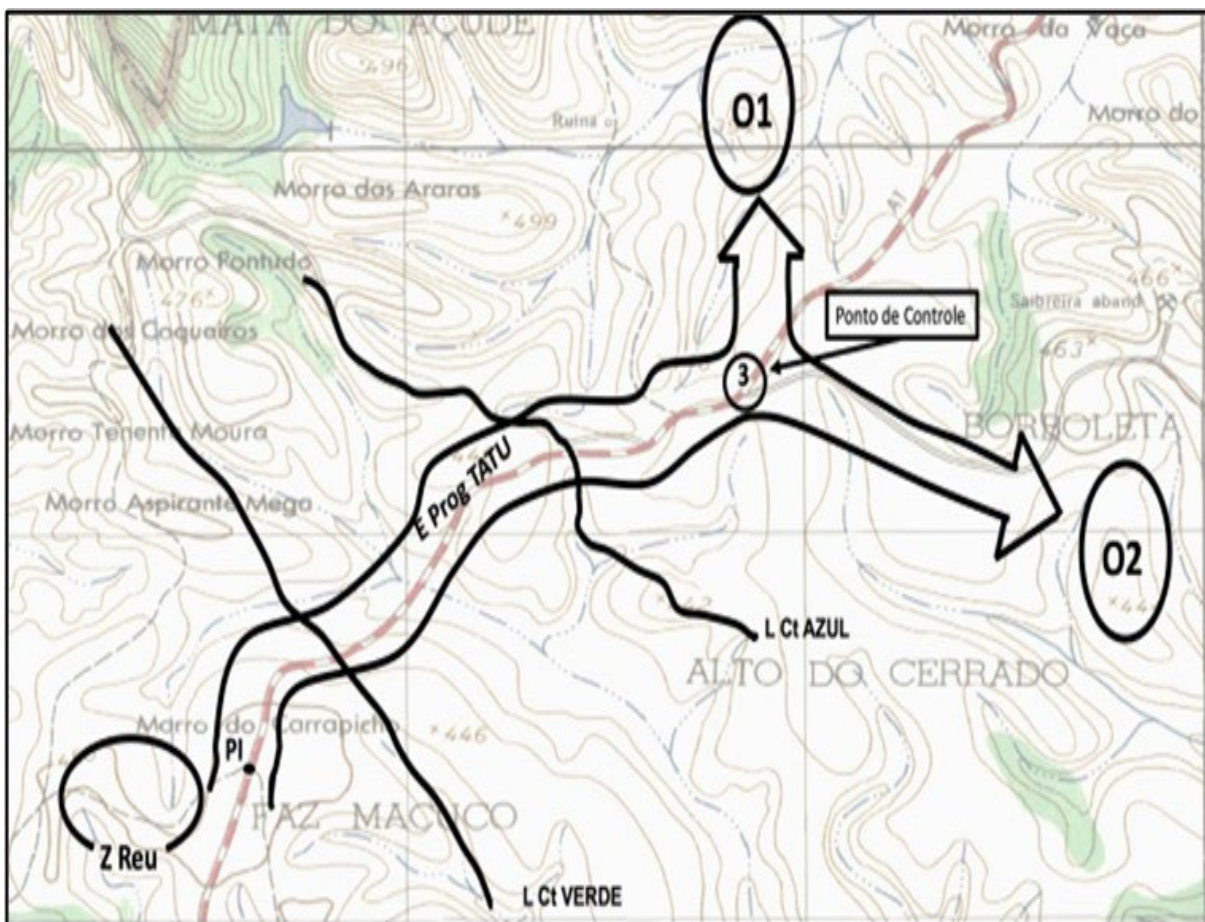


Fig 3-3 - Medidas de coordenação e controle na marcha para o combate.

3.2.5.4 O Pel Fuz, deslocando-se em coluna de marcha ou tática, faz alto como for determinado pelo Cmt Cia.

3.2.6 MARCHA PARA O COMBATE A PÉ

3.2.6.1 O Pel Fuz como parte do grosso do Btl

3.2.6.1.1 O Pel Fuz, integrando a Cia Fuz, realiza o movimento em coluna tática, marchando em coluna por dois, uma coluna de cada lado da estrada, mantendo a integridade tática.

3.2.6.1.2 O Cmt Pel Fuz deve observar uma rigorosa disciplina de marcha, mantendo a velocidade de marcha prescrita pelo Cmt Cia Fuz.

3.2.6.1.3 O Cmt Pel Fuz marcha à testa da fração, porém em condições de deslocar-se para qualquer ponto onde sua presença se torne necessária.

3.2.6.1.4 A marcha termina com a chegada a uma Z Reu estabelecida no perímetro da região de destino do Btl ou quando recebe ordem de ocupar uma posição de ataque.

3.2.6.2 O Pel Fuz integrando o Esc Cmb

3.2.6.2.1 A missão da Cia Fuz, como Esc Cmb de um Btl Vgd, é evitar retardo desnecessário ao batalhão e protegê-lo contra a surpresa e a ação inimiga vindas da frente.

3.2.6.2.2 O Esc Cmb é dividido em:

- a) Esc Cmb propriamente dito;
- b) Escalão de Reconhecimento (Esc Rec); e
- c) Ponta.

3.2.6.2.3 O Esc Rec é formado por um Pel Fuz (-) Ref por Elm Cav e Eng. Um GC do Pel é designado como ponta.

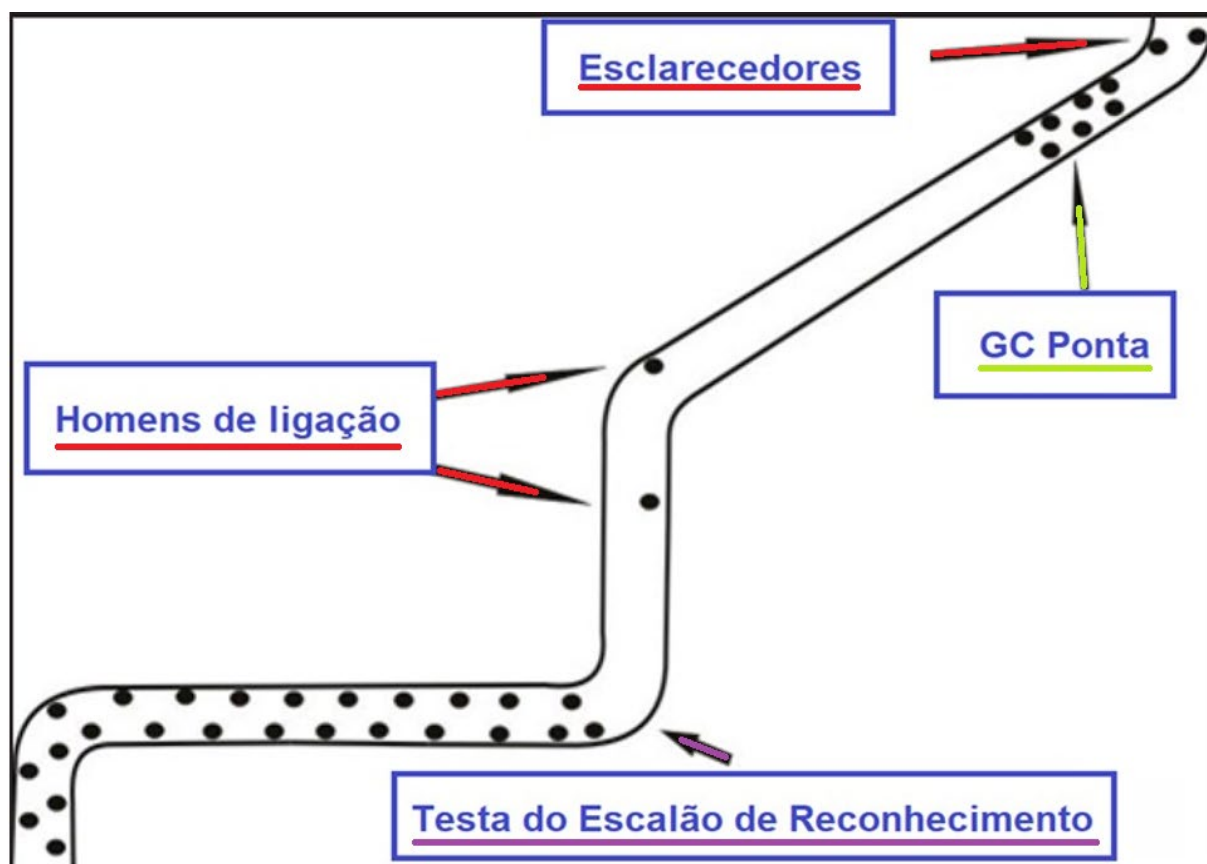


Fig 3-4 - Desdobramento do escalão de reconhecimento.

3.2.6.2.11 A ligação do Esc Rec com a ponta é mantida por meio do rádio e dos homens de ligação, lançados pelo próprio escalão de reconhecimento.

3.2.6.2.4 O Esc Cmb, propriamente dito, consiste na Cia Fuz menos o Pel Fuz destacado para constituir o Esc Rec. A ligação com o Esc Rec é mantida por rádio ou por homens de ligação, retirados do Esc Cmb.

3.2.6.2.5 As distâncias entre os diversos elementos de uma Vgd variam de acordo com a situação, o terreno e a visibilidade. Devem permitir que cada elemento possa desenvolver-se sem sofrer séria interferência do inimigo quando o elemento precedente trava contato com ele, porém não devem ser demasiadamente grandes, de modo a impossibilitar um elemento de auxiliar, com rapidez, aquele que se encontrar à sua frente.

3.2.6.2.6 A profundidade dos vários elementos de uma Vgd e a distância entre eles, em um deslocamento, são, em média, as seguintes:

ELEMENTO	EFETIVO	PROFUNDIDADE	DISTÂNCIA AO ELM SEGUINTE
Ponta	GC	50 m	200 m
Esc Rec	Pel (-) Ref	75 m	400 m
Esc Cmb (propriamente dito)	Cia Fuz (-) Ref	150 m	600 m

Tab 3-2 - Distância entre os escalões na marcha para o combate.

3.2.6.2.7 À noite, ou sob condições de pouca visibilidade, as distâncias podem ser consideravelmente menores, em terreno descoberto elas podem ser aumentadas.

3.2.6.2.8 Os Pel Fuz que integram o Esc Cmb propriamente dito, geralmente, marcham em coluna por dois, uma coluna de cada lado da estrada, com aproximadamente dois passos de distância entre os homens

- Os Cmt Pel Fuz, normalmente, marcham junto aos primeiros homens da fração. Contudo, devem deslocar-se para qualquer ponto onde sua presença se torne necessária.

3.2.6.2.9 Durante a marcha, o Pel Fuz que constitui o Esc Rec se desloca em coluna por dois, com uma coluna de cada lado da estrada. A distância entre Mil em cada coluna é de aproximadamente cinco passos.

- O Cmt se posiciona junto aos primeiros da formação, acompanhado por observadores avançados, o que facilita um rápido Ap F, se necessário.

3.2.6.2.10 A ponta é constituída de um GC que, em princípio, não é reforçado. É o elemento mais avançado da Vgd. A ponta marcha em coluna por dois, uma coluna de cada lado da estrada, com um mínimo de dez passos de distância entre os homens.

3.2.6.2.12 Deve ocorrer, periodicamente, um revezamento do GC ponta a fim de não comprometer a sua eficiência.

3.2.6.2.13 O Esc Rec frequentemente participa de combates de encontro. O GC ponta, normalmente, engaja-se elementos com forças inimigas paradas ou em movimento, sobre a qual dispõe de poucas informações. Em tais situações, as ordens breves e as ações rápidas e agressivas tornam-se imprescindíveis para conquistar e manter a iniciativa.

3.2.6.2.12 Salvo ordem em contrário, o Esc Rec, ao deparar-se com o inimigo, ataca sem hesitação para destruí-lo, repeli-lo ou cercá-lo. O ataque, no combate de encontro, é caracterizado por:

- a) Reconhecimento rápido e agressivo;
- b) Rápido estudo da situação;
- c) Imediata expedição de ordens fragmentárias; e
- d) Ataque direto partindo da coluna de marcha assim que as frações cerrem à frente e tornem-se disponíveis para o emprego.

3.2.6.2.13 A ponta, ao entrar em contato com o inimigo, imediatamente busca identificar seu dispositivo e valor, repassando imediatamente os dados ao Cmt Esc Rec.

3.2.6.2.14 Após inteirar-se da situação do GC ponta e analisar os fatores da decisão, o Cmt Esc Rec pode reagir de três formas:

- a) determinar que o GC ponta ataque imediatamente quando a situação lhe garantir poder de combate para vencer a resistência; ou
- b) realizar rápido trabalho de comando e manobrar o Pel Fuz como um todo; ou
- c) informar ao Cmt Esc Cmb a situação desvantajosa e aguardar ordens para atacar, fixar o inimigo ou executar outra ação tática.

3.2.6.2.15 Sempre que possível, os Esc Rec mantêm o inimigo sob fogo e ataca pelo flanco, evitando confrontos frontais.

- Se não conseguir neutralizar a resistência, o Esc Rec deve contê-la com fogo, identificar os flancos inimigos e reportar ao Cmt Esc Cmb. Caso o inimigo recue ou seja destruído, o Esc Cmb retoma a progressão imediatamente.

3.2.6.2.16 Sempre que houver contato com forças inimigas, o Esc Rec deve informar o Esc Cmb imediatamente, mesmo que decida atacar imediatamente.

3.2.6.2.17 Ao se aproximar do objetivo da marcha, o Esc Rec se reagrupa e assume uma posição de ataque, aguardando ordens do Cmt Esc Cmb.

3.2.6.2.18 Os Cmt Pel Fuz integrantes do Esc Cmb são responsáveis pela segurança aproximada de sua fração. As medidas de segurança adotadas dependem da missão, do terreno e das possibilidades do inimigo.

3.2.6.2.19 A segurança nos flancos da ponta e do Esc Rec, em regra, limita-se à observação desses flancos. O Esc Rec não lança flancoguarda.

3.2.6.3 O Pel Fuz como flancoguarda

3.2.6.3.1 A missão da flancoguarda é proteger o grosso contra a observação terrestre inimiga e os ataques nos flancos. Na eventualidade de um ataque inimigo, combate para permitir o ininterrupto escoamento do grosso ou permitir-lhe tempo suficiente para desenvolver-se.

3.2.6.3.2 Para cumprir essa missão, o Pel Fuz pode ser reforçado por armas AC, morteiros, elementos de reconhecimento e de engenharia.

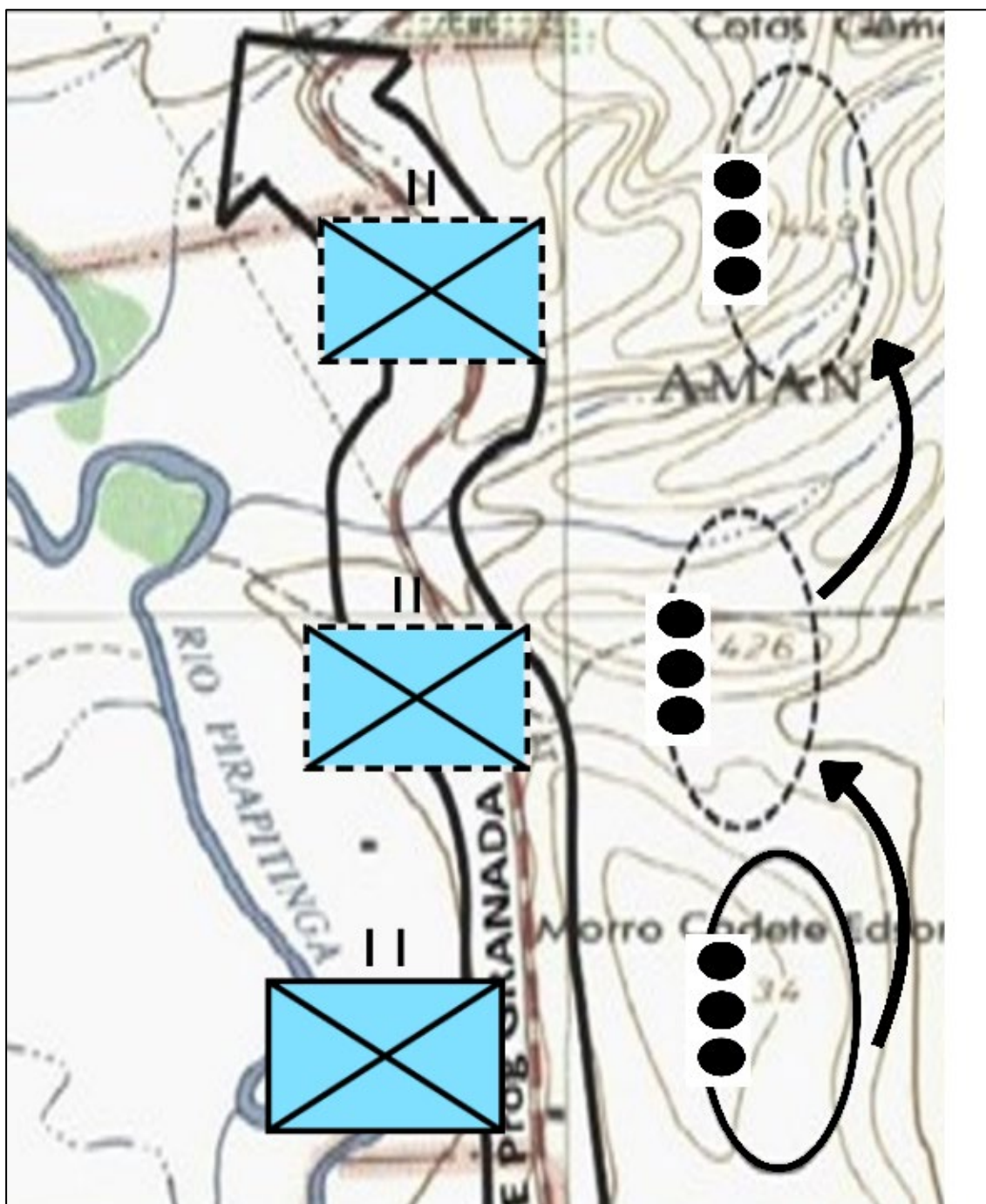


Fig 3-5 - Pel Fuz como flancoguarda do batalhão.

3.2.6.3.3 A formação a ser adotada pelo Pel Fuz depende do terreno, disponibilidade de itinerários paralelos, possibilidades do inimigo e do processo de deslocamento usado.

- Em virtude da dificuldade de assegurar convenientemente a proteção do grosso, normalmente o Pel Fuz recebe viaturas para seu deslocamento.

3.2.6.3.4 O processo de deslocamento da flancoguarda depende do terreno (disponibilidade de itinerários paralelos) e dos meios de transporte disponíveis (mobilidade).

3.2.6.3.5 O Pel Fuz pode se deslocar de forma contínua, com desdobramento semelhante ao do Esc Rec, ou ocupar posições de bloqueio sucessivas nos eixos transversais que demandam o itinerário do grosso.

3.2.6.3.6 O deslocamento contínuo depende da existência de um itinerário paralelo ao do grosso, no limite da distância de apoio de fogo do Btl. O Pel Fuz deve dispor da mesma mobilidade do grosso.

3.2.6.3.7 A ocupação de posições de bloqueio sucessivas requer que o Pel Fuz possua mobilidade superior em relação ao grosso, independentemente da existência ou não de um itinerário paralelo.

3.2.6.3.8 As posições de bloqueio são núcleos de defesa com a missão de retardar tropas inimigas que ataquem no flanco. O pelotão as ocupa como um todo.

3.2.7 MARCHA PARA O COMBATE MOTORIZADA

3.2.7.1 O Pel Fuz como parte do grosso do Btl

- O Pel Fuz, integrado à Cia Fuz, realiza o movimento em coluna tática, até a LPE, procedendo na marcha de acordo com as ordens da SU e as normas gerais de ação.

3.2.7.2 O Pel Fuz integrando o Esc Cmb

3.2.7.2.1 O Esc Cmb de um Btl Vgd, em regra, é precedido pelo DSR do batalhão ou elementos de reconhecimento do Esc Sp.

- Os elementos que têm a missão de localizar o inimigo marcham à frente do Esc Cmb, mantendo-se a uma distância suficiente para permitir-lhe desembarcar e desenvolver-se (5 km ou mais).

3.2.7.2.2 O Esc Cmb na marcha motorizada é dividido em:

- a) Esc Cmb propriamente dito; e
- b) Escalão de Reconhecimento (Esc Rec).

3.2.7.2.3 Os Pel Fuz que integram o Esc Cmb, propriamente dito, marcham conforme determinação do Cmt Cia Fuz, em condições de serem acionados para realizar ou apoiar ataques contra as resistências inimigas.

3.2.7.2.4 O Esc Rec, constituído por um Pel Fuz Ref, precede o Esc Cmb em, aproximadamente, 5 (cinco) minutos de marcha. O Esc Rec não destaca uma ponta como o faz na marcha a pé.

3.2.7.2.5 As viaturas do Esc Rec devem manter o contato visual, deslocando-se no mesmo compartimento do terreno. A ligação entre as viaturas também é mantida por meio do rádio.

3.2.7.2.6 O Esc Rec frequentemente participa de combates de encontro. Ao entrar em contato com o inimigo, os fuzileiros devem desembarcar imediatamente das Vtr, de forma a tomar dispositivos de combate.

- As viaturas devem abandonar o leito da estrada e buscar posições de abrigo.

3.2.7.2.7 Normalmente, o Esc Rec atacará o inimigo como um todo, evitando parcelar suas peças de manobra.

3.2.7.2.8 Exceto as particularidades supracitadas, os procedimentos adotados pelo Esc Rec na marcha motorizada são semelhantes àqueles realizados nas marchas a pé.

3.2.7.3 O Pel Fuz como flancoguarda

- Os procedimentos adotados pelo Pel Fuz como flancoguarda na marcha motorizada são semelhantes àqueles realizados nas marchas a pé.

3.2.8 MARCHAS NOTURNAS

3.2.8.1 Nas marchas para o combate descobertas pode ser necessário ou conveniente realizá-las ou continuá-las à noite.

- O Pel Fuz pode receber ordem de iniciar ou prosseguir a marcha a pé ou em viaturas durante a noite para preservar o sigilo, conquistar o terreno ou evitar que o inimigo tenha tempo de organizar posições retardadoras.

3.2.8.2 A formação adotada na marcha para o combate descoberta, durante a noite, depende das informações sobre o inimigo, do processo de deslocamento, do grau de visibilidade e das características do terreno.

- Geralmente é usada a coluna cerrada, e a distância entre os elementos é menor que no deslocamento diurno.

3.2.8.3 As medidas para preservação do sigilo, nesse tipo de marcha, compreendem o uso restrito de luzes, a redução dos ruídos ao mínimo, a observância da correta utilização do rádio até o contato com o inimigo e medidas passivas de proteção antiaérea. Particular atenção é dada à segurança.

3.2.8.4 Em boas estradas, a velocidade de marcha da tropa a pé, à noite, aproxima-se à da velocidade durante o dia. Em estradas de difícil transitabilidade, em noites de pouca visibilidade ou sob condições atmosféricas desfavoráveis, a velocidade de marcha é consideravelmente reduzida, tanto nas marchas a pé como nas motorizadas.

3.2.8.5 Durante a noite, O Cmt Pel Fuz deve fiscalizar a disciplina de marcha, a manutenção do controle, da ligação e da direção.

- Durante o movimento noturno, podem ser usados meios de identificação especiais para evitar que os elementos se percam, tomando-se a precaução de não denunciar a posição ao inimigo.

3.2.8.6 Exceto as particularidades supracitadas, os procedimentos adotados pelo Pel Fuz na marcha noturna são semelhantes àqueles realizados nas marchas diurnas.

3.3 ATAQUE

3.3.1 GENERALIDADES

3.3.1.1 O ataque é o principal tipo de operação ofensiva da infantaria, caracterizado pelo emprego coordenado do fogo e do movimento para conquistar objetivos.

3.3.1.2 O ataque requer a observância de todos os princípios de guerra, em particular o objetivo, a manobra, a simplicidade, a surpresa e a massa.

3.3.2 TIPOS DE ATAQUE

3.3.2.1 Ataque Coordenado

3.3.2.1.1 A realização de um Ataque Coordenado (Atq Coor) exige:

- a) tempo suficiente para permitir um planejamento completo e minucioso da operação,
- b) a execução de reconhecimentos detalhados,
- c) a transmissão de ordens e
- d) outras providências necessárias ao seu desencadeamento.

3.3.2.1.2 Normalmente, o Pel Fuz participa de ataques coordenados realizados por escalões superiores.

3.3.2.2 Ataque de Oportunidade

3.3.2.2.1 O ataque de oportunidade (Atq Oport) é um ataque imediato, realizado após rápido reconhecimento, sendo essencial a manutenção da velocidade e da impulsão. Pode ser realizado contra forças paradas ou em movimento.

3.3.2.2.2 O Atq Oport se caracteriza pela imediata expedição de ordens fragmentárias pelo comandante, destinadas aos elementos de manobra e Ap F, privilegiando a rapidez, a iniciativa e a manutenção da impulsão.

3.3.2.2.3 A principal diferença entre o Atq Oport e o Atq Coor é o tempo disponível para o planejamento da operação. O tempo necessário para sua preparação é da ordem de 1/3 a 1/2 do exigido pelo Atq Coor.

3.3.2.2.4 O Pel Fuz pode realizar um Atq Oport isoladamente ou enquadrado na Cia Fuz.

3.3.3 FORMAS DE MANOBRA

3.3.3.1 O Pel Fuz participa das seguintes formas de manobra ofensiva desenvolvidas pela Cia Fuz e escalões superiores:

- a) ataque frontal,
- b) penetração,
- c) desbordamento,
- d) envolvimento e
- e) infiltração.

TIPO DE OPERAÇÃO OFENSIVA	FORMAS DE MANOBRA
ATAQUE	ATAQUE FRONTAL
	PENETRAÇÃO
	DESBORDAMENTO
	ENVOLVIMENTO
	INFILTRAÇÃO

Tab 3-3 - Formas de manobra do ataque.

3.3.3.2 Qualquer que seja a forma de manobra adotada pelo Esc Sp, o Pel Fuz pode atacar mediante uma ação frontal ou de flanco.

- Sempre que possível, o Cmt Pel Fuz deve priorizar as ações no flanco do inimigo, procurando atingi-lo onde ele é mais fraco.

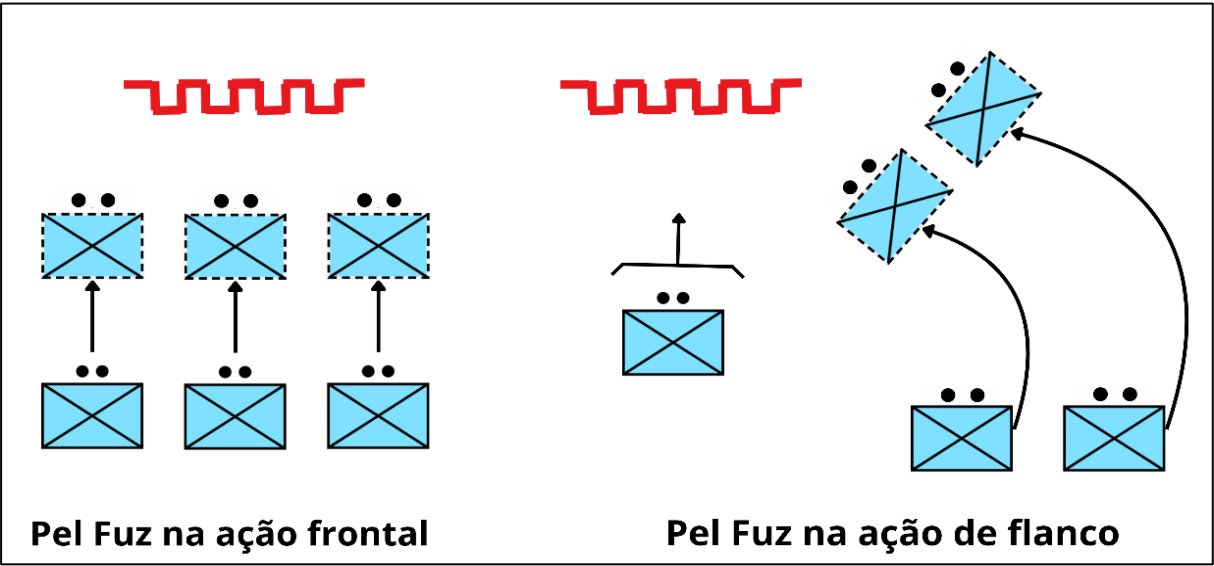


Fig 3-6 - Ação frontal e de flanco do Pel Fuz no ataque.

3.3.3.3 Entretanto, o propósito da missão Pel Fuz, o terreno, as medidas de coordenação

e controle e outros fatores podem levar o Cmt Pel a decidir por uma ação frontal.

3.3.3.4 Para maior detalhamento acerca das formas de Man no Atq, consultar o Manual de Campanha EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª edição, 2023).

3.3.4 PLANEJAMENTO DO ATAQUE

3.3.4.1 Ao receber a ordem de alerta ou a ordem de operações para um ataque, o Cmt Pel Fuz deve iniciar imediatamente o seu Trabalho de Comando.

3.3.4.2 Medidas de Coordenação e Controle

3.3.4.2.1 As medidas de coordenação e controle são ferramentas táticas que sincronizam a manobra e os fogos, garantindo unidade de esforço.

3.3.4.2.2 O Cmt Pel Fuz deve interpretar as medidas de coordenação e controle estabelecidas pelo Cmt Btl e Cmt Cia Fuz, bem como estabelecer aquelas que julgar necessário.

3.3.4.2.3 Zonas de Reunião (Z Reu)

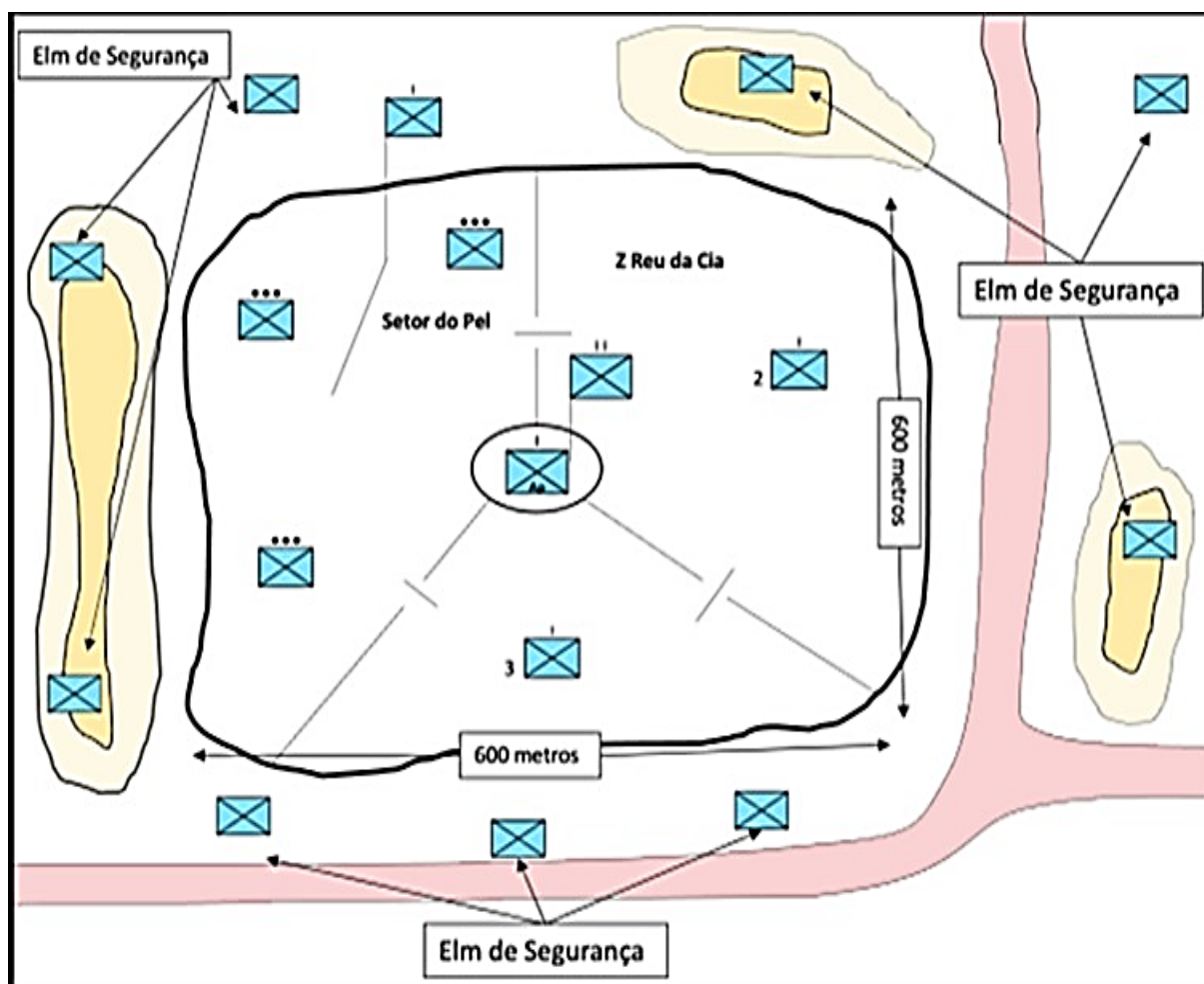


Fig 3-7 - Exemplo de dispositivo de Z Reu do Btl.

- a) São locais onde as frações se preparam para o ataque, situados a cerca de uma hora de marcha da posição de ataque.
- b) São fixadas pelo Cmt Btl, com subáreas atribuídas pelo Cmt Cia Fuz aos pelotões.
- c) Deve garantir:
 - 1) ocultação da observação inimiga,
 - 2) proteção contra tiros diretos,
 - 3) espaço para dispersão,
 - 4) múltiplos itinerários de acesso,
 - 5) solo firme e
 - 6) obstáculos naturais contra blindados.

3.3.4.2.4 Posição de Ataque (P Atq)

- É a última posição coberta e abrigada antes da linha de partida, selecionada com base no terreno e no esquema de manobra.
- Deve oferecer proteção contra os fogos diretos, ocultação e espaço para a tomada do dispositivo inicial das frações.
- O Cmt Pel Fuz seleciona a localização exata de sua P Atq, dentro da área atribuída pelo Cmt Cia Fuz.

3.3.4.2.5 Hora do Ataque

- Indica o momento exato em que o escalão de ataque transpõe a linha de partida, conforme prescrito na ordem do Btl.
- O início do ataque pode ser coordenado por um horário fixo ou por um sinal convencionado, dependendo da situação tática.

3.3.4.2.6 A Linha de Partida (LP)

- É aquela que indica onde o ataque é iniciado.
- Deve se posicionar de forma perpendicular à direção de ataque, ser facilmente identificável na carta e no terreno e estar situada em região sob controle das forças amigas.
- Normalmente, é estabelecida pelo Cmt Btl.

3.3.4.2.7 Zonas de Ação e Limites

- Cada Cia Fuz recebe Zonas de Ação delimitadas por limites identificáveis na carta e no terreno. Movimentos e desencadeamento de fogos fora da zona de ação exigem autorização do batalhão e coordenação com os elementos vizinhos.
- Cada Pel Fuz recebe do Cmt Cia Fuz uma faixa de atuação, de 150 a 300 metros, direcionada para o objetivo e sem limites rígidos, onde a fração deve se desdobrar para o movimento da LP ao objetivo.

3.3.4.2.8 Objetivos

- O Cmt Btl designa objetivos para as Cia Fuz, os quais devem ser conquistados e consolidados.
- Normalmente, os Pel Fuz não recebem objetivos, mas sim, porções daqueles designados para as Cia Fuz.

3.3.4.2.9 Direção de Ataque

- A Direção de Ataque orienta o esforço principal do Pel Fuz.
- Pode ser estabelecida pelo Esc Sp ou pelo próprio Cmt da fração.

3.3.4.2.10 Eixo de Progressão

- O Eixo de Progressão (E Prog) indica a direção geral de um movimento de ataque, permitindo desvios táticos sem a obrigação de limpar toda a área.

3.3.4.2.11 Linhas de Controle

- São estabelecidas para monitorar a progressão e sincronizar as ações.
- Devem ser facilmente identificáveis no terreno e na carta.
- Podem ser estabelecidas pelo Esc Sp ou pelo próprio Cmt da fração.
- As frações informam o Esc Sp ao atingir essas linhas, sem deter seu movimento, salvo por ordem.
- Podem limitar movimentos ou indicar mudanças de direção.

3.3.4.2.12 Pontos de Controle

- São referências para indicar posições, úteis em operações rápidas.

3.3.4.2.13 Pontos de Coordenação

- São utilizadas para sincronizar fogos entre SU e frações, evitando fratricídio.

3.3.4.2.14 Pontos de Ligação

- São locais determinados para contato físico entre unidades, definidos para manter a coesão de uma manobra.

3.3.4.2.15 Pontos de Liberação (P Lib)

- São locais onde elementos subordinados são liberados ao controle de seus comandantes, comuns em infiltrações ou ataques noturnos.

3.3.4.2.16 Faixa de Infiltração

- É a porção do terreno que contém os itinerários utilizados pela tropa que realiza uma infiltração (forma de manobra).

3.3.4.2.17 Área de Reagrupamento

- É o local onde a força de infiltração é reunida e reorganizada durante o deslocamento pela faixa de infiltração.

3.3.4.2.18 Posição de Assalto

- É a linha balizada por um acidente do terreno, facilmente identificável e perpendicular

à direção de ataque, localizada a cerca de 100 a 200 metros da posição defensiva do inimigo, que facilita a coordenação do assalto pelos elementos de primeiro escalão.

3.3.4.2.19 Linha de Provável Desenvolvimento (LPD)

- É aquela cuja transposição caracteriza o início do assalto na forma de manobra infiltração.

3.3.4.2.20 Linha Limite de Progressão (LLP)

- É a aquela que limita a progressão do assalto da na forma de manobra infiltração ou nos ataques noturnos.

3.3.4.3 Organização das forças para o ataque

3.3.4.3.1 O Pel Fuz se organiza para o ataque, constituindo até duas forças:

- a) esforço principal; e
- b) esforço secundário.

3.3.4.3.2 O esforço principal é aquele que tem a seu cargo a decisão do combate, cumprindo a tarefa essencial identificada no Trabalho de Comando, que caracteriza o cumprimento da missão.

- Normalmente, recebe a prioridade de apoio de fogo e apoio ao combate. Se possível, deve utilizar o corredor de mobilidade mais favorável. É a força que ataca o inimigo onde ele é mais fraco.

3.3.4.3.3 Caso julgue necessário, o Cmt Pel Fuz pode constituir um esforço secundário para auxiliar o esforço principal.

- O esforço secundário pode ser empregado com os seguintes propósitos:

- a) iludir o inimigo quanto à verdadeira direção do esforço principal;
- b) fixar o inimigo no terreno, facilitando o movimento do esforço principal;
- c) conquistar terreno cuja posse facilite a manobra do esforço principal; e
- d) eliminar resistências inimigas que dificultem a manobra do esforço principal.

3.3.4.3.4 Normalmente o Pel Fuz não organiza uma reserva para o ataque, pelos seguintes motivos:

- a) a manutenção de uma reserva fora do compartimento de contato prejudicaria o comando e controle do Cmt Pel Fuz, dificultando a atuação coordenada das frações;
- b) o tempo de resposta da reserva seria elevado, reduzindo sua capacidade de influenciar o combate de forma oportuna e decisiva; e
- c) o poder de combate da reserva (GC) dificilmente seria suficiente para alterar significativamente os rumos do combate.

3.3.4.4 Dispositivo para o ataque

3.3.4.4.1 O dispositivo para o ataque é selecionado baseado na análise dos fatores da decisão, especialmente o inimigo, o terreno e a missão.

3.3.4.4.2 O Pel Fuz pode adotar qualquer das formações táticas descritas no Cap II deste documento.

3.3.4.4.3 Usualmente, no ataque, o Pel Fuz adota a formação em cunha durante a progressão da LP até a posição de assalto, passando à formação em linha para o assalto propriamente dito.

3.3.4.4.4 No ataque com o propósito de fixar o inimigo, a formação tática por grupos justapostos é a mais adequada.

3.3.5 APOIO DE FOGO

3.3.5.1 Tipos de Fogos

3.3.5.1.1 Fogos de Preparação

- São os iniciados antes dos fuzileiros transporem a LP para facilitar o desembocar do ataque.
- Têm por finalidade destruir ou neutralizar posições inimigas que poderão dificultar a progressão dos fuzileiros.
- Participam desses fogos a artilharia e os meios de apoio de fogo do Btl e Cia Fuz.

3.3.5.1.2 Fogos durante o ataque

- São aqueles que visam permitir que os fuzileiros se aproximem do objetivo com o mínimo de baixas após a transposição da LP.
- São realizados contra alvos que se oponham à progressão dos Pel Fuz (armas coletivas e núcleos de defesa inimigos).
- São suspensos ou alongados quando os fuzileiros alcançam a DER, balizada por linhas de controle.

3.3.5.1.3 Fogos de Proteção

- São executados durante o assalto e a consolidação para impedir que o inimigo reforce suas posições ou lance contra-ataques.
- São também desencadeados nos flancos dos Pel Fuz de 1º escalão quando a progressão de um for mais rápida que do outro.

3.3.5.2 Morteiros

3.3.5.2.1 Os fogos dos morteiros são empregados, principalmente, para destruir ou neutralizar pessoal ou armas de apoio inimigo que possam ser batidas mais rapidamente pelos morteiros do que pela artilharia.

- Durante o ataque, os morteiros abrem fogo, a pedido, para bater resistências que se

opõem à progressão do Pel Fuz.

3.3.5.2.2 A forma de emprego mais adequada para a Pç Mrt L é a ação de conjunto, onde atua em proveito de todo o Pel Fuz.

3.3.5.2.3 A Pç Mrt L deve ocupar uma posição de tiro desenfiada, porém próxima da crista, a fim de permitir a condução dos fogos também pelo Ch Pç.

3.3.5.2.4 A Pç Mrt L deve mudar de posição quando seus fogos não mais possam proporcionar apoio aos fuzileiros.

- Essas mudanças são planejadas durante o trabalho de comando do Cmt Pel Fuz.

3.3.5.2.5 É desejável que a Pç Mrt L se posicione próximo às metralhadoras a fim de facilitar o comando e controle do Cmt Gp Ap.

3.3.5.2.6 Os detalhes do planejamento e da execução de fogos indiretos são tratados no Cap II deste documento.

3.3.5.3 Metralhadoras

3.3.5.3.1 Os fogos das metralhadoras são empregados, principalmente, para neutralizar fuzileiros e armas de apoio, proporcionando melhores condições para a Man dos GC.

3.3.5.3.2 A forma de emprego mais adequada para as metralhadoras médias do Pel Fuz é a ação de conjunto.

3.3.5.3.3 A metralhadoras médias devem ocupar posições de tiro que proporcionem boa observação e bons campos de tiro em profundidade, a fim de apoiar a manobra dos GC nas melhores condições.

- A direção de tiro das metralhadoras, se possível, deve ser oblíqua à direção de ataque do Pel Fuz.

3.3.5.3.4 A seleção das posições, as direções e os setores de tiro das metralhadoras médias devem considerar os alcances e DRS do armamento, que vão ajudar o Cmt Pel Fuz a determinar linhas de acionamento, gatilhos e outras MCAF para coordenar o fogo e o movimento de sua fração, mitigando o risco de fratricídio.

3.3.5.3.5 As metralhadoras médias devem mudar de posição quando seus fogos não mais possam proporcionar apoio aos fuzileiros.

- Essas mudanças são planejadas durante o trabalho de comando do Cmt Pel Fuz.

3.3.5.3.6 O Cmt Pel Fuz deve estabelecer os alvos prioritários a serem batidos pelas metralhadoras médias e leves.

3.3.5.3.7 Após a conquista do objetivo, as metralhadoras médias cerram à frente, imediatamente para apoiar a consolidação, ficando em condições de bater as VA mais prováveis para contra-ataques inimigos.

3.3.5.3.8 As metralhadoras leves têm seu emprego regulado pelos Cmt GC. Normalmente, acompanham os fuzileiros e realizam o tiro frontal contra as resistências inimigas.

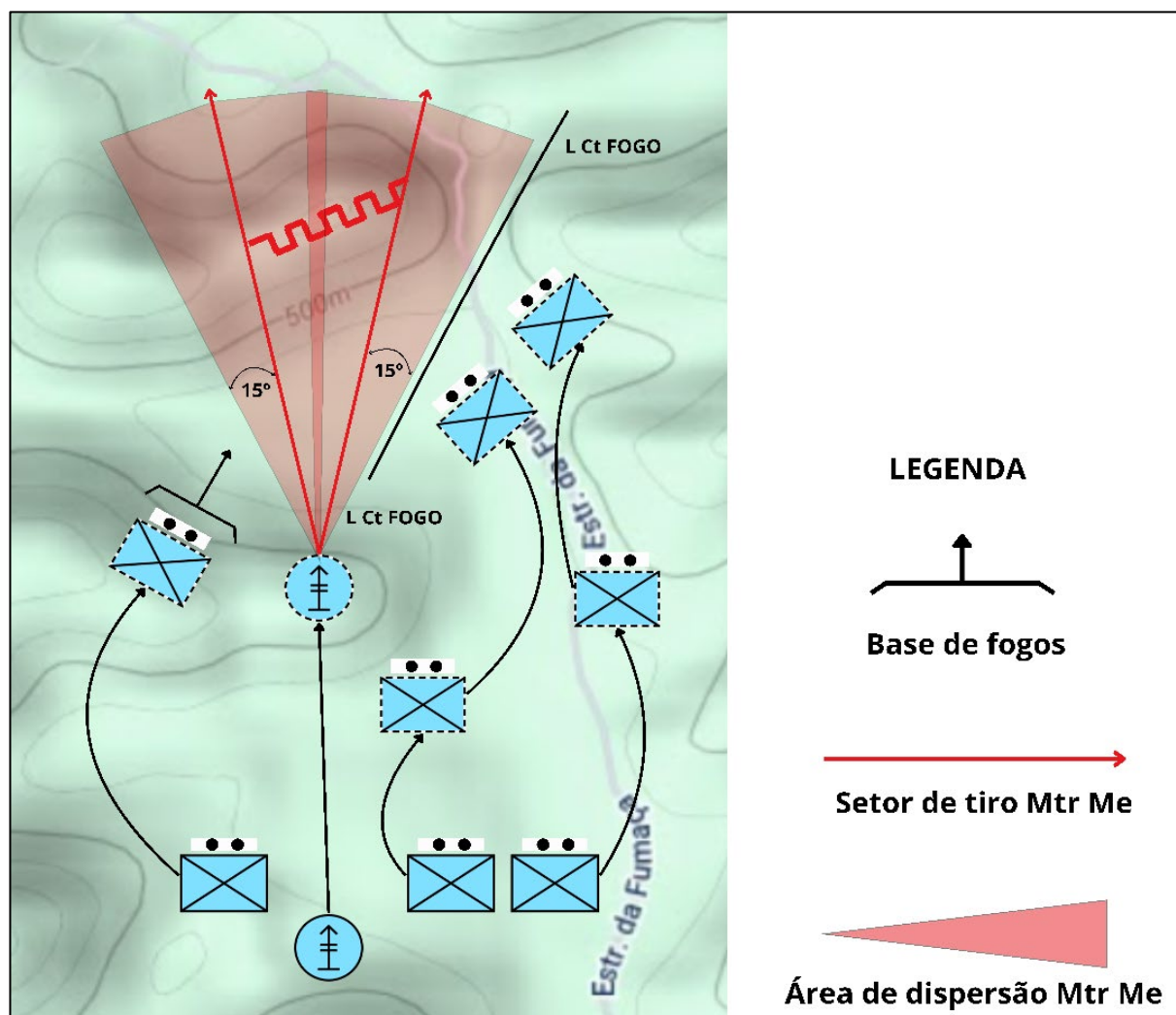


Fig 3-8 - Exemplo de integração da manobra dos GC com o fogo da seção de metralhadoras médias.

Um GC e a Seç Mtr Me realizam a base de fogos para deslocamento de dois GC por E.

Quando os GC alcançam a L Ct FOGO, a base de fogos cessa os fogos a fim de evitar o fratricídio.

3.3.5.4 Armas AC

3.3.5.4.1 Caso o Pel Fuz receba CSR em reforço ou apoio direto, devem ser determinados setores de tiro para bater as vias de acesso mais adequadas para os carros de combate inimigos, na frente e nos flancos do Pel.

3.3.5.4.2 Os lança-rojões dos GC fazem a segurança aproximada das frações contra os blindados inimigos.

3.3.5.4.3 Sem prejuízo de sua missão principal, as armas AC poderão ser empregadas contra fortificações, abrigos organizados, armas coletivas e tropa desabrigada.

- Executam também missões fumígenas, dificultando a observação do inimigo.

3.3.5.5 Emprego de Fumígenos

3.3.5.5.1 No ataque os fumígenos são empregados para:

- a) cegar a observação inimiga;
- b) reduzir a eficácia dos tiros diretos inimigos;
- c) dificultar a ajustagem dos fogos indiretos inimigos;
- d) reduzir a eficiência de equipamentos optrônicos;
- e) ocultar nossos deslocamentos e reorganização;
- f) cobrir a abertura de passagens em obstáculos batidos por fogos;
- g) cobrir travessias de curso d'água ou operações anfíbias;
- h) proteger o assalto das tropas amigas; e
- i) isolar posições ou zonas inimigas.

3.3.6 APOIO LOGÍSTICO

3.3.6.1 O Pel Fuz deve sair da Z Reu em direção à P Atq, com todo o suprimento necessário, para manter-se em combate até a conquista dos objetivos, quando os trens de combate da Cia Fuz poderão realizar alguma atividade de ressuprimento. Especial atenção deve ser dada ao cálculo da munição necessária ao ataque durante o trabalho de comando.

3.3.6.2 A munição das armas coletivas pode ser distribuída entre os fuzileiros, que a conduz da Z Reu até a posição de descarregamento designada pelo Cmt Pel Fuz, onde é novamente centralizada para consumo pelas peças de apoio.

3.3.7 PREPARAÇÃO PARA O ATAQUE

3.3.7.1 Antes do ataque, o Pel Fuz pode receber ordem de ocupar uma Z Reu, integrando-se à Cia Fuz.

3.3.7.2 O Enc Mat é responsável pela repartição da zona atribuída à Cia Fuz entre os pelotões e pela colocação dos guias para orientá-los até suas respectivas zonas.

3.3.7.3 As medidas de segurança na Z Reu são definidas pelo Cmt Btl e Cmt Cia Fuz.

- Podem variar desde o estabelecimento de postos de observação (quando uma segurança conveniente for proporcionada por forças dispostas à frente) até a defesa circular organizada, incluindo todas as armas de apoio (quando é insuficiente a segurança proporcionada por forças colocadas à frente, e um forte ataque inimigo é possível).

3.3.7.4 Na Z Reu, o Pel Fuz aproveita as cobertas e os abrigos naturais para se proteger da observação terrestre e aérea. Caso o terreno não disponha de abrigos, cavam-se abrigos individuais para homens deitados.

3.3.7.5 A principal atividade na Z Reu consiste nos preparativos para o ataque, como reconhecimento, planejamentos pormenorizados, coordenações e ensaios tão completos quanto possível.

3.3.7.6 O Adj Pel coordena as medidas logísticas na Z Reu. É realizada a manutenção preventiva do material, incluindo o armamento, o material de comunicações e as viaturas. O suprimento é executado de forma a completar as dotações individuais e coletivas de água, ração, combustível e munição. O material desnecessário ao combate é reunido com o encarregado de material da SU.

3.3.7.7 Dentro das possibilidades, é permitido o descanso da tropa, sem que ocorra o comprometimento da segurança.

3.3.8 EXECUÇÃO DO ATAQUE

3.3.8.1 Da Zona de Reunião à Posição de Ataque

3.3.8.1.1 No horário determinado, o Pel Fuz se desloca para a P Atq, enquadrado pela Cia Fuz. O deslocamento é realizado de forma a permitir a manutenção do sigilo da operação. As posições de ataque são ocupadas durante o tempo mínimo necessário ao desenvolvimento, coordenação e preparativos finais para o ataque.

3.3.8.1.2 Se a situação e o terreno permitirem, viaturas poderão transportar pessoal e material até a P Atq. O movimento dos elementos atacantes até a P Atq pode ser feito sob o controle do batalhão ou da companhia.

3.3.8.1.3 O ataque pode ser desencadeado diretamente de uma coluna de marcha, sem prévia preparação, não havendo a obrigatoriedade da ocupação de uma zona de reunião. Tal situação é mais comum nos combates de encontro decorrentes das operações de movimento, como a marcha para o combate e o aproveitamento do êxito.

3.3.8.2 Da Posição de Ataque à Linha de Partida

3.3.8.2.1 A partir da posição de ataque, o deslocamento para a LP é feito de modo a permitir que os fuzileiros atinjam aquela linha no dispositivo prescrito para o início do ataque, utilizando as cobertas e os abrigos ao máximo.

3.3.8.2.2 Guias podem ser utilizados para balizarem passagens nos obstáculos abertos por elementos de engenharia.

3.3.8.3 Da Linha de Partida à Posição de Assalto

3.3.8.3.1 O Pel Fuz transpõe a LP na hora marcada, aproveitando os abrigos e as cobertas existentes no terreno e a segurança proporcionada pelos fogos de apoio. Os GC progridem por lanços com uma eficaz combinação de fogo e movimento, apoiando-se mutuamente durante a progressão.

3.3.8.3.2 A utilização das cobertas e abrigos existentes, especialmente os caminhos desenhados, é fundamental para evitar os fogos inimigos e preservar o poder de combate do pelotão para o momento decisivo do ataque.

3.3.8.3.3 Ao atingir uma zona batida por fogos de artilharia ou morteiro, os GC devem tentar desbordá-la. Se não for possível, devem transpô-la rapidamente.

- A observação inimiga para ajustagem dos tiros sobre os fuzileiros que progridem pode ser parcial ou totalmente neutralizada pelo fogo e cortinas de fumaça desencadeadas pelas armas de apoio.

3.3.8.3.4 Os GC devem, a todo momento, tentar manter a formação tática estabelecida pelo Cmt Pel Fuz. Entretanto, em virtude da falta de uniformidade da resistência oferecida pelo inimigo, das diferenças de terreno e das variações do auxílio recebido dos fogos de apoio, alguns GC progridem enquanto outros poderão ficar detidos.

3.3.8.3.5 Um GC que não esteja detido pelo fogo deve continuar sua progressão, mesmo que os demais estejam detidos. Esta progressão pode flanquear a resistência que detém os GC vizinhos e possibilitar tiros de flanco com armas automáticas sobre ela.

3.3.8.3.6 Os fogos das armas orgânicas e em apoio são empregados para neutralizar as armas inimigas que estejam interferindo na progressão do pelotão. O Cmt Pel Fuz deve solicitar apoio de fogo de artilharia e morteiros à Cia Fuz para neutralizar as posições inimigas, ou empregar sua Pç Mrt L, de acordo com o escalonamento de fogos planejado pela SU.

3.3.8.3.7 As peças de metralhadora buscam regiões dominantes do terreno, de onde o tiro possa ser desencadeado sobre as posições inimigas, sempre respeitando os intervalos de segurança previstos nos DRS.

3.3.8.3.8 Os núcleos de resistência inimiga são neutralizados mais rapidamente por uma ação que combine fogo e manobra de frente e nos flancos.

3.3.8.3.9 Durante um ataque coordenado, caso o Pel Fuz estabeleça contato com um obstáculo, particularmente campos de minas, armadilhas, construções de arame ou destruições, deverá informar à Cia Fuz e imediatamente destacar uma ou mais frações de reconhecimento, se possível, integradas por elementos de engenharia.

3.3.8.3.10 Esse reconhecimento deverá levantar as possibilidades de desbordar o obstáculo, considerando:

- a) a natureza do terreno em que ele está estabelecido;
- b) os itinerários para desbordamento;
- c) a profundidade e o comprimento (frente);
- d) as prováveis posições de armas que batem o referido obstáculo; e
- e) no caso de campo de minas, a localização do verdadeiro limite anterior e não do limite das minas esparsas à frente.

3.3.8.3.11 Normalmente, a decisão sobre tentar desbordar um obstáculo ou iniciar uma operação de abertura de brecha cabe ao Cmt Cia Fuz.

3.3.8.3.12 Caso o Pel Fuz esteja reforçado ou apoiado por elementos de engenharia com a capacidade de abertura de brecha e autorizado pelo Cmt Cia Fuz, poderá conduzir esse tipo de operação isoladamente.

3.3.8.3.13 Mais informações sobre as operações de abertura de brecha poderão ser obtidas nos manuais EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª edição, 2023),

MC 3.56-50 OPERAÇÕES DE ABERTURA DE BRECHA (2025) e EB70-MC-10.237 A ENGENHARIA NAS OPERAÇÕES (1ª edição, 2018), bem como no Caderno de Instrução CI 3.7-100 - Companhia de Fuzileiros (1ª edição, 2025).

3.3.8.4 Assalto

3.3.8.4.1 Quando o Pel Fuz alcançar a DER das armas de apoio, os fogos serão suspensos e/ou transportados mediante ordem do Cmt Cia Fuz, por um sinal convencionado ou outro meio.

3.3.8.4.2 Na posição de assalto, o Cmt Pel Fuz deve determinar a preparação para o assalto, armando baionetas e trocando seus carregadores, de forma a assegurar as melhores condições para o combate aproximado.

3.3.8.4.3 A partir dessa posição, o Pel Fuz adota a formação tática em linha e progride para o objetivo utilizando uma das seguintes técnicas de movimento:

a) Movimento contínuo

- Os GC se lançam sobre o objetivo rápido e agressivamente, desencadeando os fogos de assalto sobre os elementos inimigos, com a cooperação do fogo das metralhadoras leves, impedindo o inimigo de realizar fogos eficazes sobre o Esc Atq.

b) Movimento por lanços

- Os GC executam lanços, combinando fogo e movimento até atingirem as posições inimigas.
- Essa técnica é utilizada quando os fogos do escalão de assalto e das metralhadoras não são capazes de impedir o inimigo de realizar seus fogos.
- Os abrigos inimigos conquistados podem ser utilizados como local para base de fogos, na conquista das demais posições.

c) Movimento sigiloso

- Os GC deslocam-se de forma furtiva até o mais próximo possível do objetivo.
- Quando o sigilo for quebrado, passam a deslocar-se de forma contínua ou por lanços.
- Este tipo de movimento é particularmente utilizado em ataques noturnos ou sob condições de visibilidade reduzida.

3.3.8.4.4 O assalto é iniciado por ordem ou sinal do Cmt Cia Fuz, repetido por todos os oficiais e sargentos, sendo impulsionado até o limite posterior do objetivo, sem dar ao inimigo a oportunidade para reorganizar-se ou reforçar sua defesa.

3.3.8.4.5 Durante as ações de combate aproximado, o Pel Fuz pode capturar prisioneiros de guerra.

- Alguns fuzileiros devem permanecer junto aos prisioneiros de guerra até que outros elementos da Cia Fuz assumam a sua guarda.

3.3.8.5 Consolidação

3.3.8.5.1 Imediatamente após a conquista de um objetivo, o Pel Fuz instala-se para repelir os contra-ataques de acordo com a ordem de ataque da companhia. Isso ocorre, normalmente, por meio da adoção de um dispositivo defensivo na crista militar da contraencosta do objetivo.

3.3.8.5.2 O Cmt Pel Fuz ajusta seu dispositivo, designando setores de tiro aos GC e metralhadoras médias, bem como posicionar a Pç Mrt L. Também devem ser lançados os obstáculos de proteção local.

3.3.8.5.3 O Adj Pel providencia a redistribuição do pessoal, material e munição remanescente, garantindo condições mínimas do Pel Fuz resistir à alguma ação inimiga.

3.3.8.5.4 Mediante coordenação da Cia Fuz, o Pel Fuz realiza patrulhas de reconhecimento para identificar possíveis posições inimigas remanescentes, vias de acesso para contra-ataques e características do terreno que possam ser exploradas para a defesa.

3.3.8.5.5 Elementos de segurança devem ser enviados à frente para alertar sobre a aproximação do inimigo.

3.3.8.5.6 Reajustado o dispositivo, iniciam-se os trabalhos de melhoria das posições defensivas individuais e coletivas, a construção de abrigos e a limpeza dos campos de tiro.

3.3.8.5.7 O estabelecimento e a manutenção das redes internas e externas de comunicações são vitais para coordenar a defesa e manter o Esc Sp informado sobre a situação.

3.3.8.6 Reorganização

3.3.8.6.1 A reorganização da tropa consiste na adoção de medidas logísticas com a finalidade de restabelecer o poder de combate do atacante, criando condições para o prosseguimento do ataque ou para a manutenção do objetivo.

3.3.8.6.2 As atividades de reorganização são, em sua maior parte, coordenadas pelo Adj Pel.

3.3.8.6.3 Os mortos e os feridos são evacuados e o pessoal remanescente redistribuído entre os grupos do Pel Fuz, considerando-se, além do efetivo, as funções e as especializações críticas.

3.3.8.6.4 O Adj Pel recebe o remuniciamento do furriel, providenciando a imediata distribuição do suprimento.

3.3.8.6.5 O material danificado deve ser levado à ATSU, para manutenção ou substituição.

3.3.8.6.6 Os prisioneiros são conduzidos à ATSU e os dados de inteligência coletados são imediatamente informados ao Cmt Cia Fuz.

6.5.9.8.6 Ao completar a sua reorganização, o Pel Fuz deve estar com suas frações recompostas, devidamente controladas, com um suprimento de munição adequado e ter planos completos para o prosseguimento da missão. O Cmt Cia Fuz é informado da situação.

3.3.9 O PELOTÃO RESERVA DA COMPANHIA DE FUZILEIROS

3.3.9.1 Missões do Pelotão Reserva

3.3.9.1.1 Normalmente, durante um ataque, o Cmt Cia Fuz designa um Pel Fuz como reserva. Essa fração pode receber uma ou mais das seguintes missões:

- a) Proteger os flancos e a retaguarda dos Pel Fuz de primeiro escalão;
- b) Repelir contra-ataques, particularmente os dirigidos contra os flancos;
- c) Limpar uma posição conquistada ou ultrapassada pelo Esc Atq;
- d) Tomar para si a missão de todo ou parte do Esc Atq; e
- e) Manter ligação com as unidades vizinhas.

3.3.9.1.2 O Cmt Cia Fuz determina o local inicial do Pel Fuz reserva, bem como emite instruções referentes aos deslocamentos subsequentes, proteção dos flancos, organização de planos para fazer face às várias situações e ligação com as subunidades vizinhas.

3.3.9.1.3 Durante seu trabalho de comando, o Cmt Pel Fuz reserva deve, entre outras atividades, reconhecer o itinerário e o local da posição inicial da reserva e emitir sua ordem inicial, fornecendo aos comandantes subordinados informações acerca do inimigo e sobre o plano de ataque da Cia Fuz.

3.3.9.2 Deslocamento para as posições sucessivas

3.3.9.2.1 Normalmente, o Pel Fuz reserva é posicionado para deslocar-se eixado com ataque principal da Cia Fuz.

3.3.9.2.2 Conforme os Pel Fuz em 1º escalão avançam, o Pel Fuz reserva se desloca por lanços ou itinerários desenhados, mantendo-se protegido do fogo direto e permanecendo, sempre que possível, em outro compartimento do terreno.

3.3.9.2.3 O Cmt Pel Fuz reserva realiza uma continuada análise dos fatores da decisão durante o ataque, a fim de permitir uma rápida emissão de ordens e execução em caso de acionamento pelo Cmt Cia Fuz. Para isso, mantém-se constantemente informado da situação por meio da observação da manobra da Cia Fuz e contato com o Esc Sp.

3.3.9.3 Emprego do Pel Fuz reserva

3.3.9.3.1 O Pel Fuz reserva é o principal meio de intervenção no combate de que dispõe o Cmt Cia Fuz durante um ataque.

3.3.9.3.2 Durante o planejamento para o ataque, o Cmt Cia Fuz informa o provável emprego da reserva e determina que o Cmt Pel Fuz reserva faça os reconhecimentos e elabore os planos.

3.3.9.3.3 Quando o Cmt Cia Fuz decide empregar a reserva, ele fixa a tarefa, o propósito, o objetivo, a hora provável do ataque, a direção e todas as modificações no plano de fogos da SU que se fizerem necessários.

3.3.9.3.4 O Cmt Pel Fuz reserva executa o seu planejamento e emite ordens a seus subordinados. Também estabelece as ligações necessárias com vizinhos e elementos de apoio e, sem perda de tempo, inicia a execução da missão. Deve manter o Cmt Cia Fuz sempre informado sobre a situação.

3.3.10 O PELOTÃO COMO FORÇA DE PROTEÇÃO DE FLANCO DO BATALHÃO

3.3.10.1 O Pel Fuz pode receber a missão de constituir a força de proteção de flanco do batalhão. Tal situação ocorre quando o batalhão apresenta um flanco exposto que pode ser explorado por tropas inimigas.

3.3.10.2 O Pel Fuz deve atuar dentro da distância de apoio de fogo do batalhão e cumprirá a missão ocupando posições de bloqueio que barrem as vias de acesso inimigas ao flanco da unidade.

- O pelotão ocupa sucessivamente as posições de bloqueio, como um todo, à medida que o escalão de ataque avança na zona de ação do batalhão.

3.3.10.3 Uma vez atacado, o Pel Fuz deve retardar o inimigo, engajando-o pelo fogo o mais longe possível, a fim de proporcionar o tempo necessário para a manobra do batalhão, retraindo somente mediante ordem.

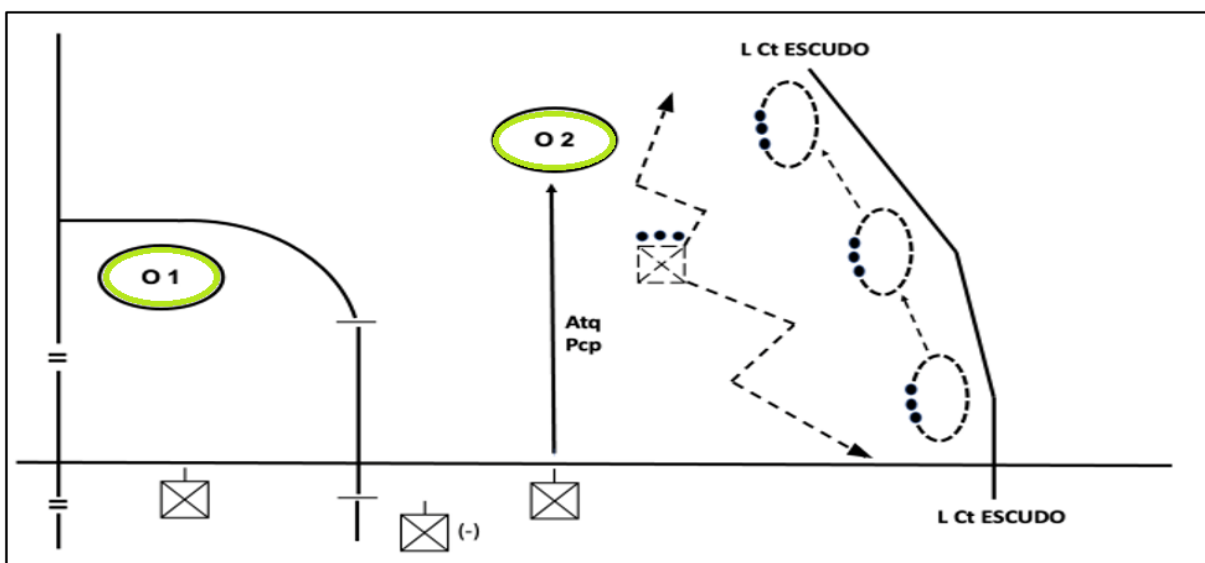


Fig 3-9 - Pel Fuz como força de proteção de flanco do Btl.

3.3.11 O PELOTÃO NO ATAQUE DE FIXAÇÃO

3.3.11.1 O Cmt Cia Fuz pode determinar que um Pel Fuz execute a tarefa de fixar o inimigo. Essa missão é normalmente conduzida como ataque secundário, com o objetivo de impedir que as Tr Ini em contato retraiam ou se desloquem para reforçar outras áreas.

3.3.11.2 A força de fixação desencadeia o ataque até a distância do combate aproximado, cerca de 100 a 200 metros da posição inimiga, sem, contudo, assaltá-la. É recomendável que o Cmt Pel Fuz estabeleça uma linha de controle para limitar a progressão da força de fixação.

3.3.11.3 Os fogos da força de fixação devem ser eficazes o suficiente para impedir que o inimigo consiga realizar um retraimento com sucesso. Normalmente, o Cmt Cia Fuz estabelece MCAF para suspender ou transportar os fogos da força de fixação quando outras forças amigas se aproximam da posição inimiga.

3.3.11.4 Normalmente, uma força tem a capacidade de fixar tropa inimiga de valor equivalente ao seu.

3.3.11.5 A formação tática por grupos justapostos é adequada para fixar o inimigo, pois garante um bom volume de fogos à frente.

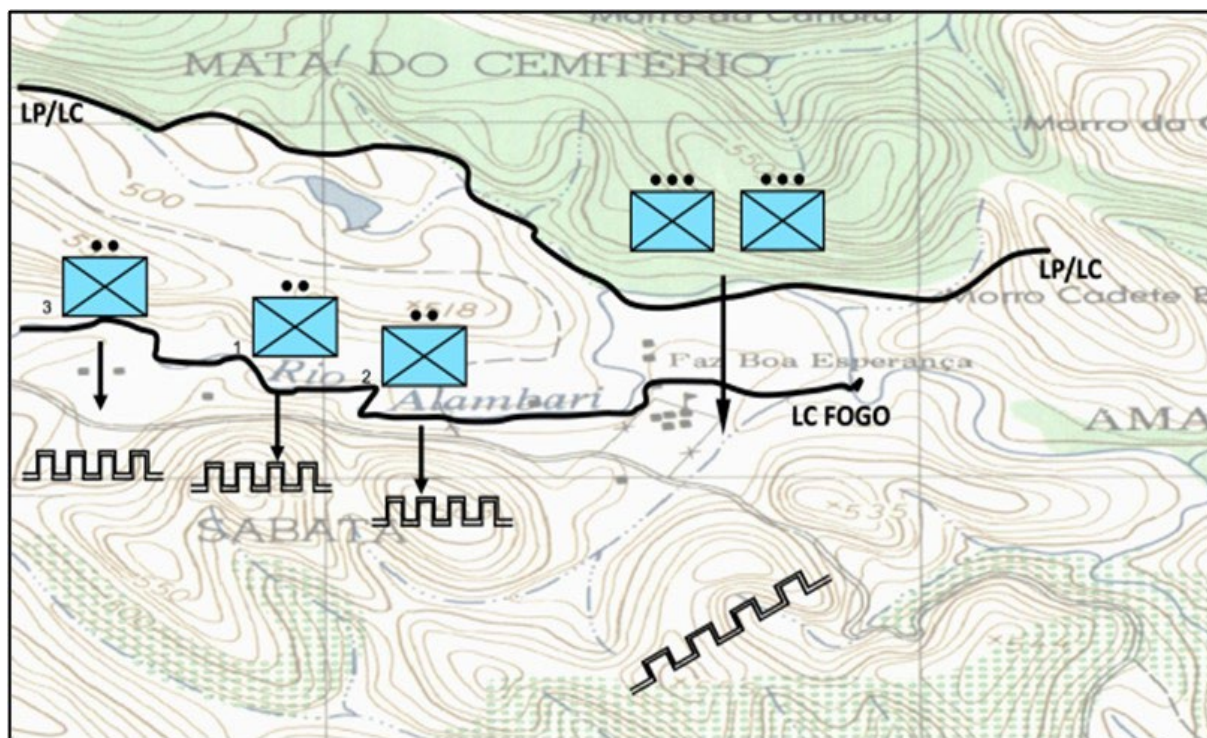


Fig 3-10 - Pel Fuz a W no ataque de fixação.

3.3.12 O PELOTÃO NO ATAQUE DE INFILTRAÇÃO

3.3.12.1 A infiltração é uma forma de manobra tática ofensiva na qual uma força é desdobrada à retaguarda de uma posição inimiga por meio de um deslocamento dissimulado, com a finalidade de cumprir missão que contribua diretamente para o sucesso da manobra do escalão que enquadra a força que infiltra.

3.3.12.2 Os escalões batalhão de infantaria ou menores são os mais adequados às operações de infiltração.

- As unidades de infantaria aeromóvel, de montanha, paraquedista, de selva e motorizada são as tropas mais aptas a realizarem a infiltração, considerando-se suas peculiaridades de emprego e os respectivos ambientes operacionais.

3.3.12.3 Considerando-se o meio de transporte utilizado pela força infiltrante, a infiltração pode ser terrestre, aérea e aquática.

- É comum que a infiltração seja realizada nos períodos de visibilidade restrita, em terrenos restritivos, como matas densas, montanhas e pântanos, onde o inimigo não mantém dispositivo defensivo considerável.

3.3.12.4 As seguintes condições favorecem a realizações de uma infiltração:

- a) Existência de faixas de terreno em que a observação e a vigilância inimigas sejam limitadas, permitindo a ocultação do deslocamento da força infiltrante (montanhas, matas, pântanos, áreas alagadas, etc);
- b) Disponibilidade de tempo para a infiltração da tropa com os meios de deslocamento disponíveis;
- c) Condições de restrição de visibilidade como nevoeiros, períodos noturnos sem luar, precipitações pluviométricas, etc; e
- d) Inimigo apresenta dispositivo defensivo disperso, com intervalos não ocupados ou vigilância deficiente.

3.3.12.5 Normalmente, a força infiltrante receberá como objetivos:

- a) Acidentes capitais cujo controle restringe o movimento de reserva ou isole posição defensiva inimiga;
- b) Instalações do sistema de comando e controle ou do sistema de apoio logístico do inimigo (PC, áreas de trens e de apoio logístico, instalações de guerra eletrônica, etc);
- c) Regiões que bloqueiam eixos de comunicações ou suprimentos do inimigo;
- d) Instalações que desarticulem o sistema de apoio de fogo inimigo, como posições de baterias, radares de vigilância e sistemas de busca de alvos; e
- e) Posições defensivas coincidentes com os objetivos finais do escalão que realiza a infiltração.

3.3.12.6 Escalão de Reconhecimento e Segurança (ERS)

3.3.12.6.1 É desejável que o Btl ou Cia Fuz estabeleçam um ERS durante a manobra de infiltração. O ERS é uma fração de constituição temporária organizada especificamente para as operações de infiltração. Tem por finalidade:

- a) Reconhecer a faixa de infiltração;
- b) Efetuar o balizamento e prover, quando necessário, todas as medidas de coordenação e controle no interior das faixas de infiltração, aumentando a velocidade e a mobilidade da tropa infiltrante, bem como de sua logística.
- c) Fornecer guias de trecho para a condução da força infiltrante no interior da(s) faixa(s) de infiltração até as P Atq;
- d) Manter atualizadas as informações sobre o terreno, as condições meteorológicas e o inimigo no interior da faixa de infiltração e no objetivo, contribuindo para a manutenção da consciência situacional do escalão que o lançou.

3.3.12.6.2 O ERS tem uma composição flexível. Normalmente, tem como fração base um Pel Fuz ou Pel Rec.

- Sempre que possível, deve ser integrado por fuzileiros, Elm Rec, armas de apoio, Elm Eng, Elm C², observadores avançados e caçadores.

3.3.12.7 Fases da infiltração

3.3.12.7.1 A 1ª Fase (planejamento)

- Consiste nas tarefas previstas no trabalho de comando que culminam com a expedição de ordens, abordando-se o maior número possível de detalhes acerca dos planos de ataque e de junção, se for o caso.

3.3.12.7.2 A 2ª Fase (reconhecimento e preparo)

- Caracteriza-se pela infiltração do ERS e preparação da força infiltrante para a execução da operação. O ERS infiltra-se conforme planejado e inicia trabalhos de reconhecimento, identificação e balizamento das medidas de coordenação e controle.

- A força infiltrante permanece em Z Reu realizando a transmissão de ordens aos escalões subordinados, efetuando os reconhecimentos possíveis e ensaiando as ações a serem desencadeadas durante o cumprimento da missão, abordando inclusive as possíveis condutas e a sincronização das ações.

3.3.12.7.3 A 3ª Fase (infiltração)

- Se inicia quando a força infiltrante deixa a Z Reu e desloca-se até o P Lib, onde os primeiros guias de trecho do ERS aguardam as frações e, mediante troca de senhas e sinais convencionados, guiam a tropa ao longo dos itinerários preestabelecidos até o próximo guia de trecho, onde se repetem as trocas de senha e sinais de reconhecimento.

- O Pel Fuz pode se deslocar como um todo ou fracionado por grupos, defasados no tempo, conforme as determinações do Cmt Cia Fuz.

- A formação tática mais adequada é em coluna por um. Ao atingir a P Atq, o Pel Fuz se reorganiza se prepara para o ataque.

3.3.12.7.4 A 4ª Fase (conquista do objetivo)

- Tem início quando o Pel Fuz abandona a P Atq e se desdobra ao longo da LPD, preparando-se para iniciar o ataque, e tem o seu final com a conquista do objetivo imposto à força infiltrante.

3.3.12.7.5 A 5ª Fase (consolidação e reorganização)

- É realizada de maneira similar a um ataque regular.

3.3.12.8 Mais informações sobre a forma de manobra infiltração poderão ser obtidas no Manual de Campanha EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª edição, 2023) e no Caderno de Instrução CI 3.7-100 - Companhia de Fuzileiros (1ª edição, 2025).

3.3.13 O PELOTÃO DE FUZILEIROS NO ATAQUE NOTURNO OU SOB CONDIÇÕES DE VISIBILIDADE LIMITADA

3.3.13.1 O ataque noturno (Atq Not) ou sob condições de visibilidade limitada é um ataque ofensivo conduzida em ambientes de baixa luminosidade, como escuridão, nevoeiro ou fumaça, visando explorar a surpresa e minimizar as perdas.

3.3.13.2 O Atq Not pode ser realizado para conquistar acidentes capitais, iludir o inimigo, explorar suas deficiências ou apoiar operações diurnas subsequentes.

3.3.13.3 O Atq Not caracteriza-se pela dificuldade de orientação, menor eficiência de tiros diretos, decréscimo na velocidade de progressão, maior ênfase no combate aproximado e necessidade de planejamento detalhado.

3.3.13.4 O Atq Not pode ser apoiado ou não apoiado, dependendo do desencadeamento de fogos de preparação. Também pode ser classificado em iluminado ou não iluminado, de acordo com o emprego de tiros iluminativos.

3.3.13.5 O uso de meios optrônicos modernos, como dispositivos de visão noturna, amplia o poder de combate, mas exige treinamento para superar limitações como fadiga ocular e restrições do campo visual.

3.3.13.6 O planejamento de um ataque noturno não difere, essencialmente, daquele preconizado para o ataque diurno. Entretanto, cresce em importância uma análise minuciosa do terreno, do inimigo e das condições de visibilidade.

- O Cmt Pel Fuz deve atentar para os seguintes detalhes durante seu Trabalho de Comando:

- a) Realizar reconhecimentos diurnos e noturnos, apoiados por SARP e por elementos de engenharia, tomando as precauções adequadas para evitar a quebra do sigilo;
- b) Selecionar itinerários claros, priorizando aqueles que conduzem naturalmente ao objetivo ou realizando balizamento com meios de fortuna, como fitas de demarcação, fios telefônicos, artifícios eletrônicos ou material com fluorescência direcional;
- c) Reconhecer a posição de ataque, LP, LPD, LLP e outras medidas de coordenação e controle;
- d) Realizar coordenações com as tropas vizinhas para evitar o fratricídio; e
- e) Realizar ensaios diurnos e noturnos, familiarizando a tropa com a manobra concebida e com os dispositivos optrônicos.

3.3.13.7 As transmissões rádio devem ser evitadas para diminuir a possibilidade de detecção pelo Ini. Após a quebra do sigilo, pode ser empregado com maior liberdade.

3.3.13.8 Os mensageiros especiais são largamente empregados após o início do ataque, para suplementar os demais meios de comunicações.

3.3.13.9 Os meios acústicos e os artifícios luminosos podem ser utilizados após a quebra do sigilo. Tais artifícios podem ser utilizados para orientar a tropa até o objetivo, para reunir as frações que tenham perdido a direção, para indicar o início ou a cessação dos fogos ou mesmo a conquista do objetivo.

3.3.13.10 O Btl poderá prescrever meios de identificação para todo o pessoal, a fim de facilitar a coordenação.

- Normalmente, são meios simples e de fácil reconhecimento, como braçadeiras de pano branco ou materiais fluorescentes. Tais meios têm consequências positivas para o comando e controle da operação.

3.3.13.11 O uso de guias também facilita a coordenação e a correta tomada do dispositivo, contribuindo com o comando e controle.

3.3.13.12 Apesar do uso de equipamentos de visão noturna, a velocidade de progressão do ataque noturno não se assemelha à do ataque diurno.

3.3.13.13 Nos ataques não iluminados, a progressão à frente da LP é feita em colunas cerradas. Quando as frações atingem os P Lib sucessivos, abandonam a formação em coluna e desenvolvem-se para executar o assalto a partir da LPD.

- No caso de quebra de sigilo, a Cia Fuz deve adotar o dispositivo de ataque imediatamente.

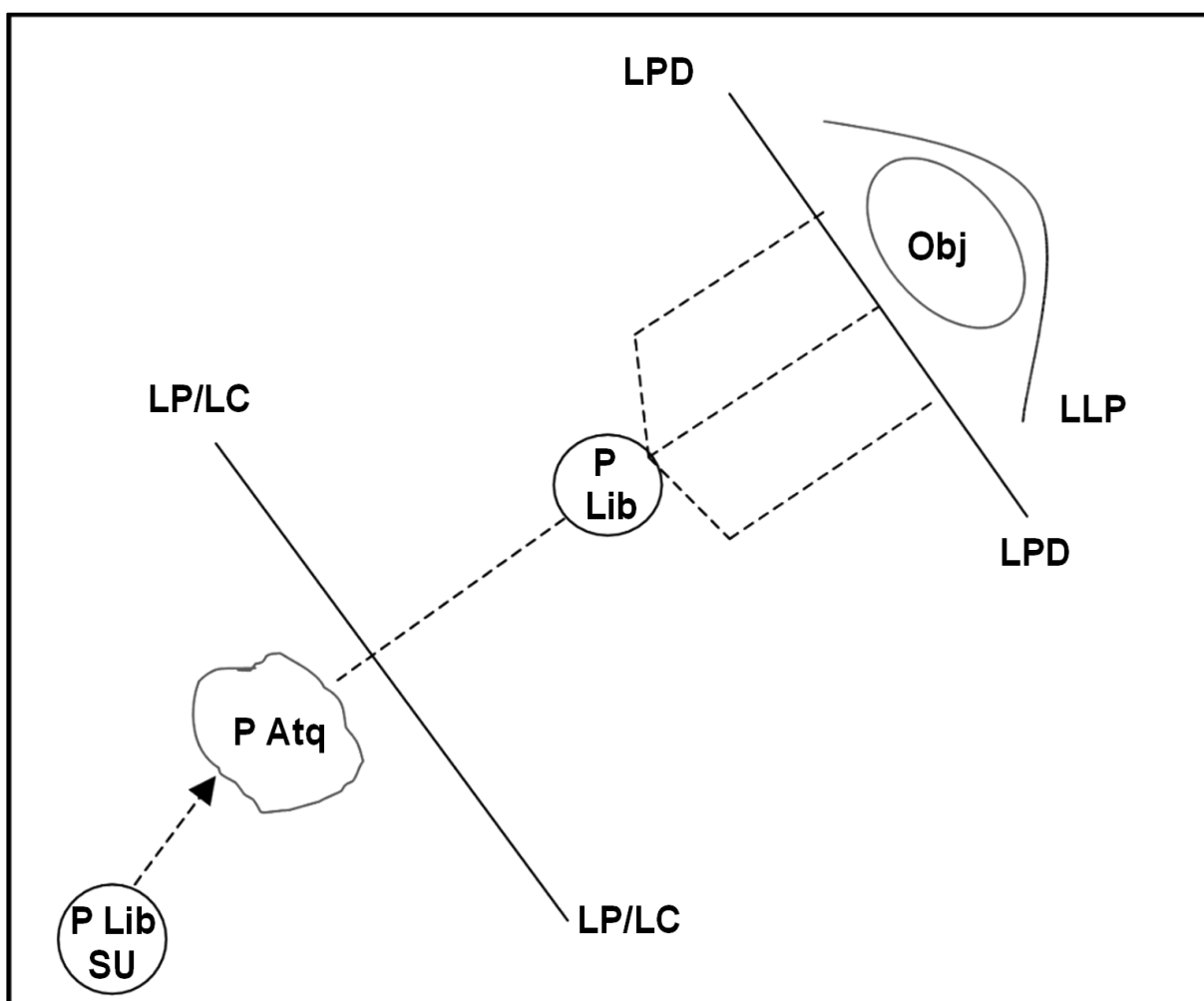


Fig 3-11 - Medidas de coordenação e controle do ataque noturno.

3.3.13.14 A segurança da Cia Fuz no ataque noturno é complementada pela atuação de destacamentos de segurança posicionados à frente e nos flancos da SU.

- Esses destacamentos são mobiliados por integrantes dos Pel Fuz designados para essa missão.
- Antes do desencadeamento do ataque, esses destacamentos movimentam-se para posições pré-selecionadas para identificar e neutralizar vigias e patrulhas inimigas.

3.3.13.15 A presença de militares com proficiência no idioma do inimigo dentro desses destacamentos representa um recurso valioso para a coleta de informações e a execução de ações de dissimulação específicas.

3.3.13.16 A composição desses destacamentos é influenciada pelos fatores da decisão.

3.3.13.17 A surpresa e o sigilo podem ser potencializados pela adoção das seguintes medidas:

- a) Limitar o reconhecimento presencial ao mínimo necessário;
- b) Evitar emissões de radiofrequência;
- c) Nas ações de reconhecimento imediatamente antes do ataque, empregar supressores de ruídos nas armas ou armas brancas;
- d) Neutralizar postos de escuta e vigias inimigos imediatamente antes do deslocamento da LP até a LPD;
- e) Realizar ações de dissimulação tática; e
- f) Realizar a camuflagem individual e coletiva.

3.3.14 O PELOTÃO DE FUZILEIROS NO ATAQUE EM AMBIENTE URBANO

3.3.14.1 O atacante poderá ser compelido a conquistar uma área urbana por uma ou mais das seguintes razões:

- a) somente a conquista da área urbana lhe permitirá a utilização integral das estradas que para ela normalmente convergem; esta necessidade de conquista, obviamente, é tanto maior quanto maior a importância da localidade como nó rododotoferrviário;
- b) eliminação da ameaça potencial aos flancos e retaguarda da tropa atacante, representada pela existência de uma área urbana desbordada ou mesmo cercada;
- c) liberação, o mais cedo possível, das forças de contenção que fazem face à área urbana, com o objetivo de empregá-las em outras missões;
- d) captura de objetivo tático importante no interior da área urbana ou por ela dominado, como, por exemplo, uma passagem num curso de água ou um aeródromo;
- e) para proporcionar proteção e conforto às tropas, particularmente nos casos de clima frio ou em época de chuvas intensas, em terreno montanhoso e nas selvas; e
- f) por questões informacionais, de prestígio perante a opinião pública e de estímulo ao espírito combativo da tropa, caso a localidade conquistada seja um importante centro de valor histórico, político, econômico ou militar.

3.3.14.2 No ataque a uma área urbana, e como decorrência das dimensões dela, o Pel Fuz pode ser empregado em uma das seguintes situações:

- a) fazer parte ou constituir a força que isola a área urbana; ou
- b) fazer parte ou constituir a força que investe na área urbana.

3.3.14.3 Um ataque a uma área urbana divide-se em três fases:

- a) isolamento da área urbana;
- b) conquista de uma área de apoio na periferia; e
- c) progressão no interior da área urbana.

3.3.14.4 A primeira fase

- Se destina ao isolamento ou ao cerco da área urbana, que compreende o bloqueio das vias terrestres e aquáticas de entrada e saída da área considerada.
- Tem por finalidade impedir a chegada de reforços e suprimentos para os elementos isolados, bem como impedir o retraimento destes.

3.3.14.5 A segunda fase

- Consiste na progressão das forças do escalão de ataque para a área urbana e na conquista de alguns prédios (área de apoio) na orla anterior (aproximadamente 1 (um) quarteirão), para eliminar ou reduzir a observação terrestre e o tiro direto do defensor sobre as VA à localidade.
- As cobertas e os abrigos oferecidos por esses prédios conquistados na periferia da cidade - área de apoio - permitem ao atacante descentralizar o controle e deslocar para a frente as armas de apoio, reservas e reajustar o dispositivo.

3.3.14.6 A terceira fase

- a) Consiste na progressão, dentro da área urbana, até a conquista dos objetivos.
- b) A progressão pode adotar três métodos de execução:
 - 1) o sistemático;
 - 2b) o seletivo; e
 - 3) o misto.

3.3.14.6.1 Investimento sistemático

- Toda a área edificada é vasculhada casa por casa, prédio por prédio, quarteirão por quarteirão através da área urbana.

3.3.14.6.2 Investimento Seletivo

- Deve ser planejada a utilização de VA que conduzam diretamente aos objetivos, os quais serão limpos e ocupados.
- As Cia Fuz Bld e Mec são mais capacitadas para esse método, devido à sua mobilidade e proteção blindada.

3.3.14.6.3 Investimento Misto

- Em função do dispositivo inimigo, a área urbana pode exigir uma abordagem seletiva em alguns setores e sistemática em outros, caracterizando, assim, o método de progressão misto.

3.3.14.7 As características dos ambientes urbanos demandarão a utilização de técnicas individuais específicas, principalmente para a progressão do soldado.

3.3.14.8 Comando e controle

3.3.14.8.1 Durante o trabalho de comando, o Cmt Pel deve realizar um reconhecimento contínuo, intensificando-o quando as ações de isolamento ou cerco têm início.

3.3.14.8.2 As necessidades de inteligência são estabelecidas visando obter dados sobre:

- a) as características do terreno adjacente ao limite urbano;
- b) valor e localização do inimigo nas áreas adjacentes ao limite urbano;
- c) as vias terrestres ou aquáticas e vias de acesso que conduzem ao interior da área urbana;
- d) os setores de maior concentração da população;
- e) pontos característicos e edifícios mais altos;
- f) redes de esgotos, metrô, adegas e outras passagens subterrâneas;
- g) instalações de rádio e televisão;
- h) serviços de utilidade pública, edifícios públicos e construção de valor histórico;
- i) áreas abertas (praças, parques, estádios, etc.);
- j) áreas industriais, comerciais, residenciais, etc.;
- k) terminais rodoviários, ferroviários, aeroportos e portos; e
- l) valor e localização do inimigo no interior da localidade.

3.3.14.8.3 As características dos ambientes urbanos demandam um aumento nas medidas de coordenação e controle que garantam a correta execução do que foi planejado.

3.3.14.8.4 O rádio é o principal sistema de comunicação utilizado no ataque em ambiente urbano. Os mensageiros especiais são largamente empregados após o início do ataque.

- Após a consolidação, o Cmt Pel Fuz deve passar a instalar sistemas físicos, utilizando ao máximo os meios disponíveis na área urbana, sem comprometer a segurança das comunicações.

3.3.14.8.5 Meios como fitas coloridas ou sinais pintados com *spray* podem ser empregados para indicar, por exemplo, edificações limpas, armadilhas, entre outros.

3.3.14.8.6 No interior da área urbana as direções podem ser balizadas por ruas ou edifícios destacados.

- Normalmente, as ruas serão utilizadas para esse balizamento quando sua orientação longitudinal assim o indique e quando a localidade for densamente construída.

- Os edifícios ou os pontos nítidos mais destacados serão referenciados em zonas menos densamente edificadas, as quais permitam sua boa visualização à distância, assim como em zonas onde o arruamento não apresente uma mínima regularidade geométrica.

3.3.14.8.7 Em virtude da extrema compartimentação, da diferença de densidade e do grau de profundidade da área urbana e das conseqüentes dificuldades de observação e de ligação, o controle tende a descentralizar-se até os menores escalões de comando, como Pel e GC, transformando o combate em uma série de pequenas ações independentes.

3.3.14.8.8 A observação restrita e as dificuldades de controle e coordenação podem tornar necessário marcar limites até o escalão pelotão, inclusive. A marcação de limites diminui o risco de fratricídio, facilita o apoio mútuo e garante o vasculhamento de todas as construções da área urbana.

3.3.14.8.9 A zona de ação do Pel Fuz em ambiente urbano tem, normalmente, uma frente normal com largura de 1 a 4 quarteirões de 175 metros cada.

- A Z Aç será fixada pela Cia Fuz após considerar:

- a) o valor do inimigo;
- b) as dimensões e a densidade dos edifícios;
- c) a resistência esperada; e
- d) a profundidade do ataque.

3.3.14.8.10 O Cmt Cia Fuz assegura o controle das operações marcando linhas de controle, geralmente em eixos transversais ao movimento (ruas, avenidas, ferrovias, cursos de água).

- Em sua ordem de operações, o Cmt Cia Fuz determinará se, ao atingir as linhas de controle, os Pel apenas informarão sua ultrapassagem ou se dela só partirão mediante ordem. A mesma medida deve ser tomada pelo Cmt Pel Fuz em relação aos GC.

3.3.14.8.11 Nas zonas densamente construídas, os limites passarão, normalmente, por um dos lados da rua, ficando a área da rua incluída na Z Aç de uma das frações vizinhas.

- Nas zonas menos densas, os limites passam por dentro dos quarteirões, de maneira que ambos os lados da rua fiquem incluídos na Z Aç de uma única fração.

3.3.14.9 Execução do ataque

3.3.14.9.1 A progressão é lenta e coberta pelo fogo e/ou fumaça. O escalão de ataque normalmente, evita progredir pelas ruas, porque são batidas pelos fogos inimigos.

- Sua progressão será feita através de quintais ou de quarteirões, através dos prédios, por brechas abertas nas paredes, ou pelos telhados.

3.3.14.9.2 As ruas transversais, mesmo que não tenham sido designadas como linhas de controle, apresentam aos Pel Fuz uma ocasião de reajustamento do dispositivo antes de prosseguir para a conquista do quarteirão seguinte.

3.3.14.9.3 O ambiente urbano oferece inúmeras possibilidades de surpresa e de riscos para o atacante, não só pela localização das armas da defesa em locais imprevisíveis e difíceis de determinar, como também pelo abundante emprego, por parte do defensor, de minas, armadilhas e demolições preparadas, e pela utilização de VA subterrâneas, ao nível do solo, através dos andares dos prédios e, mesmo, pelos telhados.

3.3.14.9.4 Poderão ocorrer situações em que a limpeza das edificações não será realizada pelas forças em 1º escalão, e sim pelas tropas de acompanhamento.

3.3.14.9.5 O Pel Fuz reserva deve progredir o mais à frente que for possível para permitir maior segurança ao escalão de ataque, não apenas nos flancos, mas, também, à retaguarda, pela ocupação de prédios já conquistados, para impedir a sua retomada pelo inimigo.

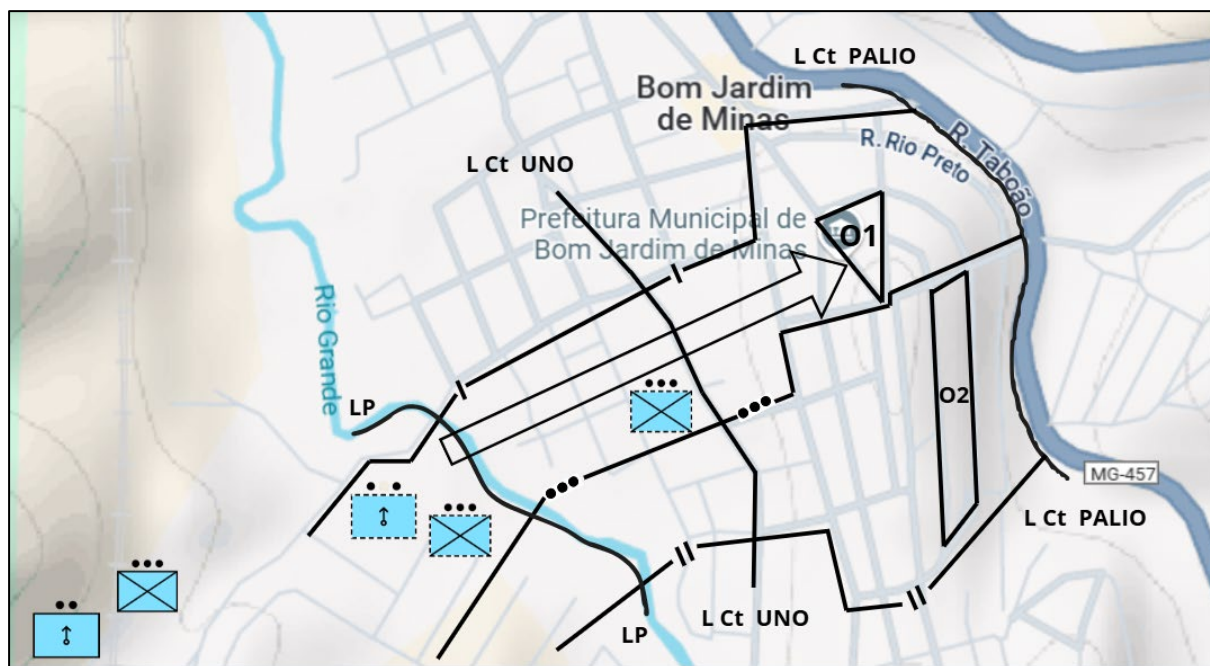


Fig 3-12 - Cia Fuz no investimento.

3.3.14.10 As missões básicas da reserva no investimento são:

- a) repelir contra-ataques;
- b) realizar a limpeza das resistências desbordadas;
- c) atuar no flanco de uma resistência inimiga que detenha o escalão de ataque;
- d) corrigir erros de direção;
- e) substituir uma das peças do escalão de ataque; e
- f) realizar a limpeza das edificações desbordadas.

3.3.14.11 Mais informações sobre o tema estão disponíveis nos Cadernos de Instrução EB70-CI-11.434 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA OPERAÇÕES EM AMBIENTES URBANOS (1ª edição, 2022) e Caderno de Instrução CI 3.7-100 - Companhia de Fuzileiros (1ª edição, 2025), bem como nos Manuais de Campanha EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª edição, 2023) e EB70-MC-10.303 OPERAÇÃO EM ÁREA EDIFICADA (1ª edição, 2018).

3.4 RECONHECIMENTO EM FORÇA

3.4.1 GENERALIDADES

3.4.1.1 O Rec F é uma operação de objetivo limitado, executada com a finalidade de esclarecer a situação.

3.4.1.2 A missão do Pel Fuz no Rec F é revelar e testar o dispositivo do inimigo, determinar seu valor e composição e identificar suas peculiaridades e deficiências.

3.4.1.3 Embora a infantaria mecanizada e blindada, pela sua mobilidade e potência de fogo, seja a tropa mais apta, os Pel Fuz de outras naturezas poderão realizar o Rec F,

enquadrados em uma ação da Cia Fuz ou isoladamente.

3.4.1.4 O planejamento, a organização dos meios e a execução de um Rec F são semelhantes ao ataque, respeitando-se o tempo disponível e a finalidade da operação.

3.4.2 FORMAS

3.4.2.1 Ataque com Objetivo Limitado

3.4.2.1.1 Neste caso, a ação pode ser dirigida exclusivamente sobre uma determinada área da qual o comando deseja rápidas e precisas informações, ou pode constituir-se de uma série de ataques que não passem de sondagens agressivas, desencadeadas ao longo de toda a frente ou em parte do dispositivo inimigo.

3.4.2.2 Incursão

3.4.2.2.1 Ao contrário da forma anterior, é uma ação desencadeada contra uma posição inimiga, sem a ideia de conquistar o terreno.

3.4.2.2.2 Consiste em introduzir no dispositivo inimigo uma força capaz de realizar uma ação rápida e violenta, cujo vulto seja suficiente para forçar o inimigo a revelar suas posições, o tempo de reação de suas reservas, seus planos de fogos, etc.

3.4.2.2.3 Após esta ação, segue-se um rápido retraimento para as linhas amigas.

3.4.2.2.4 A incursão pode ser aeromóvel, aeroterrestre ou caracterizar-se por uma varredura com veículos blindados.

3.4.3 EXECUÇÃO

3.4.3.1 Durante a realização de um Rec F, independentemente da forma adotada, o Pel Fuz deve:

- a) Estar preparado para aproveitar todo e qualquer êxito porventura obtido, seja prosseguindo no ataque seja mantendo o terreno conquistado;
- b) Evitar engajar-se decisivamente no combate. Contudo, uma vez engajado, utilizar-se de todos os meios possíveis para obter o desengajamento;
- c) Designar elementos com a finalidade precípua de monitorar a reação inimiga a fim de colher o máximo de dados para ações futuras; e
- d) Informar quanto às características e à localização de alvos adequados a serem batidos pelas armas de Ap F e pela força aérea, ficando em condições de completar a destruição desses alvos.

3.4.3.2 Uma vez cumprida à missão e conforme a situação que se apresentar, o Pel Fuz pode:

- a) Permanecer em contato com o inimigo, mantendo as posições atingidas e em condições de apoiar a ultrapassagem de outra força;
- b) Retrair para suas posições iniciais; e
- c) Prosseguir no ataque.

3.5 APROVEITAMENTO DO ÊXITO

3.5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

3.5.1.1 O aproveitamento do êxito é a operação que se segue a um ataque bem-sucedido e que, normalmente, tem início quando a força inimiga enfrenta dificuldades para manter suas posições.

3.5.1.2 Caracteriza-se por um avanço contínuo e rápido das nossas forças, com a finalidade de ampliar ao máximo as vantagens obtidas no ataque e anular a capacidade do inimigo de se reorganizar ou realizar um movimento retrógrado ordenado.

3.5.1.3 É a operação ofensiva que obtém os resultados mais decisivos, pois permite a destruição do inimigo e de seus recursos com o mínimo de perdas para o atacante.

3.5.2 ORGANIZAÇÃO DAS FORÇAS

3.5.2.1 O aproveitamento do êxito envolve dois tipos de forças, com missões complementares:

- a) Força de Aproveitamento do Êxito (F Apvt Exi)
 - Composta preferencialmente por tropas blindadas devido à sua mobilidade e ação de choque, tem como objetivo conquistar alvos profundos na retaguarda inimiga, cortar linhas de suprimento, bloquear eixos de retirada e desorganizar o comando adversário.
 - Essas ações visam cercar e destruir forças inimigas, ampliando o impacto do ataque inicial.
- b) Força de Acompanhamento e Apoio
 - Composta preferencialmente por tropas de infantaria mecanizada e motorizada.
 - Suas missões abrangem a manutenção de brechas abertas pela F Apvt Exi, a posse de terrenos estratégicos, a limpeza de resistências remanescentes e a proteção de áreas e vias logísticas.
 - Essa força também auxilia no manejo de prisioneiros e na liberação de eixos de transporte, garantindo a fluidez à ofensiva.

3.5.2.2 O Pel Fuz pode participar de qualquer uma das duas forças, enquadrado na Cia Fuz do qual é orgânica.

3.5.2.3 Maiores informações sobre o emprego da Cia Fuz no aproveitamento do êxito podem ser obtidas nos manuais de campanha EB70-MC-10.355 FORÇAS TAREFAS BLINDADAS (4ª edição, 2020) e EB70-MC-10.376 FORÇAS-TAREFAS SUBUNIDADES BLINDADAS (1ª edição, 2021).

3.6 PERSEGUIÇÃO

3.6.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

- Na perseguição, a força tem a missão de cercar e destruir uma força inimiga que está em processo de desengajamento do combate ou tentando fugir. Normalmente, essa

operação segue-se ao Apvt Exi, distinguindo-se deste pela não previsibilidade de tempo e lugar e por sua finalidade principal, que é a de completar a destruição inimiga. Excepcionalmente, as unidades de Inf Mtz podem participar desse tipo de operação.

3.6.2 ORGANIZAÇÃO DAS FORÇAS

3.6.2.1 Os grupamentos de forças na perseguição são:

- a) força de pressão direta
 - A missão da força de pressão direta é evitar o desengajamento do inimigo e impedir que ele se reorganize e prepare novas defesas, infligindo-lhe o máximo de perdas.
 - Deve possuir mobilidade, no mínimo, igual à força inimiga, sendo os BIB e BI Mec as tropas mais aptas; e
- b) força de cerco
 - Tem como missão desbordar ou envolver o inimigo e cortar seu itinerário de fuga, de forma que ele seja destruído entre essa força e a de pressão direta.
 - Durante sua progressão, procura antecipar-se ao inimigo e apossar-se dos acidentes capitais do terreno que possam bloquear suas possíveis vias de retirada.
 - Deve ter mobilidade superior à do inimigo e também capacidade para manter, por tempo reduzido, os referidos acidentes capitais.

3.6.2.2 O Pel Fuz pode participar de qualquer uma das duas forças, enquadrado na Cia Fuz do qual é orgânica.

3.6.2.3 Para o estudo mais detalhado a respeito deste tipo de operação, deve ser consultado o EB70-MC-10.355 FORÇAS TAREFAS BLINDADAS (4ª edição, 2020) e EB70-MC-10.376 FORÇAS TAREFAS SUBUNIDADES BLINDADAS (1ª edição, 2021).

3.7 OUTRAS AÇÕES OFENSIVAS

- Durante a execução de operações ofensivas e nas fases de transição entre elas, é comum que o Pel Fuz participe de outras ações que não caracterizam necessariamente formas de manobra ou tipos de operações ofensivas.
- São consideradas outras ações ofensivas: o combate de encontro e a incursão.

3.7.1 COMBATE DE ENCONTRO

3.7.1.1 O combate de encontro (Cmb Enco), cuja possibilidade deve ser sempre prevista, é a ação que ocorre quando o Pel Fuz, em deslocamento, ainda não completamente desdobrado para o enfrentamento, engaja uma força inimiga, em movimento ou parada, sobre a qual dispõe de poucas informações.

3.7.1.2 A ação deixa de ser um Cmb Enco quando a Sit Ini tiver sido esclarecida e possam ser desencadeadas operações subsequentes, planejadas e coordenadas.

3.7.1.3 As principais características do combate de encontro são:

- a) o conhecimento limitado do inimigo;
- b) as rápidas evoluções de situação; e

c) o reduzido tempo disponível para o Cmt Pel Fuz tomar conhecimento da situação, formular e executar as ações necessárias.

3.7.1.4 O objetivo do Pel Fuz no combate de encontro é a obtenção e a manutenção da iniciativa para deixar o inimigo em situação de desequilíbrio.

3.7.1.5 As ações que permitem ao Cmt Pel Fuz dispor de melhores condições para manter a iniciativa, quando da realização de um combate de encontro, são:

- a) execução de rápida análise dos fatores da decisão;
- b) emissão de ordens fragmentárias; e
- c) emprego descentralizado de elementos com atuação pré-planejada a partir da coluna de marcha.

3.7.1.6 No combate de encontro, a conduta do Cmt Pel Fuz pode considerar três linhas de ação:

- a) atacar imediatamente, partindo do dispositivo de marcha;
- b) reconhecer e fixar a força inimiga, retardando a ação decisiva até que a Cia Fuz possa ser empregada em operação coordenada, seja ofensiva, seja defensivamente; e
- c) desbordar (técnica de movimento) a força inimiga, desde que autorizado pelo Esc Sp, ocasião em que são deixados elementos adequados com a missão de manter o contato com essa força.

3.7.1.7 Atacar partindo do dispositivo de marcha

- O Pel Fuz deve realizar uma manobra de forma rápida e agressiva, empregando as armas de apoio e os fuzileiros.

3.7.1.8 Reconhecer e fixar a tropa inimiga para que a Cia Fuz manobre

- O Pel Fuz fixa o inimigo pelo fogo e coleta dados de inteligência sobre o terreno e o inimigo para repassá-los ao Cmt Cia Fuz.

3.7.1.9 Desbordar a posição inimiga

- Quando o Pel Fuz se deparar com resistência inimiga que não ameace o cumprimento de sua missão, ele pode, se autorizado pelo Cmt Cia Fuz, desbordar a posição.

3.7.2 INCURSÃO

3.7.2.1 A incursão é uma ação ofensiva, normalmente de pequena escala, que se caracteriza pela rápida penetração em área controlada pelo inimigo contra objetivos específicos importantes.

- Tem a finalidade de obter dados, confundir ou inquietar o oponente, neutralizar ou destruir centros de C², instalações logísticas, desorganizando o inimigo e infligindo-lhe perdas em sua capacidade operativa.
- Não há ideia de conquista ou manutenção de terreno.

3.7.2.2 A incursão pode ser conduzida com apoio de aeronaves da Aviação do Exército ou caracterizar-se por uma varredura com veículos blindados.

3.7.2.3 Durante o trabalho de comando, o Cmt Pel Fuz deve planejar detalhadamente sua infiltração na área controlada pelo inimigo e o retraimento, prevendo planos alternativos para ambos os deslocamentos.

CAPÍTULO IV

OPERAÇÕES DEFENSIVAS

4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

4.1.1 A defensiva é a operação realizada para conservar a posse de uma área ou de um território, ou negá-la ao inimigo, e garantir a integridade de uma unidade ou meio. Normalmente, neutraliza ou reduz a eficiência dos ataques inimigos sobre meios ou territórios defendidos, infligindo-lhe o máximo de desgaste e desorganização, buscando criar condições mais favoráveis para a retomada da ofensiva.

4.1.2 A defensiva é uma situação temporária adotada por uma força até que possa tomar ou retomar a iniciativa, pois somente a ofensiva conduz a resultados decisivos.

4.1.3 O defensor emprega todos os meios disponíveis para descobrir uma vulnerabilidade inimiga e mantém suficiente flexibilidade em seu planejamento para explorá-la. Deve aproveitar toda oportunidade para conquistar e manter a iniciativa e destruir o inimigo.

4.1.4 Nas Operações Defensivas (Op Def), a missão do Pel Fuz é manter o terreno, impedindo, resistindo ou repelindo o ataque inimigo, por meio do fogo e do combate aproximado, e expulsando-o ou destruindo-o pelo contra-ataque.

4.1.5 A INICIATIVA É OBTIDA:

- a) Selecionando a área de combate;
- b) Forçando o inimigo a reagir conforme o plano defensivo; e/ou
- c) Explorando as vulnerabilidades e os erros do inimigo por meio de operações ofensivas.

4.1.6 AS OPERAÇÕES DEFENSIVAS SÃO EXECUTADAS COM UMA OU MAIS DAS SEGUINTE FINALIDADES:

- a) ganhar tempo, criando condições mais favoráveis a operações futuras;
- b) impedir o acesso do inimigo a determinada área ou infraestrutura;
- c) destruir forças inimigas ou canalizá-las para uma área onde possam ser neutralizadas;
- d) reduzir a capacidade de combate do inimigo;
- e) economizar meios em benefício de operações ofensivas em outras áreas; e
- f) obrigar uma força inimiga a se concentrar de forma que seja mais vulnerável às nossas forças.

4.1.7 Na organização e na conduta da defesa, o Cmt Pel Fuz se baseia em certos fundamentos para assegurar o máximo de coordenação entre o dispositivo da tropa, o terreno e a potência de fogo. Esses fundamentos são:

- a) utilização apropriada do terreno;
- b) segurança;
- c) apoio mútuo;

- d) defesa em todas as direções;
- e) defesa em profundidade;
- f) flexibilidade;
- g) máximo emprego de ações ofensivas;
- h) dispersão;
- i) utilização do tempo disponível; e
- j) integração e coordenação das medidas de defesa.

4.1.8 Para maior detalhamento sobre os fundamentos das Op Ofs, consultar o manual de campanha EB70-MC-10.202 OPERAÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS (1ª edição, 2017).

4.1.2 TIPOS DE OPERAÇÕES DEFENSIVAS

4.1.2.1 As operações defensivas, em seu sentido mais amplo, abrangem todas as ações que oferecem um certo grau de resistência a uma força atacante. A operação defensiva pode se apresentar sob dois tipos: defesa em posição e movimentos retrógrados.

OPERAÇÕES DEFENSIVAS	
TIPO	FORMAS DE MANOBRA
DEFESA EM POSIÇÃO	DEFESA EM POSIÇÃO
	MOVIMENTO RETRÓGRADO
MOVIMENTO RETRÓGRADO	AÇÃO RETARDADORA
	RETRAIMENTO
	RETIRADA

Tab 4-1 - Tipos de operações defensivas e formas de manobra.

4.1.2.2 Defesa em posição

4.1.2.2.1 Na defesa em posição, a infantaria busca enfrentar o inimigo em uma área previamente organizada, em largura e profundidade, procurando dificultar ou deter sua progressão, à frente ou em profundidade, aproveitando todas as oportunidades para desorganizá-lo, desgastá-lo ou destruir suas forças.

4.1.2.2.2 A defesa em posição compreende as seguintes formas de manobra:

- a) Defesa de Área
 - Tem por objetivo a manutenção ou o controle de uma determinada região específica, por um período determinado.
- b) Defesa Móvel
 - Manobra conduzida pela Divisão de Exército ou escalões superiores, baseada no eficiente emprego do fogo e da manobra para destruir o inimigo.
 - O Pel Fuz pode participar da defesa móvel como parte de uma força maior, sendo empregado para deter a progressão do inimigo à frente ou em profundidade.

4.1.2.3 Movimentos retrógrados

4.1.2.3.1 Movimento retrógrado é qualquer movimento tático organizado de uma força para a retaguarda ou para longe do inimigo, seja forçado por ele, seja executado voluntariamente, como parte de um esquema geral de manobra.

4.1.2.3.2 Nos movimentos retrógrados, a infantaria procura evitar o combate decisivo sob condições desfavoráveis, seja rompendo o contato com o inimigo, seja retardando-o com o objetivo de trocar espaço por tempo, evitando empenhar-se sempre em ações que possam comprometer a integridade da força.

4.1.2.3.3 O movimento retrógrado visa preservar a integridade de uma força, a fim de que, em uma ocasião futura, a ofensiva seja retomada. Uma força somente o executa voluntariamente quando uma vantagem marcante pode ser obtida. Em qualquer caso, deve ser aprovado pelo comandante do escalão imediatamente superior e é planejado com a devida antecedência.

4.1.2.3.4 Os movimentos retrógrados são classificados em três formas de manobra básicas:

a) **Retraimento**

- Movimento por meio do qual o grosso de uma força engajada rompe o contato com o inimigo, de acordo com a decisão do Esc Sp.
- Alguns elementos permanecem em contato para evitar que o Ini persiga o grosso das forças amigas e para infligir-lhe danos, pelo fogo e por uma manobra adequada;

b) **Ação retardadora**

- Movimento no qual uma força troca espaço por tempo, infligindo o máximo de perdas e retardamento ao inimigo, sem se engajar cerradamente em ações decisivas, criando condições para que outras forças amigas se preparem ou executem outras operações;

e

c) **Retirada**

- Movimento ordenado de tropas para longe do inimigo, realizado de acordo com um planejamento e sem contato com o inimigo, a fim de evitar um combate decisivo.

4.2 DEFESA DE ÁREA

4.2.1 A defesa de área tem por escopo a manutenção ou o controle de uma determinada região específica, por um período determinado. Também pode ser orientada no sentido de forçar o inimigo a aceitar uma situação tática desvantajosa para conquistar seu objetivo.

4.2.2 Nessa forma de manobra, as posições de primeiro escalão são fortemente mantidas e todo o esforço é feito para deter o inimigo à frente da posição. Se o inimigo penetrar na posição, deve ser destruído ou expulso por meio de contra-ataque, com a finalidade principal de retomar o controle da Área de Defesa Avançada (ADA).

4.2.3 O defensor desdobra a maior parte de seu poder de combate na ADA e planeja aceitar um engajamento decisivo ao longo do Limite Anterior da Área de Defesa Avançada (LAADA), apoiado por grande volume de fogos.

4.2.4 ORGANIZAÇÃO DA DEFESA

4.2.4.1 A defesa é escalonada em três áreas:

- Área de segurança;
- Área de defesa avançada; e
- Área de reserva.

4.2.4.2 O Pel Fuz poderá ser empregado em qualquer das três áreas.

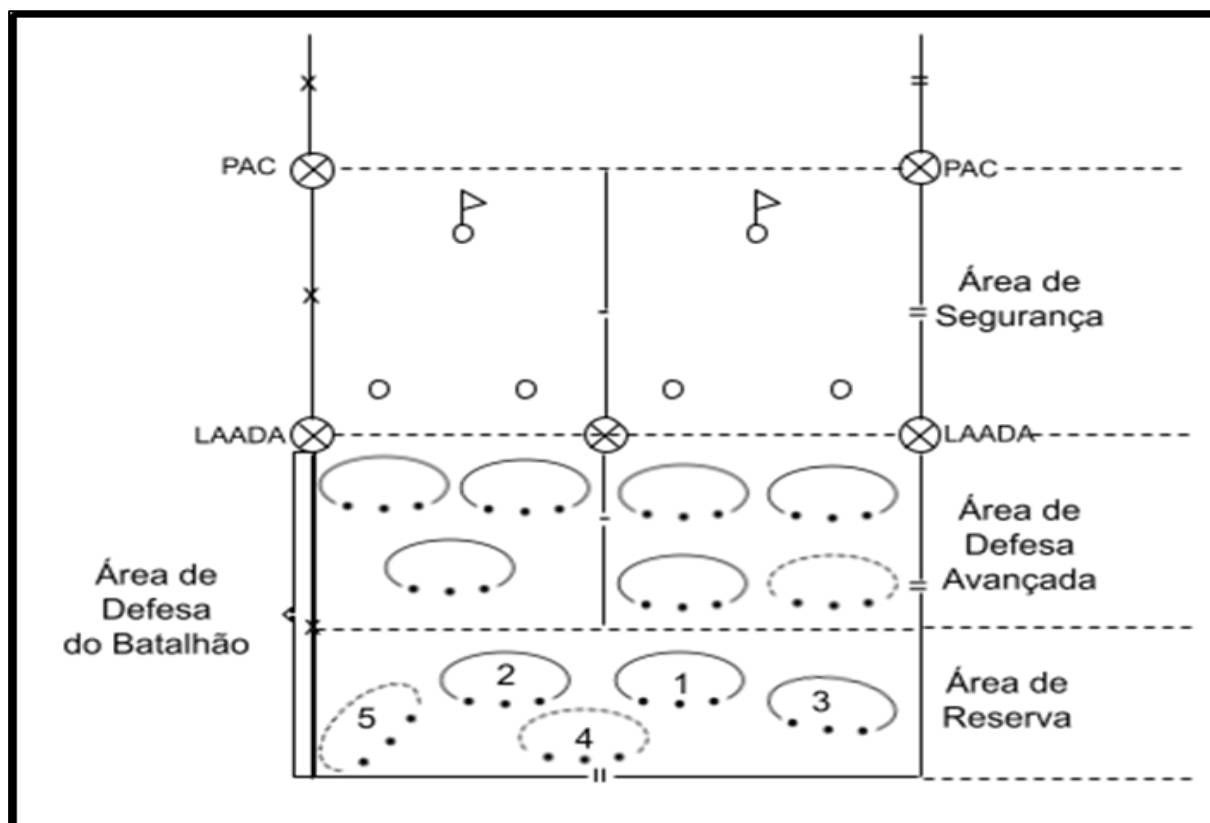


Fig 4-1 - Organização da defesa do Btl.

4.2.5 ÁREA DE SEGURANÇA

4.2.5.1 Definição

- A Área de Segurança (A Seg) começa no Limite Anterior da Área de Defesa Avançada (LAADA) e estende-se para a frente e para os flancos até onde forem empregados os elementos de segurança.
- As forças que guarnecem essa área constituem o escalão de segurança.
- A profundidade da A Seg pode ser limitada à frente pela presença de elementos de segurança do Esc Sp.

4.2.5.2 A missão do escalão de segurança é:

- Dar o alerta oportuno sobre a aproximação do inimigo;
- Retardar e desorganizar o inimigo dentro de suas possibilidades;

- c) Impedir a observação terrestre e os fogos diretos sobre a ADA;
- d) Iludir o inimigo quanto à verdadeira localização do LAADA;
- e) Realizar ações de contrarreconhecimento; e
- f) Detectar alvos e conduzir o tiro das armas de apoio.

4.2.5.3 Composição

- O escalão de segurança é composto por forças equilibradas de armas combinadas. Pode ser constituído por:

- a) Força de Cobertura (F Cob);
- b) Postos Avançados Gerais (PAG);
- c) Postos Avançados de Combate (PAC);
- d) Elementos de segurança aproximada; e
- e) Elementos de vigilância aérea.

4.2.6 ÁREA DE DEFESA AVANÇADA

4.2.6.1 A ADA do Btl Inf estende-se para a retaguarda, desde o LAADA até a retaguarda das Cia Fuz empregadas em primeiro escalão.

4.2.6.2 A missão das Cia Fuz em primeiro escalão é deter o inimigo à frente da posição, procurando impedir, por meio de fogos e do combate aproximado, sua entrada na ADA.

4.2.6.3 Para cumprir essa missão, bloqueiam as VA disponíveis para o inimigo, não somente junto ao LAADA, mas também em profundidade, a fim de limitar possíveis penetrações.

4.2.6.4.2 Na ADA, as Cia Fuz de 1º Escalão constroem e ocupam suas posições defensivas.

4.2.7 ÁREA DE RESERVA

4.2.7.1 Definição

- A área de reserva do Btl Inf, também denominada área de retaguarda, estende-se desde a retaguarda das Cia Fuz de primeiro escalão até o limite de retaguarda do batalhão, se houver.

4.2.7.2 As missões da reserva são:

- a) Aprofundar a defesa, limitando as penetrações;
- b) Realizar contra-ataques; e
- c) Reforçar ou substituir os elementos da ADA.

4.2.7.3 Nessa área são localizadas as Cia Fuz não empregadas na ADA.

- Essas SU constituem a reserva e são mantidas sob o controle direto do batalhão para emprego em oportunidade e local decisivos.

4.2.8 PELOTÃO DE FUZILEIROS NA ÁREA DE SEGURANÇA

4.2.8.1 Força de Cobertura

4.2.8.1.1 Uma F Cob é, normalmente, estabelecida pelo Corpo de Exército (CEx) ou Divisão de Exército (DE) para proporcionar segurança à frente dos PAG. Por necessitar de grande mobilidade, em geral, essa missão é atribuída às tropas de natureza blindada.

4.2.8.1.2 A F Cob tem a missão de retardar o inimigo, durante um período determinado, a fim de proporcionar tempo para a preparação da posição de defesa, desorganizar e desgastar ao máximo as forças inimigas atacantes e iludi-las quanto à verdadeira localização do LAADA.

4.2.8.1.3 O Pel Fuz pode participar de uma F Cob, enquadrado no Btl do qual é orgânico.

4.2.8.2 Postos Avançados Gerais

4.2.8.2.1 Os PAG são estabelecidos a aproximadamente 8 a 12 km à frente do LAADA, por ordem do comandante da DE. Eles dão maior segurança à frente da posição defensiva, alertam sobre a aproximação do inimigo, retardam e desorganizam sua progressão, procurando iludi-lo quanto à real localização do LAADA.

4.2.8.2.2 Normalmente, são guarnecidos por um grupamento de armas combinadas, integrando uma Brigada (Bda), embora um Btl Ref possa ser designado para guarnecer os PAG.

4.2.8.2.3 O Pel Fuz pode integrar um Btl Inf designado para realizar ações nos PAG.

4.2.8.3 Postos Avançados de Combate

4.2.8.3.1 Os PAC ficam situados entre 800 e 2.000 metros à frente do LAADA.

4.2.8.3.2 Constituem o elemento de segurança da Bda. Sua missão principal é proporcionar o alerta oportuno com a aproximação do inimigo, impedi-lo de realizar a observação terrestre aproximada e os fogos diretos sobre o interior da ADA. Dentro de suas possibilidades, retardam e desorganizam o inimigo e esforçam-se para iludi-lo quanto à real localização do LAADA. Aumentam a segurança da posição defensiva e obtêm dados oportunos sobre o inimigo, infligindo-lhe o máximo de baixas, sem se engajar em combate aproximado.

4.2.8.3.3 A responsabilidade pela organização e ocupação de sua posição pode ser atribuída a uma Cia Fuz dos batalhões de primeiro escalão (geralmente a reserva) ou a elementos do batalhão reserva. O efetivo dos PAC na frente de cada batalhão varia desde um Pel Fuz Ref até uma Cia Fuz Ref com morteiros, armamento AC e Carros de Combate (CC).

4.2.8.3.4 Os PAC são constituídos por uma série de postos de vigilância, cujos efetivos variam de uma esquadra a um Pel Fuz Ref. Esses postos organizam núcleos de defesa em acidentes do terreno que permitam boa observação em profundidade, ofereçam extensos campos de tiro e proteção aproximada às armas de apoio pelos fuzileiros.

4.2.8.3.5 As posições são organizadas em frentes normais, separadas umas das outras de modo a permitir a ligação mútua pela vista. Caso isso não seja possível, a ligação entre os núcleos é mantida por meio de patrulhas ou outros meios de comunicação.

4.2.8.3.6 O Cmt PAC determina o lançamento de patrulhas à frente, nos flancos e à retaguarda para proporcionar segurança aos postos de vigilância.

4.2.8.3.4 As armas são instaladas onde se disponha de campos de tiro extensos e os fuzileiros ocupam locais que ofereçam o máximo de observação, o que, em geral, é conseguido na crista topográfica do acidente do terreno organizado. Além das vantagens já expostas, tal localização facilita o retraimento.

4.2.8.3.7 As comunicações para a retaguarda são mantidas por meio de telefone, rádio e mensageiros. Os itinerários de retraimento são escolhidos e reconhecidos. Todos os militares tomam conhecimento do plano de retraimento.

4.2.8.3.8 Quando não há tropa amiga à frente dos PAC, o contato com o inimigo é mantido por meio das patrulhas. As armas executam tiros longínquos, procurando infligir o máximo de baixas e desorganizar o inimigo.

- À medida que o inimigo progride, aumenta-se a continuidade e a densidade dos fogos. O Esc Sp é informado a todo momento sobre a evolução da situação. Se o inimigo chegar à distância de combate aproximado ou ameaçar um desbordamento, o PAC deve retrair.

4.2.8.3.9 A decisão de retraimento, normalmente, é tomada pelo Cmt Btl ou da Bda. Contudo, o Cmt PAC pode ser autorizado a tomar essa decisão.

4.2.8.3.10 São utilizados itinerários de retraimento previamente designados e reconhecidos, que ofereçam o máximo de cobertura e ocultação. Tais itinerários não devem prejudicar a execução dos tiros rasantes das armas instaladas na posição defensiva e, se possível, procuram esconder do inimigo a verdadeira localização dessa posição.

4.2.8.3.11 Diversos planos são preparados para o retraimento. Em princípio, as frações menos engajadas retraem em primeiro lugar. Já que a distância da posição defensiva é curta, não há, geralmente, posições retardadoras intermediárias. O retraimento é feito diretamente para o interior da posição. Os elementos amigos são mantidos informados sobre o curso do retraimento.

4.2.8.3.12 A fim de evitar o fratricídio, devem ser seguidas as normas previstas no plano de retraimento, bem como as medidas de coordenação e controle preconizadas nas IECOM Elt. O movimento de tropa deve ser de conhecimento de todas as frações dispostas no terreno.

4.2.8.3.13 Para mais informações sobre prevenção ao fratricídio, consulte o anexo F do EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª edição, 2023) e o caderno de instrução EB70-CI-11.483 - CADERNO DE INSTRUÇÃO PREVENÇÃO AO FRATRICÍDIO NAS PEQUENAS FRAÇÕES (1ª edição, 2024).

4.2.9 PELOTÃO DE FUZILEIROS NA ÁREA DE DEFESA AVANÇADA

4.2.9.1 A missão do Pel Fuz na ADA é manter o terreno e deter o inimigo pelo fogo e combate aproximado, à frente do LAADA.

4.2.9.2 Normalmente, na defesa de área, o Cmt Pel Fuz faz o reconhecimento pessoal do terreno.

- Deve identificar as características da posição a ele designada pelo Cmt Cia Fuz e as vias de acesso (VA) que incidem em sua posição (à frente e nos flancos).

4.2.9.3 A análise do terreno imediatamente à frente do LAADA deve considerar:

- a) Regiões que ofereçam cobertas e abrigos para o inimigo, permitindo sua utilização como ataque, posições para desdobramento de Seções de Morteiros, de PC, de instalações logísticas e de reserva;
- b) Regiões que podem ser utilizadas pelo inimigo como bases de fogos de tiro tenso;
- c) Itinerários cobertos e abrigados que podem ser utilizados pelo inimigo para abordar a posição e posições de desenfiamento para armamento coletivo;
- d) Obstáculos naturais e terrenos descobertos de passagem obrigatória para o inimigo;
- e) Acidentes dominantes do terreno que possam ser utilizados como postos de observação; e
- f) Itinerários desenfiados para retraimento dos postos avançados.

4.2.9.4 O Cmt Pel Fuz deve conhecer e saber interpretar as seguintes medidas de coordenação e controle estabelecidas pelo Cmt Btl e/ou Cmt Cia Fuz:

4.2.9.4.1 Zona de Ação (Z Aç)

- Medida estabelecida para uma peça de manobra com a finalidade de atribuir-lhe uma área de responsabilidade.
- Nessa área, a peça de manobra poderá atirar e manobrar sem necessidade de coordenação e interferência de outros elementos.
- Na Z Aç da Cia Fuz devem ser construídas suas posições defensivas principais, de muda e de aprofundamento, desdobrados seus meios logísticos, de apoio de fogo e de C².
- O Pel Fuz, normalmente, não recebe Z Aç, mas sim uma região do terreno onde deve construir seu núcleo defensivo.

4.2.9.4.2 Limite Anterior da Área de Defesa Avançada (LAADA)

- Linha balizada pela orla anterior dos núcleos de defesa de primeiro escalão. Confunde-se com o limite anterior da posição defensiva. O LAADA oferece orientação e referência aos Cmt de todos os escalões para o planejamento e a execução da defesa. Destina-se a coordenar o dispositivo e os fogos de todas armas e unidades de apoio.

4.2.9.4.3 Limites

- Os limites na ADA dividem a frente do Btl em Z Aç, levando em consideração o valor defensivo do terreno e a relativa importância das regiões a serem defendidas.

4.2.9.4.4 Pontos limites

- Fixam os locais onde o Cmt Esc Sp deseja que os Cmt subordinados vizinhos coordenem seus fogos e seus dispositivos defensivos.
- São designados sobre os limites da Cia Fuz e localizados sobre ou nas proximidades de um acidente do terreno facilmente identificável, tanto no terreno como na carta.
- Os Cmt fazem a coordenação nestes pontos e determinam se os intervalos entre as suas frações devem ser cobertos por fogos, barreiras, ocupação física ou pela combinação desses processos.
- Não há necessidade de ocupar o ponto limite com elemento de tropa.

4.2.9.4.5 Linha de proteção final (LPF)

- É a última linha em que se procura bloquear a entrada do inimigo nos núcleos defensivos de 1º escalão. É onde o fogo atinge o máximo de intensidade.
- Deve passar a uma distância mínima à frente da posição que impeça ao inimigo o emprego eficaz de suas granadas de mão.
- Na LPF, as metralhadoras e as outras armas automáticas devem obter a máxima extensão de tiros rasantes.

4.2.9.4.6 Núcleo defensivo

- Célula defensiva na qual frações de fuzileiros adotam um dispositivo flexível para a defesa em todas as direções e em profundidade, de forma a sustentar a posição defensiva, mesmo que ultrapassada ou atacada de diferentes lados.

4.2.9.5 Graus de resistência

4.2.9.5.1 Em uma situação ideal, na Def A, cada fração organizará seu dispositivo nas melhores condições.

- Porém, em frentes amplas, sob condições especiais de terreno, ou quando é necessário economizar meios, pode-se adotar outros graus de resistência.

4.2.9.5.2 Três são os graus de resistência que podem ser empregados na ADA, conforme o nível de engajamento admitido com o inimigo.

- Do maior para o menor, são, respectivamente, defender, retardar e vigiar.

4.2.9.5.3 O grau de resistência a ser adotado pelo Pel Fuz será definido pelo Cmt Cia Fuz:

a) Defender

- O Pel Fuz defende uma determinada VA para conter o ataque inimigo, por meio do fogo e do combate aproximado. Para tanto, deve possuir um poder relativo de combate compatível, em função da amplitude e do valor do inimigo na VA.
- Um núcleo defensivo valor Pel Fuz defende em uma VA valor SU.

b) Retardar

- O Pel Fuz combate, por meio do fogo para desorganizar o ataque inimigo, trocando o mínimo de espaço pelo máximo de tempo, sem se engajar decisivamente em

combate.

- O Pel Fuz que retarda só deve retrair quando sob ameaça de engajamento decisivo e mediante autorização do Cmt Cia Fuz.
- Para retardar, o defensor pode empregar menor poder de combate do que quando defende e ocupar núcleos defensivos de maiores dimensões.
- Um núcleo defensivo valor Pel Fuz retarda até duas VA valor SU.
- Não deve ser confundido com a forma de manobra “ação retardadora”.

c) Vigiar

- O Pel Fuz cumpre sua missão estabelecendo uma série de postos de vigilância, complementados por patrulhas, para detectar a presença do inimigo.
- Provê sua própria segurança e, se pressionado, retrai, mantendo permanente contato com o inimigo.
- Este grau de resistência geralmente será determinado em regiões de terreno impeditivo ou quando inexistem locais favoráveis à instalação de posições de bloqueio.
- Um Pel Fuz vigia até três VA valor SU.

4.2.9.5.4 O Pel Fuz no grau de resistência “retardar”, deve bloquear cada VA valor SU inimiga com, pelo menos, um GC, que não aumenta sua frente ocupada, mantendo o intervalo normal entre as tocas.

- O Cmt Pel Fuz deve planejar fogos de apoio para bater os intervalos entre os GC.

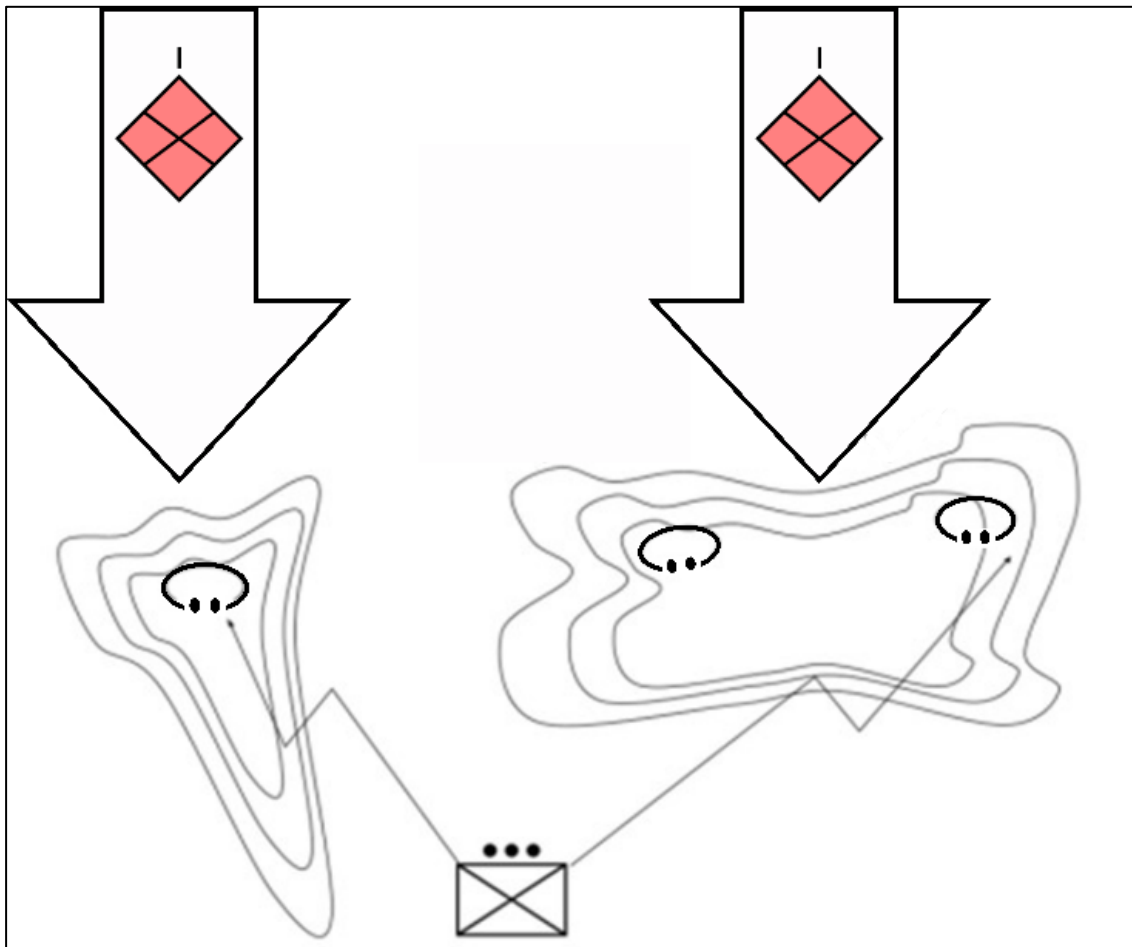


Fig 4-2 - Pel Fuz no grau de resistência “retardar”.

4.2.9.5.5 O Pel Fuz no grau de resistência “vigiar” deve detectar a presença do inimigo por meio dos P Vig e patrulhas lançadas.

- Quando pressionado, deve retrair mantendo permanente contato com o inimigo até ser acolhido por outras forças de defesa em profundidade. O Pel Fuz engaja o inimigo somente para sua autodefesa.

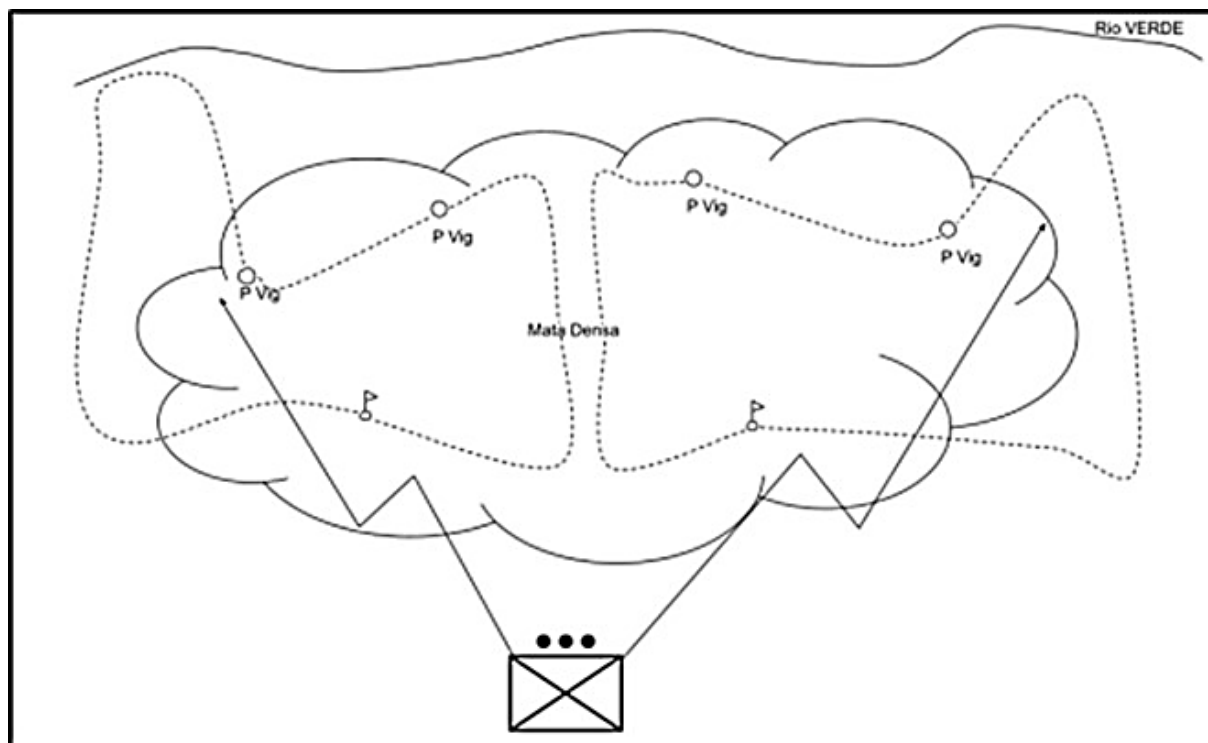


Fig 4-3 - Pel Fuz no grau de resistência “vigiar”.

4.2.9.6 Organização da Área de Defesa Avançada

4.2.9.6.1 Na ADA, o Pel Fuz pode receber a missão de construir seu núcleo defensivo em 1º escalão, junto ao LAADA ou imediatamente à retaguarda, no aprofundamento da Cia Fuz.

- Normalmente, o Cmt Cia Fuz emprega dois Pel Fuz em 1º escalão e outro à retaguarda.

4.2.9.6.2 A organização dos núcleos defensivos dos Pel Fuz deve considerar os seguintes fatores:

a) Localização

- Os núcleos defensivos de 1º escalão devem ser organizados junto à crista militar da elevação a defender, de forma a obter-se uma boa observação aproximada e campos de tiro rasantes para as armas de tiro tenso.
- Os Pel Fuz no aprofundamento da Cia Fuz constroem seus núcleos à retaguarda dos Pel em 1º escalão.

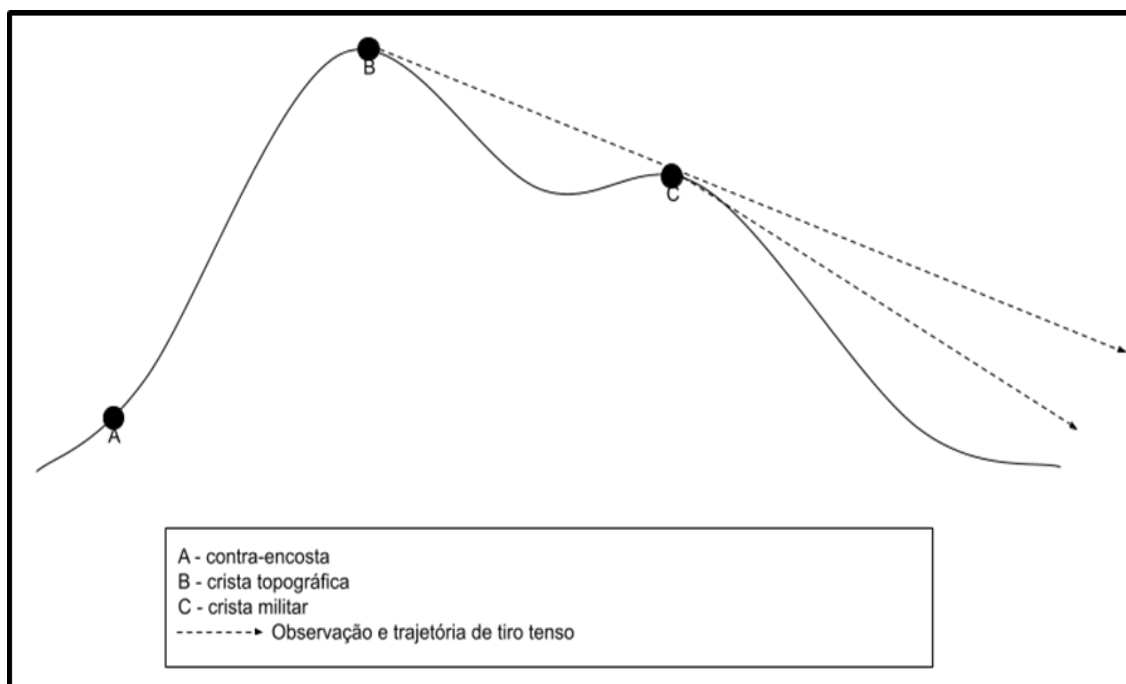


Fig 4-4 - Exemplo de crista topográfica e crista militar.

b) Frente a ocupar e defender

- O Pel Fuz ocupa uma frente de aproximadamente 400 metros e profundidade de 300 metros. Defende uma frente de 700 metros. As dimensões variam em função, principalmente, da missão, terreno e meios disponíveis.

c) Apoio mútuo e dispersão

- Os intervalos entre os núcleos de Pel Fuz variam de acordo com o terreno, inimigo e meios disponíveis. Para diminuir os efeitos dos fogos de artilharia e morteiro inimigos, o intervalo será de, no mínimo, 200 metros. Para garantir o apoio mútuo entre os núcleos com armamento leve, o intervalo será de, no máximo, 400 metros.

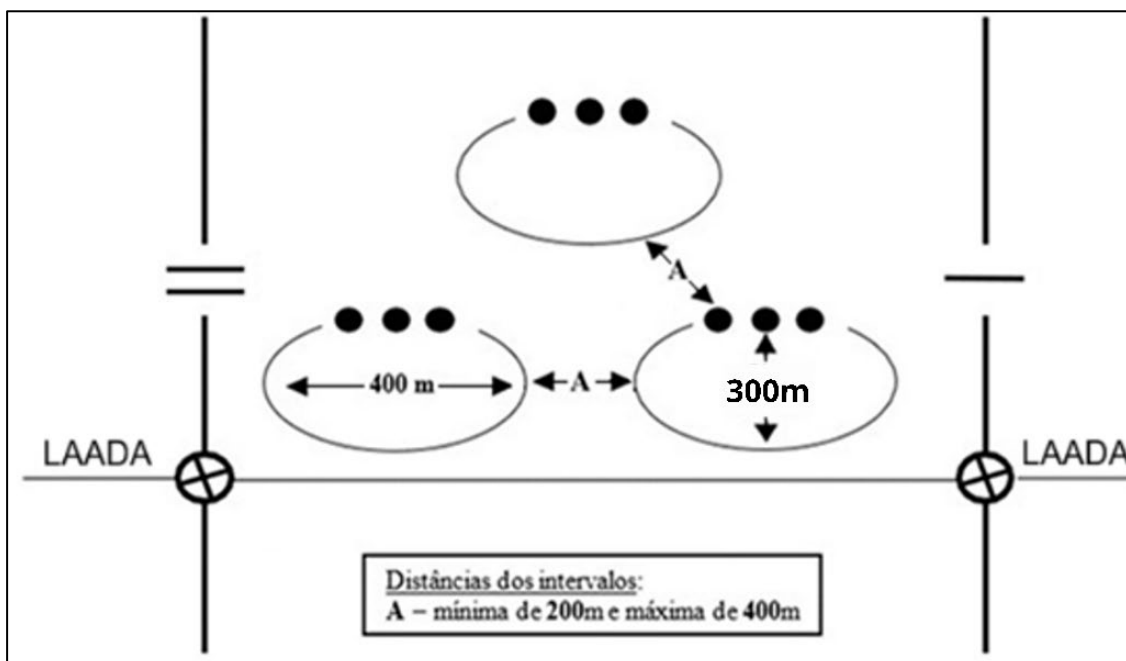


Fig 4-5 - Dimensões e distâncias de apoio mútuo e dispersão dos Pel Fuz da ADA.

d) Bloqueio das VA no LAADA

- Cada Pel Fuz de 1º escalão bloqueia uma VA específica (de valor máximo SU).
- O posicionamento dos abrigos para fuzileiros deve permitir que seja realizado fogo de fuzil na região onde a VA aborda o LAADA (máximo 400m de distância).
- Para diminuir os riscos de fratricídio na execução de barragens de artilharia e morteiro sobre o LAADA, é desejável que os limites do núcleo distem, no mínimo, 200m do LAADA.

e) Bloqueio das VA no interior da ADA

- Os núcleos de aprofundamento da Cia Fuz são construídos com as mesmas características daqueles do LAADA, respeitadas as distâncias de apoio mútuo e dispersão.
- Quando as VA que adentram a ADA convergem para uma única via de acesso, o Cmt Cia Fuz deve organizar um núcleo de aprofundamento.
- Por outro lado, se as VA permanecerem paralelas no interior da ADA, devem ser organizados núcleos de defesa independentes para bloquear cada uma delas.
- Neste segundo caso, um Pel Fuz prepara ambas as posições e ocupa aquela voltada para a linha de ação mais provável do inimigo, ficando em condições de deslocar-se para as demais posições conforme a evolução do combate.

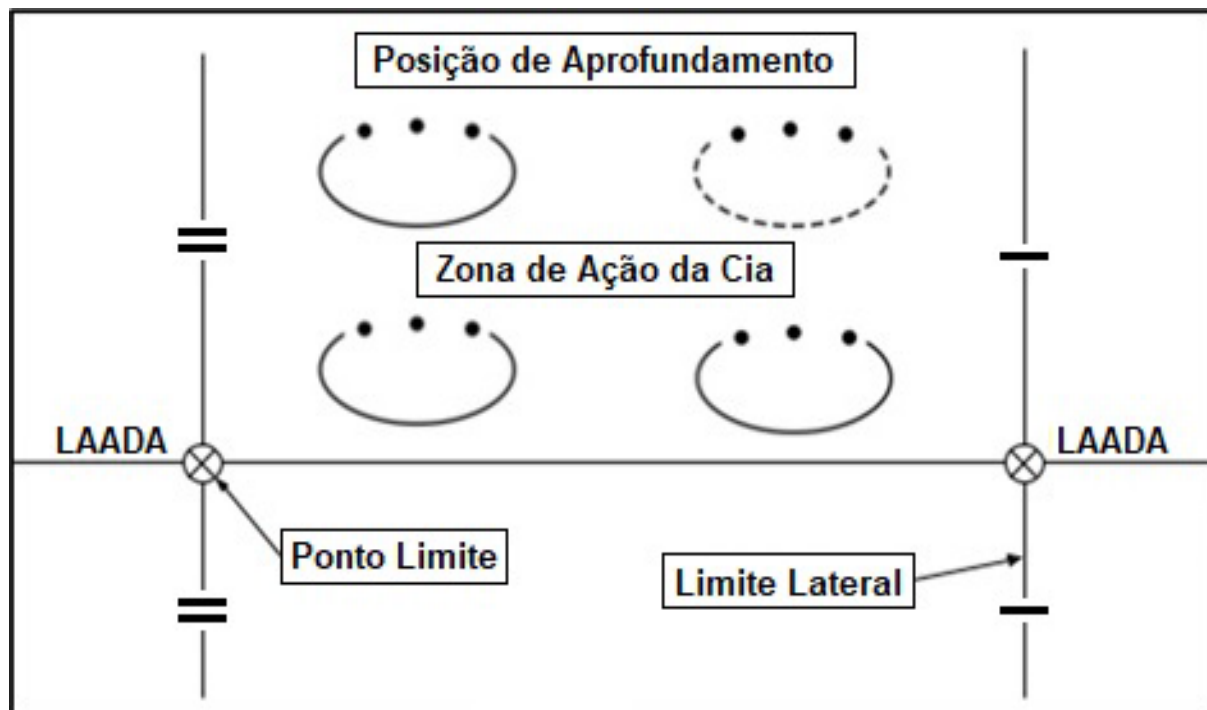


Fig 4-6 - Bloqueio das VA no interior da ADA.

4.2.9.7 Preparação da posição defensiva

4.2.9.7.1 Após a emissão das ordens, o Pel Fuz ocupa uma posição de espera, coberta e abrigada no dispositivo de alto-guardado e nas proximidades da posição defensiva.

- Em seguida, é realizado o reconhecimento da posição pelo Cmt Pel Fuz, acompanhado de seus comandantes de grupo subordinados e de um guia por fração, com a finalidade de assinalar no terreno as extremidades da frente do Pel, bem como dos GC, estabelecendo os intervalos entre eles.

4.2.9.7.2 Definidas as posições de cada grupo, os guias retornam para a posição de espera e conduzem a tropa até os locais determinados, onde os Cmt GC fixarão a posição exata de cada abrigo (toca) de seus grupos.

4.2.9.7.3 O Pel Fuz, ao preparar um núcleo de defesa, adota a formação tática em linha, ocupando fisicamente uma frente de 400 metros.

- Dispõe seus grupos de combate lado a lado, intervalados de 50 a 100 metros entre si. Cada GC ocupa uma frente de 70 a 100 metros.

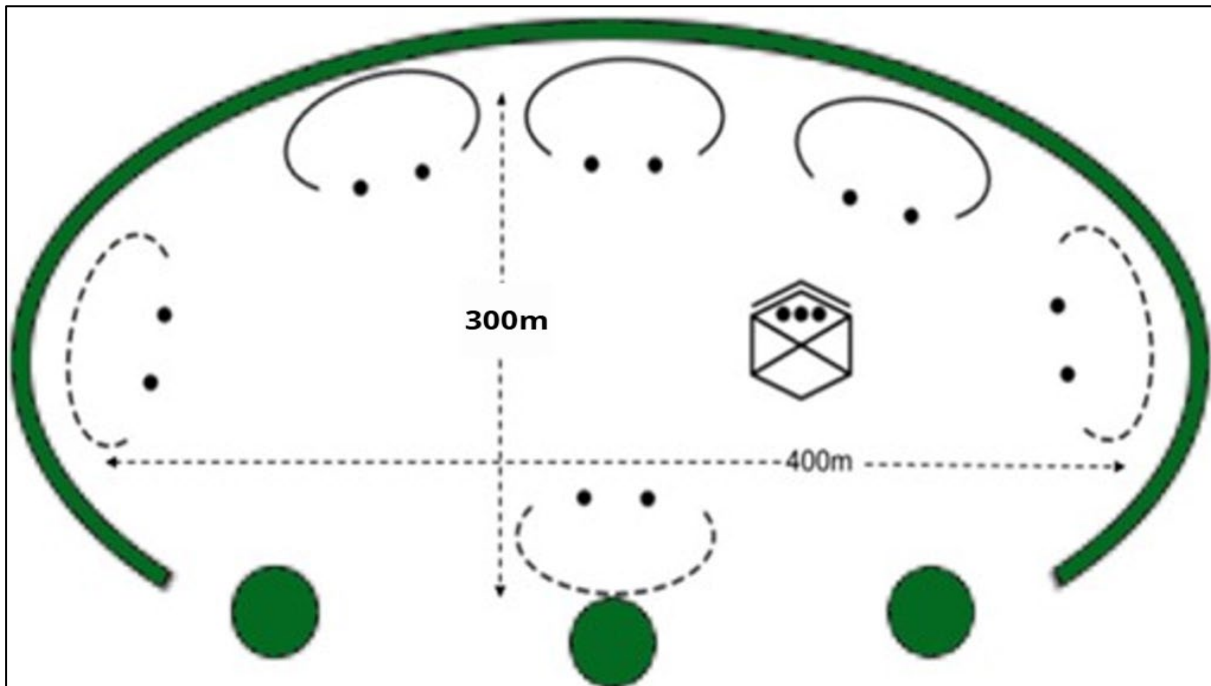


Fig 4-7 - Exemplo de núcleo de defesa do Pel Fuz.

4.2.9.7.4 O intervalo entre os abrigos varia conforme o terreno.

- Em áreas limpas, o intervalo entre as tocas individuais é de 10 metros e entre as tocas duplas é de 20 metros.
- Em terreno sujo, as distâncias são reduzidas à metade, ou seja, 5 a 10 metros, respectivamente, o que provoca a diminuição da frente do pelotão.
- Sempre que possível, devem ser preparadas tocas duplas, porque influem diretamente no moral dos fuzileiros.

4.2.9.7.5 O Pel Fuz também prepara posições suplementares nos flancos e na retaguarda, materializando o fundamento da defesa em todas as direções.

- À medida que o tempo permitir, devem ser construídos itinerários desenhados entre as posições principais e suplementares.

4.2.9.7.6 Os setores dos GC devem ser parcialmente sobrepostos nas extremidades. O comandante de grupo, por sua vez, designa setores de tiro específico para cada fuzileiro na LPF.

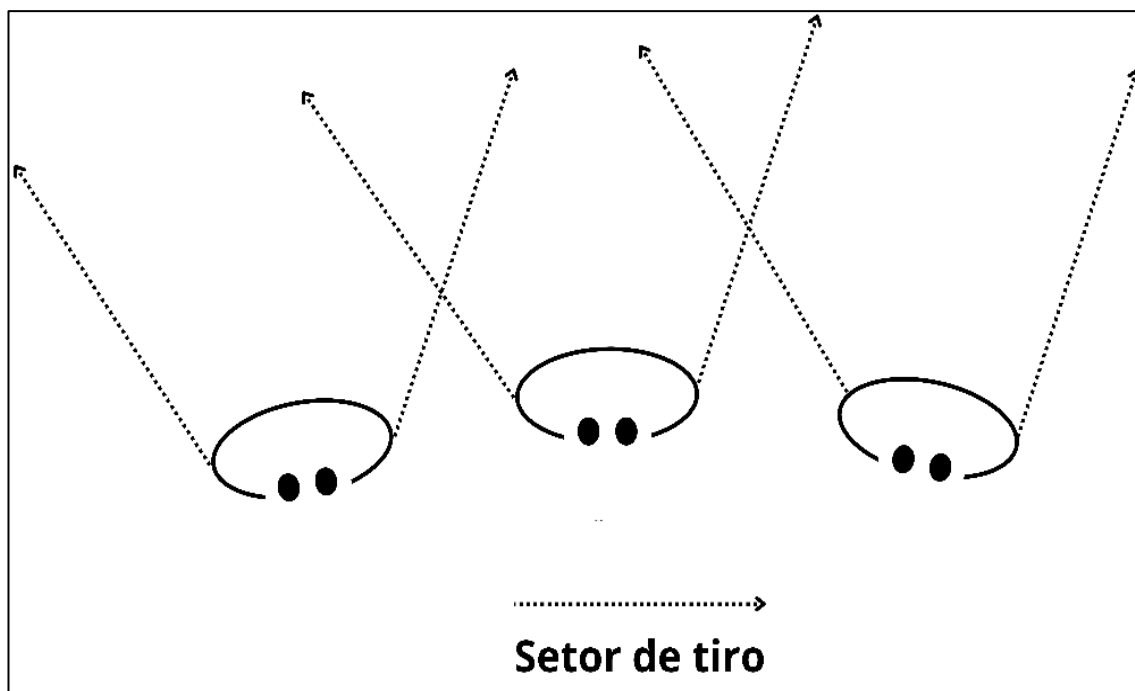


Fig 4-8 - Setores de tiro dos GC.

4.2.9.7.7 Os abrigos devem ser preparados na crista militar, evitando-se ao máximo os ângulos mortos ocasionados pelas dobras do terreno. A rasância e o flanqueamento das armas de tiro tenso são fundamentais para o sucesso da defesa.

4.2.9.7.8 O Cmt Pel Fuz posiciona-se onde melhor possa conduzir a defesa. Normalmente, ocupa um posto de observação, que também funciona como posto de comando, no interior do núcleo de defesa do pelotão.

4.2.9.7.9 O Cmt Pel consolida todos os dados da preparação da sua posição defensiva em um único documento, denominado roteiro do pelotão. Cada Cmt GC também confecciona um roteiro. Os roteiros devem conter as seguintes informações:

- a) missão da fração;
- b) dispositivo da fração;
- c) medidas de segurança;
- d) prioridade dos trabalhos de organização do terreno;
- e) comunicações (rádio, físico, senhas e sinais convencionados);
- f) apoio logístico;
- g) setores de tiro (balizados por PRA); e
- h) esboço da frente de defesa com o plano de fogos.

4.2.9.7.10 Os roteiros são elaborados em duas vias. A primeira é remetida ao Esc Sp e a segunda permanece na posição, a fim de facilitar o controle e a passagem de função em caso de substituição da tropa.

4.2.9.7.11 O Cmt Pel Fuz deve estabelecer uma prioridade para os trabalhos de Organização do Terreno (OT) que são executados de maneira contínua. Mesmo após a finalização dos trabalhos, eles devem sofrer constante melhoria, até a fortificação da posição.

4.2.9.7.12 Uma possível sequência de trabalhos de OT é a seguinte:

- a) estabelecimento da segurança aproximada e local;
- b) instalação das armas de apoio;
- c) limpeza dos campos de tiro;
- d) estabelecimento das comunicações;
- e) preparação das posições principais (abrigos e espaldões);
- f) construção dos obstáculos; e
- g) preparação das posições de muda e suplementares.

4.2.9.7.13 A preparação da posição defensiva prossegue continuamente, enquanto o Pel Fuz permanecer na ADA. Quando a posição for organizada em estreito contato com o inimigo, a tropa deverá estar em condições de defender-se de um ataque a qualquer momento durante os trabalhos de instalação.

4.2.9.7.14 Nesta situação, o preparo da posição é condicionado pela ocorrência total ou parcial das seguintes condições:

- a) Limitação de deslocamento dos homens;
- b) Exposição da tropa aos fogos observados;
- c) Ataques inimigos em uma ou em todas as fases da organização;
- d) Ataques locais em acidentes do terreno necessários à organização da posição; e
- e) Retraimentos parciais para fortalecer a posição (com prévia aprovação do Cmt Btl).

4.2.9.7.15 Os Pel Fuz constroem os obstáculos de proteção local (redes de arame, minas e outros) ao redor e no interior dos núcleos de pelotão, com a finalidade de dificultar e limitar o assalto final do inimigo.

- Normalmente, são posicionados a mais de 50 metros dos abrigos individuais, evitando que granadas de mão lançadas a partir dos obstáculos alcancem as posições defensivas.

4.2.9.7.16 Obstáculos suplementares são utilizados para realizar a ligação entre os obstáculos de proteção local, reforçar pontos vulneráveis e aumentar a profundidade do sistema defensivo.

- Também podem ser lançados ao longo da Linha de Proteção Final (LPF), de maneira que sua face exterior seja batida pelos fogos de metralhadora. São planejados pelo Cmt Cia Fuz e sua construção pode demandar pessoal dos Pel Fuz.

4.2.9.7.17 Obstáculos táticos são normalmente lançados à frente da ADA, por Elm Eng, integrando o plano de barreiras dos Esc Sp. Esse trabalho também pode demandar apoio dos Pel Fuz.

4.2.9.7.18 Os obstáculos devem ser mantidos sob observação constante. Durante períodos de visibilidade limitada, é essencial estabelecer o patrulhamento ao longo dos obstáculos e reajustar o dispositivo defensivo, reposicionando soldados para garantir que:

- a) Os obstáculos permaneçam continuamente batidos por fogos; e
- b) O inimigo não consiga transpô-los clandestinamente.

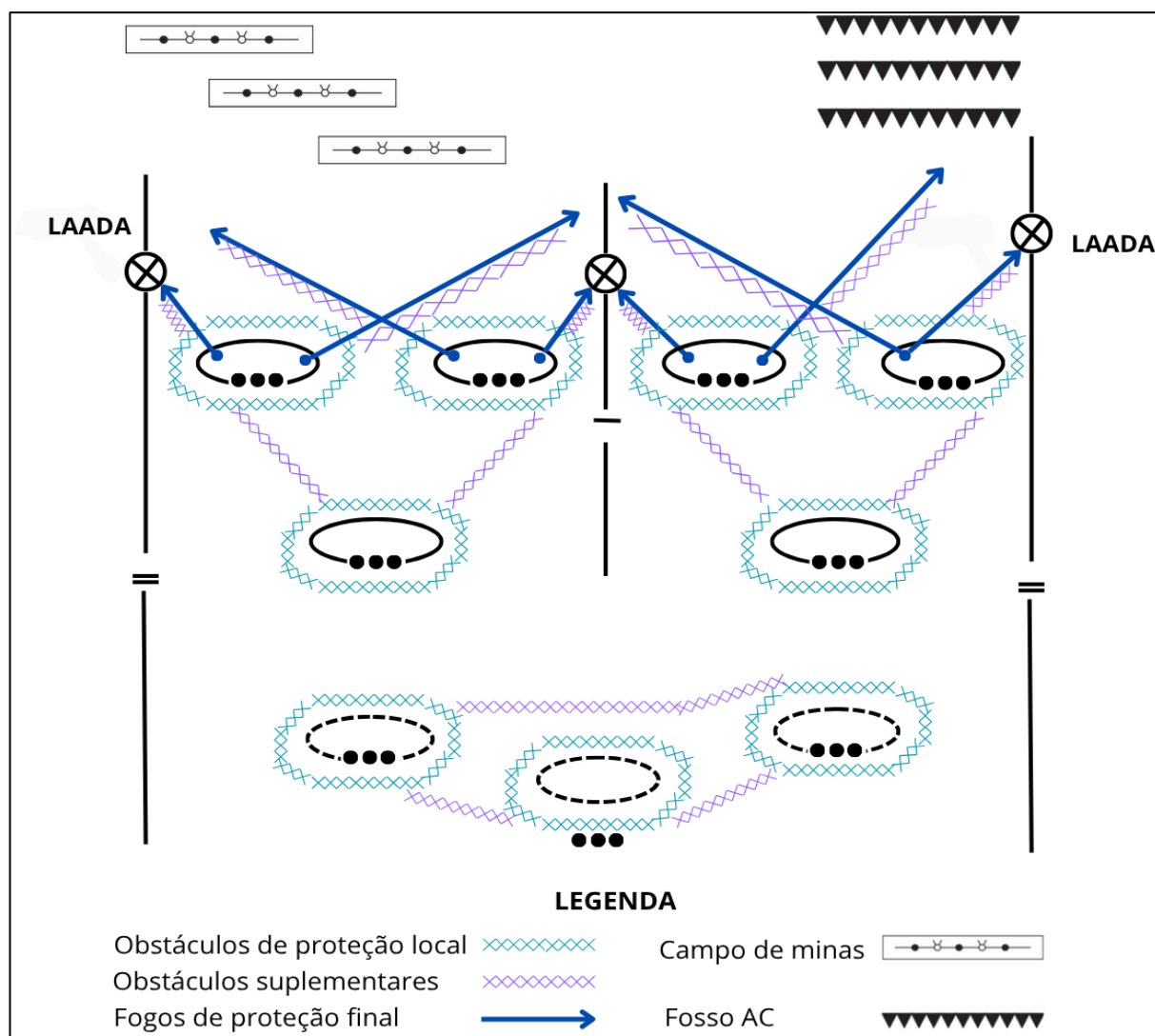


Fig 4-9 - Visualização dos obstáculos à frente e no interior da ADA.

4.2.9.7.19 Para maximizar a eficácia da vigilância, devem ser empregados:

- a) Sistemas de alarme (improvisados ou eletrônicos);
- b) Dispositivos luminosos;
- c) Radares de vigilância terrestre; e
- d) Sensores de movimento e vibração.

4.2.9.8 Apoio de fogo

4.2.9.8.1 Na defensiva, os fogos podem ser escalonados de acordo com a sua finalidade em: longínquos, defensivos aproximados, de proteção final e no interior da posição.

4.2.9.8.2 Os fogos longínquos são planejados e executados para atingir o inimigo o mais cedo possível, além do PAC, com a finalidade de causar-lhe baixas, retardar a sua progressão e desorganizá-lo. São executados pelos fogos das armas de apoio instaladas dentro da posição defensiva e nos PAC. Devem ser tomadas as medidas para evitar denunciar a localização das posições defensivas e das posições das armas de apoio.

4.2.9.8.3 Os fogos defensivos aproximados são planejados e executados para destruir a coesão das forças atacantes, antes que possam lançar o assalto, causando o maior número possível de baixas, rompendo seu comando, controle e comunicações, cegando sua observação e neutralizando suas armas de apoio. São realizados entre o PAC e a posição de assalto do inimigo. Caso o inimigo demonstre não conhecer nossas posições, as armas de tiro tenso podem deixar de atirar até que o inimigo chegue a uma posição favorável ao desencadeamento dos tiros. Agindo assim, obter-se-á surpresa. São constituídos pelos fogos de todas as armas individuais e de apoio com capacidade técnica de bater o inimigo.

4.2.9.8.4 Os fogos de proteção final visam deter o ataque inimigo, impedindo que o escalão de ataque inimigo ultrapasse a LPF. São planejados para execução sob quaisquer condições de visibilidade. São constituídos, principalmente, pelos tiros rasantes das metralhadoras e fuzis. As direções principais de tiro das armas AC devem ser designadas junto à LPF.

4.2.9.8.5 Os fogos no interior da posição visam limitar e isolar as penetrações na posição defensiva, destruir o inimigo nesse local, impedir a consolidação e apoiar os contra-ataques. São constituídos pelos fogos das armas individuais e coletivas que possam atirar sobre a área em que se deu a penetração.

4.2.9.8.6 O Plano de Fogos da Cia Fuz é elaborado de forma a permitir atirar sobre o inimigo, logo que se possa observá-lo, sujeitá-lo a um volume crescente de fogos à medida que se aproxima, e destruí-lo ou repeli-lo por fogos no interior da posição defensiva, caso nela penetre. Os Cmt Pel Fuz devem ter conhecimento detalhado do plano, de forma a executá-lo corretamente na frente sob sua responsabilidade.

4.2.9.8.7 O plano de fogos da Cia Fuz oferece as seguintes informações, entre outras:

- a) Linhas de acionamento identificáveis para cada armamento no terreno;
- b) Lista e calco de alvos planejados de artilharia e morteiro (Pel Mrt/Btl e Seq Mrt/Cia);
- c) Setores de tiro dos Pel Fuz, preferencialmente delimitados por PRA;
- d) Prioridade de engajamento dos alvos;
- e) Técnicas de engajamento;
- f) Lista de AAC;
- g) Plano de Defesa Anticarro;
- h) Calco das MCAF; e
- i) Escalonamento dos fogos.

4.2.9.8.8 O Pel Fuz pode alojar no interior do seu núcleo defensivo armas de apoio da Cia Fuz e do Btl. De maneira similar, os GC podem receber as metralhadoras do Gp Ap para que sejam instaladas dentro de seu dispositivo.

4.2.9.8.9 As concentrações do morteiro leve orgânico do Pel Fuz são empregadas para:

- a) Proporcionar apoio imediato aos GC na defesa de suas posições, especialmente sobre alvos inopinados, particularmente os desenhados;
- b) Deter o ataque inimigo antes que ultrapasse a LPF; e
- b) Limitar a penetração inimiga na ADA.

4.2.9.8.10 Normalmente, a Pç Mrt L localiza-se no interior do núcleo defensivo do Pel Fuz, em posição de onde possa apoiar todas as fases do combate, inclusive o desencadeamento dos fogos no interior da posição. A ação em conjunto é a forma de apoio mais adequada na defesa de área.

4.2.9.8.11 Os lança-rojões devem realizar a proteção imediata da ADA contra a atuação de blindados inimigos. Seu posicionamento dentro dos GC deve considerar o plano de defesa anticarro da Cia Fuz, de modo a evitar sobreposições desnecessárias.

4.2.9.8.12 Os lança-rojões devem realizar a proteção imediata da ADA contra a atuação de blindados inimigos. Seu posicionamento dentro dos GC deve considerar o plano de defesa anticarro da Cia Fuz, de modo a evitar sobreposições desnecessárias.

4.2.9.8.13 A direção principal de tiro das metralhadoras médias do Gp Ap deve ser coincidente com a LPF, de modo a formar uma barreira de projéteis à frente dos obstáculos.

4.2.9.8.14 É altamente desejável que haja um cruzamento de fogos de metralhadora média à frente da posição defensiva.

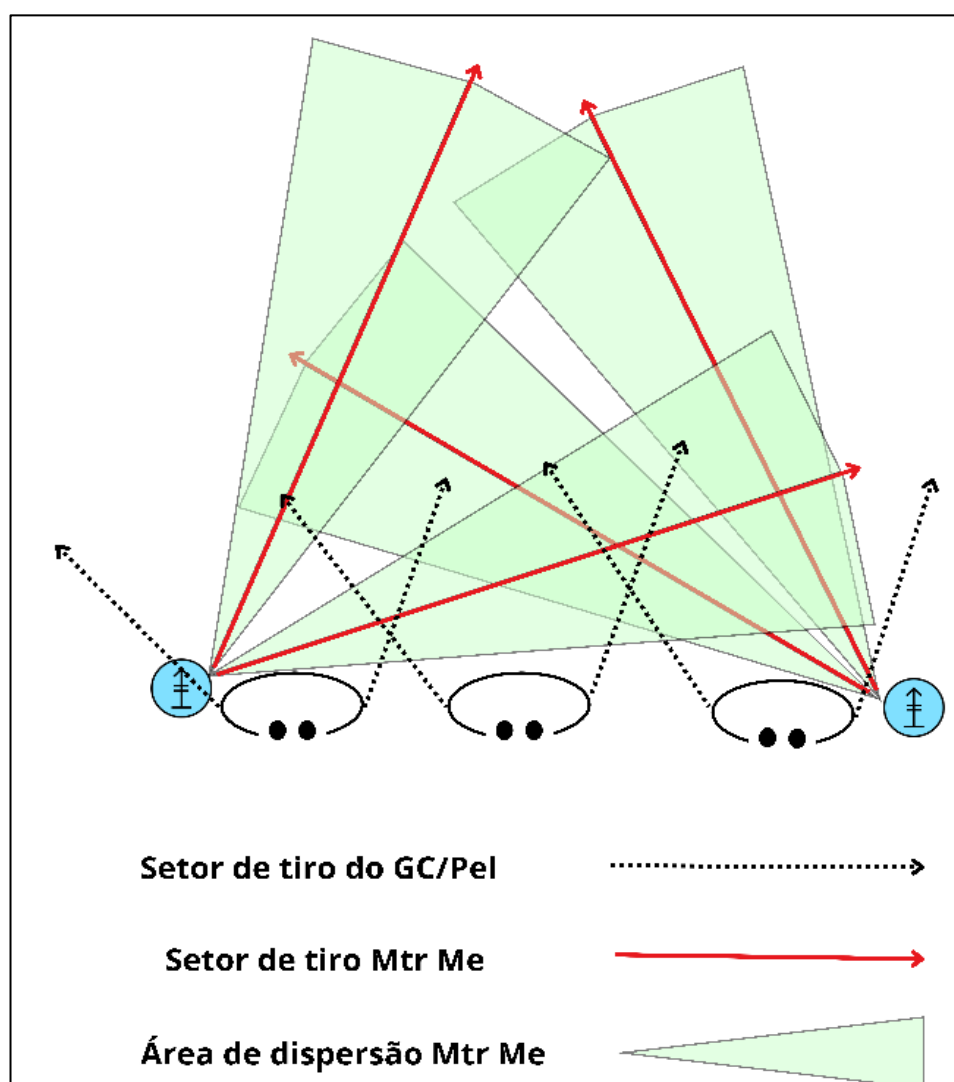


Fig 4-10 - Cruzamento de fogos das metralhadoras médias no âmbito do Pel Fuz.

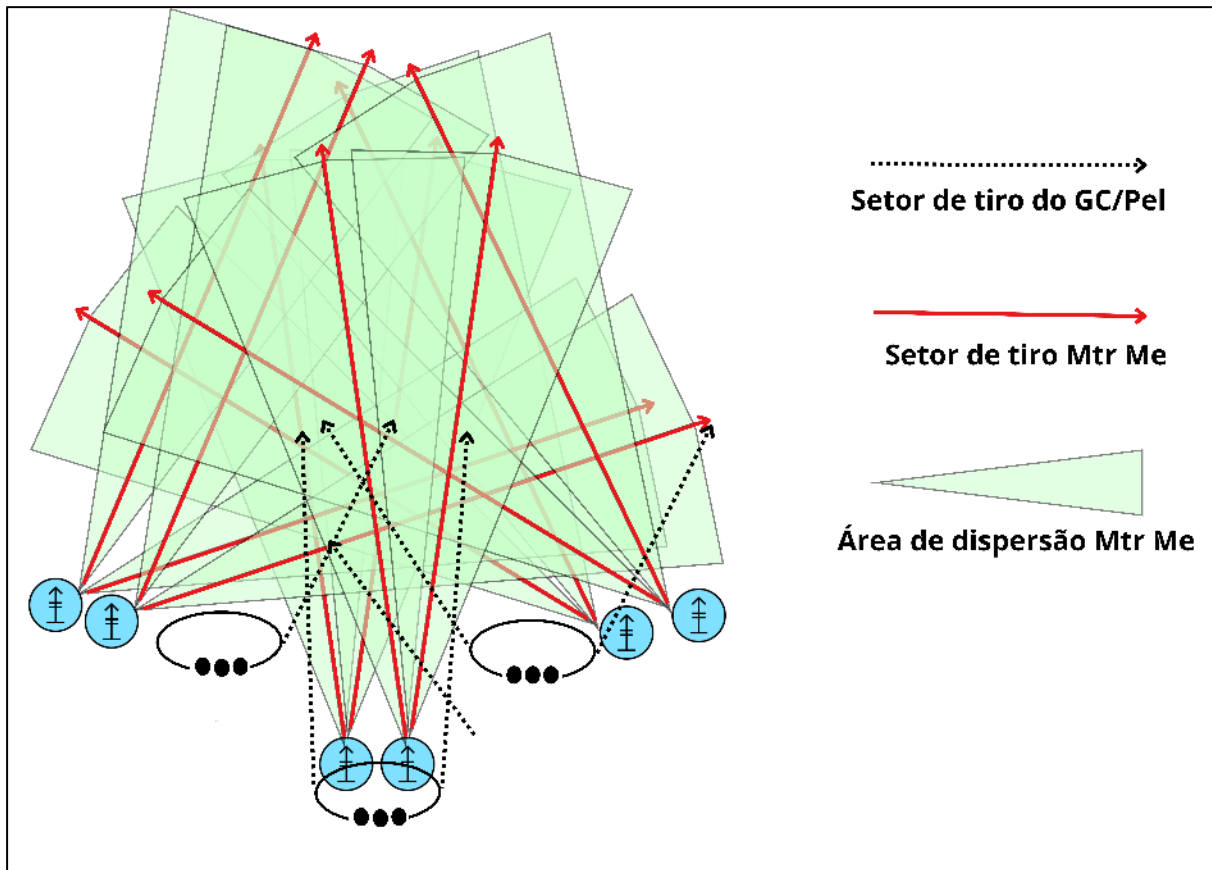


Fig 4-11 - Cruzamento de fogos das metralhadoras médias no âmbito da Cia Fuz.

- Esse cruzamento pode ser feito no âmbito do Pel Fuz ou no âmbito da Cia Fuz, sempre considerando a dispersão dos tiros do armamento, calculado no DRS, a fim de mitigar o risco de fraticídio.

4.2.9.8.15 As metralhadoras do Pel Fuz que aprofunda a defesa da Cia Fuz podem receber a missão de bater os intervalos e os flancos dos núcleos de defesa da ADA.

4.2.9.8.16 O Cmt Gp Ap deve confeccionar o roteiro de tiro da Pç Mrt L, bem como o roteiro de tiro e os cartões de alcance das metralhadoras médias, enquanto os Cmt GC devem providenciar os cartões de alcance dos lança-rojões.

4.2.9.8.17 Roteiro de tiro é o documento que contém todos os dados necessários ao desencadeamento das missões de tiro. Consiste em um calco ou um esboço que contém:

- Localização das posições principais, de muda e suplementares;
- Setor de tiro da seção e/ou peça;
- Localização de obstáculos AC, no caso de Armt AC;
- Prescrições quanto à conduta do tiro;
- Prioridade dos trabalhos de organização do terreno; e
- Outras informações importantes.

4.2.9.8.18 O cartão de alcance é um esboço gráfico do setor de tiro de cada arma, onde estão designados os limites, a LEM e os PRA, com as respectivas distâncias e direções. É confeccionado por cada Ch Pç.

4.2.9.8.19 O roteiro de tiro da Pç Mrt L deve incluir:

- a) A localização das posições principais, de muda e suplementares;
- b) Lista de alvos;
- c) Calco de alvos;
- d) Prescrições quanto à conduta do tiro;
- e) Prioridade dos trabalhos de organização do terreno; e
- f) Outras informações importantes.

4.2.9.8.20 O Cmt Pel Fuz poderá solicitar apoio de fumígenos (artilharia, morteiro e CSR). Na defesa de área, os fumígenos podem ser empregados para:

- a) Cegar a observação inimiga;
- b) Reduzir a eficácia dos tiros diretos inimigos;
- c) Dificultar a ajustagem dos fogos indiretos inimigos;
- d) Reduzir a eficiência de equipamentos optrônicos;
- e) Reduzir a velocidade ou desorientar a progressão inimiga;
- f) Permitir nosso desengajamento ou retraimento; e
- g) Designar alvos ou balizar posições amigas para as unidades de apoio de artilharia, de morteiros ou de força aérea, preferivelmente com fumaça colorida.

4.2.9.8.21 Mais informações sobre o escalonamento de fogos na defensiva e plano de fogos da Cia Fuz estão disponíveis no Caderno de Instrução CI 3.7-100 - Companhia de Fuzileiros (1ª edição, 2025).

4.2.9.9 Comando e controle

4.2.9.9.1 O Sistema de Comunicações Físico deve ser o mais completo possível. Devem ser lançados circuitos alternativos entre dois assinantes para que os fogos de preparação do inimigo não interrompam as ligações.

4.2.9.9.2 O Sistema de Comunicações Rádio também é empregado, principalmente durante o ataque do inimigo. O Cmt Cia Fuz estabelece as prescrições rádio.

4.2.9.9.3 O Sistema de Comunicações Mensageiro é largamente empregado na defesa de área. Antes do contato com o inimigo, os mensageiros de escala são os mais utilizados. Após o início do ataque inimigo, os especiais têm maior emprego.

4.2.9.9.4 Meios de comunicações visuais e acústicos são empregados para suplementar os sistemas acima descritos. Os visuais devem ser utilizados da frente para a retaguarda e seguirão códigos preestabelecidos. Os acústicos podem ser empregados a título de alarme.

4.2.9.9.5 O Cmt Pel Fuz instala seu abrigo de onde possa melhor controlar as ações, na parte posterior da A Def, preferencialmente em local que proporcione vistas sobre a maior parte possível das vias de acesso que incidem sobre o núcleo defensivo.

4.2.9.9.6 Os meios de comunicações são coordenados e utilizados ao máximo, a fim de permitir que o Cmt Pel e os Cmt GC possam observar, pedir e regular os tiros de qualquer arma de apoio.

4.2.9.10 Apoio logístico

4.2.9.10.1 Na Def A, sempre que possível, será consumida a ração quente. O Adj Pel é responsável por coordenar a distribuição da ração no interior do núcleo defensivo.

4.2.9.10.2 As rações frias e a água poderão ser estocadas no interior do núcleo defensivo do Pel Fuz, a critério do Cmt Cia Fuz.

4.2.9.10.3 O consumo de munição será elevado para a manutenção da posição defensiva.

4.2.9.10.4 O Adj Pel deve estabelecer controle cerrado dos níveis de munição, solicitando o ressuprimento necessário com oportunidade.

4.2.9.10.5 A munição também poderá ser estocada junto ao núcleo defensivo do Pel Fuz, a critério do Cmt Cia Fuz.

4.2.9.10.6 É desejável que existam itinerários cobertos e abrigados para a realização das tarefas de suprimento e evacuação, a fim de que sejam executadas no maior sigilo possível. Caso necessário, podem ser construídos fossos ou túneis.

4.2.9.11 Medidas de segurança

4.2.9.11.1 A existência de PAG e/ou PAC à frente da ADA não exime as frações de 1º escalão da responsabilidade de providenciar sua própria segurança aproximada. Essas atividades são coordenadas pelo Cmt Cia Fuz.

4.2.9.11.2 Devem ser lançados Postos de Vigia (PV) para manter vigilância ininterrupta à frente dos núcleos defensivos, alertando a Cia Fuz em caso de aproximação do inimigo. Cada núcleo de Pel Fuz deve lançar, no mínimo, um PV para vigiar a VA que está defendendo.

4.2.9.11.3 Os PV são desdobrados à frente do LAADA, em locais de onde possam observar o terreno à frente, em posições cobertas e abrigadas. Devem possuir comunicação contínua com o Pel Fuz que o lançou. A Cia Fuz deve ter condições de executar apoio de fogo indireto para, eventualmente, cobrir o retraimento dos PV.

4.2.9.11.4 Cada PV é constituído por dois a quatro elementos que mantêm observação contínua e estabelecem sua própria segurança aproximada. Devem possuir equipamentos ópticos e optrônicos adequados para realizar a observação contínua, sob quaisquer condições de visibilidade.

4.2.9.11.5 O Cmt Pel Fuz deve estabelecer rotinas de substituição dos fuzileiros que guarnecem os PV. Também deve, com auxílio do Adj Pel e Cmt GC, fiscalizar a execução da vigilância.

4.2.9.11.6 O Pel Fuz executará patrulhamento à frente do LAADA, dentro do planejamento da Cia Fuz. As patrulhas seguirão itinerários para realizar a ligação entre os PV e com a fração que mobília os PAC imediatamente à frente de sua posição defensiva.

- As patrulhas também devem buscar indícios sobre a presença de civis ou inimigos, bem como responder às necessidades de inteligência demandadas pelo Cmt Cia Fuz.
- O valor das patrulhas será, no mínimo, esquadra.

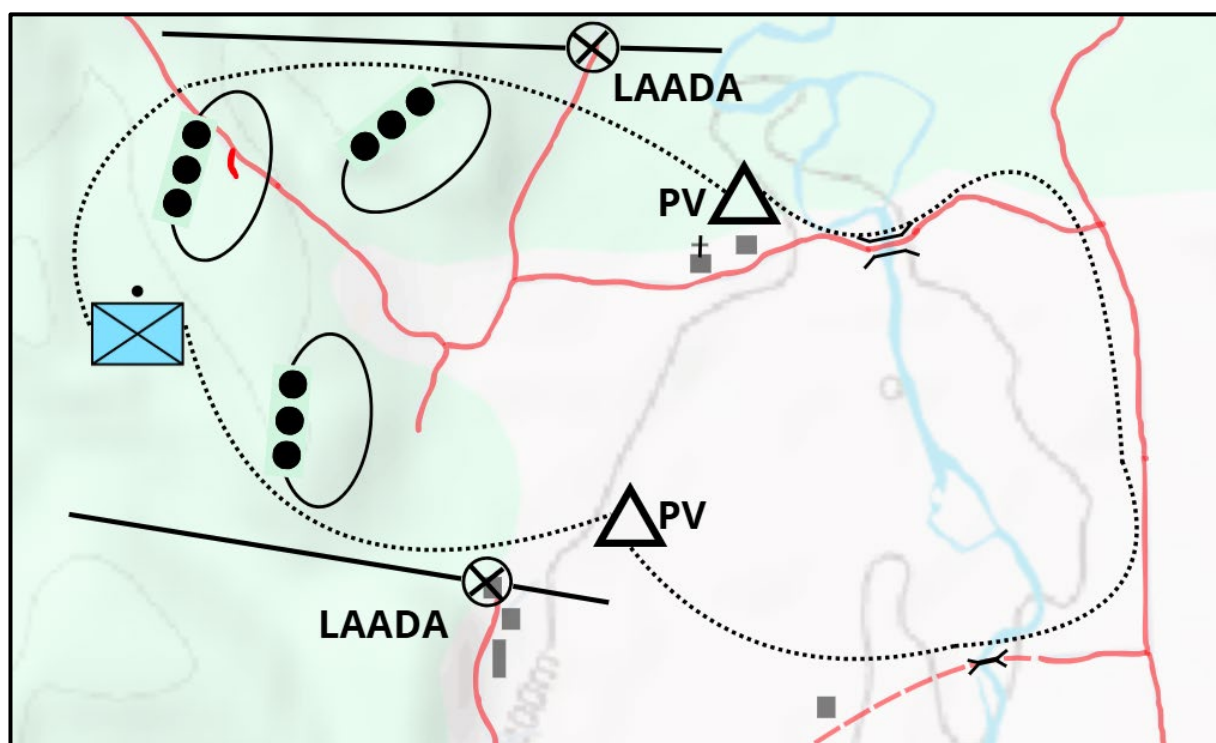


Fig 4-12 - Exemplo de itinerário de patrulhas de ligação valor esquadra entre os núcleos Def e PV.

4.2.9.11.7 Nos momentos de descanso, o Cmt Pel Fuz deve estabelecer medidas para que as armas de apoio estejam sempre guarnecidas e para que cada GC possua, no mínimo, uma dupla de soldados em alerta.

4.2.9.11.8 A segurança da Cia Fuz é complementada com o lançamento de alarmes, sensores e outras medidas passivas de camuflagem e autodefesa antiaérea.

4.2.9.12 Condução do combate defensivo

4.2.9.12.1 Quando o inimigo se aproxima, os PAC procuram cumprir sua missão, submetendo o Ini a seus fogos diretos.

- Também solicitam, observam e conduzem o tiro de artilharia, morteiro e aéreo. São desencadeados os fogos longínquos.

4.2.9.12.2 Mediante ordem, os PAC iniciam seu retraimento. As frações que ocupam a ADA são notificadas sobre o início do retraimento e quando todos os componentes do PAC tiverem liberado a frente do LAADA.

- Nesse momento, todas as brechas nos obstáculos à frente do LAADA devem ser fechadas.

4.2.9.12.3 À medida que o inimigo avança e alcança as linhas de acionamento, as armas abrem fogo sobre os alvos, dentro dos setores de tiro.

- São desencadeados os fogos defensivos aproximados.
- Os fuzileiros executam o tiro nos Setores Frontais a partir da linha de acionamento do fuzil.
- Os Cmt Pel Fuz e GC comandam e controlam os tiros de suas frações, inclusive dos lança-rojões, seguindo a prioridade e a técnica de engajamento estabelecidas no plano de fogos da Cia Fuz.

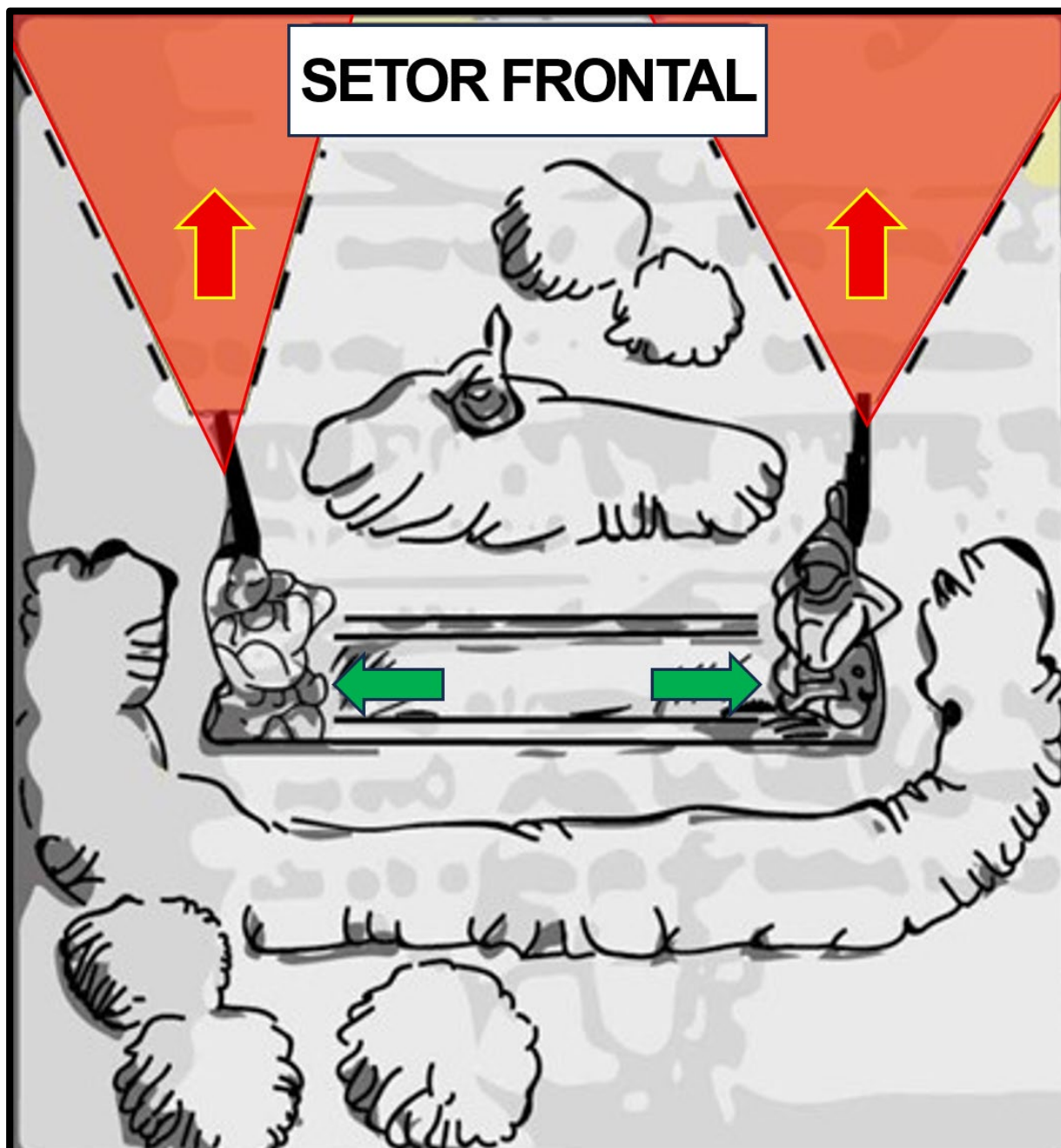


Fig 4-13 - Setor de tiro frontal dos fuzileiros.

4.2.9.12.4 O Pel Fuz também solicita e corrige os fogos de artilharia e morteiro, respeitando as respectivas DER e as diretrizes de fogos do Btl e da Cia Fuz.

4.2.9.12.5 Caso as frações inimigas se aproximem do LAADA, podem ser

desencadeadas as barragens de artilharia ou morteiro, de forma a evitar seu avanço até a Linha de Proteção Final (LPF).

- Há que se tomar as precauções necessárias para que o fogo amigo não destrua os obstáculos lançados, facilitando a progressão do inimigo. A relação dos militares autorizados a solicitar fogos de barragem consta do plano de fogos do Btl.

4.2.9.12.6 Se o inimigo alcançar a LPF, deverão ser executados os fogos de proteção final, materializados essencialmente pelo fogo das metralhadoras médias, empregando a rasância e o flanqueamento, na orla posterior dos obstáculos suplementares, erguendo um muro de fogos contra as formações de assalto inimigas.

- Simultaneamente, os fuzileiros passam a desencadear fogos individuais, nos Setores Oblíquos.

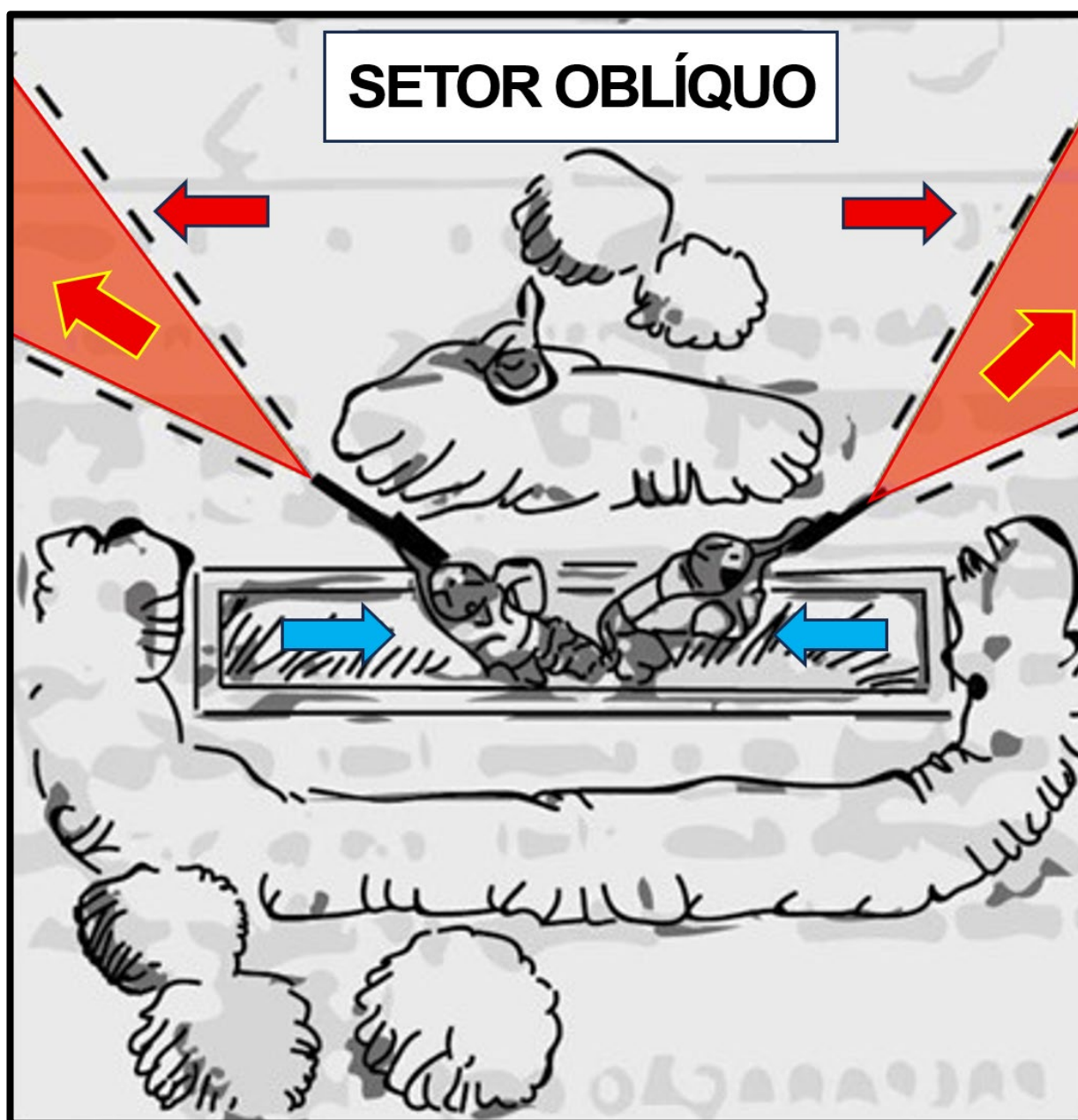


Fig 4-14 - Setor de tiro oblíquo dos fuzileiros.

4.2.9.12.7 Ao ser ameaçado por um desbordamento, o Cmt Pel Fuz deve reajustar o seu dispositivo, deslocando fuzileiros da frente menos pressionada para posições suplementares no flanco ameaçado.

- Se possível, deve empregar frações constituídas em valor esquadra ou GC.

4.2.9.12.8 Se o inimigo desencadear o assalto, será hostilizado pelo fogo, inclusive com granadas, travando-se o combate aproximado.

- As frações só retrairão de seus núcleos defensivos mediante ordem expressa do Cmt Cia Fuz.

4.2.9.12.9 O Pel Fuz no aprofundamento tem a missão principal de bloquear qualquer penetração na Z Aç da Cia Fuz (frontal ou de flanco) e apoiar contra-ataques realizados pela SU reserva do Btl, fixando o inimigo por meio de fogos no interior da posição coordenados pelo Btl.

4.2.9.12.10 Excepcionalmente, o Cmt Cia Fuz na ADA pode empregar seus Pel Fuz para executar contra-ataques, dentro de sua Z Aç.

- Nessas ocasiões, a ação deverá ser rápida, para neutralizar uma ameaça de pequeno poder de combate.

4.2.9.12.11 Se o ataque inimigo for detido à frente da posição, seguido do seu retraimento, o Pel Fuz realiza a sua reorganização, coordenada pelo Adj Pel, que consiste nas seguintes atividades:

- a) Os mortos e os feridos são evacuados e o pessoal remanescente redistribuído entre os grupos do Pel Fuz, considerando-se, além do efetivo, as funções e as especializações críticas;
- b) Ressuprimento do Pel, especialmente de Sup CI V (Mun);
- c) O material danificado deve ser levado à ATSU, para manutenção ou substituição.
- d) Os prisioneiros são conduzidos para a retaguarda; e
- e) Os dados de inteligência coletados são imediatamente informados ao Cmt Cia Fuz.

4.2.9.12.12 Ao completar a sua reorganização, o Pel Fuz deve estar com suas frações recompostas, devidamente controladas, com um suprimento de munição adequado e ter planos completos para o prosseguimento da missão. O Cmt Cia Fuz é informado da situação.

4.2.10 O PELOTÃO DE FUZILEIROS NA ÁREA DE RESERVA

4.2.10.1 Normalmente, o Btl Inf na defesa de área mantém uma Cia Fuz em sua área de reserva. Essa SU pode ser denominada Companhia Reserva (Cia Res).

4.2.10.2 As missões da Cia Res serão detalhadas pelo Cmt Btl em suas ordens de alerta, preparatória ou de operações, a partir das quais o Cmt Cia e seus Cmt Pel realizam seu trabalho de comando.

4.2.10.3 As missões apropriadas para a Cia Res incluem:

- a) Guardar os PAC na frente que corresponde ao Btl, quando for o caso;
- b) Preparar e ocupar as posições de aprofundamento, limitando as penetrações inimigas na Z Aç do Btl;
- c) Executar contra-ataques para expulsar o inimigo e restabelecer a posição;
- d) Apoiar ou reforçar as companhias de primeiro escalão, quando possível, pelo emprego de seus meios orgânicos de manobra e de apoio de fogo;
- e) Executar as missões de segurança de flanco e de área de retaguarda, quando necessário;
- f) Assumir, mediante ordem, a missão das companhias de primeiro escalão;
- g) Executar patrulhamento; e
- h) Cobrir os intervalos e as brechas na frente.

4.2.10.4 Os Pel Fuz da Cia Res podem ocupar um núcleo defensivo desde o início do combate, ou permanecer em Z Reu, em condições de ocupar um núcleo previamente preparado ou realizar contra-ataques, de acordo com o desenrolar da situação.

4.2.10.5 As posições de aprofundamento do Btl, na área de reserva, são escolhidas de modo a assegurar a defesa em profundidade e em todas as direções, localizadas nos acidentes do terreno que bloqueiam as VA em profundidade e nos flancos.

4.2.10.6 A Cia Res organiza núcleos de aprofundamento (valor Pel Fuz) em acidentes do terreno, de modo a cobrir toda a parte posterior da área de defesa do batalhão.

- Sempre que possível, os núcleos defensivos da área de reserva devem guardar as distâncias de apoio mútuo e dispersão daqueles localizados na ADA.

4.2.10.7 Os itinerários entre a Z Reu e os núcleos de aprofundamento preparados e não ocupados devem ser reconhecidos, balizados e protegidos contra tiros diretos e observação aérea.

- Esse deslocamento deverá ser ensaiado exaustivamente, em períodos com e sem luz natural.

4.2.10.8 A Cia Res poderá apoiar os trabalhos de organização do terreno das Cia Fuz da ADA.

4.2.10.9 Além de aumentar a profundidade da defesa, a Cia Res protege os flancos e a retaguarda do batalhão. Como essa proteção raramente pode ser proporcionada a partir dos núcleos defensivos principais, torna-se necessária a preparação de posições suplementares.

4.2.10.10 Caso os Pel Fuz da Cia Res sejam acionados para ocupar posições de aprofundamento e limitar uma penetração inimiga, devem conduzir suas ações de forma semelhante aos Pel Fuz da ADA.

4.2.10.11 A Cia Res também pode receber a ordem de realizar contra-ataques para restabelecimento de posição.

- Essa ação tática consiste em um ataque limitado contra uma força atacante inimiga que tenha penetrado na posição defensiva, com a finalidade específica de reconquistar o terreno perdido, destruindo ou repelindo os elementos avançados inimigos.
- O contra-ataque para restabelecer a posição é dirigido contra objetivos limitados no interior da posição defensiva, cuja conquista caracterize seu restabelecimento.

4.2.10.12 Normalmente, um Pel Fuz não executará um contra-ataque de forma isolada.

4.2.10.13 O planejamento de cada linha de ação de contra-ataque, incluindo dispositivo, manobra e ordens aos elementos subordinados, é elaborado pelo Cmt Cia Res, em coordenação com o comando do Btl e os comandantes dos elementos de apoio.

4.2.10.14 Os planos de contra-ataque devem ser ensaiados de dia e de noite, na medida em que o tempo disponível e a segurança o permitirem. Entretanto, pelo menos o reconhecimento e um ensaio dos Pel Fuz são indispensáveis.

4.2.10.15 Ao receber ordem para desencadear um contra-ataque, a Cia Res se deslocará pelos itinerários já planejados e reconhecidos, de modo que os Pel Fuz atinjam a LP já desdobrados.

4.2.10.16 Uma vez conquistado o objetivo, os fuzileiros completam a limpeza da área e um Pel Fuz recebe a missão de reocupar o núcleo defensivo.

- O inimigo que tiver sido expulso de uma penetração não deve ser perseguido além do LAADA, exceto pelo fogo.

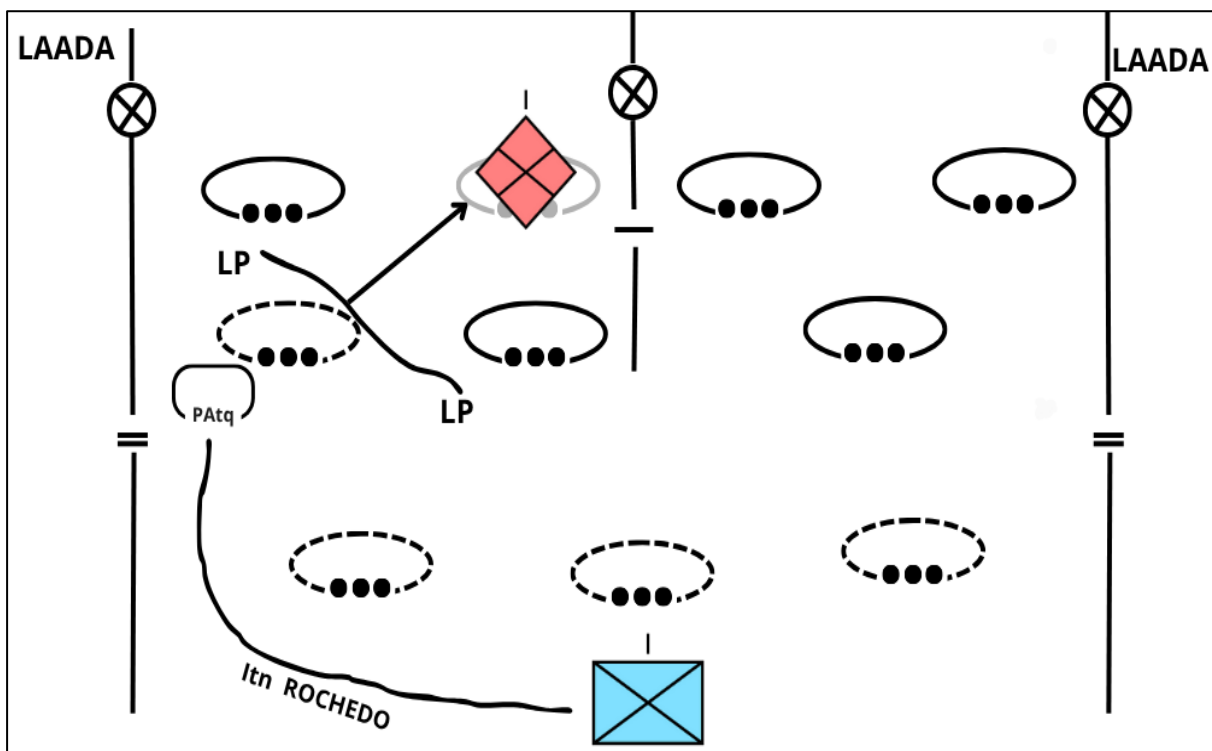


Fig 4-15 - Contra-ataque da Cia Res para restabelecimento da posição.

4.3 TÁTICAS E TÉCNICAS ESPECIAIS DE DEFESA

4.3.1 As operações defensivas não se limitam aos tipos e às formas de emprego clássicas. Outras ações, táticas e técnicas podem ser executadas, considerando sempre os fundamentos das operações defensivas.

4.3.2 O Pel Fuz pode participar de operações que empregam as seguintes táticas e técnicas especiais de defesa:

- a) Defesa elástica;
- b) Defesa circular;
- c) Defesa em ponto forte;
- d) Defesa contra tropas aeroterrestres e aeromóveis;
- e) Defesa em contraencosta; e
- f) Defesa em ambiente urbano.

4.3.3 Mais informações sobre o tema estão disponíveis nos Cadernos de Instrução EB70-CI-11.434 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA OPERAÇÕES EM AMBIENTES URBANOS (1ª edição, 2022) e Caderno de Instrução CI 3.7-100 - Companhia de Fuzileiros (1ª edição, 2025), bem como nos Manuais de Campanha EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª edição, 2023) e EB70-MC-10.303 OPERAÇÃO EM ÁREA EDIFICADA (1ª edição, 2018).

4.4 DEFESA MÓVEL

4.4.1 A defesa móvel é baseada no eficiente emprego do fogo e da manobra para destruir o inimigo. Um mínimo de poder de combate é empregado na ADA para alertar sobre o início de um ataque, canalizar a força atacante para regiões previamente escolhidas e favoráveis a um contra-ataque de destruição, a ser executado por uma força de choque em reserva.

4.4.2 A maior parte das forças de combate é organizada em uma forte reserva móvel, prioritariamente blindada ou mesmo mecanizada, localizada em posição favorável às ações ofensivas e cujo principal objetivo é a destruição do inimigo.

4.4.3 Normalmente, a defesa móvel é conduzida pela DE ou C Ex. O Pel Fuz pode participar dessa forma de manobra como parte de uma força maior.

4.4.4 De acordo com o planejamento do Esc Sp, o Pel Fuz pode ser empregado:

- a) como parte da F Seg;
- b) integrando as forças de primeiro escalão, como força de fixação, participando de uma defesa de área ou um movimento retrógrado; e
- c) na reserva móvel, integrando a força de choque ou a força de contra-ataque.

4.4.5 Em qualquer das três situações, o emprego do Pel Fuz não sofre grandes modificações daquele preconizado na defesa de área e movimentos retrógrados.

4.5 RETRAIMENTO

4.5.1 O retraimento é um movimento retrógrado, por meio do qual o grosso de uma força engajada rompe o contato com o inimigo, de acordo com a decisão do Esc Sp.

- Alguns elementos permanecem em contato para evitar que o inimigo persiga o grosso das forças amigas e para infligir-lhe danos pelo fogo e por uma manobra adequada.

4.5.2 O retraimento poderá ser diurno ou noturno. O retraimento diurno, sempre que possível, deve ser evitado, pois os fogos observados inimigos podem resultar em pesadas baixas e a perda da liberdade de ação.

- Em contrapartida, os retraimentos noturnos proporcionam maior liberdade de ação, facilitam a dissimulação e reduzem a eficiência da observação e dos fogos inimigos.

4.5.3 Em qualquer retraimento, todos os meios capazes de reduzir a observação inimiga (fumígenos, entre outros), bem como os períodos em que essa observação ficar prejudicada (nevoeiros e chuvas intensas, por exemplo) devem ser bem empregados e aproveitados.

4.5.4 Os retraimentos se classificam em dois tipos:

- a) Retraimento sem pressão do inimigo; e
- b) Retraimento sob pressão do inimigo.

4.5.5 RETRAIMENTO SEM PRESSÃO DO INIMIGO

4.5.5.1 Um retraimento sem pressão do inimigo exige o emprego de contrainteligência eficaz e depende, principalmente, do controle, da segurança e da dissimulação.

4.5.5.2 O controle é proporcionado pela preparação completa de planos pormenorizados, e a segurança, por meio da dissimulação, que é obtida pela simulação de fogos, de tráfego de rádio e de outras atividades normais. Essas medidas são estabelecidas pelo Cmt Btl e devem ser executadas pelos elementos subordinados.

4.5.5.3 No retraimento sem pressão do inimigo, o Pel Fuz, normalmente, retrai por meio de suas próprias posições, reúne-se com as demais frações da Cia Fuz e retira-se com o Btl para uma nova posição, onde cumprirá outra missão.

4.5.5.4 Normalmente, o Cmt Cia Fuz desdobra a SU em destacamento de contato e grosso.

4.5.5.5 O destacamento de contato é a parte dos elementos de manobra e de apoio da companhia que permanece em contato com o inimigo com o objetivo de simular as atividades normais na frente e, dentro de suas possibilidades, prover segurança ao retraimento do grosso.

- Esse destacamento tem limitada possibilidade de resistência e depende, principalmente, da dissimulação para cumprir sua missão.

4.5.5.6 O efetivo e a composição do destacamento de contato são fixados pelo Cmt Btl. Em geral, não excede um terço do efetivo de fuzileiros, acrescido de um terço à metade das armas de apoio.

4.5.5.7 Assim, cada Pel Fuz designa um GC reforçado por uma peça de metralhadora média para compor o destacamento de contato, os quais permanecem no núcleo defensivo do Pel.

4.5.5.8 O SCmt Cia Fuz ou um dos Cmt Pel Fuz é designado comandante do destacamento de contato da SU.

4.5.5.9 O destacamento de contato tem, geralmente, as seguintes missões:

- a) simular as atividades normais da frente (manter a fisionomia da frente);
- b) prosseguir no cumprimento da missão por tempo limitado (quando determinado e dentro de suas possibilidades);
- c) cobrir o retraimento do grosso, dentro de suas possibilidades; e
- d) manter o contato com o inimigo.

4.5.5.10 O retraimento desse destacamento ocorre em uma hora determinada, mediante ordem, ou na ocorrência de uma contingência específica.

4.5.5.11 Caso a Cia Fuz seja a reserva do Btl, comporá a reserva do destacamento de contato com um Pel Fuz, reforçado pela turma de reconhecimento.

4.5.5.12 A reserva do destacamento de contato pode receber as seguintes missões:

- a) patrulhar a A Rtgd ou ocupar posições de aprofundamento;
- b) atuar como Elm Seg, cobrindo o retraimento do destacamento; e
- c) manter o contato com o inimigo após o retraimento dos Elm 1º Esc do destacamento.

4.5.5.13 O Cmt Btl exerce o controle utilizando as medidas a seguir, que devem ser do conhecimento dos comandantes em todos os níveis:

4.5.5.13.1 Sequência de retraimento e retirada

- O Cmt Btl estabelece a sequência de deslocamento das SU e outros elementos, estabelecendo a hora de início do movimento para cada uma delas. O horário para as Cia Fuz da ADA corresponde à hora de retraimento estabelecida pelo Esc Sp.

4.5.5.13.2 Zonas de reunião

- A Z Reu da Cia Fuz deve ser localizada o mais à frente possível para facilitar a rápida reorganização. Normalmente, estará localizada imediatamente à retaguarda da reserva da SU. A Z Reu deve estar situada junto a bons itinerários de retirada, desenhados, com espaço suficiente para a manobra de viaturas em seu interior ou nas proximidades.

- Pode deixar de ser ocupada, quando o comandante concluir que a operação pode ser conduzida sem sua utilização.

- No caso de virem a ser utilizadas, o tempo de permanência nelas deve ser mínimo, e a

Cia Fuz ocupante deve prover sua própria segurança.

- A critério do Cmt, as frações podem ser liberadas para a retaguarda, à medida que cheguem à Z Reu, sem necessidade de aguardar as demais frações.

4.5.5.13.3 Itinerários de retirada

a) O Cmt Btl designa itinerários de retirada para as Cia Fuz subordinadas.

b) São designados:

- 1) pontos iniciais (PI), por onde cada elemento deve passar no horário prescrito;
- 2) pontos de embarque (P Emb), normalmente atrás da F Seg do Esc Sp,
- 3) postos de controle de trânsito (PC Tran), nos pontos do itinerário críticos para o movimento, onde mais de uma unidade deva passar ou onde itinerários se entroncam ou se cruzam; e
- 4) pontos de liberação (P Lib), nos locais onde os elementos enquadrados na coluna tomarão destino para nova missão.

c) Devem ser designados, quando possível, itinerários diferentes para cada elemento, a fim de acelerar o movimento, bem como itinerários alternativos, como medida de segurança.

4.5.5.13.4 Zonas de retraimento e de retirada

- Normalmente, o Cmt Btl designa uma zona de retraimento para a Cia Fuz, coincidente com a Z Aç que lhe cabia defender.

- Designa, também, zonas de retirada para as Cia Fuz na ADA, por meio de limites que entrarão em vigor mediante ordem, ao longo de toda a zona de retirada do Btl.

- A zona de retraimento e de retirada da Cia Fuz será sua Z Aç caso o inimigo venha a atuar sobre o grosso.

4.5.5.13.5 Linhas de controle

- O Cmt Btl designa um número adequado de linhas de controle para facilitar a coordenação da operação.

- Essas linhas devem ser de fácil identificação e normalmente são localizadas em linhas de interesse tático, tais como linhas de F Seg, linhas de PAC e LAADA das novas posições, cristas de compartimentos transversais, rios obstáculos e outros acidentes nítidos no terreno.

- Salvo ordem em contrário, o Cmt Cia Fuz deve informar ao Cmt Btl a ultrapassagem de cada uma dessas linhas.

- Ele também poderá estabelecer outras linhas para a coordenação interna da SU.

4.5.5.14 Antes do início do retraimento, o Adj Pel deve assegurar que o nível de suprimento do GC designado como destacamento de contato seja adequado à operação.

- Os primeiros GC a retrair podem, se necessário, transferir munição e outros suprimentos para o destacamento de contato.

4.5.5.15 As comunicações devem ser mantidas na antiga posição e estabelecidas na nova. O sistema físico deve ser removido na ocasião do retraimento do destacamento de contato. Os mensageiros especiais são empregados em larga escala após o início do retraimento.

4.5.5.16 Antes do retraimento, o Cmt Pel Fuz deve conduzir um reconhecimento dos itinerários de retraimento até as zonas de reunião, acompanhado de fuzileiros de cada esquadra, que serão os guias durante o retraimento.

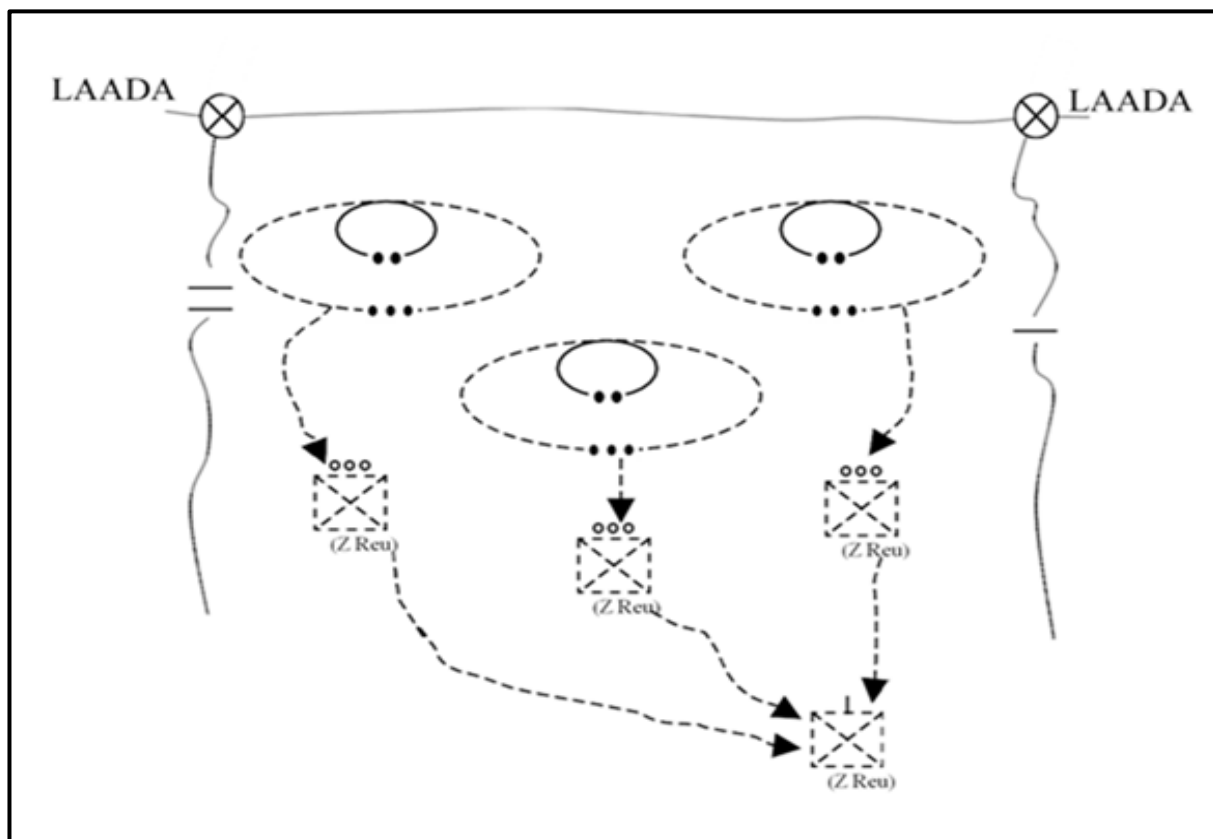


Fig 4-16 - Retraimento sem pressão.

4.5.5.17 O retraimento é executado da seguinte forma:

a) O Pel Fuz retrai pelos itinerários pré-estabelecidos, escalonados em GC ou esquadra, até a Z Reu da SU.

- Inicialmente retrai o Gp Ap, seguido pelos GC.
- O Adj Pel se desloca com o Gp Ap, para reorganizar o Pel na Z Reu. O Cmt Pel Fuz se desloca com a última fração.
- A formação tática usual é em coluna por um.

b) Tão logo o grosso abandona a ADA, o destacamento de contato reajusta seu dispositivo, dentro do núcleo do Pel, para dar a impressão de que a posição se encontra totalmente ocupada.

- Priorizam-se as posições que bloqueiam as mais prováveis vias de acesso do inimigo e se estabelece a segurança aproximada das armas de apoio;

c) O destacamento de contato retrai protegido pelas frações no aprofundamento da Cia Fuz, no momento prescrito pelo Btl.

- Após ter acolhido os elementos de primeiro escalão do destacamento de contato, os fuzileiros nas posições de aprofundamento retraem.

4.5.5.18 É fundamental uma rigorosa disciplina de luzes e ruídos para a manutenção do sigilo do retraimento.

4.5.6 RETRAIMENTO SOB PRESSÃO DO INIMIGO

4.5.6.1 O retraimento sob pressão deve ser evitado sempre que possível. Isso ocorre quando há séria interferência do inimigo, sendo desencadeado mediante autorização do Esc Sp.

4.5.6.2 O retraimento ocorre com o emprego de forças de segurança, as quais cobrem o retraimento da fração imediatamente à sua frente.

4.5.6.3 O retraimento dos Pel Fuz em 1º escalão é coberto pelo Pel Fuz que aprofunda a defesa. A Cia Res do Btl cobre o retraimento das Cia Fuz que ocupam a ADA.

4.5.6.4 O êxito do retraimento sob pressão, particularmente durante o dia, depende em grande parte da mobilidade, do apoio de fogo, da utilização de fumígenos, do controle e do emprego eficiente das forças de segurança.

4.5.6.5 A força de segurança é a parte dos elementos de manobra e de apoio que permanece em contato com o inimigo com o objetivo de, dentro de suas possibilidades, prover segurança ao retraimento dos elementos de 1º Escalão.

- Essa força tem limitada possibilidade de resistência e retrairá em uma hora determinada, mediante ordem ou na ocorrência de uma contingência específica. Deve constantemente monitorar o inimigo, informando ao Esc Sp sobre suas ações.

4.5.6.6 A força de segurança da Cia Fuz é o Pel Fuz que ocupa a posição de aprofundamento, reforçado pelo Pel Ap. Sua missão principal é apoiar o retraimento dos Pel Fuz de primeiro escalão.

4.5.6.7 A Cia Res constituirá a força de segurança do Btl. Nesse caso, a missão principal é apoiar o retraimento das Cia Fuz de primeiro escalão, acolhê-las e cobrir-lhes a retirada.

- Se estiver reforçada com carros de combate, poderá executar contra-ataques de desaferamento para criar condições de retraimento de um elemento engajado decisivamente com o inimigo. Para melhor cumprir sua missão, receberá em reforço elementos de apoio de fogo do batalhão.

4.5.6.8 Em princípio, a força de segurança ocupará as posições de aprofundamento já preparadas. Entretanto, poderá haver situações em que o dispositivo deva ser reajustado ou novas posições precisem ser preparadas de onde melhor se possa cumprir a missão.

4.5.6.9 O retraimento dos Pel Fuz de 1º Esc é realizado diretamente para a retaguarda, sob a proteção de todos os fogos disponíveis. Quando o terreno e a situação o permitirem, os pelotões retraem simultaneamente.

- Podem deslocar-se inicialmente para as Z Reu de pelotão, designadas pela companhia ou, de preferência, diretamente para a Z Reu da companhia, designada pelo batalhão, à retaguarda da posição da companhia reserva. Caso não seja possível o retraimento simultâneo, a fração menos engajada retrai primeiro e protege o retraimento do elemento mais engajado.

4.5.6.10 As medidas de coordenação e controle são, de modo geral, idênticas às estabelecidas para um retraimento sem pressão.

4.5.6.11 Fumígenos são empregados para ocultar o dispositivo das forças amigas e o movimento no retraimento, ou para desorganizar momentaneamente o inimigo, criando condições para desengajar os elementos em contato e impedir ou retardar sua perseguição.

4.5.6.12 As armas AC que estiverem junto aos Pel Fuz são colocadas em reforço aos mesmos, de modo a disparar sobre blindados inimigos que tentam adentrar as posições. Normalmente, passam a reforçar a força de segurança após o acolhimento dos Pel Fuz.

4.5.6.13 Os elementos de primeiro escalão, ao retraírem, podem transferir suprimentos para a força de segurança ao serem acolhidos por ela. Os suprimentos, exceto os de saúde, que não puderem ser evacuados, devem ser destruídos.

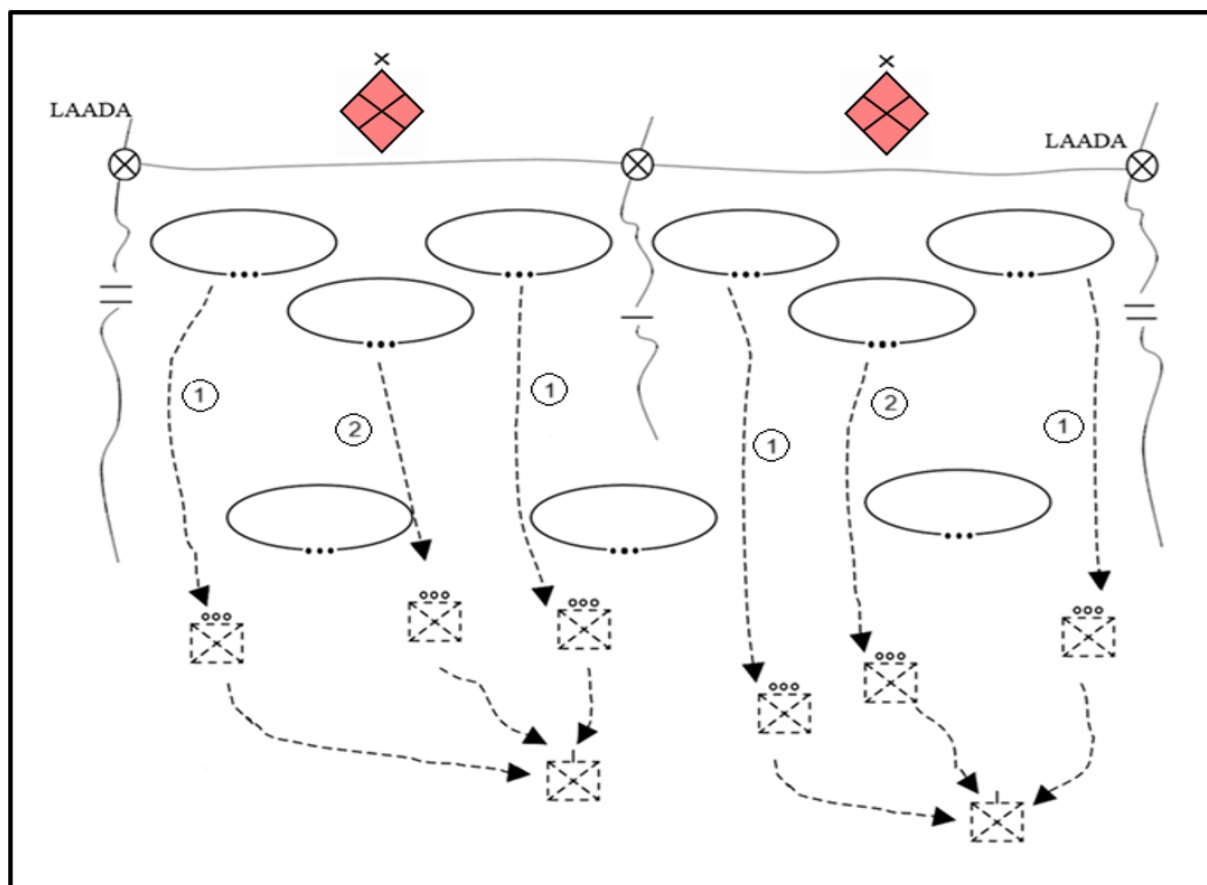


Fig 4-17 - Sequência do retraimento sob pressão.

4.5.6.14 Durante as fases iniciais do retraimento, os meios de comunicações devem ser mantidos em operação por um período tão longo quanto possível.

- As prescrições quanto à remoção e à destruição dos circuitos são as mesmas do retraimento sem pressão; contudo, no retraimento sob pressão, o rádio é utilizado em larga escala.

4.6 AÇÃO RETARDADORA

4.6.1 A ação retardadora é um movimento retrógrado no qual uma força troca espaço por tempo, infligindo o máximo de perdas e retardamento ao inimigo, sem se engajar cerradamente em ações decisivas, criando condições para que outras forças amigas se preparem ou executem outras operações.

- A ação retardadora é mais eficientemente executada por tropas com poder de choque (mobilidade, proteção blindada e potência de fogo), apoiadas por aviação.

4.6.2 É normalmente empregada como uma medida de economia de forças, podendo ser conduzida por forças de cobertura, forças de segurança e forças de retardamento.

4.6.3 Uma ação retardadora pode, também, ser empregada por parte dos elementos de defesa avançada na defesa móvel, embora esses elementos possam ter certas restrições em sua manobra e na Z Aç.

4.6.4 Uma unidade de Inf do tipo leve, quando empregada em uma ação retardadora, pode ser reforçada por elementos mecanizados ou CC. Dessa forma, aproveita-se a maior capacidade das unidades de infantaria para manter o terreno, acrescentando-lhes melhor poder de fogo e maior mobilidade para o retardamento contínuo.

4.6.5 As formações dispersas, a liberdade de ação, o apoio de fogo eficaz e os movimentos, a fim de causar o máximo de perdas ao inimigo e evitar o combate aproximado, são as principais características de uma ação retardadora.

4.6.6 O Pel Fuz participará de uma ação retardadora integrando uma Cia Fuz ou uma FT SU com elementos Mec ou CC.

4.6.7 DIFERENÇAS ENTRE UMA AÇÃO RETARDADORA E UMA DEFESA DE ÁREA:

- a) o combate decisivo deve ser evitado;
- b) as posições são organizadas para serem mantidas por um período limitado;
- c) os contra-ataques são empregados, principalmente, para desengajar elementos amigos ou para manter temporariamente uma posição até que surjam condições mais favoráveis para o retraimento;
- d) o máximo poder de fogo é colocado à frente; e
- e) as posições possuem frentes maiores e profundidades menores.

4.6.8 PODE-SE EMPREGAR OS SEGUINTE PROCESSOS EM UMA AÇ RTRD:

- a) em uma única posição;
- b) em posições sucessivas;
- c) em posições alternadas; ou
- d) a adequada combinação de ambas.

4.6.9 RETARDAMENTO EM UMA ÚNICA POSIÇÃO

- Resume-se a uma defesa de área com tempo de permanência limitado.

4.6.10 RETARDAMENTO EM POSIÇÕES SUCESSIVAS

4.6.10.1 A tropa desenvolve-se, como um todo, em cada posição retardadora, ocupando-as sucessivamente após retrain da anterior.

4.6.10.2 Oferece o máximo de resistência organizada na Posição Inicial de Retardamento (PIR) e continua a oferecer resistência em cada uma das posições de retardamento sucessivas.

- Permite concentrar o maior poder de combate em cada posição, demandando alta mobilidade e potência de fogo para sua execução.

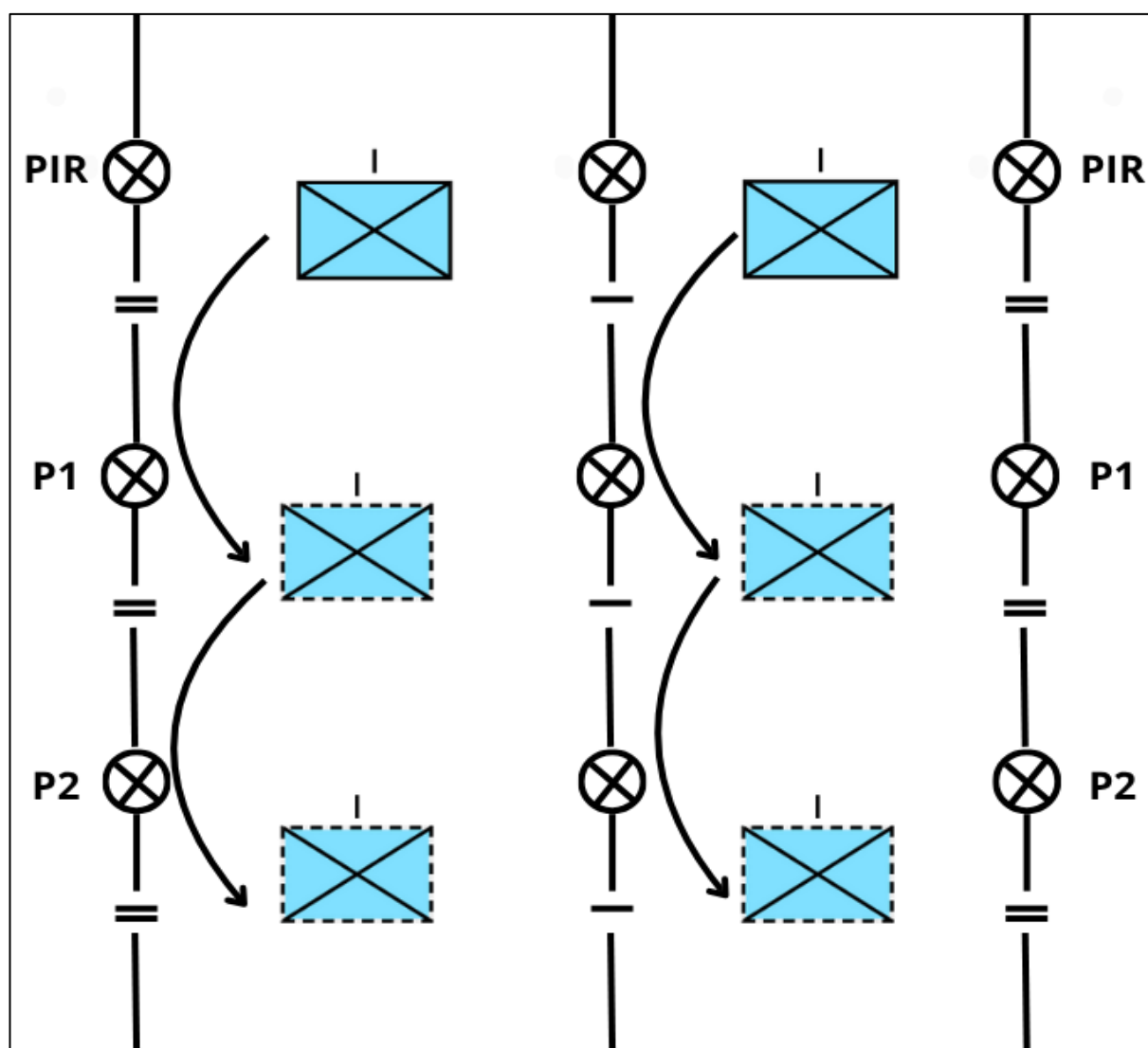


Fig 4-18- Retardamento em posições sucessivas.

4.6.11 RETARDAMENTO EM POSIÇÕES ALTERNADAS

4.6.11.1 No retardamento em posições alternadas, o Btl Inf ocupa simultaneamente duas posições de retardamento, empregando uma ou mais Cia Fuz em cada uma.

- A companhia que ocupa uma posição, após retrain e se retirar coberta pelos elementos

da posição seguinte, ocupa uma terceira posição à retaguarda, e assim sucessivamente.

4.6.11.2 Esse tipo de ação retardadora tem a vantagem de proporcionar mais tempo para a preparação das posições, para a manutenção do material e para o descanso da tropa.

- Entretanto, como desvantagem, exige a repartição das forças ou a redução da frente a retardar, diminuindo o poder de combate disponível para a defesa de cada posição.

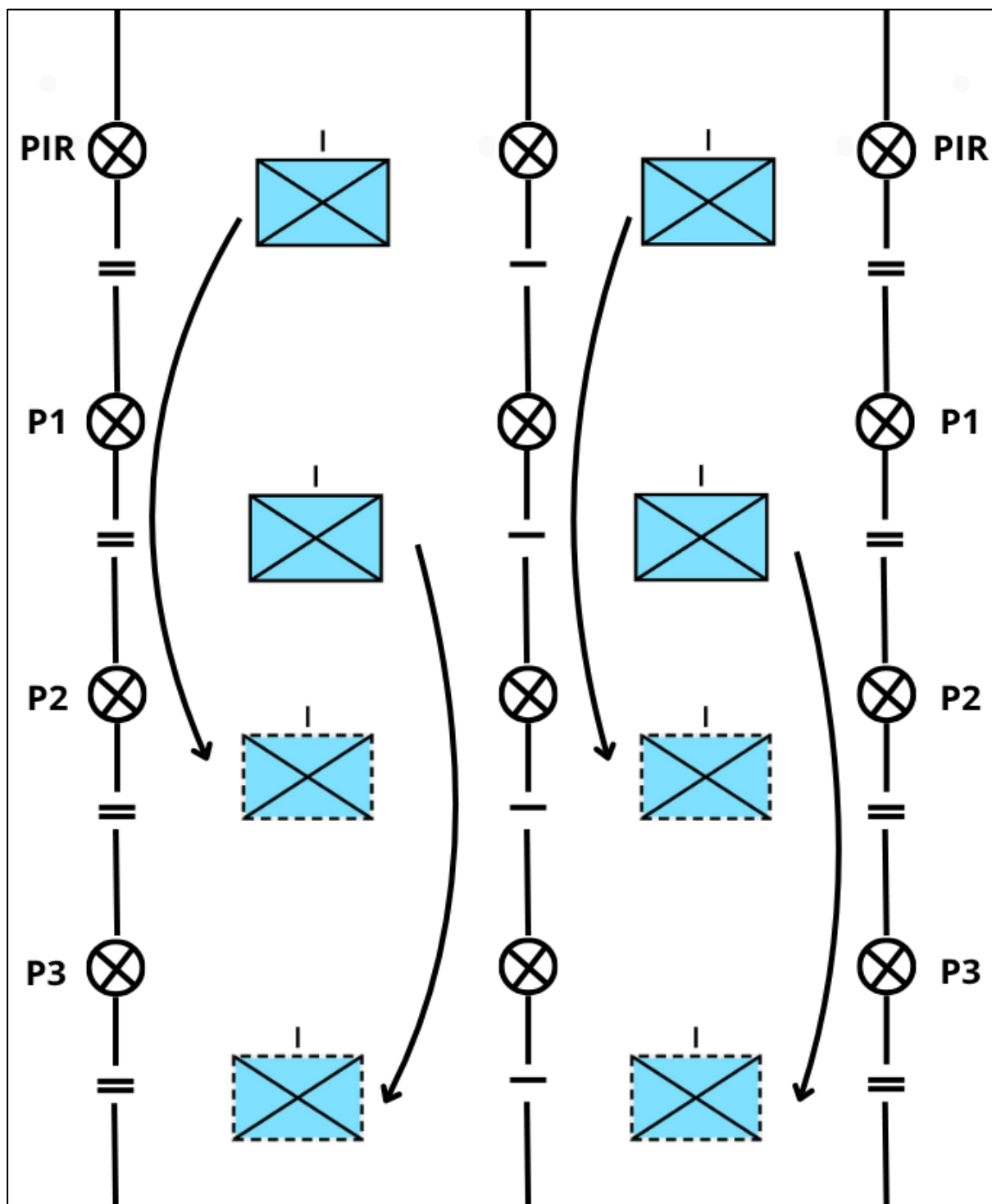


Fig 4-19 - Retardamento em posições alternadas.

4.6.12 COMBINAÇÃO DE PROCESSOS

- Admite-se a combinação dos processos anteriores.

4.6.13 ESCALONAMENTO DAS FORÇAS

4.6.13.1 Elementos de segurança

4.6.13.1.1 Executam, em linhas gerais, as mesmas missões do escalão de segurança de uma defesa de área, por meio da ocupação de postos de observação, realização de patrulhas e lançamento de algumas frações à frente com a missão específica de dar o alerta oportuno da aproximação do inimigo, iludi-lo quanto à real localização da posição principal e retardar seu movimento.

4.6.13.1.2 Na PIR, normalmente, esses elementos serão lançados pela reserva, pois esta não está cumprindo nenhuma ação tática.

- Nas demais posições, o encargo será, normalmente, da Cia Fuz de 1º escalão, pois a reserva perderia em flexibilidade e poder de combate durante o retardamento contínuo.

4.6.13.2 Elementos de 1º escalão

4.6.13.2.1 O grosso da força retardadora é, normalmente, empregado em 1º escalão, adotando um dispositivo linear semelhante ao da defesa em larga frente.

4.6.13.2.2 As Cia Fuz de 1º escalão têm, normalmente, as seguintes missões:

- a) Retardar ou deter a progressão inimiga pela execução de fogos;
- b) Manter a posição de retardamento até que receba ordem de retrainir;
- c) Evitar um engajamento decisivo;
- d) Ser empregada no retardamento contínuo do inimigo, entre as posições de retardamento, caso a reserva não tenha condições de o executar.

4.6.13.3 Reserva

- A reserva cumpre, normalmente, a mesma missão de uma defesa de área, exceto quanto à natureza dos contra-ataques, que podem ter as seguintes finalidades:

- a) Restabelecer a posição, quando a missão exige um tempo de permanência maior na posição;
- b) Desaferrar um elemento de primeiro escalão (contra-ataque de desaferramento), quando um elemento se engajar decisivamente com o inimigo, criando condições para seu retraimento; e
- c) Desorganizar o inimigo para ganhar mais tempo.

4.6.13.3.1 A reserva pode constituir uma força de segurança para apoiar, acolher e cobrir os elementos de primeiro escalão, no caso de o retraimento destes realizar-se sob pressão.

4.6.13.3.2 Após o retraimento dos elementos de primeiro escalão, a reserva ou parte dela, normalmente, constitui-se em destacamento retardador, com a missão de executar o retardamento contínuo do inimigo, até a próxima posição de retardamento do batalhão.

- Para essa missão, a reserva pode ser reforçada por elementos que estavam em primeiro escalão, após o acolhimento desses.
- Ela ocupará linhas no terreno favoráveis, que possuam bons campos de tiro para suas armas.
- Normalmente, as tropas mais aptas ao retardamento contínuo serão as de Carros de Combate, Infantaria Blindada e Cavalaria Mecanizada.

4.6.14 EXECUÇÃO

4.6.14.1 Inicialmente, os elementos de reconhecimento inimigos devem ser destruídos ou neutralizados pelos fogos das armas de tiro indireto ou direto.

- O inimigo é batido por fogos longínquos e, à medida que se aproxima, é submetido a um crescente volume de fogo.
- Todo o esforço deve ser feito para infligir o máximo de perdas ao inimigo, desorganizá-lo, detê-lo e obrigá-lo a se reorganizar ou a emassar-se para um assalto.

4.6.14.2 As ações do inimigo devem ser constantemente monitoradas e o Cmt Pel Fuz deve manter o Cmt Cia Fuz constantemente informado da situação em sua frente.

4.6.14.3 O combate decisivo deve ser evitado, exceto se indispensável para o cumprimento da missão.

4.6.14.4 Quando autorizado, o Pel Fuz inicia seu retraimento, coberto pelo destacamento retardador ou F Seg. Caso a Cia Fuz tenha desdobrado núcleos de aprofundamento, esses realizarão a cobertura inicial do retraimento.

4.6.14.5 Ao atingir a próxima posição de retardamento, o Pel Fuz realiza a ocupação da mesma e fica monitorando a aproximação do destacamento retardador.

4.7 RETIRADA

4.7.1 Normalmente, o Pel Fuz executa uma retirada como parte de uma força maior.

4.7.2 UMA RETIRADA PODE SER REALIZADA COM AS SEGUINTE FINALIDADES:

- a) aumentar a distância entre o defensor e o inimigo;
- b) encurtar as distâncias para o apoio logístico;
- c) ocupar um terreno mais favorável à defesa; e
- d) permitir seu emprego em outro setor.

4.7.3 Um retraimento pode preceder uma retirada. Essa tem início depois que a força se tenha desengajado e as colunas de marcha tenham sido organizadas, normalmente cobertas por um destacamento de contato ou força de segurança.

4.7.4 Numa retirada, o Pel Fuz recebe da Cia Fuz um itinerário para realizar seu movimento, seja ele isolado ou integrado à SU.

CAPÍTULO V

ESTABILIZAÇÃO

5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

5.1.1 As operações de estabilização compreendem o emprego do poder militar na defesa dos interesses nacionais, por meio de uma combinação de atividades cooperativas e coercitivas, a fim de manter ou restabelecer o controle e a segurança de uma determinada área, provendo os serviços essenciais e realizando a ajuda humanitária necessária.

5.1.2 As operações de estabilização ocorrem em qualquer situação de emprego das forças militares, mas assumem um protagonismo durante a fase de normalização. Elas possuem os seguintes tipos:

- a) controle e segurança de área;
- b) apoio ao Estado;
- c) ajuda humanitária;
- d) combate ao terrorismo;
- e) segurança da área de retaguarda;
- f) contra forças irregulares; e
- g) evacuação de não-combatentes.

5.1.3 NAS OPERAÇÕES DE ESTABILIZAÇÃO, PODEM SER UTILIZADAS 6 (SEIS) FORMAS DE EMPREGO:

- a) preventiva e repressiva (no controle e segurança de área);
- b) direta e indireta (no apoio ao Estado e na ajuda humanitária); e
- c) antiterrorismo e contraterrorismo (no combate ao terrorismo).

ESTABILIZAÇÃO	
TIPOS	FORMA DE EMPREGO
CONTROLE E SEGURANÇA DE ÁREA	PREVENTIVA
	REPRESSIVA
APOIO AO ESTADO	DIRETA
	INDIRETA
AJUDA HUMANITÁRIA	DIRETA
	INDIRETA
COMBATE AO TERRORISMO	ANTITERRORISMO
	CONTRATERRORISMO
SEGURANÇA DE ÁREA DE RETAGUARDA	-
CONTRA FORÇAS IRREGULARES	-
EVACUAÇÃO DE NÃO COMBATENTES	-

Tab 5-1 - Formas de emprego nas Operações de Estabilização.

5.1.3.1 A forma de emprego preventiva é aquela cujas principais tarefas executadas pela F Ter estão contidas nas funções de combate inteligência e C².

5.1.3.2 A forma de emprego repressiva é aquela cujas principais tarefas executadas pela F Ter estão contidas nas funções de combate proteção, fogos, movimento e manobra.

5.1.3.3 A forma de emprego direta é aquela cujas principais tarefas executadas pela F Ter estão contidas nas funções de combate logística, movimento e manobra.

5.1.3.4 A forma de emprego indireta é aquela cujas principais tarefas executadas pela F Ter estão contidas nas funções de combate inteligência e C².

5.1.3.5 A forma de emprego antiterrorismo consiste em ações para a proteção, caracterizadas pela presença ostensiva, ou não, e de caráter ativo ou passivo, com a principal finalidade de dissuadir possíveis ameaças.

5.1.3.6 A forma de emprego contraterrorismo engloba as medidas ofensivas de caráter repressivo, a fim de antecipar, impedir ou limitar seus efeitos e responder às ações terroristas.

5.2 CARACTERÍSTICAS

5.2.1 SÃO CARACTERÍSTICAS DAS OPERAÇÕES DE ESTABILIZAÇÃO:

- a) uso limitado da força;
- b) grande coordenação com outros órgãos governamentais e/ou não-governamentais;
- c) execução de tarefas atípicas à F Ter;
- d) combinação de esforços políticos, militares, econômicos, ambientais, humanitários, sociais, científicos e tecnológicos;
- e) interdependência dos trabalhos;
- f) grande interação com a população;
- g) influência de atores não oficiais e de indivíduos sobre as operações; e
- h) ambiente complexo.

5.2.2 USO LIMITADO DA FORÇA

- Emprego da força é cuidadosamente dosado, priorizando a dissuasão e a proteção, evitando-se os confrontos diretos.
- O Cmt Pel Fuz deve treinar a tropa conforme as regras de engajamento estabelecidas, empregando material, táticas, técnicas e procedimentos adequados à situação.
- As operações de estabilização, normalmente, ocorrem em áreas urbanas e densamente povoadas, o que demanda um detalhado gerenciamento dos riscos para evitar danos colaterais.

5.2.3 GRANDE COORDENAÇÃO COM OUTROS ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS E NÃO-GOVERNAMENTAIS

- A interação com múltiplas agências exigirá do Cmt Pel Fuz flexibilidade e respeito às culturas organizacionais distintas, em prol do cumprimento da missão.

5.2.4 EXECUÇÃO DE TAREFAS ATÍPICAS À FTER

- O Pel Fuz pode ser designado a realizar atividades fora do escopo tradicional do combate, como reconstrução de infraestruturas, organização de campos de deslocados ou apoio a eleições.

5.2.5 COMBINAÇÃO DE ESFORÇOS POLÍTICOS, MILITARES, ECONÔMICOS, AMBIENTAIS, HUMANITÁRIOS, SOCIAIS, CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS

- Demanda do Cmt Pel Fuz uma visualização holística do ambiente operacional (incluindo as dimensões física, humana e informacional) e o entendimento da intenção dos Cmt Cia e Btl, a fim de tomar as decisões adequadas durante o emprego da fração.

5.2.6 INTERDEPENDÊNCIA DOS TRABALHOS

- As operações conduzidas pelo Pel Fuz transcendem o âmbito estritamente militar, gerando efeitos sistêmicos nas múltiplas dimensões do ambiente operacional.

- Suas ações repercutem de forma integrada, influenciando não apenas o cumprimento da missão do componente militar, mas também impactando diretamente a população civil e as atividades desenvolvidas por agências governamentais e organizações não-governamentais presentes no teatro de operações.

5.2.7 GRANDE INTERAÇÃO COM A POPULAÇÃO

- Conquistar e manter a confiança e o apoio da população é fundamental para o sucesso das operações de estabilização. O Cmt Pel Fuz deve orientar a tropa a agir com respeito aos costumes locais, dialogar com lideranças comunitárias e evitar ações que alienem a população, como o uso excessivo da força. Cabe salientar que a população é uma relevante fonte de coleta de dados para qualquer tipo de operação militar.

5.2.8 INFLUÊNCIA DE ATORES NÃO OFICIAIS E INDIVÍDUOS

- O Cmt Pel Fuz deve desenvolver uma compreensão profunda dessas dinâmicas sociais complexas, adaptando suas táticas e procedimentos para neutralizar ameaças não convencionais enquanto conquista o apoio dos elementos construtivos da sociedade local.

5.2.9 AMBIENTE COMPLEXO

- O Pel Fuz deve estar preparado para atuar em cenários complexos, executando simultaneamente operações cinéticas de alta intensidade, ações de assistência humanitária, mediação de conflitos étnicos ou religiosos e coordenação com múltiplas agências civis e militares que possuem objetivos por vezes divergentes.

- Essa realidade exige do Cmt Pel Fuz e dos Cmt GC não apenas proficiência técnico-tática, mas também competências culturais, linguísticas e sociais que os capacitem a transitar entre o emprego controlado da força e o estabelecimento de vínculos construtivos com a população local, mantendo a permanente consciência de que suas ações são submetidas a rigoroso escrutínio legal, midiático e político.

5.3 TIPOS DE OPERAÇÕES

5.3.1 O Pel Fuz pode ser empregado em todos os tipos de operações de estabilização.

- Cada tipo de operação apresenta demandas específicas, exigindo do Cmt Pel Fuz planejamento detalhado e adaptação às particularidades do ambiente operacional.

OPERAÇÕES DE ESTABILIZAÇÃO	
TIPO	DESCRIÇÃO
CONTROLE E SEGURANÇA DE ÁREA	Preserva a ordem pública e protege pessoas e patrimônio.
APOIO AO ESTADO	Garante o funcionamento de instituições e apoia missões constitucionais.
AJUDA HUMANITÁRIA	Alivia o sofrimento em desastres, com foco em imparcialidade e neutralidade.
COMBATE AO TERRORISMO	Neutraliza ameaças terroristas por ações preventivas ou repressivas.
SEGURANÇA DE ÁREA DE RETAGUARDA	Protege a retaguarda contra interferências inimigas ou desastres.
CONTRA FORÇAS IRREGULARES	Neutraliza grupos não institucionalizados, isolando seu apoio local.
EVACUAÇÃO DE NÃO COMBATENTES	Resgata civis, geralmente brasileiros, em crises internacionais.

Tab 5-2 - Os tipos de operações de estabilização.

5.3.2 CONTROLE E SEGURANÇA DE ÁREA

5.3.2.1 O controle e a segurança de área são operações militares que tem por objetivo a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio.

5.3.2.2 As principais ações executadas pelo Pel Fuz nesse tipo de operação são:

- a) Estabelecer pontos de bloqueio e/ou controle de vias terrestres e fluviais;
- b) Conduzir patrulhas motorizadas ou a pé;
- c) Proteger infraestruturas críticas;
- d) Realizar vasculhamentos; e
- e) Realizar escoltas.

5.3.2.3 Mais informações sobre as táticas, as técnicas e os procedimentos das ações supracitadas estão disponíveis no Manual de Campanha EB70-MC-10.242 OPERAÇÃO DE GARANTIA DA LEI E DA ORDEM (1ª edição, 2018) e nos Cadernos de Instrução EB70-CI-11.434 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA OPERAÇÕES EM AMBIENTES URBANOS (1ª edição, 2022), EB70-CI-11.450 PATRULHAS (1ª edição, 2021), EB70-CI-11.487 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE RECONHECIMENTO E VIGILÂNCIA DE INTELIGÊNCIA MILITAR (1ª edição, 2024) e EB70-CI-11.478 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA OPERAÇÕES FLUVIAIS EM AMBIENTE DE SELVA E PANTANAL (edição experimental, 2024).

5.3.3 APOIO AO ESTADO

5.3.3.1 As operações de apoio ao Estado visam atender às missões constitucionais e a outras atribuições estabelecidas por instrumentos legais, que determinam a garantia dos poderes constitucionais, o apoio à política exterior do país e o cumprimento das atribuições subsidiárias das Forças Armadas, compondo-se de atribuições gerais e particulares.

5.3.3.2 As principais ações executadas pelo Pel Fuz nesse tipo de operação são:

- a) Realizar patrulhamento, revista de pessoas, de veículos, de embarcações e de aeronaves na faixa de fronteira terrestre; e
- b) Realizar a segurança aproximada da tropa de engenharia envolvida nas obras de cooperação.

5.3.3.3 Mais informações sobre as táticas, as técnicas e os procedimentos das ações supracitadas estão disponíveis nos Cadernos de Instrução EB70-CI-11.434 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA OPERAÇÕES EM AMBIENTES URBANOS (1ª edição, 2022), EB70-CI-11.450 PATRULHAS (1ª edição, 2021), EB70-CI-11.487 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE RECONHECIMENTO E VIGILÂNCIA DE INTELIGÊNCIA MILITAR (1ª edição, 2024) e EB70-CI-11.478 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA OPERAÇÕES FLUVIAIS EM AMBIENTE DE SELVA E PANTANAL (edição experimental, 2024).

5.3.4 AJUDA HUMANITÁRIA

5.3.4.1 Entende-se por operações de ajuda humanitária o conjunto de atividades desenvolvido pelo componente militar de um país, normalmente em ambiente conjunto e interagências, concebido especificamente para aliviar o sofrimento humano em resposta a desastres provocados, ou não, pelo homem, em território nacional ou no exterior, tanto em tempo de paz quanto em tempo de guerra.

5.3.4.2 As principais ações executadas pelo Pel Fuz nesse tipo de operação são:

- a) Apoiar o resgate de pessoas feridas ou isoladas;
- b) Apoiar os serviços médicos oferecidos à população atingida pelo desastre;
- c) Distribuir alimentos, água, medicamentos, roupas, material de higiene e outros itens à população atingida pelo desastre;
- d) Realizar a escolta de comboios;
- e) Realizar o transporte de pessoal e/ou material; e
- f) Apoiar elementos de engenharia na desobstrução de vias de comunicação.

5.3.4.3 Mais informações sobre as táticas, técnicas e procedimentos das ações supracitadas estão disponíveis no Manual de Campanha EB70MC-10.236 OPERAÇÕES DE AJUDA HUMANITÁRIA, (1ª edição, 2023).

5.3.5 COMBATE AO TERRORISMO

5.3.5.1 O terrorismo é a forma de ação que consiste no emprego da violência física ou psicológica, de forma premeditada, por indivíduos ou grupos apoiados, ou não, por

Estados, com o intuito de coagir um governo, uma autoridade, um indivíduo, um grupo ou até mesmo toda a população a adotar determinado comportamento.

5.3.5.2 O combate às ações terroristas deve ser conduzido por forças policiais e militares especializadas, com engajamento de todos os setores da segurança pública e colaboração da sociedade. O combate ao terrorismo envolve ações preventivas (antiterrorismo) e repressivas (contraterrorismo) para neutralizar ameaças de indivíduos ou grupos que utilizam violência física ou psicológica para coagir governos ou populações.

5.3.5.3 As principais ações executadas pelo Pel Fuz nesse tipo de operação são:

- a) Estabelecer pontos de bloqueio e/ou controle de vias terrestres e fluviais;
- b) Conduzir patrulhas motorizadas ou a pé;
- c) Proteger infraestruturas críticas;
- d) Realizar vasculhamentos;
- e) Realizar escoltas;
- f) Proteger edificações que possam constituir alvos compensadores (embaixadas, sedes de organismos internacionais, entre outros);
- g) Proteger autoridades ou pessoas que possam constituir alvos compensadores; e
- h) Realizar busca e apreensão.

5.3.5.4 Mais informações sobre as táticas, as técnicas e os procedimentos das ações supracitadas estão disponíveis nos Cadernos de Instrução EB70-CI-11.434 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA OPERAÇÕES EM AMBIENTES URBANOS (1ª edição, 2022), EB70-CI-11.450 PATRULHAS (1ª edição, 2021), EB70-CI-11.487 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE RECONHECIMENTO E VIGILÂNCIA DE INTELIGÊNCIA MILITAR (1ª edição, 2024), EB70-CI-11.478 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA OPERAÇÕES FLUVIAIS EM AMBIENTE DE SELVA E PANTANAL (edição experimental, 2024) e EB70-CI-11.436 SEGURANÇA DE AUTORIDADES (edição experimental, 2020).

5.3.6 SEGURANÇA DA ÁREA DE RETAGUARDA

5.3.6.1 Definição

- Segurança da Área de Retaguarda (SEGAR) consiste em ações executadas na área de retaguarda para evitar a interferência do Iní ou mitigar seus efeitos, além de controlar os efeitos de uma ameaça relacionada à catástrofes (naturais ou provocadas pelo homem).

5.3.6.2 A SEGAR compreende dois tipos de ação: a Defesa de Área de Retaguarda (DEFAR) e o Controle de Danos (C Dan):

- a) A DEFAR é o conjunto de ações executadas pelos elementos da F Ter que possuem responsabilidades territoriais. Destina-se a assegurar a normalidade no desempenho de atividades e de tarefas dos elementos de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico, localizados nas respectivas áreas de retaguarda.
- b) O C Dan consiste em medidas preventivas e corretivas que visam minimizar os efeitos das ações do oponente ou das catástrofes em nossa área de responsabilidade.

5.3.6.3 As principais ações executadas pelo Pel Fuz na SEGAR são:

- a) Patrulhas a pé e motorizadas;
- b) Segurança aproximada do PC e ATSU;
- c) Lançamento de obstáculos;
- d) Medidas passivas e ativas de autodefesa antiaérea;
- e) Construção de abrigos; e
- f) Vigilância.

5.3.7 CONTRA FORÇAS IRREGULARES

5.3.7.1 Definição

- As ações contra forças irregulares compreendem um conjunto abrangente de esforços integrados (civis e militares) desencadeados para derrotar forças irregulares (com organização não institucionalizada), nacionais ou estrangeiras, dentro ou fora do território nacional.
- Tais ações contribuem para derrotar ou neutralizar militarmente as forças irregulares, permitindo iniciar ou retomar o funcionamento do Estado em áreas outrora contestadas ou controladas por essas forças.

5.3.7.2 Nas operações contra forças irregulares, a missão das forças militares (convencionais e de operações especiais) é erradicar a ameaça proveniente das forças irregulares, sobretudo seu braço armado, isolando-o de seus apoios locais, desmantelando sua infraestrutura e neutralizando seu poder de combate.

5.3.7.3 Para desarticular as forças irregulares, é necessário atender a duas premissas básicas: vencer a guerra da informação e conquistar o apoio da população.

5.3.7.4 As principais ações executadas pelo Pel Fuz nesse tipo de operação são:

- a) Estabelecer pontos de bloqueio e/ou controle de vias terrestres e fluviais;
- b) Conduzir patrulhas motorizadas ou a pé;
- c) Proteger infraestruturas críticas;
- d) Realizar vasculhamentos;
- e) Realizar escoltas;
- f) Realizar busca e apreensão;
- g) Interditar áreas; e
- h) Apoiar as ações de elementos de Forças Especiais.

5.3.7.5 Mais informações sobre as táticas, as técnicas e os procedimentos das ações supracitadas estão disponíveis nos Cadernos de Instrução EB70-CI-11.434 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA OPERAÇÕES EM AMBIENTES URBANOS (1ª edição, 2022), EB70-CI-11.450 PATRULHAS (1ª edição, 2021), EB70-CI-11.487 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE RECONHECIMENTO E VIGILÂNCIA DE INTELIGÊNCIA MILITAR (1ª edição, 2024) e EB70-CI-11.478 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA OPERAÇÕES FLUVIAIS EM AMBIENTE DE SELVA E PANTANAL (edição experimental, 2024).

5.3.8 EVACUAÇÃO DE NÃO-COMBATENTES

5.3.8.1 A Operação de Evacuação de Não Combatentes (Op Ev N Cmb) é decorrente de situações de crise no país anfitrião, as quais podem ter consequências em áreas humanitárias, militares ou políticas, como nos casos de conflitos regionais, instabilidade interna, catástrofes causadas por fenômenos naturais ou acidentes de grandes proporções ambientais.

5.3.8.2 Os elementos de emprego da F Ter devem contribuir para a execução de tais operações, por meio de planejamentos flexíveis que contemplem planos de evacuação de contingentes, incluindo as tarefas previstas para a evacuação e o bem-estar do pessoal.

5.3.8.3 As principais ações executadas pelo Pel Fuz nesse tipo de operação são:

- a) Mobilizar, operar e garantir a segurança de uma Área de Reunião de Evacuados (ARE), Centro de Controle de Evacuados (CCE) ou Base Intermediária de Apoio (BI Ap), com ou sem apoio de outros elementos; e
- b) Realizar a proteção dos evacuados nos locais de reunião e de deslocamentos.

5.3.8.4 Mais detalhes sobre o assunto estão disponíveis no manual MD33-M-08 OPERAÇÕES DE EVACUAÇÃO DE NÃO COMBATENTES (2ª edição, 2013).

CAPÍTULO VI

OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

6.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

6.1.1 As operações complementares se destinam a ampliar, a aperfeiçoar e/ou a complementar as operações básicas, a fim de maximizar a aplicação dos elementos do poder de combate terrestre.

- Os elementos da F Ter executam tais operações no contexto das operações básicas.

6.1.2 INCLUEM AS SEGUINTE OPERAÇÕES:

- a) reconhecimento;
- b) segurança;
- c) substituição de unidades de combate;
- d) movimento de tropas;
- e) com características especiais (aeromóvel, aeroterrestre, operações especiais, abertura de brecha e transposição de curso d'água);
- f) dissimulação;
- g) informação; e
- h) junção.

6.1.3 Mais detalhes sobre as operações complementares estão disponíveis nos Manuais de Campanha MC3.0 OPERAÇÕES (6ª edição, 2025) e EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª edição, 2023).

6.2 RECONHECIMENTO

- O reconhecimento é uma operação conduzida com o propósito de obter dados sobre o inimigo e a área de operações.

- O Pel Fuz pode receber a missão de conduzir o reconhecimento para esclarecer a situação, reduzir incertezas e subsidiar a tomada de decisão da Cia Fuz ou Btl, evitando, contudo, engajamentos decisivos que comprometam a missão.

6.3 OPERAÇÕES DE SEGURANÇA

6.3.1 A segurança consiste em uma operação militar que tem por objetivo geral a manutenção da liberdade de manobra e a preservação do poder de combate necessário ao emprego eficiente da força principal.

6.3.2 A segurança é obtida, efetivamente, pela detecção antecipada de uma ameaça, assim como, pelo fornecimento de tempo e espaço que permitam à tropa manobrar para reagir àquela ameaça.

6.3.3 As Op Seg podem ser conduzidas à frente, nos flancos e à retaguarda de uma força e alcançarão sucesso se evitarem, neutralizarem ou mesmo diminuïrem a ameaça inimiga.

6.3.4 AS OPERAÇÕES DE SEGURANÇA PODEM SER EXECUTADAS EM DIFERENTES GRAUS, CONFORME A MISSÃO E O CONTEXTO TÁTICO:

- a) Cobertura - garante a segurança de uma região ou força por meio de elementos destacados, posicionados à frente ou em direção ao inimigo, com o objetivo de interceptá-lo, engajá-lo ou desorganizá-lo antes que ameace a força principal.
- b) Proteção - proporciona segurança imediata à força ou região, com elementos posicionados na frente, nos flancos ou na retaguarda, impedindo observação terrestre, fogo direto ou ataques surpresa do inimigo.
- c) Vigilância - estabelece uma rede de postos de observação, complementada por patrulhas e sensores, para detectar a presença do inimigo assim que ele entrar no alcance dos meios disponíveis.

6.3.5 O Pel Fuz pode integrar qualquer uma dessas forças; porém, é mais apto para operar como força de proteção (vanguarda, flancoguarda e retaguarda).

6.4 SUBSTITUIÇÃO DE UNIDADES EM COMBATE

6.4.1 Quando as operações terrestres se estendem por períodos prolongados, torna-se necessária a substituição periódica de unidades empregadas.

6.4.2 OS TIPOS DE SUBSTITUIÇÕES SÃO OS SEGUINTEs:

- a) substituição em posição;
- b) ultrapassagem; e
- c) acolhimento.

6.4.3 A substituição em posição é uma operação na qual uma força ou parte dela é substituída por outra em uma posição defensiva. É realizada para o prosseguimento da defesa ou para a preparação de uma operação ofensiva subsequente.

6.4.4 A ultrapassagem é uma operação em que uma força ataca através de outra que se encontra em contato com o inimigo. É executada por uma força para substituir outra desfalcada, dispersa ou sem condições de prosseguir ou iniciar um ataque.

6.4.5 O acolhimento é uma operação na qual uma força, ao realizar um movimento retrógrado, passa através da Z Aç de outra que ocupa uma posição defensiva.

6.5 MOVIMENTO DE TROPAS

6.5.1 O movimento de tropas é o deslocamento de soldados e unidades de um local para outro por qualquer meio disponível. A capacidade de um comandante de posicionar suas forças para uma operação de qualquer tipo depende de sua habilidade em mover essas forças. A essência da agilidade no espaço de batalha é a capacidade de realizar

movimentos rápidos e organizados, concentrando o poder de combate em pontos e momentos decisivos.

6.5.2 Os movimentos de tropa podem ser classificados em movimento ou marcha administrativa, marcha tática e marcha de aproximação. São realizados por meio de marchas a pé e motorizadas, transporte ferroviário, fluvial, marítimo, aéreo ou pela combinação desses processos.

6.5.3 MOVIMENTO OU MARCHA ADMINISTRATIVA

- É um deslocamento em que as tropas e os veículos são organizados para agilizar o movimento e conservar tempo e energia, quando não se espera interferência inimiga terrestre. O Cmt Cia Fuz realiza movimentos administrativos apenas em áreas seguras. Normalmente, não utiliza movimentos administrativos quando a SU está engajada em operações de combate.

6.5.4 MARCHA TÁTICA

- É um movimento rápido utilizado para deslocar unidades para uma área de operações, preparando-as para operações de combate. O fator primordial de uma marcha tática é a velocidade de deslocamento. No entanto, a força em movimento emprega medidas de segurança, mesmo quando não se espera contato com forças inimigas. Durante marchas táticas, o Cmt Cia Fuz está sempre preparado para tomar medidas imediatas caso seja atacado por inimigos (a marcha para o combate é um tipo de marcha tática).

6.5.5 MARCHA DE APROXIMAÇÃO

- É o avanço de uma unidade de combate quando o contato direto com o inimigo é previsto. A marcha de aproximação enfatiza a velocidade e a tropa se desloca reunida e desdobrada taticamente. A Cia Fuz Bld, Mec e Mtz têm maior capacidade de realizar marchas táticas e marchas de aproximação.

6.6 OPERAÇÕES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

6.6.1 As operações com características especiais correspondem àquelas que, por sua natureza, pelas condições particulares em que podem ser conduzidas e pelas características da área de operações, exigem cuidados especiais em seu planejamento e execução, ou ênfase particular sobre outras considerações relativas às técnicas, à tática ou ao material empregado.

6.6.2 OPERAÇÃO AEROMÓVEL

6.6.2.1 Operação aeromóvel é aquela realizada por força de helicópteros ou força-tarefa aeromóvel (tropa embarcada em aeronaves de asa rotativa), visando o cumprimento de missões de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico, em benefício de determinado elemento da Força Terrestre (F Ter).

6.6.2.2 Qualquer Pel Fuz deve estar apto para cumprir missões no contexto de uma operação aeromóvel.

6.6.2.3 Os Pel Fuz orgânicos dos BI Amv são vocacionadas para compor Força-Tarefa Aeromóvel (FT Amv) com aeronaves da Aviação do Exército e outras capacidades da Bda Inf Amv.

6.6.2.4 Mais informações sobre as peculiaridades de planejamento e emprego da Cia Fuz nas operações aeromóveis estão disponíveis nos manuais de campanha EB70-MC-10.218 OPERAÇÕES AEROMÓVEIS (3ª edição, 2023), EB70-MC-10.319 BRIGADA DE INFANTARIA AEROMÓVEL (1ª edição, 2023) e EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª edição, 2023).

6.6.3 OPERAÇÃO AEROTERRESTRE

6.6.3.1 A Operação Aeroterrestre (Op Aet) consiste em uma operação militar que envolve o movimento aéreo para a introdução de forças de combate e seus respectivos apoios em uma área por meio de aterragem das aeronaves ou por meio de lançamento com paraquedas.

6.6.3.2 A Cia Fuz Pqdt opera, normalmente, enquadrada pelo Btl. Contudo, pode operar isoladamente quando não for necessário ou viável o emprego de tropa de valor superior. Neste caso, poderá ser reforçada com elementos de cavalaria paraquedista, apoio de fogo, engenharia e apoio logístico, vindo a constituir uma força-tarefa SU paraquedista (FT SU Pqdt).

6.6.3.3 Os Pel Fuz orgânicos dos BI Pqdt são vocacionadas para compor FT SU Pqdt.

6.6.3.4 Mais informações sobre as peculiaridades de planejamento e o emprego da Cia Fuz nas operações aeromóveis estão disponíveis nos manuais de campanha EB70-MC-10.217 OPERAÇÕES AEROTERRESTRES (1ª edição, 2017) e EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª edição, 2023).

6.6.4 OPERAÇÕES ESPECIAIS

6.6.4.1 As operações especiais (Op Esp) são aquelas conduzidas por forças militares especialmente organizadas, treinadas e equipadas, em ambientes hostis, negados ou politicamente sensíveis, visando atingir objetivos militares, políticos, informacionais ou econômicos, empregando competências e capacidades específicas, não encontradas nas forças convencionais.

6.6.4.2 As Op Esp são desencadeadas por Forças de Operações Especiais (F Op Esp) e estão relacionadas, principalmente, às ações diretas, ações indiretas e reconhecimento especial.

6.6.4.3 O Pel Fuz pode participar de operações especiais apoiando as F Op Esp.

6.6.5 TRANSPOSIÇÃO DE CURSO DE ÁGUA

6.6.5.1 A operação de transposição de curso de água visa levar o poder de combate para a margem oposta, transpondo um obstáculo aquático, assegurando a integridade e a impulsão das forças.

6.6.5.2 A operação de transposição de curso de água pode ser imediata ou preparada.

6.6.5.2.1 A transposição imediata

- É planejada e executada com um mínimo de perda de impulsão pela tropa que se defronta com o obstáculo. Aproveita a rapidez e a surpresa, utilizando meios disponíveis para cruzar o curso de água sem interrupção das operações, geralmente contra um inimigo fraco.

6.6.5.2.2 Na transposição preparada

- A tropa atacante é obrigada a uma parada para a concentração das forças e dos meios de travessia necessários, caracterizando perda de impulsão. Ocorre após planejamento minucioso, com concentração de forças para enfrentar uma defesa forte na margem oposta, sendo empregada quando a ação imediata não é viável ou falhou.

6.6.5.3 A Cia Fuz pode participar de uma operação de transposição de curso d'água integrando o Btl.

6.6.5.4 Mais informações sobre as operações de transposição de curso de água poderão ser obtidas nos manuais C 31-60 OPERAÇÕES DE TRANSPOSIÇÃO DE CURSOS DE ÁGUA (2ª edição, 1996), EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª edição, 2023) e no Caderno de Instrução CI 3.7-100 - Companhia de Fuzileiros (1ª edição, 2025).

6.6.6 OPERAÇÃO DE ABERTURA DE BRECHA

6.6.6.1 Definição

- A operação de abertura de brecha consiste na preparação e execução de uma passagem ou caminho que se abre através dos obstáculos inimigos para permitir a progressão de pessoal ou tropas.

6.6.6.2 A operação de abertura de brecha é uma operação que apresenta as seguintes condicionantes:

- a) necessidade de grande quantidade de equipamento peculiar e de pessoal especializado;
- b) superioridade aérea nos momentos e locais escolhidos para a abertura de passagens;
- e
- c) maciça superioridade de poder de combate, particularmente no que se refere ao apoio de fogo e engenharia.

6.6.6.3 Os trabalhos realizados para permitir o desembocar do ataque, normalmente, incluem a abertura de trilhas e as brechas em obstáculos, construção e balizamento de vaus e identificação de obstáculos.

6.6.6.4 Cabe à engenharia em apoio, inicialmente, a missão de abrir trilhas e brechas nos obstáculos de maior vulto que protegem a posição inimiga.

6.6.6.5 Os trabalhos correntes de fortificações de campanha, tais como a abertura de passagens nos obstáculos criados pelo inimigo, não são atribuições exclusivas da Engenharia, mas sim de toda a tropa.

- Cabem às frações de Engenharia aqueles trabalhos que exijam técnica ou equipamento especializado, a construção de abrigos para o comando e outros trabalhos de interesse geral.

6.6.6.6 Quando da execução das Op Ofs, o Pel Fuz poderá deparar-se com uma grande variedade de obstáculos artificiais e naturais, os quais deverão ser, o mais rapidamente possível, ultrapassados para conservar a iniciativa e manter a impulsão do ataque.

6.6.6.7 A operação de abertura de brechas é o emprego de TTP visando projetar poder de combate para o outro lado de um obstáculo. É, em última análise, uma operação sincronizada envolvendo elementos de manobra e de apoio ao combate sob responsabilidade do comandante da arma-base.

- Sob vários aspectos, constitui uma das mais difíceis ações táticas entre as que podem ser executadas pelo Pel Fuz.

6.6.6.8 É importante compreender que deparar-se inadvertidamente com obstáculos significa que o contato com o inimigo foi estabelecido, caso isso ainda não tenha efetivamente ocorrido por meio de outras formas (contato visual, fogos diretos, fogos indiretos, GE, aviação ou agentes químicos). A partir daí, portanto, todas as ações decorrentes devem ser executadas considerando esse aspecto.

6.6.6.9 Mais informações sobre as operações de abertura de brecha poderão ser obtidas nos manuais EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª edição, 2023), MC 3.56-50 OPERAÇÕES DE ABERTURA DE BRECHA (1ª edição, 2025), EB70-MC-10.237 A ENGENHARIA NAS OPERAÇÕES (1ª edição, 2018) e no Caderno de Instrução CI 3.7-100 - Companhia de Fuzileiros (1ª edição, 2025).

6.7 DISSIMULAÇÃO

6.7.1 A dissimulação é uma operação que se destina a iludir o inimigo, levando-o a levantar, de forma incorreta ou incompleta, o dispositivo das tropas amigas, suas possibilidades e intenções, de tal forma que reaja de uma maneira que lhe seja desvantajosa.

6.7.2 A dissimulação contribui para a segurança e para a surpresa e aumenta a probabilidade de sucesso, no contexto de uma operação de maior vulto. Ela pode ser usada para compensar um poder relativo de combate desfavorável e permitir o emprego judicioso de meios e tempo.

6.7.3 O Pel Fuz pode participar de uma operação de dissimulação planejada pelo Esc Sp, empregando, para isso, seus meios orgânicos.

6.7.4 As medidas ativas e passivas tomadas pelo Pel Fuz que, por sua envergadura, não caracterizam uma operação de dissimulação, são consideradas ações comuns às

operações militares.

- São exemplos dessas medidas: camuflagem, dispersão dos meios, disciplina de luzes e ruídos, reconhecimento em força, ataque limitado, demonstrações e fintas.

6.7.5 Para mais informações sobre as operações de dissimulação, consulte o manual de campanha EB20-MC-10.215 Operações de Dissimulação.

6.8 OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO

6.8.1 As operações de informação (Op Info) consistem no emprego sincronizado de capacidades e de recursos dos diversos sistemas do Exército, em ações cinéticas e não cinéticas, para moldar o ambiente informacional e/ou alcançar objetivos informacionais específicos, de forma a alterar percepções e influenciar determinadas audiências, e/ou atores relevantes, em seus respectivos processos de tomada de decisão.

- As Op Info têm o objetivo de proteger os processos decisórios próprios, neutralizando ou prevenindo os efeitos das ações adversas na dimensão informacional, tudo com a finalidade de obter superioridade de informações em operações, definidas no espaço e tempo, no amplo espectro dos conflitos.

6.8.2 Dentre as capacidades e os recursos que contribuem para a condução das operações de informação, destacam-se: Comunicação Social (Com Soc); Op Psc; GE; G Ciber; Ass Civ e Intl.

6.8.3 O Pel Fuz pode participar da execução das Op Info, executando ações previstas na base doutrinária do Btl ao qual pertence, dentro do planejamento do mais alto escalão da F Ter presente no TO/A Op.

6.8.4 Mais informações sobre as operações de informações estão disponíveis no Manual de Campanha EB70-MC-10.213 OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO (2ª Edição, 2019).

6.9 JUNÇÃO

6.9.1 A junção é uma operação que envolve a ação de duas forças terrestres amigas que buscam se ligar diretamente. Pode ser realizada entre uma força em deslocamento e outra estacionária, ou entre duas forças em movimentos convergentes.

6.9.2 Tal ligação pode ocorrer nas seguintes situações: em operações aeroterrestres ou aeromóveis, na substituição de uma força isolada, em um ataque para juntar-se à força de infiltração, na ruptura do cerco a uma força, no auxílio a uma força dividida, na convergência de forças independentes e no encontro com forças de guerrilha amigas.

6.9.3 Quando uma operação de junção ocorre entre uma força estacionária e uma força móvel (força de junção), ela decorre de uma ação ofensiva da força de junção que procura o contato físico entre as forças. Tal ação é executada simultaneamente a uma ação predominantemente defensiva, realizada pela força estacionária, com a finalidade de manter a posse da região onde será feita a junção.

6.9.4 A Pel Fuz pode participar de uma operação de junção, como força estacionária ou força de junção, integrando uma Cia Fuz.

6.9.5 Mais informações sobre as operações de junção estão disponíveis nos Manuais de Campanha EB70-MC-10.355 FORÇAS TAREFAS BLINDADAS (4ª edição, 2020), EB70-MC-10.376 FORÇAS-TAREFAS SUBUNIDADES BLINDADAS (1ª edição, 2021) e no Caderno de Instrução CI 3.7-100 - Companhia de Fuzileiros (1ª edição, 2025).

CAPÍTULO VII

AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES TERRESTRES

7.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

7.1.1 No contexto das operações terrestres, observa-se uma série de ações comuns às operações terrestres, que podem ser realizadas por tropas de qualquer natureza desde que estas tenham as capacidades necessárias.

7.1.2 Elas se relacionam às funções de combate, às atividades e às tarefas a serem conduzidas pelos elementos da Força Terrestre (F Ter) e apresentam um grau de intensidade variável, de acordo com a operação militar planejada e conduzida.

7.1.3 SÃO AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES TERRESTRES:

- a) controle de danos;
- b) IRVA;
- c) proteção de civis; e
- d) busca, resgate e salvamento.

7.1.4 Mais detalhes sobre as ações comuns às operações terrestres estão disponíveis nos Manuais de Campanha MC3.0 OPERAÇÕES (6ª edição, 2025) e EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª edição, 2023).

7.2 CONTROLE DE DANOS

7.2.1 DEFINIÇÃO

7.2.1.1 Controle de danos é o conjunto integrado de medidas preventivas e corretivas que visam minimizar os impactos de ações do oponente, acidentes, desastres naturais ou catástrofes na área de responsabilidade.

7.2.1.2 Essas medidas têm a finalidade de assegurar a continuidade das funções de combate, a preservação de vidas humanas, a proteção de recursos e infraestruturas críticas, e a manutenção das instalações e equipamentos.

7.2.2 OUTRAS CONSIDERAÇÕES

- As ações do controle de danos são classificadas em três fases:

- a) medidas preventivas,
- b) respostas imediatas e
- c) ações corretivas.

7.2.3 O Pel Fuz pode participar de ações planejadas pelos Esc Sp em quaisquer das três fases.

7.3 INTELIGÊNCIA, RECONHECIMENTO, VIGILÂNCIA E AQUISIÇÃO DE ALVOS (IRVA)

7.3.1 As ações de IRVA são fundamentais e devem ocorrer em todas as operações militares, com o objetivo de proporcionar suporte crítico à obtenção da consciência situacional, ao planejamento e à execução de missões.

7.3.2 INTELIGÊNCIA

7.3.2.1 Definição

7.3.2.1.1 A Inteligência é o componente central, sendo responsável por reunir, processar e interpretar informações sobre o ambiente operacional, os inimigos e as ameaças potenciais.

7.3.2.1 Enfatiza a fusão de dados coletados por múltiplas fontes, como a Tropa como Sensor, Inteligência Humana (HUMINT), Inteligência de Sinais (SIGINT) e Inteligência por Imagens (IMINT). Esse processo analítico é vital para antecipar ações adversárias e apoiar o planejamento operacional e tático.

7.3.2.2.2 O Pel Fuz participa ativamente da coleta de dados, executando o Plano de Obtenção de Conhecimento estabelecido pelo Cmt Cia Fuz, por meio de seus meios orgânicos, especialmente os fuzileiros.

7.3.2.2.3 Os dados coletados devem ser oportunamente repassados à Cia Fuz. A tropa deve ser treinada para reportar informações precisas e oportunas, reforçando o conceito de “tropa como sensor”.

7.3.2.3 Outras considerações

7.3.2.3.1 Os dados recebidos do Esc Sp devem ser disseminados aos GC, de modo a garantir que todos os níveis tenham uma adequada compreensão da situação.

7.3.2.3.2 Mais detalhes sobre o planejamento e execução das tarefas de inteligência estão disponíveis nos Cadernos de Instrução EB70-CI-11.487 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE RECONHECIMENTO E VIGILÂNCIA DE INTELIGÊNCIA MILITAR (1ª edição, 2024) e EB70-CI-11.465 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DA TROPA COMO SENSOR DE INTELIGÊNCIA (1ª edição, 2021).

7.3.3 RECONHECIMENTO

7.3.3.1 Definição

7.3.3.1.1 O reconhecimento é a atividade que busca reduzir as incertezas do ambiente operacional por meio de observações diretas ou indiretas.

7.3.3.1 Essa função é integrada à coleta de inteligência, utilizando observadores ou tropas especializadas e plataformas tecnológicas, como *drones* e veículos terrestres não tripulados.

7.3.3.2.2 O reconhecimento é parte do trabalho de comando do Cmt Pel Fuz. O risco de detecção pelo inimigo ou quebra prematura do sigilo durante os reconhecimentos demanda um detalhado planejamento, bem como a autorização do Cmt Cia Fuz para sua realização.

7.3.3.2 Outras considerações

7.3.3.2.1 O Pel Fuz pode empregar fuzileiros ou Sistemas de Aeronaves Remotamente Pilotadas (SARP) para buscar dados que respondam às suas necessidades de Inteligência, principalmente em relação ao terreno e ao inimigo.

7.3.3.2.2 Os Pel Fuz ou GC designados para a execução de reconhecimentos deverão empregar as técnicas de patrulha detalhadas nos Cadernos de Instrução EB70-CI-11.450 PATRULHAS (1ª edição, 2021), EB70-CI-11.487 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE RECONHECIMENTO E VIGILÂNCIA DE INTELIGÊNCIA MILITAR (1ª edição, 2024) e EB70-CI-11.465 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DA TROPA COMO SENSOR DE INTELIGÊNCIA (1ª edição, 2021).

7.3.4 VIGILÂNCIA

7.3.4.1 Definição

- A vigilância é a atividade contínua de monitoramento do ambiente operacional, focando na detecção de atividades inimigas e mudanças significativas.

7.3.4.2 Outras considerações

7.3.4.2.1 Na atualidade, a vigilância é conduzida por sistemas autônomos, sensores avançados e observadores humanos, garantindo uma cobertura persistente com o objetivo crítico de fornecer alertas antecipados.

7.3.4.2.2 O Pel Fuz realizará a vigilância em diversas situações, como quando ocupando um PAC, monitoramento de RIPI designada pela Cia Fuz, entre outras.

7.3.4.2.3 Os sensores de movimento, SARP e equipamentos optrônicos complementam a capacidade de vigilância do Pel Fuz.

7.3.4.2.4 A camuflagem dos postos de observação, a rotação de pessoal e o uso de comunicações seguras são práticas recomendadas para a execução de vigilância.

7.3.4.2.5 Os Pel Fuz ou GC designados para a execução de vigilância deverão empregar as técnicas de patrulha detalhadas nos Cadernos de Instrução EB70-CI-11.487 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE RECONHECIMENTO E VIGILÂNCIA DE INTELIGÊNCIA MILITAR (1ª edição, 2024) e EB70-CI-11.465 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DA TROPA COMO SENSOR DE INTELIGÊNCIA (1ª edição, 2021).

7.3.5 AQUISIÇÃO DE ALVOS

7.3.5.1 Definição

7.3.5.1.1 A aquisição de alvos, integrada ao processo de *targeting*, é uma evolução que conecta as atividades de coleta de informações ao engajamento de alvos.

7.3.5.1.2 Essa função consiste na identificação, priorização e designação de alvos críticos para engajamento. No contexto da F Ter, a aquisição de alvos é essencial para conectar o ciclo de inteligência às operações táticas, garantindo o uso preciso do poder de combate.

7.3.5.2 Outras considerações

7.3.5.2.1 Os AAC, sejam designados pelo Btl ou pela Cia Fuz, devem ser buscados durante todo o combate.

7.3.5.2.2 Para isso, é necessário que todos os integrantes do Pel Fuz conheçam a LAAC, saibam identificá-los e tenham condições de designá-los (direção - distância - situação - natureza - particularidades) com oportunidade.

7.4 PROTEÇÃO DE CIVIS

7.4.1 DEFINIÇÃO

7.4.1.1 A Proteção de Civis consiste no conjunto de esforços para reduzir os riscos de violência física contra civis, garantir o direito de acesso a serviços e recursos essenciais e contribuir para o estabelecimento de um ambiente seguro e estável, além de favorecer a opinião pública, em meio à campanha informacional de uma operação.

7.4.1.2 É o conjunto de esforços coordenados, destinados a neutralizar ou mitigar as ameaças que causem danos a civis.

7.4.2 O PEL FUZ PODERÁ PARTICIPAR DA PROTEÇÃO DE CIVIS, ENQUADRADO NOS ESFORÇOS DO ESC SP, EXECUTANDO AÇÕES COMO:

- a) Controle e segurança de área;
- b) Escolta de comboios;
- c) Patrulhamento ostensivo;
- d) Ajuda humanitária; e
- e) Evacuação de não combatentes.

7.4.4 Mais detalhes estão disponíveis no Manual de Campanha EB70-MC-10.250 PROTEÇÃO DE CIVIS (2021).

7.5 BUSCA, RESGATE E SALVAMENTO

7.5.1 DEFINIÇÃO

- Busca, Resgate e Salvamento consiste no emprego de todos os meios disponíveis, a fim de localizar, resgatar e recuperar aeronaves abatidas ou acidentadas, bem como embarcações, materiais e instalações diversas, avariadas ou sinistradas e, também, socorrer suas tripulações ou pessoas em perigo.

7.5.2 As características desse tipo de operação tornam as tropas de Operações Especiais e Aviação do Exército as mais capacitadas para conduzi-las.

7.5.3 Eventualmente, o Pel Fuz poderá ser empregado para apoiar esse tipo de operação.

ANEXO A

CASOS ESQUEMÁTICOS

A.1 MARCHA PARA O COMBATE

A.1.1 SITUAÇÃO

A.1.1.1 O 84º Batalhão de Infantaria Motorizado (84º BI Mtz) recebeu a missão de constituir a vanguarda da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada (8ª Bda Inf Mtz) em uma marcha para o combate a pé, inicialmente coberta pelo 12º Regimento de Cavalaria Mecanizado (12º RC Mec).

A.1.1.2 A marcha será realizada a partir de D/0800, na direção GETULÂNDIA - CACHOEIRA PAULISTA, ao longo do eixo de progressão MARTELO, o qual é balizado pela rodovia 209.

A.1.1.3 Inicialmente, será adotada a formação em coluna de marcha até a linha de controle FALCÃO (LPH), onde o batalhão passará a marchar agrupado taticamente.

- Ao atingir a linha de controle GAVIÃO (LPE), provavelmente o batalhão ultrapassará elementos do 12º RC Mec e prosseguirá em marcha de aproximação, desdobrando-se em profundidade.

A.1.1.4 A 1ª Companhia de Fuzileiros (1ª Cia Fuz), escalão de combate da vanguarda, destacará o 1º Pelotão de Fuzileiros (1º Pel Fuz) como escalão de reconhecimento, após a linha de controle GAVIÃO.

A.1.1.5 O objetivo de marcha da 1ª Cia Fuz é constituído pelas alturas de P Cot 608 e P Cot 602. Após a conquista de seu objetivo, a companhia ficará em condições de prosseguir para sudoeste ou manter para apoiar uma ultrapassagem.

A.1.1.6 O inimigo tem condições de atuar ao longo do eixo de progressão com tropas de natureza e valor desconhecidos. Seus elementos de reconhecimento estão em contato com o 12º RC Mec no corte do Rio SALGADO (linha de controle GAVIÃO).

A.1.1.7 Analisando as características do terreno, o comandante do 1º Pel Fuz verificou a existência de alguns pontos críticos (pontes, desfiladeiros, cortes de estrada) que favorecem a ação do inimigo.

- O Rio SALGADO constitui obstáculo para viaturas de qualquer tipo, em razão de possuir margens taludadas. As localidades ao longo do eixo foram evacuadas.

A.1.1.8 O pelotão, além de estar com o seu efetivo e material completos, recebeu em reforço uma peça de CSR 84 mm.

A.1.2 DECISÃO DO COMANDANTE DO 1º PELOTÃO DE FUZILEIROS

A.1.2.1 O 1º Pel Fuz (+1ª/Seç AC/Pel Ap) realizará uma marcha para o combate a pé, coberta, a partir de D/0800, pelo E Prog MARTELO, em coluna de marcha, até a L Ct FALCÃO. A partir dessa linha, prosseguirá o movimento em coluna tática até a L Ct GAVIÃO.

A.1.2.2 A partir da L Ct GAVIÃO, ultrapassando Elm 12º RC Mec, passará a realizar uma marcha para o combate descoberta, em marcha de aproximação, constituindo o Esc Rec da vanguarda, com o 1º GC como ponta, para conquistar a R Altu P Cot 608.

A.1.2.3 Nessa região ficará ECD prosseguir para SW ou de manter para apoiar uma ultrapassagem. Tudo com a finalidade de permitir à 1ª Cia Fuz a conquista da R Altu P Cot 608 e P Cot 602.

A.1.3 SITUAÇÃO DE CONDUTA

A.1.3.1 Ao entrar no compartimento ao sul do P Cot 515, em D/1600, o 1º GC (ponta) informou ao Cmt 1º Pel Fuz que recebeu fogos de uma resistência inimiga na região de alturas de P Cot 515 e que manobriria para neutralizá-la.

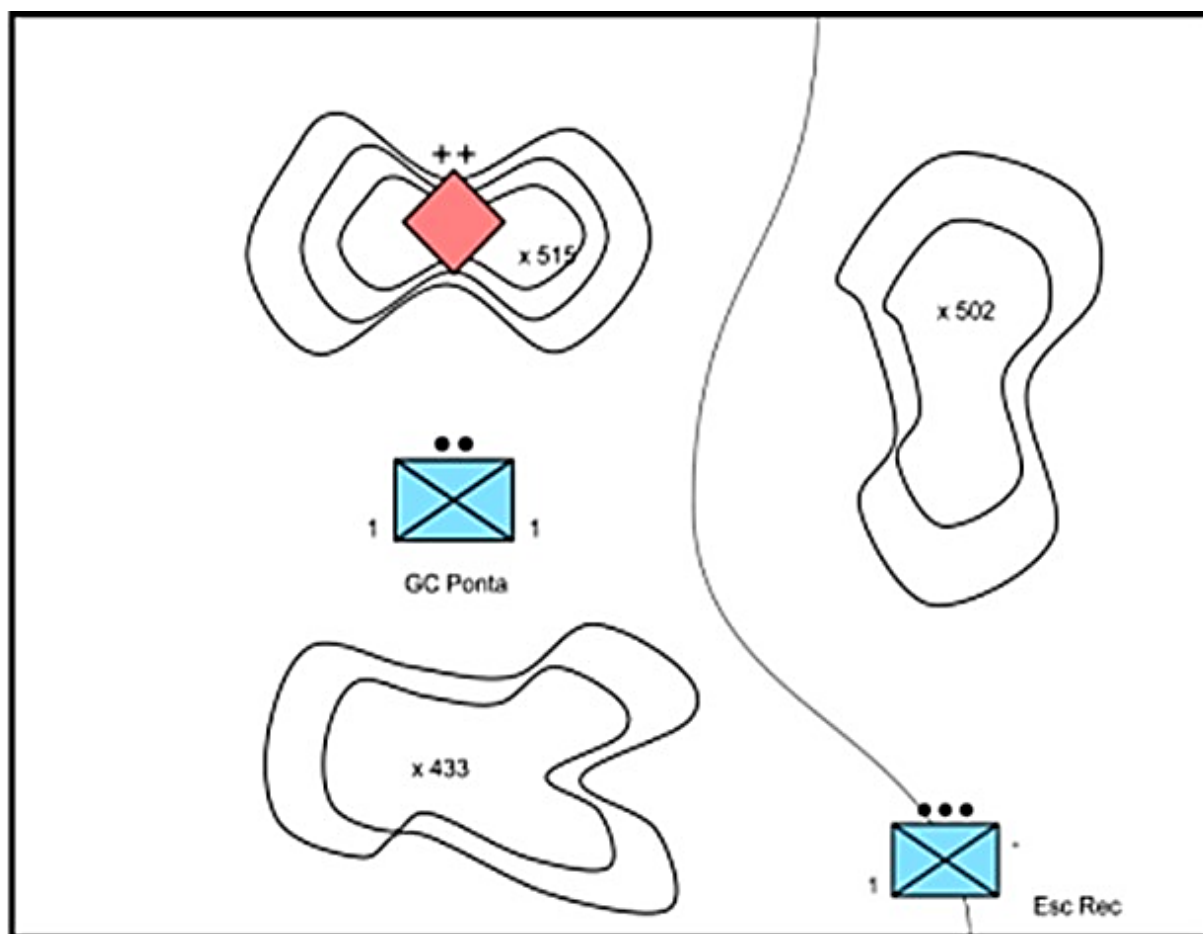


Fig A-1 - Esquema de Conduta na Marcha para o Combate.

A.1.3.2 O Cmt 1º Pel Fuz, de imediato, ocupou um posto de observação na região de alturas de P Cot 433 para realizar seu trabalho de comando.

A.1.3.3 O 1º GC, após tentar manobrar, ficou detido e verificou que a resistência inimiga tinha o valor de um GC Ref com arma automática.

A.1.3.4 O Cmt 1º Pel Fuz, então, após analisar os fatores da decisão, elaborou uma linha de ação, emitiu uma breve ordem verbal, via rádio, aos seus subordinados e informou a sua manobra ao Cmt 1ª Cia Fuz.

A.1.4 DECISÃO DE CONDUCTA

A.1.4.1 O 1º Pel Fuz realizará um ataque de flanco, em D/1630, na direção P Cot 433 - P Cot 515, com o 1º GC a leste, para fixar o inimigo pelo fogo, e com o 2º e 3º GC a W, para conquistar a região de alturas de P Cot 515.

A.1.4.2 Na posição de assalto, o pelotão entrará em linha, com o 2º GC ao sul e o 3º GC ao Norte.

A.1.4.3 As peças de metralhadora e a peça de CSR 84 mm, para apoiar o ataque, serão posicionadas na crista topográfica da região de alturas de P Cot 502.

A.1.4.4 A Pç Mrt L será posicionada na encosta leste do P Cot 502, próximo às metralhadoras, realizando fogos na região de P Cot 515. A prioridade de fogos é do 2º GC.

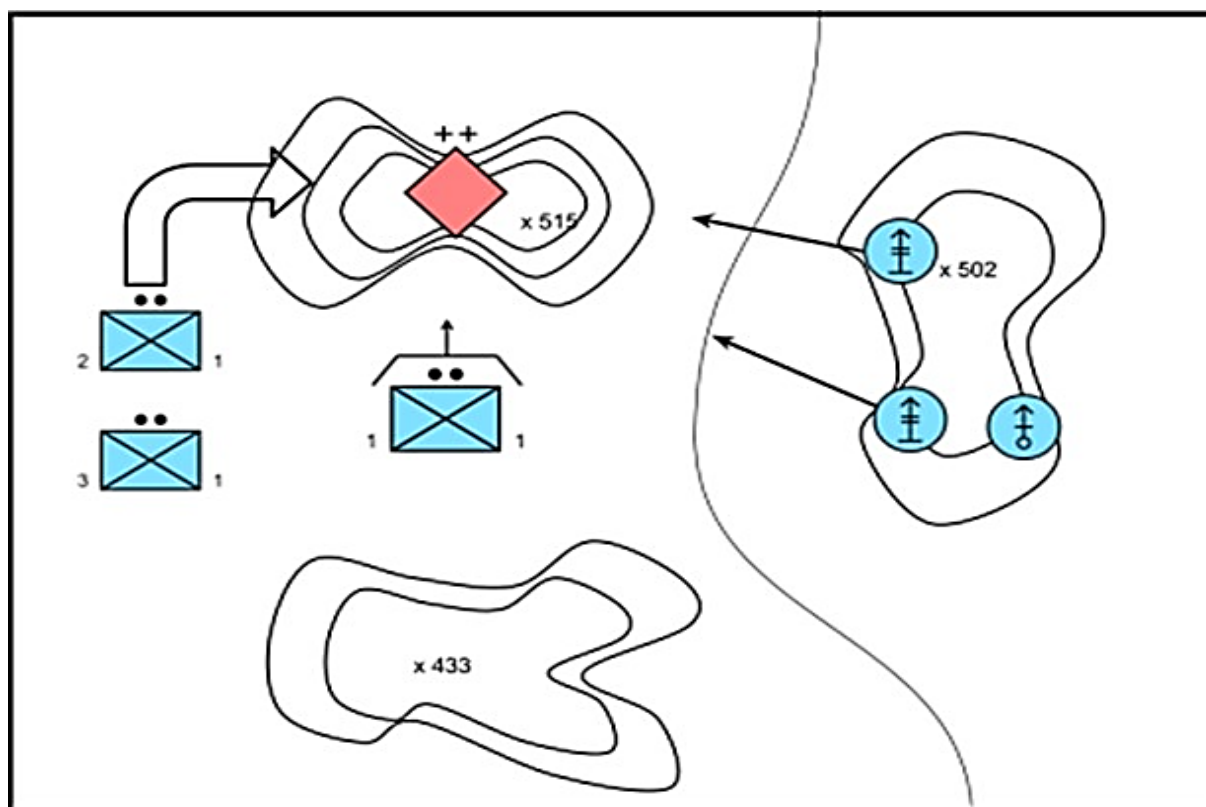


Fig A-2 - Manobra do Escalão de Reconhecimento.

A.2 ATAQUE COORDENADO

A.2.1 SITUAÇÃO

A.2.1.1 No curso de operações ofensivas, o 84º BI Mtz recebeu a missão de realizar um ataque coordenado, em D/0700, como ataque principal da 8ª Bda Inf Mtz.

A.2.1.2 O batalhão atacará com duas companhias em primeiro escalão: a 2ª Cia Fuz, como seu ataque principal, e a 1ª Cia Fuz, como ataque secundário.

A.2.1.3 A missão da 1ª Companhia de Fuzileiros é conquistar e manter a região de alturas de P Cot 430. Após a conquista do seu objetivo, a companhia apoiará a ultrapassagem da 3ª Cia Fuz.

A.2.1.4 O 1º Pel Fuz atuará enquadrado pela 1ª Companhia de Fuzileiros, compondo seu escalão de ataque por oeste, para conquistar sucessivamente o P Cot 415 e o P Cot 430.

A.2.1.5 O inimigo, na frente do batalhão, está disposto em larga frente com o valor de um Pel Fuz, o que representa uma vulnerabilidade do seu dispositivo defensivo.

A.2.1.6 Na frente de ataque do 1º Pel Fuz, o inimigo tem o valor de um GC Ref por uma metralhadora leve, ocupando as alturas de P Cot 415.

A.2.1.7 O Rio VERMELHO não constitui obstáculo para tropas a pé e carros de combate, possuindo uma profundidade de 1 m, exceto na frente do 84º BI Mtz, onde impede o movimento dos CC, em razão de suas margens taludadas e vegetação ciliar.

A.2.1.8 O 1º Pel Fuz está completo em sua dotação de material. O 3º GC possui um soldado doente, sob cuidados médicos, no posto de socorro do batalhão.

A.2.2 DECISÃO DO COMANDANTE DO 1º PELOTÃO DE FUZILEIROS

A.2.2.1 Com a finalidade de permitir à 1ª Cia Fuz a conquista da região P Cot 430, o 1º Pel Fuz (+1ª Pç/Seç AC/Pel AP), ultrapassando Elm 83º BI Mtz, realizará um ataque frontal, em D/0700, na Dire P Cot 426 – P Cot 430, utilizando a formação em cunha invertida, com o 1º GC a W, o 2º GC a E e o 3º GC à retaguarda, para conquistar, sucessivamente, o P Cot 415 e o P Cot 430.

A.2.2.2 As peças de metralhadora ocuparão posições de tiro na região P Cot 426, para apoiar a progressão do pelotão. A Pç Mrt L ocupará posição na encosta S do P Cot 426, próximo às metralhadoras. Prioridade de fogos para o 1º GC.

A.2.2.3 Após a conquista do P Cot 430, o pelotão adotará a formação em cunha, com o 3º GC à frente, o 1º GC a W e o 2º GC a E. As peças de metralhadora ocuparão posições de tiro na região P Cot 415, para apoiar a progressão do pelotão. A Pç Mrt L ocupará posição na encosta S do P Cot 415, próximo às metralhadoras. Prioridade de fogos para o 3º GC.

A.2.2.4 Manterá a região P Cot 430 e apoiará a ultrapassagem de Elm 3ª Cia Fuz.

A.2.3 SITUAÇÃO DE CONDUTA

A.2.3.1 Em D/0745, após transpor a LP, o 1º GC se deparou com um campo de minas, batido por fogos ajustados de metralhadora, que impedia o prosseguimento de seu ataque. Além disso, perdeu quatro soldados, atingidos por tiros de metralhadora.

A.2.3.2 O 2º GC continuou seu ataque, apesar de ter perdido a impulsão do ataque, e seguia sem baixas até o momento.

A.2.3.3 O 3º GC estava posicionado à retaguarda do 1º GC sem, no entanto, sofrer fogos de metralhadora.

A.2.3.4 O 2º Pel Fuz seguia avançando em direção ao P Cot 389, e seu Cmt estimou a conquista do objetivo em 30 minutos.

A.2.3.5 Após analisar os fatores da decisão, o Cmt 1º Pel Fuz elaborou uma linha de ação de conduta, emitiu uma breve ordem verbal, via rádio, aos subordinados, e informou a manobra ao Cmt 1ª Cia Fuz.

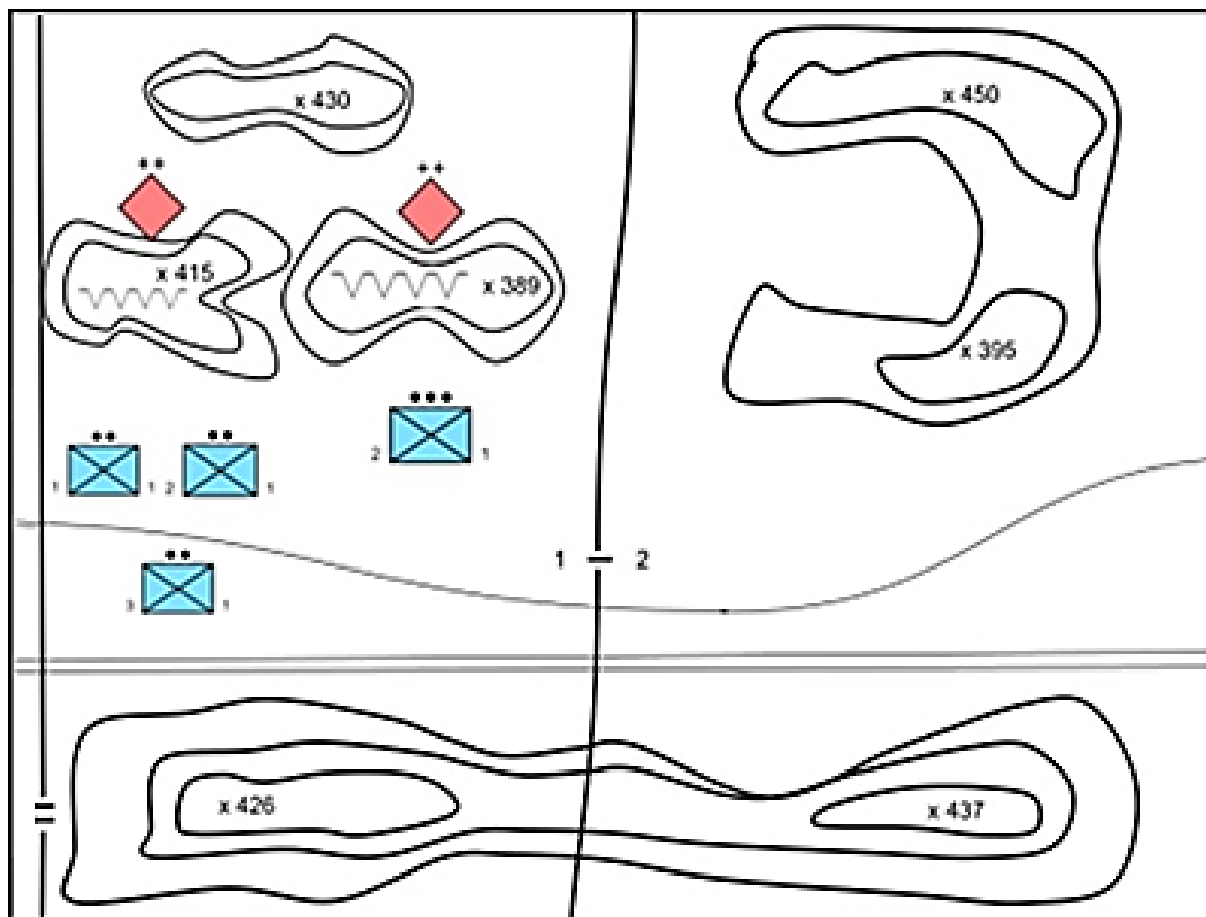


Fig A-3 - Esquema de Manobra no Ataque Coordenado.

A.2.4 DECISÃO DE CONDUTA

A.2.4.1 O 1º Pel Fuz seguirá seu ataque na Dire P Cot 426 – P Cot 430, com o 2º e 3º GC a W, por grupos sucessivos, como esforço principal, para conquistar o P Cot 415.

A.2.4.2 O 1º GC permanecerá na sua posição, realizando base de fogos para fixar o inimigo.

A.2.4.3 Prioridade de fogos para o 2º GC.

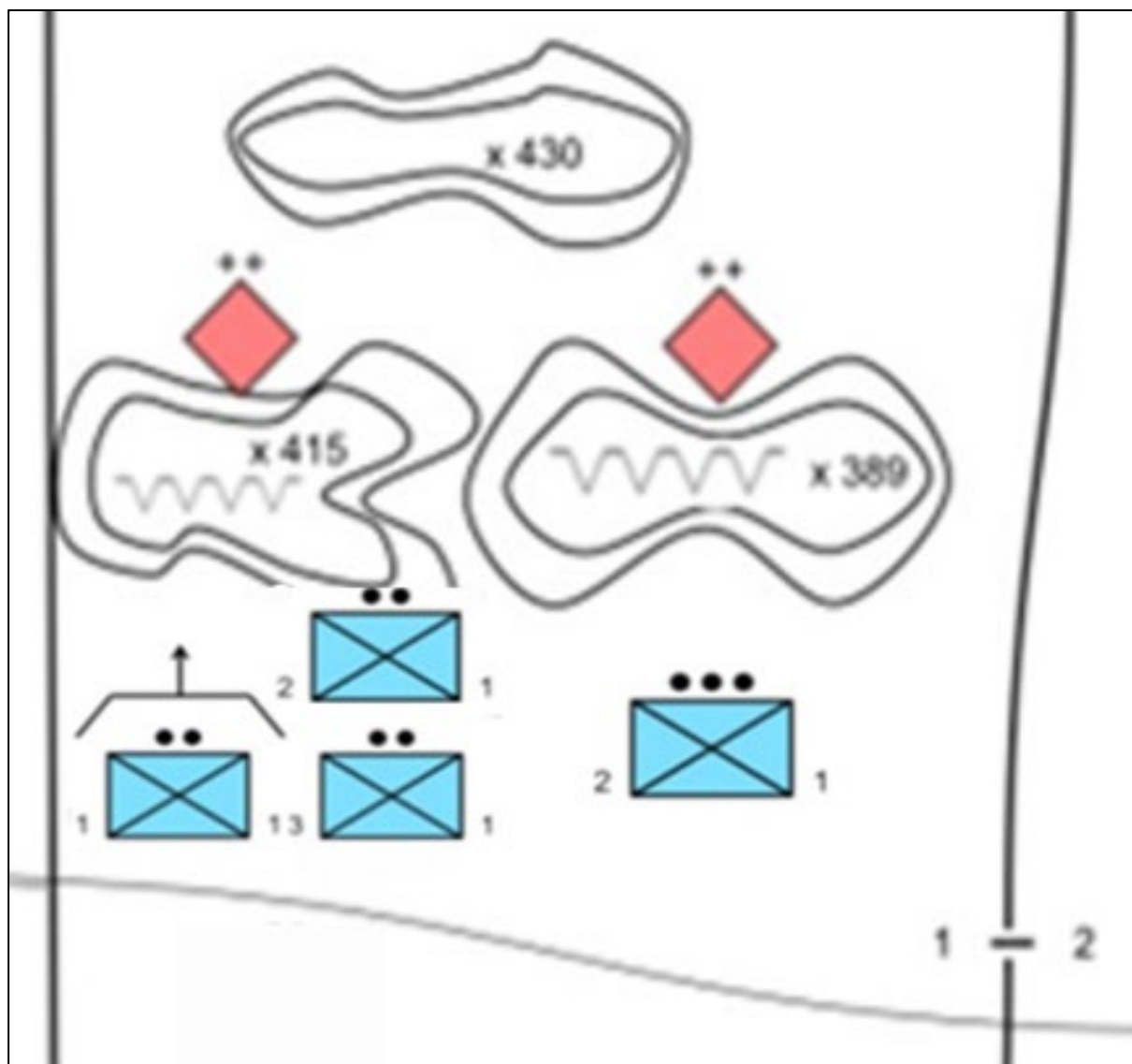


Fig A-4 – Esquema de Manobra da Linha de Ação de Conduta.

A.3 DEFESA

A.3.1 SITUAÇÃO

A.3.1.1 No curso de operações defensivas, o 84º BI Mtz recebeu a missão de realizar uma defesa em posição no corte do Rio APANÁGIO, em parte da zona de ação da 8ª Bda Inf Mtz.

A.3.1.2 O batalhão empregou a 1ª e a 2ª Cia Fuz na ADA, mantendo a 3ª Cia Fuz como sua reserva.

A.3.1.3 A missão da 1ª Companhia de Fuzileiros é defender a região compreendida entre o Córrego DO DOMINGUES, inclusive, e o Córrego DO MATUTO, exclusiva. Além disso, deve acolher os elementos da 21ª Bda C Mec (F Cob) e da 3ª Cia Fuz (PAC), que retraírem em sua zona de ação.

A.3.1.4 Para isso, as frações da 1ª Cia Fuz tomaram as seguintes providências:

- a) o 1º Pel Fuz, enquadrado pela 1ª Companhia de Fuzileiros, preparou e ocupou um núcleo de defesa na região do P Cot 344;
- b) o 2º Pel Fuz encontra-se a oeste da posição do 1º Pel Fuz, na região do P Cot 350; e
- c) 3º Pel Fuz aprofunda a defesa da companhia nas alturas de P Cot 363.

A.3.1.5 O inimigo cerra os meios ao norte e se prepara para uma ação ofensiva.

A.3.1.6 Foram lançadas patrulhas de reconhecimento inimigas na zona de ação da 1ª Cia Fuz, as quais foram identificadas pelos postos de vigia da subunidade.

A.3.1.7 O Rio APANÁGIO apresenta uma profundidade de 0,90 m. Sua vegetação ciliar é permeável a tropas de infantaria, mas constitui obstáculo a carros de combate.

A.3.1.8 O 1º Pel Fuz está completo em pessoal e material.

A.3.2 DECISÃO DO COMANDANTE DO 1º PELOTÃO DE FUZILEIROS

A.3.2.1 O 1º Pel Fuz defenderá, no corte do Rio APANÁGIO, a frente compreendida entre o Córrego DO DOMINGUES e o Córrego DO BREJO, empregando o 1º GC a leste, o 2º GC ao centro e o 3º GC a oeste.

A.3.2.2 Acolherá os Elm 21ª Bda C Mec e da 3ª Cia Fuz que retraírem em sua frente de defesa. Tudo com a finalidade de impedir, em sua frente de defesa, o acesso do inimigo à região de alturas de P Cot 363.

A.3.2.3 Os grupos de combate prepararão posições suplementares, conforme o que se segue: o 1º GC no flanco leste, o 2º GC à retaguarda e o 3º GC no flanco oeste.

A.3.2.4 As peças de metralhadora serão posicionadas nos intervalos dos grupos de combate. A Pç Mrt L ocupará posição na encosta sul de P Cot 344. A prioridade de fogos é do 3º GC.

A.3.3 SITUAÇÃO DE CONDUTA

A.3.3.1 Em D/0600, após o acolhimento da F Cob e dos PAC, o inimigo desencadeou o seu ataque à posição da 1ª Cia Fuz com o valor de um batalhão de Infantaria.

A.3.3.2 Em D/0800, o núcleo de defesa do 2º Pel Fuz submergiu. O 3º Pel Fuz está realizando fogos no núcleo submergido, a fim de limitar a penetração inimiga.

A.3.3.3 A tropa inimiga, na frente de defesa do 1º Pel Fuz, encontra-se detida. Entretanto, em face da penetração inimiga no núcleo vizinho, o flanco oeste do pelotão está vulnerável.

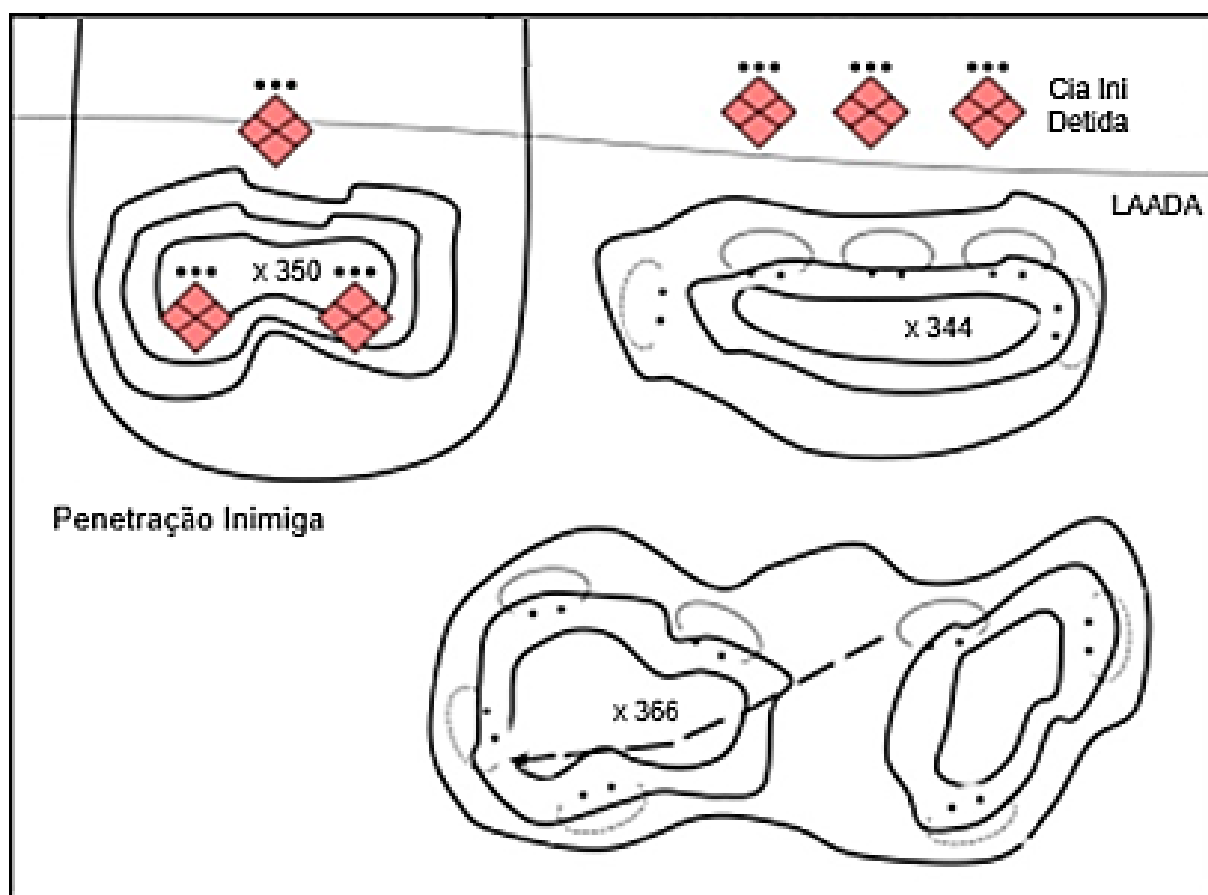


Fig A-5 - Situação de conduta na defesa.

A.3.4 DECISÃO DE CONDUTA

A.3.3.4 O 1º Pel Fuz empregará, desde já, o 3º GC no flanco oeste, em posição suplementar, para limitar a penetração inimiga na região do P Cot 350.

A.3.3.5 O 2º GC assumirá a frente de defesa dos núcleos de centro e de oeste.

A.3.3.6 As armas do grupo de apoio permanecerão em suas atuais posições.

A.3.3.7 Prioridade de fogos para o 2º GC.

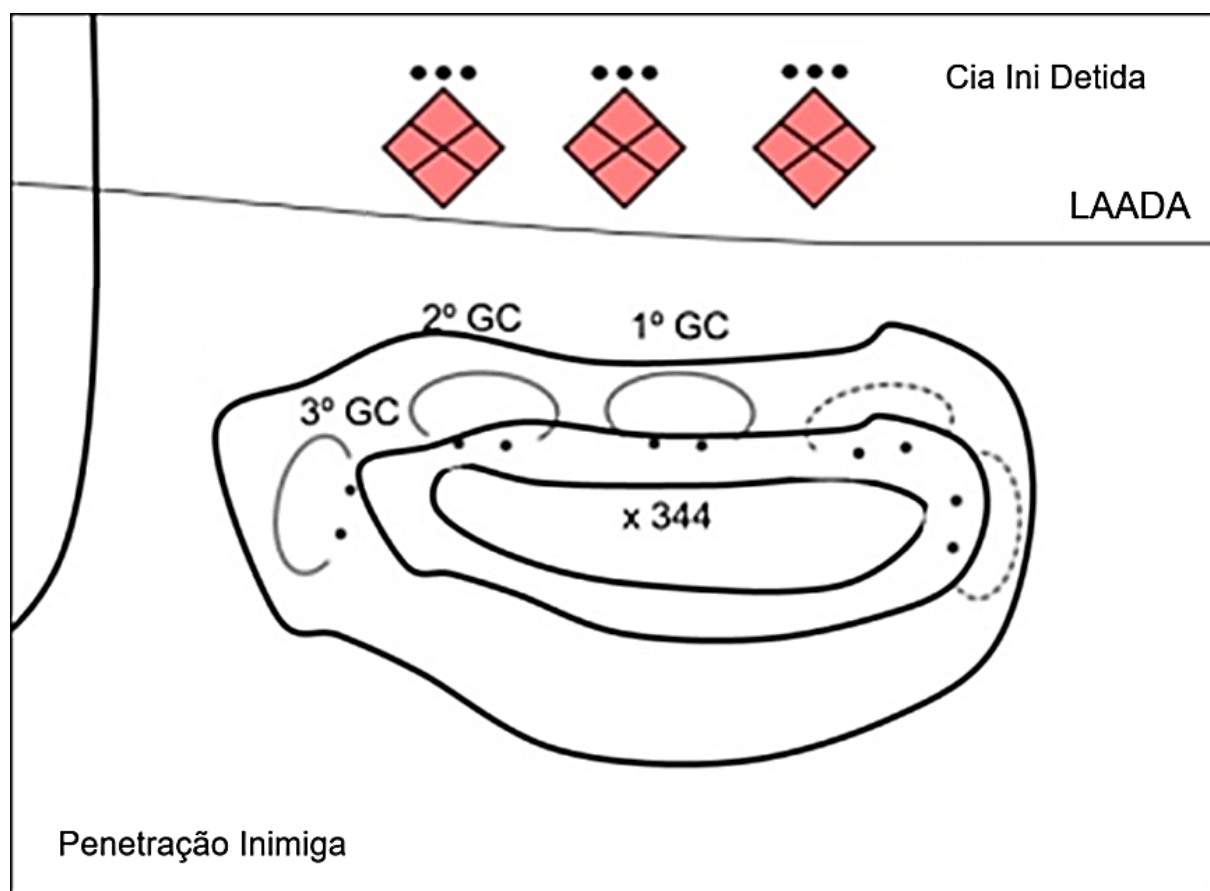


Fig A-6 - Decisão de conduta na defesa.

ANEXO B**ORDEM DE OPERAÇÕES****B.1 GENERALIDADES**

B.1.1 A ordem de operações do Cmt Pel Fuz é emitida verbalmente para o adjunto, os comandantes dos grupos subordinados para os elementos recebidos em reforço.

B.1.2 A expedição da ordem deve ser realizada, sempre que possível, à luz do terreno, em um posto de observação, a fim de que as posições inimigas sejam avistadas e os acidentes do terreno possam ser identificados como medidas de coordenação e controle.

B.1.3 O modelo descrito a seguir tem como objetivo orientar o Cmt Pel para que não se esqueça de abordar todos os detalhes importantes para o cumprimento da missão.

B.1.4 A essência nesse escalão não é a forma, mas sim o conteúdo da ordem. Em situações de premência de tempo, o modelo a seguir apresentado pode ser simplificado.

B.2 MEMENTO DE ORDEM DE OPERAÇÕES

(cabeçalho)

1. SITUAÇÃO**a. Forças Inimigas**

- Localização e o valor das tropas inimigas no terreno.
- Localização de suas armas de apoio.
- Atividades inimigas importantes e recentes (patrulhamento, realização de fogos, lançamento de obstáculos, preparação de posições etc).
- Ações da força aérea inimiga.
- Possibilidades do inimigo: atacar, defender, retardar, retrain, reforçar, atuar.

b. Forças Amigas

- Missão sucinta da companhia.
- Atuação dos elementos vizinhos.
- Existência de tropa amiga interposta e forças de segurança.
- Disponibilidade de apoio de fogo do escalão superior.
- Possibilidades da força aérea amigas.
- Intenção do comandante da companhia.
- Meios Recebidos e Retirados
- Citar os elementos recebidos em reforço.
- Citar os elementos retirados do pelotão.

2. MISSÃO

Descrever a missão do pelotão, abordando: todas as ações táticas a realizar (QUE); a hora do início da operação (QUANDO); as condições de espaço (ONDE), definindo a direção geral, os objetivos impostos ou a frente de atuação, conforme o caso; e a finalidade (PARA QUE), cuja referência é a missão da companhia.

A seguir, é apresentada uma missão como exemplo:

Atacar, em D/1030, na direção Cota DA ÁRVORE - P Cot 455, para conquistar e manter a região de P Cot 455. Tudo com a finalidade de permitir à 1ª Cia Fuz a conquista da região de alturas de P Cot 455 e Cota DA TORRE.

Intenção do Cmt Pel - Deve traduzir a situação final desejada para a missão, expressando diretrizes em complemento à missão, a fim de facilitar a iniciativa de seus subordinados.

3. EXECUÇÃO

a. Conceito da Operação

Manobra - Descrever a manobra do pelotão, abordando:

A identificação da fração e os reforços recebidos (QUEM); as ações táticas a realizar (QUE); as condições de espaço (ONDE), citando a direção geral, os objetivos impostos ou a frente de atuação, conforme o caso; e o emprego das peças de manobra (COMO), definindo qual delas realiza a ação principal e a forma de manobra utilizada.

A seguir, é apresentada uma manobra como exemplo:

O 1º Pel Fuz (+1ª/Seç AC/Pel Ap) realizará um ataque de flanco, na direção Morro ALTO - P Cot 330, com o 2º GC ao norte, para fixar o inimigo pelo fogo, e com o 1º GC ao sul, no ataque principal, para conquistar e manter a região de P Cot 330 (O1).

b. Fogos

- 1) Definir a prioridade de fogos do pelotão.
- 2) Citar o período dos fogos de preparação, se for o caso.
 - 1º GC (elemento em primeiro escalão).
 - Descrever as ordens específicas para a fração.
 - Citar o recebimento de armas em reforço.
 - 2º GC (elemento em primeiro escalão) .

Considerações idênticas às da letra anterior.

c. Apoio de Fogo

1) Grupo de Apoio

- 1ª Pç Mtr Me: definir a forma de emprego (Ac Cj - Ap Dto - Ref).
- 2ª Pç Mtr Me: consideração idêntica da letra anterior.
- Pç Mrt L: consideração idêntica da letra anterior.
- Elemento de Apoio de Fogo em Reforço (Exemplo: Pç CSR 84).
- Definir a forma de emprego (Ac Cj - Ap Dto - Ref).

d. Prescrições Diversas

- Citar as ordens comuns a todos os elementos.
- Detalhar o cumprimento da missão, conforme o tipo de operação:

- Ordem de movimento;
 - Rodízio das peças de manobra;
 - Formações táticas a serem adotadas;
 - Técnica de progressão;
 - Técnica de assalto;
 - Medidas de coordenação e controle;
 - Medidas de segurança;
 - Medidas de consolidação e reorganização;
 - Medidas de coordenação de fogos (abertura e suspensão);
 - Posições/setores/direções de tiro das armas de apoio;
 - Mudanças de posição das armas de apoio;
 - Setores de tiro dos GC;
 - Linhas de acionamento das armas;
 - Prazos para a preparação de posições;
 - Prioridade dos trabalhos de OT;
 - Construção de obstáculos;
 - Preparação de posições suplementares; e
 - Elaboração de roteiros, etc.
 - Detalhar as condições de execução das operações complementares (acolhimento, ultrapassagem, substituição e junção).
- f. EEI (conforme a ordem de operações da companhia).

4. LOGÍSTICA

a. Generalidades

- Localização da ATSU.
- Composição da ATSU (instalações logísticas).

b. Suprimento

1) Classe I

- Processo de distribuição do suprimento.
- Plano de alimentação.
- Local de consumo das refeições (local de rancho da SU ou na posição).
- Método de apanha das refeições (por rodízio ou por faxina).

2) Classe III

- Processo de distribuição do suprimento.
- Regime de tanque no reabastecimento (pleno ou menor).
- Nível mínimo de tanque (3/4, 1/2 ou 1/4).

3) Classe V

- Processo de distribuição do suprimento.
- Restrição de munição.

- Composição da turma de remuniciamento do pelotão.

4) Classe X (água)

- Processo de distribuição do suprimento.
- Método de reabastecimento (cantis ou camburões).
- Consumo d'água de fontes locais.

c. Transporte

- Plano de embarque do pelotão.
- Local de estacionamento das viaturas (ATSU ou ATC).

d. Manutenção

- Evacuação de material danificado ou em pane.
- Material salvado ou capturado (procedimentos).

e. Saúde

- Evacuação de feridos e doentes.
- Localização do posto de socorro do batalhão (ATC).

f. Pessoal

1) Controle de efetivo

- Situação de pessoal do pelotão (hora da informação para a SU).
- Controle de elementos baixados.

g. Recompletamento

- Hora e local de recebimento dos repletamentos.
- Redistribuição de pessoal no pelotão.

h. Sepultamento

- Identificação, registro e espólio (procedimentos).
- Evacuação de mortos.

i. Prisioneiros de Guerra

- Revista e imobilização (procedimentos).
- Evacuação de PG.

5. COMANDO E COMUNICAÇÕES

a. Comunicações

1) Índice das IECOM ELT.

2) Sistema Rádio

- Diagrama da rede do pelotão.
- Prescrições rádio.

b. Sistema Físico

- Diagrama de circuitos do pelotão.
- Recursos locais de telefonia.

c. Sistema Mensageiro

- Designação de mensageiros especiais.

d. Meios Acústicos e Visuais

- Emprego de artifícios pirotécnicos, fumígenos e sinais luminosos.
- Emprego de bandeiras e painéis.
- Emprego de meios acústicos (apito, sirene, etc).

e. Posto de Comando

- Localização do PC da subunidade.
- Localização do PC/PO do pelotão.

f. Outras prescrições

- Senha e contrassenha.
- Sinal de reconhecimento.

ANEXO C

DOCUMENTOS DO PELOTÃO

C.1 ROTEIRO DO PELOTÃO

1. MISSÃO Defender, no corte do Rio APANÁGIO (3019), a frente compreendida entre o Córrego do DOMINGUES (3118) E O Córrego DO BREJO (3018). Acolher Elm 21ª Bda C Mec (F Cob) e a 3ª Cia Fuz (PAC) que retraírem em sua frente de defesa. Tudo com a finalidade de impedir, em sua frente de defesa, o acesso do inimigo à região de Alt P Cot 363 (3018).																							
2. COMPOSIÇÃO	1º GC 2º GC 3º GC Grupo de Apoio - 1ª Pç Mtr Me - 2ª Pç Mtr Me - Pç Mrt L																						
3. CROQUIS		Setor de Tiro <table><tr><th>Esquerdo</th><th>Direito</th></tr><tr><td>Cratera</td><td>Árvore frondosa</td></tr><tr><td>Entroncamento</td><td>Bambual</td></tr><tr><td>Árvore seca</td><td>Cratera</td></tr><tr><td>Pinheiro</td><td>Bambual</td></tr><tr><td>Entroncamento</td><td>Casa</td></tr><tr><td>DGT</td><td>Az 0º (N)</td></tr></table>	Esquerdo	Direito	Cratera	Árvore frondosa	Entroncamento	Bambual	Árvore seca	Cratera	Pinheiro	Bambual	Entroncamento	Casa	DGT	Az 0º (N)	Elm <table><tr><td>1º GC</td></tr><tr><td>2º GC</td></tr><tr><td>3º GC</td></tr><tr><td>1ª Pç Mtr Me</td></tr><tr><td>2ª Pç Mtr Me</td></tr><tr><td>Pç Mrt L</td></tr></table>	1º GC	2º GC	3º GC	1ª Pç Mtr Me	2ª Pç Mtr Me	Pç Mrt L
Esquerdo	Direito																						
Cratera	Árvore frondosa																						
Entroncamento	Bambual																						
Árvore seca	Cratera																						
Pinheiro	Bambual																						
Entroncamento	Casa																						
DGT	Az 0º (N)																						
1º GC																							
2º GC																							
3º GC																							
1ª Pç Mtr Me																							
2ª Pç Mtr Me																							
Pç Mrt L																							

7. COMUNICAÇÕES a. <u>Comunicações</u> 1) Índice da IECom EIt: 1-1 2) Rádio a) Frequência Pcp: 42.50 Altr: 50.45 b) Indicativos: Rede (Animal); Cmt Pel (Águia); Adj (Urso); 1ºGC (Cobra); 2ºGC (Gavião); 3ºGC (Gato); Gp Ap (Cão) c) Prescrições Rádio: (1) Silêncio: antes do contato com o inimigo. (2) Restrito: ações dos PAC e acolhimento. (3) Livre: durante o ataque do inimigo. 3) Meios Físicos Ramais: 1ºGC-2ºGC-3ºGC-Gp Ap-PV/PE. 4) Sinais Convencionados a) Silvos longos de apito: ataque inimigo. b) Fumígeno ou pirotécnico vermelho: fogos de proteção final. c) Fumígeno ou pirotécnico azul: suspensão dos fogos. b. <u>Postos de Comando</u> - P Cot 344 c. <u>Outras Prescrições</u>							
Dia	Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab
Senha	lata	copo	tanque	boné	pata	pico	lixo
Contrassenha	fogo	preá	paca	tubo	disco	flora	cama
Sinal Rec	5+	1-	3-	9+	7+	3-	5-

C.2 ROTEIRO DO GC

1. MISSÃO					
2. COMPOSIÇÃO					
3. CROQUIS			Elemento	Setor de Tiro	
				Esquerdo	Direito
				Cmt 1ª Esq	
				E1	
				E2	
				A1	
				Cmt 2ª Esq	
				E3	
E4					
A2					
4. MEDIDAS DE SEGURANÇA (Início: )			Local	Efetivo	Escala
5. PRIORIDADE DOS TRABALHOS DE OT					
6. LOGÍSTICA					
a. <u>Suprimento</u>					
1) Classe I					
2) Classe III					
3) Classe V					
4) Classe X (água)					
b. <u>Transporte</u>					
c. <u>Manutenção</u>					
d. <u>Pessoal</u>					
e. <u>Saúde</u>					

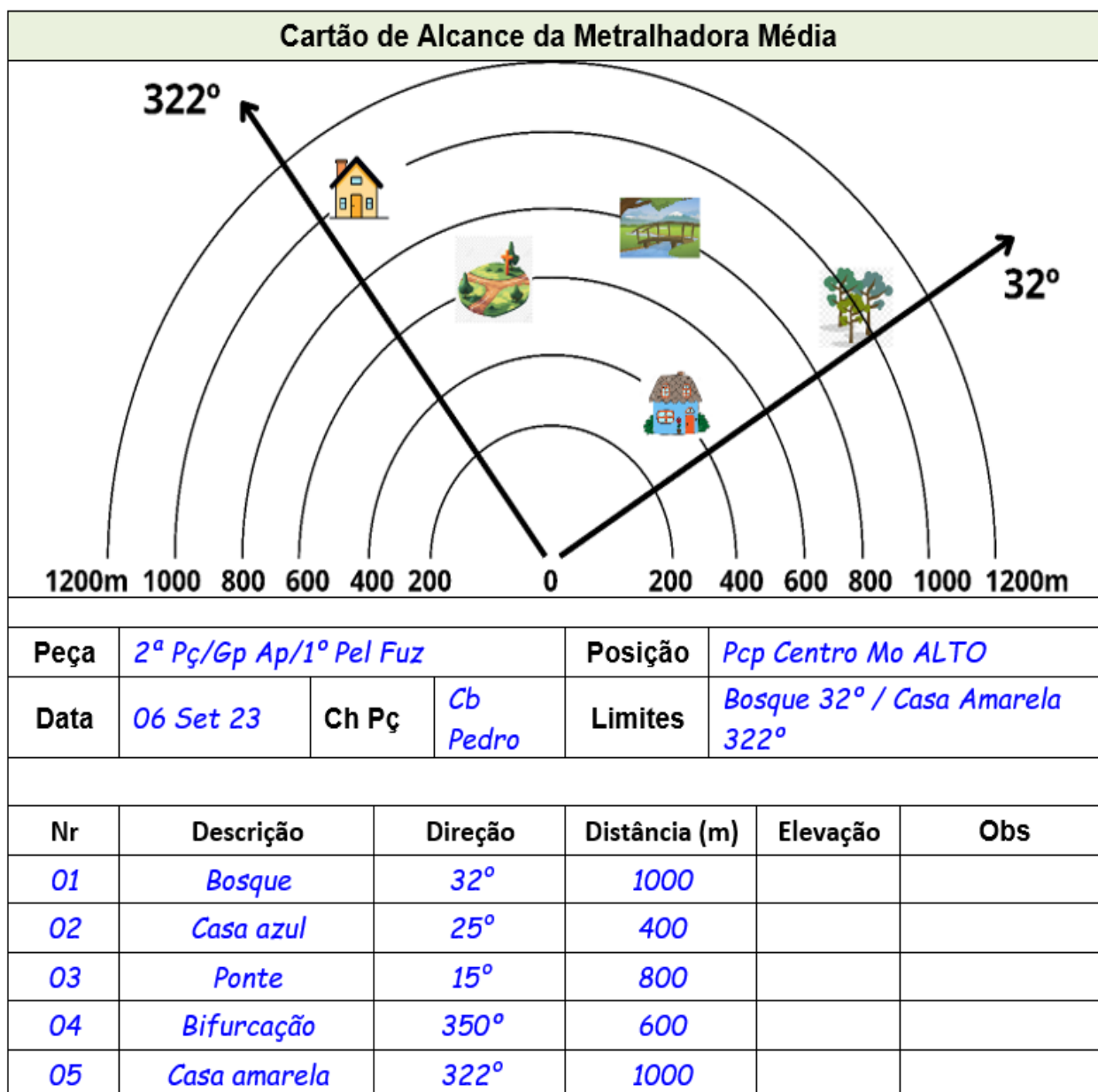
C.3 FICHA DE CONTROLE DE TRÂNSITO

<u>FICHA DE CONTROLE DE TRÂNSITO (PBCE)</u>					
Fração/SU: 1º / 3º Cia Fuz					
Unidade: 84º BI Mtz					
Localização: Ponte da R dv 135 sobre o Rio Salgado (4536).					
Período: 230930Mar05 a 260600Mar05.					
GDH	Nome Completo	Identidade / Órgão	Origem	Destino	Observação
231000Mar05	Cosme de Araújo Dantas	137656744-5 / IFP	Taquaral	Bela Vista	Mot Corsa LKU 3452
231000Mar05	José Carvalho Pinto	213422785-2 / IFP	Taquaral	Bela Vista	Psg Corsa LKU 3452
231000Mar05	Marco Antônio de Oliveira	132988746-1 / IFP	Bela Vista	Taquaral	Bicicleta
231000Mar05	Margarida Conceição Silva	122753843-3 / IFP	Bela Vista	Taquaral	A pé
0					

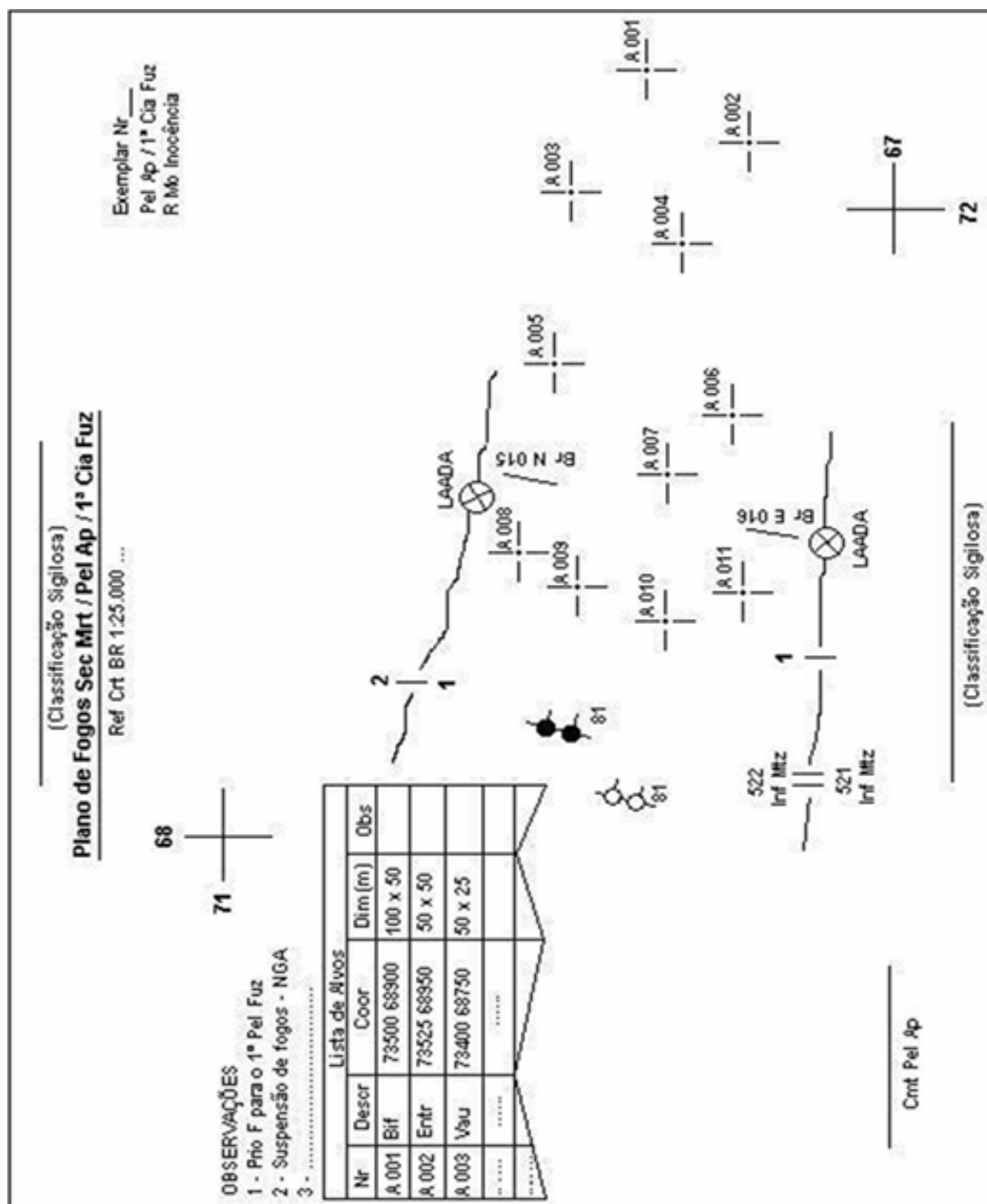
REGISTRAR DADOS DO VEICULARES NO VERSO

DADOS VEICULARES							
GDH	Motorista (nome completo)	CNH	Marca	Ano	Cor	Placa	Observação
231000Mar05	Cosme de Araújo Dantas	6548765495/RJ	Corsa	1998	Azul	LKU 3452	JF Engenharia LTDA

C.4 MODELO DE CARTÃO DE ALCANCE DE ARMAMENTO DE TIRO TENSO



C.5 MODELO DE LISTA E CALCO DE ALVOS DO MORTEIRO



ANEXO D

DADOS MÉDIOS DE PLANEJAMENTO

D.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

- Os Dados Médios de Planejamento (DAMEPLAN) referem-se a um conjunto de parâmetros e informações padronizadas utilizadas para orientar o planejamento de operações militares. Os dados listados a seguir deverão sofrer a adequação conforme o tipo de tropa (Mtz, L, Mec, Bld etc), o ambiente e a situação topotática.

D.2 OFENSIVA

D.2.1 FRENTES DO PELOTÃO DE FUZILEIROS NO ATAQUE

Ataque	Frentes
Diurno	150 a 300 m
À localidade	1 a 2 quarteirões (175 m)

D.2.2 TEMPO DE PARADA EM OBJETIVO CONQUISTADO

Objetivo	Tempo
Marcado pelo Btl para a Cia	1 hora

D.2.3 PRAZOS DE PLANEJAMENTO PARA O PELOTÃO DE FUZILEIROS

Ataque	Tipos de Resistência Inimiga		
	P Fort	P Org	P Sum Org
Diurno	Variável	1 hora 20 min de luz	
Noturno		2 horas 40 min, sendo 1 hora 40 min de luz	

D.2.4 VELOCIDADES DE PROGRESSÃO EM COMBATE

D.2.4.1 Ataque Diurno

Tipos de deslocamentos	Velocidades
Tropa a pé	100 m / 10 min ou 0,6 km/h
Tr a pé com apoio de CC	100 m / 5 min ou 1,2 km/h
Tr embarcada em VBTP	100 m / 1,2 min ou 5 km/h

D.2.4.2 Ataque Noturno

Tipos de deslocamentos	Velocidades
Iluminado ou com OVN	Idêntica ao diurno
Não iluminado (Tr a pé)	100 m / 12 min

D.2.4.3 Velocidades de deslocamento a pé (distância até 32 km)

Tipos de deslocamentos	Períodos	Velocidades
Em estrada	Diurna	4,0 km/h
	Noturna	3,0 km/h
Através campo	Diurna	2,5 km/h
	Noturna	1,5 km/h

D.3 DEFENSIVA**D.3.1 APOIO MÚTUO E DISPERSÃO**

Apoio Mútuo e Dispersão			Distância
Apoio mútuo entre 2 Pel Fuz em Nu Def			400 m (máximo)
Afastamento mínimo entre 2 Núcleos de Pel Fuz			200m
Afastamento entre 2 tocas	Duplas	Terreno limpo	20 m
		Terreno sujo	10 m
	Simples	Terreno limpo	10 m
		Terreno sujo	5 m

D.3.2 FRENTE E PROFUNDIDADE DO PEL FUZ NA DEFESA DE ÁREA

Núcleo de Defesa do Pel Fuz		
Frente ocupada	Profundidade	Frente defendida
400 m	300 m	700 m

D.3.3 FRENTE E PROFUNDIDADE DO PEL FUZ NA DEFESA EM LOCALIDADE

Frente defendida	Profundidade
1 a 2 quarteirões (largura de 175 m cada)	1 quarteirão

D.3.4 FRENTES DO PEL FUZ COM OUTROS GRAUS DE RESISTÊNCIA

Graus de Resistência do Pel Fuz		Obs
Frente de retardamento	Frente de vigilância	
Até 1.600 m (2 VA valor Cia Fuz)	Até 2.400 m (3 VA valor Cia Fuz)	Considerando a VA de 800 m para a Cia Fuz

D.3.5 PRAZOS PARA ORGANIZAÇÃO DA POSIÇÃO DEFENSIVA

Tipo de Posição	Tempo de organização
Posição Fortificada	15 ou mais jornadas de trabalho
Posição Organizada	Igual ou maior que 5 e menor do que 15 jornadas de trabalho
Posição Sumariamente Organizada	Igual ou maior que 1 e menor do que 5 jornadas de trabalho
Resistência Descontínua	Mais de 6 horas e menos de 1 jornada de trabalho

D.4 APOIO DE FOGO**D.4.1 ALCANCE DO ARMAMENTO COLETIVO**

Armamento		Alcance
Metralhadora MAG	Bipé	800 m
	Reparo	1.800 m
Morteiro Leve 60 mm	Brandt	1.000 m
	Hotchkiss	2.000 m
Lança-rojão anticarro AT-4		300 m
Lançador de granadas 40 mm		400 m

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Brasília, DF, 18 de novembro de 2025

<https://portaldopreparo.eb.mil.br>

